Catimbó

CRÔNICAS REUNIDAS

Christina Ramalho

Lucgraf
EDITORA GRÁFICA

Catimbó

CRÔNICAS REUNIDAS EM E-BOOK

Christina Ramalho

Livro publicado em eBook com o intuito de oferecer acesso fácil e gratuito à experiência da leitura.

LUCGRAF/Natal/2018

Título Original: *Catimbó. Crônicas reunidas*
© Copyright 2018 by Christina Ramalho
Todos os direitos reservados. Autorizado o uso de seu conteúdo, desde que acompanhado de citação da fonte.

Ilustração da Capa: fotografia de *Isadora Pelosi*
Arte de Capa: Christina Ramalho
Revisão e diagramação: Christina Ramalho

Catalogação da Publicação na Fonte.
Fernando Antonny Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165c Ramalho, Christina.

Catimbó: crônicas reunidas. / Christina Ramalho. – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2018.

299 p.; eBook.

ISBN 978-85-60621-95-8.

1. Literatura. 2. Literatura brasileira. 3. Literatura – Crônicas. I. Título.

CDU 821.134.3(81)
CDD B869.4

Catimbó

CRÔNICAS REUNIDAS EM E-BOOK

Christina Ramalho

Dedico este "Catimbó" a minha amiga amada,
Rosângela Trajano, que é Danda, mas também minha Rô.

LucGraf – Natal, 2018

Índice

1. 111 tiros – p. 11
2. A cabeleira do anjo – p. 12
3. A cinco dias do casório, Ítalo, mãos de fuxico – p. 15
4. A divertida arte de casar – p. 16
5. A ilha do Fogo – p. 19
6. A menina das flores – p. 22
7. A menina do avião – p. 24
8. A obra – p. 28
9. A Semiótica da Mentira e a Semiótica da Verdade -. p 32
10. A Tina e a Chris – p. 33
11. A verdadeira face da censura ao sexo – p. 34
12. Abaixo o CENTROUMBIGUISMO! – p. 37
13. Aju azul – p. 41
14. Alice, a menina-arraia – p. 43
15. Anita, minha tia menina – p. 45
16. Aos que partiram – p. 48
17. Apolo e Ártemis – p. 52
18. Arquitetura – p. 54
19. As meninas – p. 55
20. As palavras e os currais do povo – p. 59
21. Atando pontas - p. 60
22. Aurora – p. 64
23. Bula de remédio sem óculos? – p. 66
24. Buquê – p. 67
25. Cabo eleitoral – p. 68
26. Cartas aos amigos – p. 70
27. Carta para Bianca – p. 75
28. Chuvas – p. 78
29. Cidadão Monte-alegrense – p. 79

30. Coisas da poesia – p. 80
31. Convites – p. 85
32. Coração de goma de tapioca – p. 88
33. CRAMEK – p. 90
34. Crônica ao amigo inesquecível – p. 92
35. Crônica-relâmpago – p. 94
36. Desabafo à luz de Ben-Hur – p. 95
37. Detalhes tão pequenos e tão grandes – p. 98
38. Discurso de agradecimento ou A canção da casa própria – p. 100
39. Dois fios de prosa – p. 107
40. E a Lamborghini acendeu meu sertão – p. 109
41. Espanha – p. 111
42. Esses olhos morenos... – p. 112
43. Explicitamente – p. 114
44. Farol baixo – p. 116
45. Faxina – p. 118
46. Fedor – p. 121
47. Formatura – p. 125
48. Geleia de caju – p. 129
49. Grécia 2016 – p. 130
50. Inconstitucional – p. 133
51. Inventário – p. 134
52. Item 37 – p. 139
53. Já que vivemos na sociedade dos números... – p. 140
54. JustiSSa – p. 143
55. Lagoa de Genipabu – p. 150
56. Leonardo Da Vinci, Caravaggio e a criação artística – p. 151
57. Mãe Maria – p. 155
58. Mais uma vez Narcisa – p. 157
59. Merengata – p. 165

60. Meu king-kong predileto ou Há olhos sob as telhas – p. 166
61. Mia – p. 169
62. Minha amiga Ana Claudia Souza – p. 173
63. Mosaico – p. 175
64. Natal sem presentes – p. 177
65. No baú das tristezas – p. 178
66. No meio do caminho... uma lua-de-mel! – p. 180
67. No seu dia, Ana Claudia Souza – p. 182
68. Nós somos o Quinto Elemento – p. 184
69. Num dia triste assim – p. 186
70. Nunca é tarde... Mesmo! – p. 187
71. O dia seguinte – p. 189
72. O encanto das fotos – p. 191
73. O pão doce de creme quentinho da padaria da esquina – p. 193
74. O sal da terra – p. 197
75. Oração ao Menininho Jesus – p. 199
76. Oráculo – p. 203
77. Os miseráveis? Somos nós! – p. 205
78. Para colocar os pingos nos meus "is" – p. 206
79. Pele d'água – p. 213
80. Poesia brasileira em Madrid – p. 215
81. Poetar..., por quê? – p. 218
82. Profissão, sacerdócio ou martírio? – p. 220
83. Protetor solar – p. 224
84. Quadro de retalhos – p. 226
85. Requiem aeternam – p. 228
86. Retrato em dó maior – p. 230
87. Revelações-bomba de Páscoa – p. 234
88. São João e Pollyanna – p. 236

89. Saudade com prazo de validade – p. 241
90. Sempre "Ela" a nos guiar – p. 242
91. Será o "S" de Sergipe nossa maldição? – p. 243
92. Síntese – p. 245
93. Sobre a amizade – p. 248
94. Sobre a arte de ser paciente – p. 250
95. Sobre a morte e a fênix – p. 252
96. Sobre fé, fuxicos, festa e felicidade – p. 256
97. Sobre o ser da poesia cantando para/em nós – p. 258
98. Sobre os reacionários e seus medos – p. 261
99. Sobre quarentenas e aquarelas ou Uma tarde/noite vestida de cor – p. 264
100. Sobre um gato ser levado – p. 272
101. Tempestade em Natal – p. 273
102. Tempos de farofa – p. 274
103. Tia Guelo – p. 275
104. Uma crônica sobre o amor – p. 276
105. Uma crônica-ode por falta de versos competentes – p. 277
106. Uma Mãe, uma irmã, uma amiga, uma amiga-irmã – p. 282
107. Uma menina chamada Patrícia – p. 285
108. Você sabe o significado da palavra "fome"? - p. 289
109. Zizu – p. 296
110. ZZZZZZ – p. 297
Christina Bielinski Ramalho – p. 299

111 tiros

Foi o que a Polícia Militar do Rio de Janeiro gastou para assassinar Wesley, Wilton, Cleiton, Carlos Eduardo e Roberto. Uma brutalidade, uma coisa tão bestial, que, para engolir uma notícia assim, é preciso ter estômago de aço. "Mas, que importa, não? Eram meninos/rapazes negros e pobres. Mais números para a estatística da violência no Brasil. Gente que não faz falta alguma. Suas famílias não devem ter sentimentos como os nossos, porque a pobreza tira das pessoas a capacidade de amar e de se horrorizar com esse tipo de tragédia". O texto entre aspas diz muito sobre o pouco que anda na cabeça e no coração das pessoas...

É muito, muito revoltante saber que muitas pessoas pensam assim (ainda que não o digam). Pior ainda é saber que, se cinco meninos de classe média ou alta tivessem sido massacrados com 111 tiros, haveria um estado de calamidade pública. Se fossem cinco meninos filhos de "gente famosa", imaginemos o escândalo e a chuva de matérias no horário nobre.

Postei a foto no facebook. Para nada. Porque logo logo não serão mesmo mais nada. Como não se faz uma intervenção drástica nesse Batalhão já tão famoso por ações de intensa crueldade e irresponsabilidade? Não dá. É intragável mesmo. Nem com o tal estômago de aço.

111 vezes um milhão é pouco para expressar em números o que os números têm expressado sobre este mundo de incontáveis injustiças.

(02/12/2015)

A cabeleira do anjo

Um anjo desceu a terra. Não. Um anjo vive na terra e, com sua cabeleira branca, suavemente repousada na fronte delicada e cheia de histórias, ilumina os dias de quem se predispõe a percebê-la. Percebê-la? Sim. O anjo é ela.

Eu a vi apenas uma vez. Estávamos entretidos com a comemoração inicial de uma brilhante defesa de tese de doutorado, quando ela entrou na sala — não levada por asas, mas por uma cadeira de rodas — e nos impactou com sua presença de pura luz. Disfarçada na pele de uma linda senhora idosa, enfeitada pelo guipir marfim da blusa delicada, ostentando nas unhas dos pés e das mãos o cintilante rosa que lhe denunciava a existência angelical, ela trouxe ao recanto o encantamento necessário para tornar tudo perfeitamente lindo.

A defesa transcorrera de forma tranquila. O texto era ótimo, até lúdico, se considerarmos que a doutoranda ousou misturar o científico e o metafórico sem cerimônias maiores. Da voz dos examinadores se recolhia a contemplação amiga, sem deixar de ser séria, de tudo o que fora lido. Entre a candidata e a orientadora, um elo visível de afeto e respeito mútuo coroava a mansidão do dia. Era, enfim, um momento acadêmico como todos deveriam ser: recheado de intenções e de ações sinceras.

Tivesse terminado ali, na coroação do título alcançado e a posterior troca de beijos, abraços e gestos de gratidão, tudo teria sido lindo. Mas a palavra "lindo" nem sempre traduz com exatidão a expressividade intensa do belo, porque há sempre uma beleza não antevista, que, ao emergir, faz o lindo ser mais lindo do que se supusera.

Ela fora a primeira professora de Ana, nome da doutoranda. Chegou e se impôs na palavra rápida e emocionante. A todos tocou na emoção de se fazer testemunha de um tempo remoto, revivificado ali, na tese defendida. Por meio de suas palavras, Ana se fez duas: a menina que escreveu "boneca", entre as primeiras palavras; e a pesquisadora apaixonada que escreveu "serpente" ao traduzir o longo poema que estudara. "Boneca" e "serpente", transgredindo as marcas culturais, eram agora parte de uma vida, parte da linda Ana. E o anjo que veio anunciar que na mulher sempre habitará a menina, foi a professora, de bela cabeleira branca, iluminadíssima como as árvores que, nesses dias de Natal, oferecem êxtase às ruas através das lampadinhas que piscam-piscam acordando-nos para sentidos densos da vida. Ofereceu-nos, ainda, a palavra energia, contando-nos que agora era seu bisneto de sete anos o aprendiz. Insatisfeita com o rendimento do menino, punha-se a realfabetizá-lo, ainda que ouvisse dele, em sua ingenuidade e sinceridade infantil: "Você não sabe mais nada. Está quase surda e cega". Ela nos confessou como lidara com a sentença do bisneto. Foi algo assim: "Não sei nada, mas se as pessoas em geral soubessem 1/3 desse nada, o mundo seria bem diferente". Em meio ao mundo "doutoral", estava o anjo ali cantando a honra e o amor pela educação infantil. Princípio e fim, fim e princípio. A vida pode ser linda.

Não sei o nome do anjo. Sei, todavia, que me custou sustentar, na face inversa da face, as lágrimas que brotaram direto do coração deslumbrado. Aquela cabeleira branca foi o sol que Ana consagrara como figura importante no texto analisado. Do texto, ele irrompeu na sala, mostrando que a vida, mais que um somatório de experiências, é uma reserva inesgotável de afetos, que, se cuidados, perpetuam o que, em nós, é o lado em que humano e divino se fundem, fazendo-nos sentir, de fato, obra perfeita de Deus.

Se eu já tinha na personagem Maude, do livro *Ensina-me a viver*, de Colin Higgins (1941-1988), o modelo de uma velhice plena e bela, veio esse anjo se somar à imagem de Maude e ampliar muitas vezes meu desejo de, nos passos finais de minha vida nesta jurisdição, alcançar o privilégio de ter, pelo exercício de minha profissão, o mesmo amor, o mesmo desejo de me fazer ponte para o crescimento de quem de mim precisar como professora. Ah... E por que não? Quem sabe ter também o privilégio de ter aquela cabeleira branca irradiante e serena, flor de lótus ampliando meu desejo de ficar.

Em tempo: descobri o nome dela: Geci! A linda Dona Geci que voltou à terra dos anjos.

A cinco dias do casório, Ítalo, mãos de fuxico

— Ai, amor, acho que não consigo terminar os fuxicos não... Faltam 40 ainda! Fazer o fuxico, prender a medalhinha, prender as fitinhas, fazer o acabamento atrás, colocar o alfinete... Não vou conseguir!

— Vamos conseguir sim!! Explica aí como se faz esse fuxico... Eu faço o fuxico, você termina...

Aprendeu em um minuto...

— Bora terminar vinte?

— Puxa, amor, você é danado! Estão ficando tão bonitinhos!

— Bora terminar tudo?

— Jura? Tô morrendo de sono... Mas, bora!

Duas da manhã e os fuxicos quase prontos. Amanhã pediremos ao Amauri Lopes Ramalho para fazer o acabamento na parte de trás.

Amor, nunca pensei que fosse lhe dizer isso: mas você é o melhor fuxiqueiro do mundo! E eu, a mulher mais sortuda!

Não há mesmo nada que um homem companheiro não possa fazer para ser Homem e Companheiro! Te amo muito!

A divertida arte de casar

Tenho certeza de que mesmo que Ítalo De Melo Ramalho e eu tivéssemos condições financeiras de bancar um "casamentão" cheio de luxo e beleza convencional, optaríamos por não fazê-lo... Por uma razão muito clara: nós somos simples demais e gostamos mesmo é de nos divertirmos com coisas que nada têm de sofisticadas. Mas como também somos apaixonados por arte e cultura, não poderíamos dispensar, nessa simplicidade, a presença da criatividade.

Claro está que casar em tempos de dureza não requer só criatividade! Requer bastante trabalho de correr pessoalmente atrás das coisas, sem a presença das equipes que estão por trás de casamentos mais luxuosos. Mas não é que é divertido descobrir que um Romeu e Julieta espetado num palito pode muito bem ser "docinho" de casamento e substituir os "caramelados"? Isso é a nossa cara!

Depois, buscar a dois (a três, quatro, cinco, ..., porque família e amigos vão se unindo à empreitada) é delicioso. Começa-se a montar um quebra-cabeças, no qual nada é convencional, nem "combinadinho", mas, por isso mesmo, como eu disse, tem a nossa cara!

Ternos? Nem pensar! Nordeste e verão pedem roupas levinhas e gente à vontade para celebrar o amor conosco! Cristais e pratarias? Jamais! Gostamos mesmo é de palha, argila, chita, coisas deste Nordeste colorido, alegre, vivo! Cerimonial? Pra quê, se temos ideias para dar e vender?

Vejo umas coisas na internet e mostro para ele. Vixe, que porreta isso! Anotado! O que vai sair no final? Certamente algo muito lindo, porque o que sentimos um pelo outro é o princípio, o meio e o fim desse momento chamado "casamento".

Aí poderia vir a pergunta: mas casar para quê? Oxe! Porque queremos! Queremos todos os rituais que expressam esse sentimento maravilhoso que é o amor. Mas, principalmente, queremos imprimir nossa simplicidade e nossa visão de mundo nesses rituais. Somos assim. E isso nos faz felizes.

Realmente não há tempo marcado para a felicidade. É preciso, contudo, acreditar nela e reconhecê-la quando ela chega, para que se possa dar a ela a atenção e o cuidado que merece. Poderíamos viver tudo isso calados? Claro! Mas somos dois tagarelas apaixonados pelas pessoas, e achamos que boas histórias motivam e trazem esperança. Assim, além de vivermos nossa felicidade, pedimos que todas as pessoas que desejem esse tipo de encontro possam realizar seu desejo.

Na verdade, pouco preocupados estamos com o resultado do casamento em si, como um evento. Porque para nós não é evento. É vento! Um lindo, forte e sonoro vento, espalhando por onde vamos essa ternura que sela o pacto que fizemos de, aproveitando com sabedoria nossa maturidade, não deixarmos jamais que o amor se extravie do caminho da vida a dois que escolhemos para nós. Os tombos ficaram para trás. Não dá para ser feliz trazendo para o presente o que já não cabe em nossa vida. Mas é nítida a consciência de como o que passou faz com que reconheçamos com maior clareza o valor do que encontramos. E celebrar isso é delicioso!

Pessoalmente, para mim, não há nada mais lindo, elegante, artístico e divino que saber que, caminhando sobre um tapete, sobre a grama, a terra ou a areia, eu encontrarei, no fim dessa caminhada simbólica da "noiva", os olhos apaixonados e o coração humano desse homem espetacular que a vida me deu de presente. E eu espero que ele use sandálias, porque aí saberei que ele estará ali com todo o conforto que eu desejo que ele tenha a meu lado.

Estamos mesmo é curtindo arretadamente esse casamento nordestino e cheio de novidades que já é e será o retrato ou a metonímia da vida que queremos ter. Uma vida simples, cercada de arte erudita e popular, de familiares e amigos queridos, na qual sejamos sempre um casal do bem, voltado para os menos privilegiados e para a construção de um mundo melhor (com mais Romeus e Julietas e menos caramelados).

A ilha do Fogo

Uma das ilhas de Cabo Verde chama-se "Ilha do Fogo". Sua mais gritante peculiaridade é o fato de ela abrigar um vulcão ainda ativo. Esta informação basta para associarmos o nome à geografia, porém, esse "fogo" tem mais labaredas do que uma conclusão reducionista poderia nos fazer supor.

Antes, porém, de falar sobre essas "labaredas", uma observação: ir a Cabo Verde significa estar sempre antenado com o universo de ilhas que o caracteriza como país. Há uma insaciável curiosidade de conhecer todas, o que é quase impossível acontecer em uma única viagem, a não ser que haja tempo para seguir o calendário dos voos e das navegações internas, o que pode fazer que o período a ser passado no país seja extenso (o que não seria nada mau, muito pelo contrário) e o custo da visita se torne inviável. Assim, os meus pés se ativeram a passear como relâmpagos pelo solo da Sal, caminhar cuidadosamente por Santiago e percorrer curiosos a São Vicente. Meus olhos, contudo, não sossegaram enquanto não sobrevoaram Boa Vista, contemplaram a proximidade enigmática da Santo Antão, vislumbraram os contornos da São Nicolau e desenharam a beleza solitária da Santa Luzia e dos ilhéus. Fogo, Brava e Maio, entretanto, não se deixaram avistar. Mas o que eu li e soube sobre elas antes de chegar a Cabo Verde deixou dentro de mim o desejo vivo de integrá-las ao meu ainda limitado repertório do "ter-estado lá". Assim quem falará sobre a Ilha do Fogo não pode ser obviamente a viajante, mas a investigadora curiosa que percebe quanto uma ilha está dentro da outra, se recolhemos das falas alheias os devidos presentes.

Vamos, então, às "labaredas". O que eu mais ouvi sobre a Ilha do Fogo é que de lá vem um excelente vinho e um café saboroso. É curioso verificar que, de certo modo, os cabo-verdianos gostam de dar destaque àquilo que não costuma ser o centro das preocupações de quem visita as ilhas em busca de ver o que já sabia pelos estudos. A generosidade das informações que nos fornecem está cercada de um real propósito de romper com alguns estereótipos que acabam reduzindo a alguns itens a riqueza que eles sabem que possuem. De outro lado, é compreensível que café e vinho não sejam elementos de destaque para quem se dedica a estudos literários, ainda que as investigações de ordem cultural não possam prescindir de conhecer marcas como as práticas agrícolas do espaço que se estuda. Assim, saber, por alto, do vinho e do café, eu já sabia, mas sentir seu sabor (ou seus sabores) na fala dos cabo-verdianos foi algo diferente.

Na literatura cabo-verdiana uma das grandes personagens é a seca. Para um brasileiro ou uma brasileira, que viveu rodeado/a pelo regionalismo nordestino brasileiro, não é difícil compreender o privilégio que recebem os signos da seca quando um escritor se põe a cantar a própria terra. Também é compreensível que a circulação da literatura da seca seja privilegiada em territórios alheios pelo caráter de exotismo que possui para o outro. Se, de um lado, a seca se faz importante marca cultural e promove a valorização de uma produção também cultural dela derivada, de outro, acaba impondo uma imagem muito cristalizada, que deixa imersas em névoas outras marcas igualmente interessantes. Talvez por isso, quando um cabo-verdiano fala do seu "*tchon di café*" e do fruto 100% orgânico que ele oferece, sente-se em sua fala uma aura diferente, um orgulho de ser mais que uma terra seca, vulcânica, ainda que as lavas e areias negras da Ilha do Fogo componham uma paisagem espetacular.

De igual modo, quando um cabo-verdiano menciona os vinhos "*Manecon*", "*Chã*" e "*Sodade*", e a seriedade do país em fazer seus vinhos tinto, branco e "*rosé*" serem reconhecidos internacionalmente revela uma postura que vai muito além do confortável "*status*" de filho da terra exótica que oferece aos mais aventureiros a antiga cratera Chã das Caldeiras e muitíssimas escarpas a serem conquistadas.

Além dessas saborosas labaredas, há outras igualmente charmosas, que incluem, por exemplo, as referências à beleza dos sobrados de São Felipe, que, Henrique Teixeira, no romance "*Ilhéu de Contenda*", descreveu criticamente como "Sobrado que sobrou dos sobrados soçobrados, orgulho-ilusão de uma classe que o tempo destroçou", e referências às festas dedicadas a santos – como São Felipe, São Lourenço e São Sebastião, entre outros – que colorem a paisagem da ilha e aos "meninos do vulcão" que vendem esculturas pequeníssimas, fazendo os turistas levarem funcos e vulcões para casa.

Enfim, o que eu percebi nas referências extraídas de conversas corriqueiras sobre a Ilha do Fogo foi que, paralelamente à visível gratidão pelos que chegam ao país animados a conhecê-lo e a estudá-lo, há, nos cabo-verdianos, um desejo vivo de que os visitantes percebam, além das belíssimas manifestações culturais, que envolvem música, literatura, pintura, escultura e dança, Cabo Verde é um país em luta pela dignidade de crescer economicamente a partir de si mesmo. Não falarei dos "contras" nem dos empecilhos, mas adianto que também nesses aspectos o cabo-verdiano pode ser "fogo"! Basta ler alguns jornais que circulam pelas ilhas... Mas isso é outro assunto. Recolho-me, agora, à lembrança dos sabores dos legítimos vinho e café da Ilha do Fogo.

A menina das flores

Para minha Isa,
A mais linda menina das flores.

Os olhos verdes da menina das flores eram redondos como a alegria de um domingo de sol. E, no entanto, eram seis da tarde em ponto, e o céu já trazia espetadas estrelas de muitas noites e eras.

As mãos da menina das flores eram macias como as memórias olfativas de um bolo de laranja de avó, recém-saído do forno, pronto a entrar no oceano vasto do que passa mas fica. E, no entanto, não era laranja, mas também verde, verde clarinho o vestido longo e esvoaçante da menina das flores.

O cabelo da menina das flores era longo como a espera pela mãe que viajou a trabalho e ainda não voltou. E, todavia, estava preso o longo cabelo da menina das flores, num coque, também redondo e também macio, do qual se desprendiam cachos travessos de cabelo a brincar com suavíssimas guirlandas de florezinhas vermelhas e brancas.

Concentrada, a menina das flores esperava pelo sinal das notas musicais, que lhe ditariam os passos e o compasso com que deveria cumprir sua pequena/grande missão de abrir caminho para o que se desejava ser o anúncio de um futuro feito de verde, vermelho, branco, maciez e longevidade.

Ao som solene da "Ave Maria", a menina das flores começou a caminhar pelo tapete vermelho. De suas mãozinhas macias, caía o também vermelho das pétalas de rosa, deixando, no ar, o perfume de uma emoção antiga e sempre renovada e, no chão, o sinal de que seguir em frente tem mais sentido quando o caminho se orienta pelas pequeninas doses de amor cotidiano.

Não durou dez minutos o percurso da menina das flores, mas, para ela, com seu pequenino coração de menina das flores, nunca a noite parecera tão bonita e majestosa. A imagem de Santana lhe sorria, parecendo aprovar a harmonia entre seus passos, a música e o ritmo das pétalas se derramando pelo chão.

Ao chegar, a menina das flores lançou ao mundo um sorriso florido como as gotas de orvalho enfeitando os jardins numa manhã de sol. Entretanto, além do sorriso, duas lágrimas silenciosas correram por seu rosto, deixando ainda mais verdes seus olhos. Com as mãos macias, limpou os brevíssimos regatos que se desenhavam em suas bochechas, e, já sem pétalas, cruzou os dedos, ajeitou a postura, e ficou ali, no altar, de pé, pronta para contemplar a noiva, que começara a despontar na porta pesada e imponente da igreja.

A vida, minha filha, também pode ser vivida por meio das palavras que reinventam sonhos, tornando-os realidade. Uma realidade diferente, é verdade. Um fato feito de palavras, que, de repente, realizam um sonho que o mundo não nos permitiu viver. Você foi, no olhar dessa narradora que eu invento e concretizo, a mais bela de todas as meninas das flores!

A menina do avião

Voava de Paris a Lisboa, deixando os pensamentos correrem soltos, como as nuvens que se ofereciam à contemplação serena de meu corpo relaxado, mas um tanto cansado das últimas tarefas acadêmicas. Sempre que estou longe de casa surge aquele compromisso explícito com as divagações sobre o sentido da vida, os pertencimentos, as diferenças, as relações humanas. E o avião amplia esse compromisso, pois nossa fragilidade na situação de voar com asas alheias deixa bem claro que só temos o pensar como resquício de nossa humanidade. Assim ia eu, refém que estava da vontade absoluta do pássaro metálico gigante e, ainda nestes tempos tão tecnológicos, impressionante.

A meu lado, sentada e um tanto inquieta, uma menina de uns doze anos, dona de olhos redondos e vivos, esticava o pescoço em busca de alcançar a vista da pequena janelinha da qual eu, aparentemente, era a dona. Via-se claramente que seu desejo era de paisagem, e eu quis muito ceder a ela meu lugar, mas, na terceira poltrona, o pai, sério e concentrado, me deixava tímida. Não conhecia a língua que falavam, o que aumentou minha timidez. Cedi, no entanto, o mais que pude, espaço para que a bela menina saciasse um pouco sua curiosidade de céu, nuvens e pouco mais.

Obviamente, a menina não tinha nome para mim. Fiquei a imaginar qual seria. Olhei-a de soslaio, e percebi detalhes como seus brinquinhos azuis, suas unhas com estrelinhas que brilhavam, seus chinelos, sua bolsa cheia de pequenas flores, a cor de jambo de seus braços. Mas ela, concentrada que estava no exercício de buscar o céu, não reparou na minha curiosidade indiscreta.

De repente, a refeição a bordo. Eu recusei. Estava cansada das comidas de avião. Ela aceitou prontamente, mas, logo percebi, nada pareceu lhe agradar muito. Invertendo a dita ordem das coisas, ela começou pela sobremesa. Pequenos pedaços de pera, que eu já havia conhecido no voo de ida. Duros, sem graça... Não deu outra. Ela ficou no primeiro pedaço e logo tampou o pequeno recipiente. Partiu para algo entre uma panqueca e uma lasanha. Uma só garfada bastou. Não havia nada que pudesse ser interessante para uma mocinha certamente acostumada a outros sabores. Desiludida, ela fechou as embalagens e deixou o olhar perder-se, sem comida, sem janela, sem nada. Eu, como tinha um Toblerone na bolsa, tratei de lhe oferecer um pedaço, mas ela não aceitou. Não gostaria de chocolate? Recusou por excesso de educação? Ou seria a figura do pai que lhe deixava sob controle? Comi um pedacinho e guardei o que restava na bolsa. Ela desinteressou-se de minha guloseima.

Mais uma hora de voo e estaríamos em Paris, mas certamente o tempo lhe deveria parecer eterno, dadas as limitações que a situação lhe impunha. Decidiu dormir. E eu me concentrei novamente em minhas divagações.

De repente, o peso leve em meu ombro. Dormindo, a menina deixara o corpo solto, também como as nuvens, e o balanço do avião fez sua cabeça tombar em minha direção. Primeiro, só um peso leve, depois, o peso absoluto de quem se entregou ao conforto de um travesseiro imprevisto: meu ombro. E ali ficaria ela até os minutos finais do voo, dormindo pesadamente, aninhada em meu ombro e, sem saber, oferecendo-me uma onda doce de ternura, que me fez bem.

Acomodei-me o melhor que pude para que meu ombro lhe fosse confortável. O pai também dormia e não vira a filha aninhar-se em meu ombro. Tudo estava em plena paz e equilíbrio. A cabeça de menina me fez lembrar das meninas (já mulheres) que tenho, e vi Gabi e Isa também adormecendo em meu ombro. Tive vontade de lhe fazer um cafuné, tal como faria em minhas meninas. Aquela jovem e desconhecida criatura era, momentaneamente, uma filha adormecida no conforto da mãe. E eu a amei naquele fragmento de tempo e espaço, porque ela era refúgio para minha saudade e era, igualmente, materialidade da leveza que só a infância tem, em sua maravilhosa entrega ao desconhecido. Cheguei a torcer para que o tempo que faltava se arrastasse mais lento que os ponteiros, só para continuar a desfrutar mais um pouquinho daquela maternidade tão artificial e real ao mesmo tempo. Olhei novamente pela janela e me senti feliz pela responsabilidade recém assumida de deixar a menina desfrutar de seu sono em paz.

Cerca de quarenta minutos depois, ela acordou aos pouquinhos, e nem se deu conta de haver dormido em meu ombro. Ou, se se deu conta, não pareceu se importar. Ao contrário, levantou a cabeça preguiçosamente, espreguiçou-se, compôs as roupas, puxando a camiseta cor de rosa que vestia, olhou para o pai e viu que continuava dormindo. Nossos olhares, então, se encontraram. E eu, não querendo ser mãe de filha desconhecida, arrisquei: "Comment t'appelle tu?". A reposta foi brevíssima: "Leah" (Pelo modo como pronunciou, imagino que se escreva assim). Deu-me um sorriso. Eu retribui. E *c'est fini*! Chegávamos a Lisboa.

Leah, a menina do avião, agora com nome, deixou em meu ombro, em meu coração e em meu pensamento a certeza de que a vida poderia ser muito, mas muito mais simples, se em cada corpo cansado houvesse uma cabeça ainda não maculada por todas as regras, cerimônias, protocolos e limitações que nos afastam cada vez mais da beleza da infância e da capacidade de ver no outro, seja quem for, um pouco de nós. E se, também houvesse ombros disponíveis aos encontros inesperados. Sei que se meu vizinho fosse um adulto, eu provavelmente não sentiria ternura nem seria tão acolhedora. E essa certeza me joga, novamente, na realidade. Por que somos assim? Por que, Leah, te pergunto, a infância nos deixa tão distante de nós mesmos?

A obra

Às sete em ponto, ela invade meu dia ainda em broto. Implacável, cheia de ruídos barulhentos, não me deixa qualquer possibilidade de ouvir a doce harmonia do canto dos pássaros, que, outrora, costumavam vir à minha janela quase que para me dizer "bom-dia". Sequer uma esticadinha no sono me é permitida. O grito agudo da obra inaugura mais um número no calendário de abril.

Minhas janelas andam, por isso, teimosamente fechadas. Do lado de fora, a obra avança, suspendendo-se mais a cada semana, sempre cinzenta, feiosa, desconjuntada. Insuperável, em termos de gritaria, as ferragens cortadas fazem a dança das vigas e lajes, enquanto as madeiras, entrelaçadas, abraçam as colunas que virão. De um momento para outro, novo andar se inaugura e as mesmas madeiras, antes abraçadas, vão se amontoar numa pilha caótica até serem novamente utilizadas. O concreto toma conta das formas e, de repente, expõe-se nu, de algum modo majestoso, totalmente definitivo, deixando entrever o esqueleto da obra. Espero o instante em que ela estará face a face comigo. Quando alcançar a altura do andar em que moro, sei que a convivência tornar-se-á ainda mais difícil...

E como falar da presença incômoda daqueles homens, cujos olhares parecem virar-se automaticamente para qualquer janela que, descuidada, deixe-se abrir? Ainda bem que os vidros de minhas janelas são escudos: só do lado de dentro oferecem transparência. Mas, mesmo assim, protegida pela opacidade azul dos vidros, sinto-me observada. Fecho, então, as cortinas.

Outra manhã, bem cedinho, sem me dar conta da obra, que, por sinal, andava silenciosa naquele momento, invadi descabelada a varanda da sala para ver como andavam minhas plantas. Secas e empoeiradas, elas me pediam socorro. Corri para a área de serviço, enchi dois baldes com água e voltei para cuidar delas. De repente, dei-me conta das testemunhas. Quatro ou cinco peões observavam-me silenciosamente. Sem jeito, cumpri a tarefa rapidamente, o que provavelmente deve ter magoado ainda mais as já tão abandonadas plantinhas... Que coisa! Que prisão! Onde está a liberdade de ação? A liberdade de conversar com plantas, a liberdade de dar uma boa esticada no corpo, abrindo os braços para aquela mínima sensação de espaço que as varandinhas penduradas nos edifícios querem nos oferecer? Cadê a possibilidade de simplesmente olhar para o céu e analisar os desenhos das nuvens, fazer conjecturas sobre as previsões da meteorologia, abandonar os olhos à contemplação dos azuis, brancos, cinzas, amarelos, laranjas e lilases que, como fantasias, fazem do céu um espetáculo constante? Porém, os olhos continuam por lá. Ávidos de minha pequenina rotina, vampiros de minhas igualmente pequeninas alegrias cotidianas. Sem opção, saio da varanda, fechando porta e cortina.

Tudo isso vem acontecendo há alguns meses. Hoje, a obra chegou àquele ponto que me preocupava: alcançou a altura de meu apartamento. Já se percebem claramente as dimensões gigantescas do monstro, que ainda há de crescer muito. Contudo, exatamente hoje, me vêm à lembrança algumas palavras de Gibran Khalil Gibran, o escritor libanês que derramou sabedoria pelo ocidente. Uma de suas considerações mais interessantes é a que reflete sobre a unicidade das coisas.

Diz-nos ele que, ao vivenciar uma grande tristeza, não devemos nos esquecer de que uma grande tristeza só existe porque houve ali uma grande alegria. Nada que não nos tenha proporcionado enorme felicidade pode provocar em nós um grande sentimento de tristeza. Logo, se houve a felicidade, cabe-nos aceitar a outra face, a infelicidade, que a torna uma e completa. Reconhecida a alegria contida na tristeza, teremos maior ânimo para superá-la e estaremos nos preparando intimamente para as novas alegrias e tristezas que, por certo, chegarão.

Tento extrair dessa reflexão um caráter mais concreto. Penso nos edifícios nova-iorquinos, as torres gêmeas. Lembro-me do sentimento terrível que tomou conta de mim ao assistir, pela televisão, àquelas cenas arrebatadoras. Amei Nova Iorque. Passeei alegre por suas avenidas cheias de idiomas, vitrines, cultura. Se antes de visitá-la, chegava a manter um antiamericanismo discreto, depois de conhecê-la, rendi-me a seus encantos e passei a, de certo modo, admirar o jeito americano de organizar seu espaço (claro, o fato de também desejarem organizar o espaço dos outros continua sendo um ótimo motivo para discussões...). Os supermercados são incrivelmente bem-planejados. Lá é possível encontrar qualquer coisa, qualquer mesmo. As ruas-avenidas são coloridas e, apesar do congestionamento constante, os táxis grandes, pintados de amarelo e preto, enchem de charme a atmosfera da grande maça (big apple). Além disso, quase todos os motoristas são estrangeiros. Muitos, até, nem falam inglês!! Na Broadway, os incontáveis letreiros luminosos dos teatros fascinam. Nos museus, as dimensões de obras e instalações são proporcionais à importância da arte para a compreensão da existência humana. Contemplar o outro, isenta de preconceitos, fez-me realmente admirar a cidade. Na partida, ficou o desejo de regressar outras vezes... Aí vem a pergunta: será que eu teria me entristecido tanto com a catástrofe das twin towers se não tivesse conhecido e me apaixonado por Nova Iorque?

Penso de novo na obra. Por que tem que me parecer um monstro. Por que não achar bonito o nascimento de um prédio. Por que não contemplar o esqueleto de concreto a se encher de formas com admiração? Por que não ouvir a "música da obra" com um pouco mais de paciência, uma vez que sei ser uma música única e passageira? E as cores que encherão o cinza de personalidade? E os desenhos que enfeitarão sua fachada? E o planejamento dos jardins? Não é o homem quem está escondido ali, atrás das ferragens, madeiras, pisos e azulejos, vidros, metais, etc? E os homens que nos observam? Estarão mesmo fazendo isso como uma provocação? Ou buscam se distrair do cinza de seus dias? Como disse Gibran, não é a obra parte do uno de uma construção? Nascer, crescer, morrer, não estarão as construções, mais dia menos dia, também destinadas a esse ciclo? Não terá sido mais bonito ver as torres gêmeas nascerem a vê-las desabando?

Abri a porta da varanda, saí tranquila, molhei as plantas, conversei com elas, contemplei o céu e, ao me deparar com os olhos dos peões, acenei um bom-dia e recebi sorrisos. Talvez esteja equivocada, talvez romantize a dureza da vida. Mas sei que, a partir de hoje, contemplarei a obra de forma diferente. Placidamente, assistirei a mais um nascimento na cidade. E, depois de nascido o prédio, sentir-me-ei gratificada por ter sido testemunha da transformação dessa coisa louca, caótica, barulhenta, cinza e invasiva, chamada obra, em lar. E os novos passarinhos que chegarão, nunca saberão da saudade que senti, mas cantarão como se soubessem.

A Semiótica da Mentira e a Semiótica da Verdade

E eis que ele coloca como foto de seu perfil uma imagem em que me beija o pé! Ah, que beleza de matéria ele me dá para uma crônica! Fora o fato de me deixar, como sempre, toda derretida... Mas... Vamos à tal matéria da crônica.

O sentido das imagens é faca de dois gumes, a depender do modo como "construímos" o contexto a elas relacionado. Daí os usos tão discrepantes que os veículos da mídia podem fazer de uma mesma imagem.

Suponhamos que, para valorizar o impacto da imagem dele, eu faça um recorte da foto, a una a uma imagem impactante da deusa Atena e escreva: "Sentindo-me a própria Deusa...". Perfeito! Ele, como súdito amoroso, eu, alçando o voo para a divindade. Maravilhoso! Mas seria uma Semiótica da mentira... Crível, invejável e bem sustentada. Mas uma mentira. Vamos experimentar a Semiótica da verdade?

Pois bem! Não recorto a imagem original. Ao contrário, eu a reproduzo e dou um zoom na discreta latinha de Skol lá no fundo da cena. Trago a latinha para uma imagem própria e escrevo: "A verdade!".

Para quem conhece este Moreno canalha, o mistério seria de fácil decifração. Mas, sabendo que essa canalhice não é tão conhecida entre os meus, complemento a imagem contando que o tal beijo foi pura canastrice dele, que assim se manifestou quando eu disse: "Vai, Moreno, pega outra cervejinha!"

Tudo bem! Não sou Deusa. Nem Atena, nem Antena!! Contudo, é porque esse Moreno me entontece com suas canalhices e canastrices que, em minha vida aqui na Acropóle, atinjo pelo menos o status de Semi-deusa!! E meu pezinho, isento de circunstâncias, agradece enfaticamente os beijinhos que recebe!!

A Tina e a Chris

Quando ela nasceu, recebeu o nome de Tina em minha homenagem. Carinho do nosso amado Aécio Silva Júnior, jovem cronista do sertão sergipano e um criador de cabras.

Tina já nasceu serelepe e saltitante! Eu vi suas primeiras fotos e traquinagens e me senti espelhada e realmente feliz por, através dela, ser uma bichinha sertaneja.., uma "cabra da peste"!

Outro dia, pedi ao Aécio notícias da Tina. Ele, amoroso como sempre, me atendeu rápido! E vieram novas fotos da "moça" e um vídeo, sobre o qual Aécio me alertou ser um "flagra muito engraçado"! Eu logo fiquei curiosa... Que flagra "me" teria dado o Aécio?

Ri à beça!!! A danada refestelada na rede, dando uma trégua à própria agitação!! Tão eu!!!!!

Eu sou uma cabra da peste!! Mais Tina do que Chris! Vou copiar minha xará e pular para a rede, que ser bicho resistente a todo tipo de obstáculo às vezes cansa!

Valeu, Aécio! Valeu, Tina Ramalho!

A verdadeira face da censura ao sexo

A nudez destituída de qualquer arte que esfrega suas partes pudendas em nossas caras é exibida sem qualquer censura na Câmara e no Senado brasileiros. Sem qualquer pudor, votos são comprados e vendidos numa prostituição cotidiana que transforma a democracia numa pobre meretriz disputada por cafetões e cafetinas de toda espécie: do campo, das empresas, das igrejas, das metrópole, do tráfico de drogas, da (in)justiça. O pênis das moedas e as vaginas dos bolsos copulam escancaradamente nas cenas da política nacional, estadual e municipal. Os espermatozoides e os óvulos que, juntos, multiplicam os ovos da corrupção e do descaso com o povo brasileiro estão vivos na fornicação geral que toma conta do corpo brasileiro. Tudo explícito. Sujo, podre, asqueroso, revoltante.

A velha política toma sedenta o Viagra que a deixa de pau duro todo o tempo, para não parar nenhum minuto de foder o Brasil. De nos foder. A pedofilia que sodomiza a educação de nossas crianças e adolescentes, tratada como um cu sujo, está escancarada. O escândalo nos enche de asco, mas nossas mãos foram amarradas e passamos a ser ora voyeurs involuntários dessas cenas grotescas (quando a putaria parece não nos atingir, e aí o estupro não dói diretamente em nosso corpo) ora a carcaça onde esses e essas hordas de filhos/as do cabrunco depositam o fel de seus gozos midiáticos.

Todos comem todos, na volúpia perversa do enriquecimento a qualquer preço. Dona Justiça sofre todo tipo de abuso, e nem períneo mais tem, violada que é por todos os lados por quem deveria ser seu pai e sua mãe, por quem deveria ser seu filho e sua filha. Assim, estupro após estupro, esgarçam-se as vulvas do Direito que aborta, todos os dias, embriões decrépitos, moldados pelos genes da tirania, do fascismo, do escárnio, da simonia, da violência, da misoginia, da homofobia, do retorno à sociedade escravocrata, da desonestidade, da perfídia.

Tudo na cara da gente. E pior!!! Muita coisa "em nome de Deus". Sem o menor temor à Sua ira. Sem o menor respeito ao Amor Divino pela humanidade.

Sabem por que a arte está sendo censurada? Porque ELA abre nossos olhos para tudo isso! O homem nu da exposição nos faz ver a nudez do crime de violação pública e privada de nosso Brasil. Os prevaricadores da nação querem aniquilar com essas manifestações artísticas porque se veem ali retratados. E não suportam Isso!

A censura não é ao pênis exposto. A censura não se preocupa com as crianças que o veem. Ela tem é pânico de que a nudez na Arte nos faça descobrir de vez os demônios vestidos de terno que hoje fodem o corpo nacional.

Por fim, e não menos asquerosa, a mídia corrupta ejacula em nossas bocas todos os dias o esperma contaminado de seu corpo sedento por espalhar o mal, a desesperança, a mentira.

Acordemos, gente do Bem! A nudez humana não é nada perto das roupas fétidas vestidas pelos verdadeiros obscenos que governam este país, gozando em cima de nós todos os dias.

Aceitar o retorno à censura é submeter-se voluntariamente à lobotomia que nos levará a sermos, por dezenas de anos, tal como aconteceu no passado, carnes mansas e expostas a uma inenarrável violência à Mátria Brasil.

E as crianças que nascerão dos estupros sem reação que sofremos serão como as bonecas com olhos de vidro que Murilo Rubião fez nascer no conto "Aglaia".

O povo há de descobrir a força que tem! E quando disser seu NÃO, ai de quem o expôs às misérias de um sistema disfarçado com o nome doce de "Liberal", quando, na verdade, é um grande "Libertino", vestido de terno, toga, batina, farda (o cabrunco tem vários disfarces) e levando Constituição e Bíblia na mão. Essa sim é, afinal, a GRANDE SACANAGEM que ninguém censura.

Fernando Pessoa, no poema épico "Mensagem", disse, no final, "É a hora!". Que esse verso ecoe na mente e no coração dos/as vilipendiados/as pela corja que os/as viola.

É a nossa hora!

Abaixo o CENTROUMBIGUISMO!!!!!!!!

Muito bem dito. Se há algo que também me irrita é a ignorância (ou é burrice mesmo?) de gente que fala em Venezuela, Cuba, Bolívia, comunismo, socialismo, sem nunca ter lido um livro!!! Tudo que fala vem da Globo, da Veja, da Isto é, do Estadão, da Folha e de postagens do MBL e assemelhados! Mas ainda pior é a visão de muita gente privilegiada, que estudou, e que acredita piamente em meritocracia, liberalismo e no tal de "ensinar a pescar"! PQP! É um "centroumbiguismo" tão deslavado que dá vergonha alheia. Se uma pessoa é assumidamente neoliberal, mas tem um mínimo de consciência de que o liberalismo implode se não se investe no potencial consumidor dos mais pobres, até dá para sentar e discutir numa boa. Mas a alienação, o egoísmo centroumbiguista e o estúpido e desinformado discurso pró-governos militares são de lascar! E pode ser pior! Professor/a apolítico/a é vergonhoso! Uma porção de gente quietinha no conforto de seu posto, se fazendo de "neutro/a", "não acreditando em mais nada" até a hora em que mexerem no seu salário. Muitos/as professores/as universitários/as estão nas universidades públicas porque um dia tiveram bolsas de mestrado, bolsas de doutorado, bolsas de pós-doc. Agora assistem calados/as ao desmoronamento dos direitos humanos, sociais e do trabalho, achando que irem para a aula e fazerem suas pesquisas é suficiente! Suficiente para seus próprios umbigos está claríssimo que é! Compromisso social? Zero!! É tudo exercício de egos que buscam neutralidade para poderem circular por todos os ambientes, colhendo um "reconhecimento" babaca dentro de uma sociedade que desmorona.

Em resumo 1: de saco cheio de gente que não lê um livro e dá opinião sobre economia, política, sistema de governo, políticas públicas, educação, etc... leiam, caramba!! Mesmo que seja um pensamento retrógrado, mas pelo menos sustentem suas opiniões sem usar só essa mídia suja! Algumas dicas: Achille Mbembe (camaronês), Fritjof Capra (austríaco), Martín Caparrós (argentino), Antônio Negri (italiano), Agamben (italiano), Paulo Freire (nosso!!!!), Darcy Ribeiro (nosso!!!), Judith Butler (americana), Gayatri Spivak (indiana), Jessé Souza (nosso!!!!), ... Não é preciso ser "doutor/a" para ler não! Basta ter um pouco de vontade de deixar de ser ignorante e manipulado/a!

Em resumo 2: de saco cheio de professor/a "neutro/a", que fica sentado/a vendo o país desabar e que só levantará a bunda da cadeira quando o problema atingir seu salário ou sua aposentadoria! Pelo amor de Deus, para que você abraçou o magistério?

Em resumo 3: de saco cheio de gente que tem uma vida privilegiada, mas que, esquecida das "sortes" que deu (ou você acha que nascer numa família bem estruturada econômica e afetivamente é mérito seu de outras vidas?), acha que tudo que tem foi MESMO fruto de seus esforços e que qualquer pessoa pode chegar "lá" aprendendo a pescar? Humanize-se, criatura!!!! Doe-se um pouco ao próximo! Doe-SE! Não estou falando SÓ de um apoio material não.

Em resumo 4: de saco cheio de tanta pasmaceira! De tanto egoísmo! De tanta futilidade! De tanto egocentrismo! De gente que faz tudo a partir de si mesma, muitas vezes tendo até a aparência de ser "politizada" ou de ter consciência crítica sobre o mundo.

Em resumo 5: de saco cheio de pretensas ações filantrópicas que só atingem os iguais. Católicos ajudando católicos, evangélicos ajudando evangélicos, judeus ajudando judeus, mulheres sendo críticas feministas, negros sendo ativistas nos movimentos étnicos, sem-terras lutando pelos sem-terra, homossexuais e transsexuais lutando por seus direitos. É ruim? Claro que não! Mas não é ótimo!! Quero muitos homens na crítica feminista, muitos heterossexuais nos movimentos LGBT, brancos lutando pelas causas de negros e índios, ricos lutando pelos pobres, judeus cuidando dos evangélicos, católicos cuidando dos religiosos da umbanda e do candomblé, umbandistas preocupados com questões do povo judeu...

Isso tudo não quer dizer de JEITO ALGUM que sou dona da verdade ou do conhecimento! Quem dera eu fosse! Leio uma porção de coisas. Vejo muitíssimas aqui por este Nordeste. Ouço as falas de pessoas bem-informadas em quem confio. Mas ter o conhecimento da "verdade" eu não tenho. É impossível! Mas se tivesse uma falsa sensação de tê-lo, pelo menos não sentiria esta angústia. Mas tento fazer algo. Vou além do que meu papel como professora exigiria de mim, dou a cara a tapa porque entendi que ser apolítico nesta hora é ir contra minha própria maneira de ser, porque o OUTRO me importa. Quero em 2018 e 2019 me dedicar a ações junto à gente "sem Terra". E planejar o máximo possível de atividades que levem meus alunos e minhas alunas a se comprometerem com a EDUCAÇÃO. Mas quero APRENDER mais e mais sobre a simplicidade, sobre a liberdade e sobre a igualdade.

Daí eu ficar de saco cheio de tanto marasmo, de tanto preconceito e imbecilidade, principalmente por ver gente que eu conheço e de quem gosto dando ombros à realidade, como se tudo fosse vir milagrosamente do mundo sobrenatural.

É preciso fazer um grande exercício para compreender as opções e as limitações alheias. Eu tento. Não sou brigona nem ríspida. Mas há dias em que eu gostaria simplesmente de descansar. E não está dando. Porque quem hoje se movimenta está fazendo isso em nome de muitos/as que não querem se movimentar. Isso é liberdade? É! Liberdade individual. Nunca vai influenciar no bem comum.

Abaixo o CENTROUMBIGUISMO!!!!!!!!

Aju azul

Acordei cedo para caminhar e chamei meu pai para ir à praia comigo. Combinamos que eu andaria no meu ritmo acelerado até o ponto distante aonde sempre vou, enquanto ele caminharia no passo dele, parando quando sentisse cansaço. Ao retornar eu me encontraria com ele onde ele estivesse. Ok. Combinadíssimo. E lá fui eu.

A praia estava perfeita. As piscininhas, a brisa, o azul luzindo, etc. Gente espalhada, fazendo de tudo: futebol, surfe, bicicleta, corrida, brincadeiras com as crianças ou simplesmente "jacarezando" na água (como pude fazer no retorno, já que não dava para resistir à temperatura e à calma do mar). Depois de uns três quilômetros já retornando, encontrei meu pai.

Nossa, pai, você andou bastante! Não está cansado? Não, tudo bem. Volte no seu ritmo, que eu vou no meu. Ok. Voltei. E parei para "jacarezar" de vez em quando. Jacarezei, jacarezei, e nada de meu pai! Ai, Deus, será que ele se perdeu? Mas é uma reta... Não, deve estar vindo devargarzinho. Jacarezei, jacarezei, e nada dele! Resolvi fazer o caminho de volta. Mas só andei uns metros e já o avistei bem longe ainda, mas caminhando. Tudo bem.

Acenei. Ele me viu. Acenou também. Fui até seu encontro. Estava visivelmente cansado, mas, bem-humorado, falou: dou dez passos e paro um pouco. Um moço me perguntou se eu estava me sentindo bem... Riu. Ô, pai, você é fogo! Por que andou tanto assim? Não, estou bem, vou no meu ritmo... Mas ainda falta um quilômetro até chegarmos ao carro... Aguenta? Aguento... Suspirou um pouquinho na hora de responder. Pai, vou chamar o carro do corpo de bombeiros! Rimos. Ah, pai, então tira uma foto minha ali na piscininha... Está bem. Tirou. Vai andando que eu vou atrás, no meu ritmo.

Quando olho para trás vejo que ele está segurando um pedaço de pau como bengala. Riu. Acenou me pedindo que eu tirasse uma foto e colocasse na legenda: meu pai depois de dois anos de academia todos os dias! E veio. Dez passos, cinco minutos de parada. Quando chegou, me perguntou: você vem amanhã? Venho. Ah, eu virei também! Mas acho que vou andar um pouco menos... Esse é meu pai!

Alice, a menina-arraia

Hoje, dia 16 de março de 2008, foi dia de praia. Tabatinga, Nísia Floresta, Rio Grande do Norte. Sem as filhas, que sempre compõem comigo o trio Chris/Gabi/Isa, a não ser que o plano seja "praia", tive a alegria de uma pequena parceira: Alice, minha sobrinha de 10 anos de idade.

O céu estava quase limpo. Uma ou outra nuvem dava à paisagem aquele ar de "motivo para uma pintura", já que nuvens brincando de desenhos no céu sempre enfeitam as marinhas. A cor do mar trazia azuis de várias gamas, e a temperatura das marolas certamente impediria que o desejo de abandonar as águas surgisse. Assim, antes dos mergulhos, Alice e eu passeamos pela beira do mar sem pressa. Eu, mostrando a ela a beleza daquele pedaço do Rio Grande do Norte; ela, alegre, perseguindo os filhotinhos de siris até conseguir colocar um em sua mão. Depois do passeio, enfim, a água.

Alice, menina-arraia, tornou minha manhã um aquário natural, onde a "tiabarão" ou a "chrisbarão" e a pequena e loira arraia brincavam de lutar, pular, abraçar, perseguir, e mesmo, simplesmente, largar o corpo no ritmo das marolas e entrar em sintonia com o indescritível. Menina-arraia levada e carinhosa, era só abraços e risos, sem saber que, com seus gestos, dissipava a solidão da tia (que anda em tempo de maresias) e preenchia a saudade que todos os dias 16 de março sempre trarão.

Talvez, naquele oceano de azuis, um Arthur golfinho brincasse também e, assistindo à alegria da priminha e da mãe, que há dezoito anos vive sem ele, se sentisse igualmente pássaro e livre, pronto para partir novamente, depois do reencontro anual com aquela mulher que jamais esqueceu os olhinhos azuis do filho. Brincadeira e lembrança tinham sal, mas sal da vida, não da morte.

No final, ritual de caranguejo, casquinha-de-siri, sorvetes e cocas zero cumprido, voltamos juntas cantando o "Pelados em Santos" e o "Rindo à toa". Mar, amar, brincar, cantar. A rima pobre de sempre fazendo rica a vida da gente.

Em Tabatinga, Alice, menina-arraia, compôs um dia feliz para mim, quando eu pensava que teria um 16 de março sem água, sem azuis, sem peixes, sem brincadeira. Ei, menina-arraia, valeu!!

Anita, minha tia menina

Dizem os estudiosos da mente humana e de seus mitos que a criança, o adulto e o velho vivem simultaneamente dentro de todos nós em todas as fases de nossa vida. Por isso, há crianças cheias de sabedoria, adultos que mantêm viva a alegria e a pureza infantis, idosos que soltam o riso como crianças, sabem manter o equilíbrio na hora certa e sempre têm histórias bonitas para contar. Contudo, a correria, as grandes doses de dor e mesmo a falta de coragem de insistir na busca pela felicidade fazem com que os que passaram da infância silenciem pouco a pouco a voz da criança que poderia acompanhá-los e contribuir para que a vida fosse menos dura e séria. Assim, infelizmente, embora a própria ciência afirme que a criança está em todos nós, poucos conseguem mantê-la atuante, naquilo que a criança tem de bonito, positivo, vivo.

Ela, minha tia Anita, é uma menina. Seu rosto, seus olhos e sua voz revelam a sabedoria de ser menina. Sem deixar de ser uma mulher, bonita e valente, ela enche a vida de quem a cerca de diminutivos que possuem o dom de ser colo. Minha tia dá colo com a voz! Palavras como "filhinha", "filhinho" e "amorzinho" chegam a nossos ouvidos com um carinho tão grande que é impossível não sentir por ela uma ternura imensa que imediatamente se volta em nossa própria direção, oferecendo-nos uma sensação gostosa de aconchego, de colo. Ela, com seus diminutivos, faz com que nos sintamos amados. E embora muitas vezes seja ela quem pareça uma menina pedindo uma palavra de carinho, uma manifestação de afeto ou se saudade, seu jeito meigo inverte a lógica das coisas e somos nós que ficamos a pedir que não nos falte nunca o seu carinho.

Menina ela é. Mas menina forte, menina sábia, que em lugar de colecionar dores coleciona esperanças. Que conserva a alegria de brincar de casinha e, por isso, é capaz de enfrentar qualquer reforma sem perder o rumo do sonho de estar sempre cercada de beleza. Não a beleza imposta pela estética do mundo, mas a beleza como ela a vê. A beleza que ela quer, nas cores, azulejos, pisos e plantas que ela quer. Porque ela é menina, e as meninas brincam usando sua imaginação, sua capacidade de imaginar e criar. Nas pouquíssimas, mas ricas, vezes em que estive em sua casa, jamais deixei de me encantar com a delicadeza com que ela cuida dos detalhes, com sua preocupação constante em ter tudo bonito, a seu gosto.

A risada alegre e mesmo certo biquinho que surge vez ou outra também são manifestações dessa menina. Anita, minha tia, sorri como os anjos e acaricia como as fadas. E mesmo se fica um pouco zangada, essa zanga nunca resiste a um pedido de desculpas, um beijo de perdão, um abraço pedindo compreensão.

Minha tia menina foi mais forte do que as aparentes determinações do destino e voltou à escola quando poucos imaginariam que fosse capaz disso. E não voltou somente, voltou contente, com a mesma ilusão que têm as meninas quando descobrem o mundo através da escola. E eu bem sei que, não fossem as responsabilidades que tomam seu tempo, e que ela assume com igual carinho, ela iria ainda mais longe e estudaria mais e mais. Acho que ela nem sabe, mas eu senti um orgulho danado ao vê-la lutando para superar as limitações e ter seu diploma. Que tia essa!

Nem falo dos exemplos que deu enfrentando problemas de saúde inúmeros, ou da determinação com que acolheu os filhos, os netos, os irmãos e as irmãs, os sobrinhos e as sobrinhas, a parentada toda, enfim! E agora, bisavó, ela parece ainda mais menina. Basta ver o brilho nos olhos que surge ao falar do pequenino... E, além disso, a família enorme se estende além dos laços de sangue, porque há amigos e amigas, vizinhos e vizinhas, gente de toda parte que sabe muito bem a força que tem a Dona Anita, minha tia menina.

Agora minha tia menina completa 80 anos. E sabe o que ela faz? Joga o zero fora e reinventa a idade. Faz-se jovem, bonita, iluminada, e mostra para nós que fazer 80 pode ser fazer 8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64 ou 72, porque todas as idades podem ser lindas se estão acompanhadas dessa bela sabedoria de manter viva a criança e brincar com a vida, sem, contudo, perder o senso de responsabilidade e justiça. Certamente ela gostaria que eu lhe desse oitenta beijos, porque ela gosta de beijos, de abraços, de carinho. E, se eu estivesse presente, lhe daria todos. Mas, como não posso estar com ela, na bela comemoração de seus 80 anos, mando, em forma de palavras, oitenta agradecimentos pela lição que ela me ensina desde minha própria infância: manter sempre viva a ternura. Não posso dar os beijos, mas me conforto na absoluta certeza de que outras pessoas que a amam muito terão muitos beijos e abraços para paparicá-la como ela merece em seu dia. Assim, minha tia Anita, aceite meus beijos virtuais e esse sentimento profundo de amor e gratidão por ter recebido de Deus o presente de ser sua sobrinha.

Parabéns, minha tia menina, nossa Anita, nossa querida.

Nos 80, nos 90, nos 100 e em todos os aniversários que virão pela frente, todos nós que a amamos dançaremos uma valsa suave, doce e delicada ditada pela alegria de tê-la em nossas vidas!

Aos que partiram

Adeus, Durvalina, vó emprestada que nos emprestou os olhos que não tinha para que, em nossa meninice, nos sentíssemos seguros quando mamãe saía para as urgências da família. Vó cega e de visão mais que apurada, porque nos sabia ali, acolá, no lugar certo ou no errado. Cheirosa sempre, no pó do talco derramado no pescoço acolhedor e no colo farto. Engraçada, naturalmente feliz, cheia de filhos, netos, mas com espaço para receber a "filha postiça" (nossa mãe) e a nós, três criaturas embriagadas pelo sabor doce de ser criança e nada temer. Centenária vó, cujo aniversário, no dia 8 de março, bem registra a mulher "pra frente" que ria de sua sina de "São Bento": "um filho fora, outro dentro". Adeus, queridíssima e inesquecível vó, cujos afagos nos ninaram sem nada pedir, nem mesmo este adeus, que, até breve quer ser, porque a esperança do reencontro insinua um sorriso de luz ainda a nos iluminar. Obrigada, vó Durvalina. Se não disse "eu a amo", digo agora. Leia-me, por favor, daí, onde, certamente, seus olhos receberam o presente das cores e das formas. Guarde, no seu coração de menina, o gesto pequeno desta outra que eu fui no colo seu. Seu "Bam-balalão, senhor capitão" canta em minha história enquanto a lágrima, embalada, lhe diz adeus.

Adeus, tio Athaíde, melhor entre todos os reis do improviso musical, o mais irreverente dos radialistas, o tio sempre animado com a criançada da família. Família que, a seus olhos, tinha um tamanho intensamente maior quando comparada à pequenez dos que se isolam no castelo pai-mãe-filhos. Todos os Lopes lhe são gratos. Atabaque na mão, sorriso debochado nos lábios, uma gracinha na hora certa, disposição constante para cantar-contar os "causos" que a vida guarda na mente dos que observam. "Bom dia, ouvintes da Rádio Carioca! Amauri, Bernardete e crianças, é hora de acordar!" Homem de árvores genealógicas, compartilhadas como presentes. Homem de festas fartas, comida generosa sobre a mesa, baralho pronto a saltar para infindáveis horas de pôquer, buraco, truco, biriba e mesmo paciência na toalha verde. Tio cheio de histórias, memórias, refrões... Tio cuja imagem repousa sagrada no recanto onde as festas de Natal foram insuperáveis momentos de encontro, alegria, troca e amor para esta menina, que, mais tarde, ficou sem os natais de outrora. Obrigada, tio. Meu amor pelo senhor segue como um rio carregado de águas e também de lágrimas, por ter que lhe dar adeus.

Adeus, tio Pite, tio dos esportes, da elegância, do talento para descobrir talentos, da disposição para descobrir o país, no "muda-instala-muda-reinstala" próprio dos militares transeuntes, cujas famílias sabem o que significa "ir e vir". Tio dos olhos bonitos, do sorriso charmoso, da pele caramelo desafiando a herança polonesa. Tio Reginaldo tão "Pite"... Homem conversador, às vezes brincalhão, outras tão quieto, habitando as histórias da família sempre disposto e cheio de idéias. Tio sem broncas nos lábios, mas com olhos de vigiar; tio que foi diferente porque estava distante em algumas épocas e, por isso, se fazia presente nas notícias que vinham da boca de alguns fazendo brotar curiosidade entre os ouvidos das crianças pequenas (como eu). Tio que se despede agora quando eu é que estou distante e não posso dar meu adeus de perto nem estender minhas mãos às suas duas filhas, aos seus quatro netos e à sua esposa, minha tia forte e admirável, todos parte da grande família que nos reuniu nesse "Bielinski" tão marcadamente "Bielinski". Obrigada, tio, por nos ensinar que a vida pode ser mais longa que a medida aparente das doenças quando o desejo de viver tira delas a força da energia cinzenta. Vencedor, amado tio Pite, eis o que foi e será. Se parte agora é porque, decerto, há vida mais larga esperando por seu exemplo de luta e de coragem. Zele por nós, tio, que adiante nos encontraremos e suspenderemos o adeus.

Adeus, Fábio, amigo tão amado, cúmplice de tantos caminhos e encruzilhadas, ombro insuperável nas quedas que me trouxeram as estradas. Ninguém jamais escreverá cartas tão longas, engraçadas, mapeadas, cheias de colagens e surpresas como as que você me escreveu, e que eu hei de guardar sempre comigo. Colega de faculdade e de trabalho de alguns privilegiados, pai coruja de seus dois filhotinhos, companheirão da (nossa) Dê, você sempre foi inesquecível. Agora, ainda mais. Obrigada por, nesses vinte e quatro anos de amizade, ter sido sempre a pessoa que me ligou no momento exato da crise, como se adivinhasse que eu precisava ouvi-lo dizendo em seu tom ao mesmo tempo carinhoso e firme: "Vai passar, Chrisinha". E eu ria com a coincidência de me ver chamada de Chrisinha e estar vivendo uma "crisona"... Bálsamo puro seu carinho tão lindo. Obrigada também, seu patetão, por, na faculdade, ter transformado meu Bielinski em "bilisca" e meu Ramalho em... deixa pra lá!!! Você conjugou "viver" e "rir" com a sabedoria dos corações elevados que vêm ao mundo para dar esperança e alegria. Você, o Bessa mais à beça do mundo, fugiu (espertinho) de ser cinquentão e de se ver totalmente careca. Você perguntava, eu não respondia... Está bem: "voto no cavanhaque!" Para você, meu amigo e irmão, um beijo de adeus do tamanho de nossa história.

Vó Durvalina, tio Athaíde, tio Pite e Fábio, adeus é uma palavra pequena. Não, não direi "adeus"... Farei outra coisa: pedirei "a Deus" que me permita reencontrá-los na vida que se prolonga além do tempo e do espaço e fica só nos esperando para nos curar desta saudade tão forte, saudade que só se sente quando o amor também é eterno. Até.

Apolo e Ártemis

Para Éverton Santos e Marta Barreto

Eles são gêmeos. De mães diferentes. E de mãe igual: eu. Na minha condição de segunda mãe, daquela espécie de mãe que nasce num dia qualquer da vida quando espíritos afins se encontram. Nasceram num dia 10. De abril. Há vinte e seis anos. Na mesma maternidade. Em Itabaiana, aqui no Sergipe.

Apolo e Ártemis. Ela veio primeiro, tal como no mito. Ele, poucas horas depois. E a maternidade de Itabaiana viveu um duplo eclipse. Da lua pelo sol. Do sol pela lua. Dois pequeninos, que iriam encher meu céu, cada qual com seu brilho único, particular e, ao mesmo tempo, gêmeo. Gêmeos idênticos, no amor que fizeram brotar neste coração.

Fiote Apolo. Sol puro. Clássico, reto, deus das palavras requintadas, capacidade impressionante de impressionar pela harmonia com que doma o reino do verbo. Menino tão menino e tão homem, cuja irradiação envolvente não poupa quem se debruce de verdade sobre sua sensibilidade. O mundo a seus pés. E ele ali, já um mestre, caminhando sábio por doutas trilhas que o levarão à realização de muitos sonhos. E, principalmente, à responsabilidade de comover e convidar as pessoas ao que, no verbo, é literatura. É arte. Fiote Éverton Apolo.

Fiota Ártemis. Lua em todas as fases. Inteligência aguda permeada de beleza por todos os lados. Discurso hábil, da caçadora que extrai do silêncio o verbo que seduz, pelo humor, pelo amor, pelo romantismo, pelo desejo de ir sempre além. Menina tão menina e tão mulher, cuja personalidade inebria quem se debruce sobre sua sensibilidade. O mundo a seus pés. E ela ali, no caminho que a fará mestra e depois doutora e depois professora universitária. O longe a alcançará. Ela, que ainda nem sabe bem o tamanho desse longe. É imenso como o imenso de seus olhos. Fiota Marta Ártemis.

Gêmeos que nasceram num dia 10 de abril. Há 26 anos. E que, no meio do caminho, viram que tinha uma Christina. Eu, para amá-los até minha derradeira despedida.

Arquitetura

O que eu mais amo numa mudança, ainda mais quando feita devagarinho, é ir cuidando de cada detalhe, preparando rotinas futuras em que eu me veja realmente renovada, mas imediatamente aninhada.

Não tenho nada contra os belos móveis planejados e a decoração chique das revistas e eventos de decoração. Mas minha casa sou eu. Nada de arquiteto ou decorador criando meu ninho!

Gosto é de casa em que se sente vida humana, corriqueira, em que uma ou outra "peça de bom gosto" (o que é isso?) se mistura com as doces e afetivas cafonices (o que é isso?) de que a vida vivida é feita. Por isso, pinto, furo paredes, limpo, organizo, mexo e remexo nos detalhes. 34 casas diferentes, mas em todas eu estava lá, viva e feliz!

(Minhas desculpas a arquitetos/as e decoradores/as, mas minha casa quem faz mais bonita sou eu, porque minha estética é subjetivamente a do amor!)

As meninas

Explicando: essa crônica foi escrita em 2006, como homenagem a todas as amigas que chegaram à minha vida como alunas de pintura e se tornaram "minhas meninas", assim como eu me tornei menina delas. Engraçado dizer que, na época, eu me despedia do Rio e me sentia emocionada com a distância. Elas se despediram de mim e se reuniram para estar comigo quando eu fui ao Rio, meses depois. Em 2008, partia eu novamente, agora para a Espanha. E elas, o que fizeram? Despediram-se de mim, comemoraram comigo meu "casamento por acontecer" e demonstraram, mais uma vez, que eram amigas "para sempre". Fui ao Brasil e lá estavam elas me esperando (eu agora acompanhada do maridão e da Isinha) para um café da manhã, com um buquê de rosas vermelhas que ficou materializado para sempre, como elas. Reli a crônica outro dia e resolvi publicá-la como forma de dizer que minhas meninas foram, são e serão um presente constante em minha vida. Beijos a cada uma! Agora a crônica...

Não conheci todas as meninas de uma só vez. Elas entraram em minha vida de diversos modos e em diversos momentos, uma de cada vez ou em dupla, às vezes em trio ou quarteto. Por indicação, por amizade, por curiosidade, por necessidade, por solidão, por alegria. Não importa. Sozinhas ou acompanhadas, no verão ou em outra estação qualquer, cada qual, desde a primeira palavra trocada, marcou sua imagem dentro de mim de forma absolutamente única.

E como eram graciosas minhas meninas! Negras, loiras, morenas, mulatas, magrinhas, cheinhas, bem cheinhas; simples, em suas roupas despojadas, vaidosas, em suas roupas quase de festa, sensuais, em seus decotes; senhoris, em seus óculos para as vistas cansadas; juvenis, em suas risadas de meninas – ainda que fossem meninas, adolescentes, balzaquianas, quarentonas e por aí vai. Bem-humoradas, silenciosas, repletas de histórias, discretas, guiadas pela fé, desinteressadas de deuses, amadas por seus companheiros, amando-se sem eles, partes de famílias curiosas e enredadas em afeto e conflito, como são todas as famílias. Amantes de cães e gatos e pássaros; explicitamente avessas à presença de animas; exageradas em medos e culpas, exageradas em generosidade e perdão. Eram, de fato, graciosas como ninguém, minhas meninas.

Habilidosas, é preciso dizer. Umas eram doceiras de mão cheia, sempre lambuzando nossas almas com os sabores achocolatados e os açúcares coloridos que brotavam das muitas travessas nas muitas festas. Outras, rainhas dos salgados, sempre inundando nossos espaços com petiscos criativos, de receita antes secreta pronta a ser generosamente oferecida. Algumas, costureiras fabulosas, volta e meia apresentando criações coloridas e competentes, carregadas de estilo e personalidade. Tantas artistas de cores delicadas e paixão por flores; outras tantas, artistas de forma viva e variada. Quantas vezes as vi trêmulas, ensaiando os primeiros passos para, em seguida, passarem a me ensinar sua dança. Quantas vezes as ouvi inseguras, prenunciando as dificuldades, para, logo adiante, me relevarem toda a sua capacidade de superação. Habilidosas, sim, e muito, minhas meninas. Cada qual a seu modo, com agulha, lápis, pincéis, espátulas, textos, farinhas ou temperos. Cada qual no seu ritmo. Cada qual de forma absolutamente única.

Eu me diverti demais com as meninas. Ora porque uma piadista lançava a palavra cômica no meio dos gestos concentrados de olhos e mãos; ora porque a vida é mesmo engraçada no encontro das coincidências e das situações idênticas que revelam nossa humanidade. rimos dos artistas, das pessoas públicas, das crianças, das graças de nossas crianças, dos equívocos e gafes nossos e alheios, de nós mesmas. E, é claro, rimos muito dos homens. Esses homens tão complicados e óbvios, tão inseguros e fortes, tão nosso e alheios a nós. Definitivamente, rimos muito da vida e deixamos, no ar do ambiente que nos acolhia, um riso perpétuo que sempre acenderá o presente.

Também chorei com as meninas. E as vi chorar e elas assim também me viram. Mais do que isso. Além de presenciarmos os choros umas das outras, tivemos as palavras certas para torná-los mais amenos, menos dolorosos. Sofremos pelos motivos mais variados: da morte à separação; da doença à traição; da dificuldade financeira ao conflito familiar; da solidão à invasão de privacidade. E nossos choros, muitas vezes, sequer tinham lágrimas. Eram choros secretos, que transbordavam na alma e reverberavam sombra em vez de luz. Cúmplices guardávamos nos abraços a certeza da lágrima escondida que morava na outra, pedindo colo e gesto fraterno, pedindo força para secar e se fazer esperança.

Cresci com as meninas. Cresci apoiada por elas, que foram irmãs, filhas, mães, sobrinhas, tias, madrinhas, conselheiras, adivinhas, anjos, braços de Deus na terra as vezes muito ressecada em que vivemos.

Hoje me derramo em gratidão por essas meninas. Carrego cada uma, absolutamente única, na pauta musical que rege meu peito, fazendo vibrar as cordas de minhas emoções. Trago cada uma, absolutamente única, no painel colorido pelas tintas da lembrança boa que atravessa tempos e espaços como uma flor permanente nunca alcançada pelo envelhecimento. Celebro cada uma, de forma absolutamente única, feliz pelo fato de ter vivido a experiência de, um dia, tê-las recebido em minha vida.

Hoje me derramo em saudade, mas não de saudade sofrida, de quem perdeu e lastima... Minha saudade é límpida como um cristal furtacor, que guarda, nas pinturas mais lindas, as faces das meninas.

Hoje me preparo para estar mais distante, no que existe de léguas na palavra distância. No entanto, também hoje me alegro com o reencontro que reafirma o que na palavra distância extrapola as léguas para ser amizade verdadeira.

Absolutamente únicas, minhas meninas viajam comigo. Para sempre.

Amo vocês minhas meninas.

Em tempo: uma homenagem especial à menina Ignísia, que nos deixou cheia de saudades, mas que continua viva na lembrança de seu jeito inesquecivelmente engraçado, ingênuo e picante (ao mesmo tempo), curioso e generoso, carinhoso e cheio de histórias. Certamente as outras meninas assinarão embaixo. Onde quer que esteja, receba os beijos de suas meninas, D. Ignísia!!!!!

As palavras e os currais do povo

Manchetes. Palavras com poder maiúsculo de penetrar retinas e pensamentos quando olhos e mentes desavisados matam sua sede na precariedade do óbvio.

Textos que manipulam a multidão, expostos em bancas e nas redes, forjados em letras garrafais e imagens apelativas.

A verdade? Há verdade? Diz-se o que se quer e, principalmente, COMO se quer, para que o efeito produzido seja o que se desejava. Atenua-se o peso do que importa mais, coloca-se a informação principal escondida em espaço menor, e pronto: lá vai o gado direitinho caminhar pelos currais da ignorância programada.

A mesma situação em manchetes diferentes. O Globo, Estadão, El País e Folha. Basta olhar, ver e refletir. Quem acaricia mais o poder? Quem disfarça o impacto da informação? Quem ignora as minorias? Quem se importa com a ética?

Chegamos ao tempo da todas as desconfianças. Não podemos crer nos instrumentos de veiculação das informações. Estamos engolindo letras maiúsculas e sofrendo demais com a prisão de ventre crônica que não nos deixa expulsar esses dejetos que nos comem por dentro. Logo, ler, reler, desler, aler, todo o tempo em alerta, para correr menos o perigo de ser personagem da velha história de "vida de gado", "povo marcado, ê, povo feliz" (Zé Ramalho).

Atando pontas

Em dezembro de 1995, poucas semanas antes do Natal, eu vivia a angústia de tentar preparar um discurso para a minha formatura. Assumir a condição de oradora não representou problema para mim, pois, além de gostar de escrever, eu era relativamente desinibida. Mas, ainda assim, não foi possível escapar do momento de tensão que antecede toda e qualquer elaboração textual cuja finalidade é reunir palavras para um discurso a ser lido publicamente. Queria escrever algo diferente, criativo. Dessa intenção nasceu, então "Discurso de formatura":

Uma energia, uma onda nervosa, invadiu sua mente, despertando o poeta adormecido, e ela viu suas sólidas ideias derretendo-se num processo lento, escorregadio ... até voltarem à vida esculpidas por palavras, pontos e muitas entrelinhas... Foi assim, exatamente desse modo, que seu discurso tomou forma. O nervosismo das semanas anteriores deu lugar a um torpor tranquilizante. Sentia-se como a água, descongelando e se espalhando, umedecendo a superfície, invadindo os espaços...

Seu nome era Alfa Beta Silva Rossler, nome de batismo, que lhe apontava o próprio destino - a paixão pelas letras. Sequer tentou travar uma luta contra sua sina... Deixou-se sempre levar pela sedução das palavras e, diante das ínfimas possibilidades de conquistas materiais que sua vocação lhe permitiria, buscava compensação na riqueza de todos os sentidos incompreendidos pela maioria e tão ao alcance dela. E mergulhava nos livros, passeava nas poesias e se descobria repleta de desejos de descobrir o mundo, tentar entender as razões das diferenças, o porquê da realidade e do sonho...

./...

A formatura seria no dia seguinte e seu discurso parecia estar congelado, solidificado...até o despertar do poeta...Alfa deixou o poeta falar. Sua mão obedeceu à voz lírica e esculpiu o discurso. Alfa estava em "delta".

Quando acordou, pela manhã, encontrou o discurso pronto em cima da mesa de cabeceira. Colocou o CD do Caetano dentro do estojo e leu novamente o discurso. Seria realmente capaz de falar tudo aquilo?

O auditório reunia faces conhecidas e desconhecidas. A noite quente, os formandos sorridentes, os parentes, os amigos, uns interessados, outros ausentes... Todos observaram quando a bela moça, de cabelos vermelhos e longos, aproximou-se do microfone, preparando-se para o discurso. A beca impecavelmente passada, a faixa cor de vinho, o rosto nobre de Alfa, tudo prenunciava um belo discurso, digno de uma moça "letrada".

Alfa olhou para seus pais e neles viu todos os pais. Agradeceu a presença dos convidados, sorriu para a mesa, abraçou todos os colegas com os olhos e...

Para surpresa de todos, Alfa esfregou o dorso da mão nos lábios, retirando o batom; arrancou a peruca, deixando à mostra os cabelos pretos e curtos, e despiu-se da beca. Um short e uma camiseta branca eram agora o único escudo de Alfa. Olhos curiosos e bocas mudas aguardavam... Dessa forma, inusitada e corajosa, Alfa iniciou seu discurso...

"Retirei as minhas máscaras e convido os que assim queiram a também retirar as suas. Mãe, ajude-me!" - disse Alfa, ao que sua mãe prontamente atendeu, livrando-se dos sapatos apertados que tanto detestava usar. Seu pai tirou paletó e gravata e também a máscara da seriedade. Algumas pessoas entenderam a intenção de Alfa e lhe imitaram os pais.

Como um surto, o salão encheu-se de máscaras: máscaras de médicos, advogados, empresários, professores, donas-de-casa, engenheiros, técnicos de TV, comerciantes, desocupados... No canto do salão, um senhor retirava compulsivamente uma máscara após outra, revelando o grande número de identidades que nele habitavam.

Alfa continuou: "Peço desculpas a vocês..., contudo preparei um discurso para pessoas sem máscaras...". E Alfa falou do poder das palavras, que tinham transformado a sociedade num conjunto de injustiças. Falou do uso cotidiano de máscaras, máscaras que fingem não ver os meninos magros, perigosos e sem rumo, esmolando nos vidros dos carros; máscaras que vibram em estádios repletos, fugindo da realidade; máscaras que jogam no lixo toneladas e toneladas de alimentos; máscaras que praticam pequenas corrupções diárias, enquanto reclamam das grandes corrupções diárias; máscaras que, entre a preguiça e o esforço, escolhem a primeira; máscaras que, entre a TV e o vizinho, escolhem a primeira, porque se devem evitar envolvimentos com vizinhos; máscaras que conseguem dividir o mundo em desenvolvidos e não-desenvolvidos, pretos, amarelos, brancos e "gays", nacional e importado. Máscaras que não percebem que todas as línguas têm a mesma finalidade. Máscaras que aprisionam a verdadeira essência do ser humano. Máscaras que palavras poderosas ajudam a construir.

Encerrando o discurso, Alfa disse: " Pior analfabeto é aquele que sabe ler e não percebe a riqueza das palavras... Entretanto, mais desprezível é aquele analfabeto que sabe ler, percebe a riqueza das palavras e as utiliza para tornar ainda mais miserável a vida dos verdadeiros analfabetos...".

Enquanto voltava a vestir a beca, Alfa olhou para o salão e sentiu um sorriso invadindo-lhe o rosto: ali não mais havia mascarados, havia gente, gente pensando... Como fosse gelo, Alfa começou a derreter... Gente pensando e Alfa Beta derretendo-se pelo chão... Gente pensando, enquanto as palavras e a poesia de Alfa espalhavam-se pelo chão, derretendo com ela. E pensar poderia ser o começo de tudo..."

X

Hoje, seis anos depois, vejo-me professora, na própria Veiga de Almeida, carregando dia-a-dia o sonho de contribuir para uma comunidade melhor, um Rio melhor, um Brasil melhor. Se realizo ou não esse sonho, não sei. Mas, descubro, feliz, que ainda existe em mim muito daquela formanda que buscava a riqueza das palavras. E mais. Descubro que, a meu lado, há muita gente capaz de se despir de máscaras e enfrentar o mundo, face a face, sem medo: meus alunos, meus amigos.

Aurora

Os quatro elementos vivem dentro de nós. Em maior ou menor escala, cada um deles, com a sua força e simbologia, nos contamina e nos move em direção à unidade plena que constituímos como seres vivos. Como escrevi muito sobre Cabo Verde, dedico a Aurora, uma cabo-verdiana muito bacana, esta crônica final.

Aurora é uma explosão cabo-verdiana. Há nela raios de brilho tão forte que, às vezes, é bom portar óculos de sol. As formas generosas que expandem o marrom de Cabo Verde pelas ruas coloridas de Mindelo e certo tom alaranjado que também marcam sua presença compõem uma paisagem exuberante, alegre, cheia de energia e calor.

Com ela, o dia não tem entraves, tem rotinas a serem cumpridas no ritmo exato de cada tarefa: seja encher de luz a casa sombria da pobre mãe que acaba de perder seu filhinho, seja ensinar os claros e escuros da cidade à visitante branquela que quer levar o sol de Cabo Verde para seu país, seja compor minuciosamente a "*catchupa*" rica, seja mesmo assinalar pelas redes de comunicação entre amigos a certeza de um novo dia.

A Aurora do Mindelo é única. Tem personalidade. É capaz de se espraiar vagarosamente pelas estradas de São Vicente e, ao mesmo tempo, de se misturar como peixe veloz às águas da Baía das Gatas. É capaz de dançar em ondas a coladeira e pairar silenciosa e comovida ante a dor. É forte tanto na clareza branca dos momentos de riso quanto nos horizontes acinzentados pelas contrariedades. É maternal nos raios que envia à Ilha do Sal, é amiga ao expandir os horizontes do povo, é concentrada nos focos que pedem luz de raio X.

A Aurora do Mindelo possui todas as geografias. Não há recanto do mundo que não a faça brilhar. Sua luz vai revelando contornos alheios, iluminando aspectos humanos distintos, aclarando climas e relevos das mais diversas formas e características.

A Aurora do Mindelo está impregnada de Geologia. As micropartículas de pó e pedra nela se acendem como as "Estrelas de pó", que o poeta brasileiro Raimundo Correia cantou em poesia.

A Aurora do Mindelo é, enfim, um poema. Ritmo e verso livres, rimas particularíssimas, temas plurais, elementos vivos em metáforas e metonímias. Espetacular pessoa, a quem devo a hospitalidade da acolhida em São Vicente e a satisfação de ter convivido durante breves dias com uma mulher cabo-verdiana inteira em sua força, profissionalismo, integridade e determinação.

Mindelo, 20/09/10

Bula de remédio sem óculos?

Acordamos. O bom dia dengoso que me cumprimenta todos os dias se faz presente. Será mais um domingo gostoso. Aí vem ele com a novidade: você consegue ler, sem óculos, letras miudinhas feito as de bula de remédio?

Achei graça daquela pergunta às seis da manhã. Consigo sim. Respondi. (E pensei: "ainda" consigo. Ri por dentro...). Então ele se levanta, e com cara de menino travesso, faz algum movimento que não percebo direito, arranca uma página do caderno que está levando para o curso, amassa a folha e a dobra bem pequenininha. Estende a mão e me entrega o papel. Consegue mesmo? Vixe, o que é isso, Moreno? Veja aí... Vou tomar banho. Já volto.

Pego o papel. Vou desdobrando tudo, pensando na graça desse Moreno novidadeiro. De onde tirou isso às seis da manhã? Quando abro totalmente o papel, vejo algo bem miudinho no centro da folha. Está lá, em letras vermelhas: "Eu te amo!".

Depois que ele volta, eu, com a cara de boba que a gente fica quando o amor é cheio de detalhes românticos, ouço, derretida, a explicação: "Acordei e me lembrei de John Lennon e Yoko Ono. Ele se encantou por ela à primeira vista. Foi a uma exposição dela e viu uma instalação em que havia uma escada, com uma luneta a ser usada para se ler algo microscópico escrito no teto. Ele seguiu o roteiro e leu a palavra 'sim', escrita por ela. Aí resolvi fazer isso pra você!"

Inacreditavelmente ele me conta isso e me pede desculpas por não ter sido "original"!!! Estou certa de uma coisa: NUNCA precisarei de óculos para ler as mais minúsculas letras deste amor. Porque elas são as mais maiúsculas letras que o livro da minha vida escreve todos os dias com a caligrafia deste homem incrível!

Agora vamos ouvir o CD do Belchior, que é a cara dele!

Feliz domingo para todo mundo!

Buquê

De repente eu me vejo pesquisando no Google os tipos de buquê de noiva que há. Quero fazer eu mesma um bem simples e bem lindo para mim... Aí a ficha cai, e eu me dou conta de que realmente não há idade para ser feliz. Meu coração tem 20 anos, porque o Amor me fez voltar a ver a vida com os olhos de esperança que naquela ocasião eu tinha. Meu buquê é você, Ítalo De Melo Ramalho. Simples e lindo. Com a medida exata, exatíssima, de tudo em que sempre acreditei e que, com você, finalmente tornou-se verdade, realidade. Existem sim homens capazes de viver o amor de forma inteira. Você está aí para provar isso. Obrigada por me fazer tão feliz. Aliás, obrigada por me fazer saber o que é realmente ser feliz! Nosso casamento vai ser lindo!! Te amo.

Cabo eleitoral

O discurso final de Lula é histórico. Síntese perfeita do circo judiciário e midiático que foi criado em torno de uma acusação que beira o ridículo pela falta de provas, pela base construída no "disse-me-disse" que não sai do lugar, mas que continua sendo explorado para alimentar o ódio a Lula. Ódio injustificado, inclusive, no plano da vida pessoal, porque a maioria das pessoas que hoje o odeiam nunca teve uma qualidade de vida tão boa quanto a que teve em seu governo.

Ouvir esse homem falar foi realmente assistir à prova de que tivemos e teremos (porque Lula vai voltar) um estadista à frente deste país. Tive muitas restrições às opções dele para conseguir realizar as conquistas sociais. Hoje, vendo como a corja de deputados e senadores apoia mudanças danosas ao país sustentando um presidente com 4% de aprovação popular, sem considerar os desejos dos segmentos (imensos) dos menos privilegiados e lutando descaradamente para manter seus privilégios, começo a desconstruir minhas restrições e a entender que ele, Lula, fez os pactos que fez porque não tinha outra saída. Ele estava na cova de serpentes arcaicas e de serpentes jovens. Pisou em suas cabeças acariciando seu veneno.

Dilma não conseguiu fazer o mesmo. Não tem o mesmo estômago. É muito melhor pessoa que todos. Mas não é uma estadista. Lula foi perfeito em sua fala. Será praticamente impossível Moro condenar Lula nesse processo. Que tenha provas nos outros. Porque, se não tiver, deixará registrado nos anais da história o mais contundente caso de (in)justiça a serviço de interesses políticos.

A mídia, os políticos, os empresários corruptos e a própria justiça estão sendo de uma burrice gigantesca. Estão reelegendo Lula. O "monstro" que criaram vai devorar todos. E finalmente, em seu novo governo, virá, sem tantos pactos, a reforma social de que este país precisa. Moro está sendo o maior e o melhor cabo eleitoral de Lula.

Cartas aos amigos

Antes de começar a escrever a crônica, olhei mais uma vez para o envelope amarelo, cerimoniosamente colocado sobre a mesa do escritório. O carimbo dos correios mostrava: Altamira, Pará. O selo típico remetia para um universo totalmente desconhecido para mim. Sorri ao me recordar das palavras contidas na carta que viera de tão longe. Como os amigos que escrevem cartas sabem burilar as palavras e nos fazer devorar cada uma delas com um prazer especialmente infantil e saltitante! Logo que recebi o aviso da portaria – chegou uma carta para a senhora! – não esperei um minuto sequer. Carta é algo urgente. Como se todos nós tivéssemos sede de palavras amigas que chegam de repente e, invadindo o dia, deixam-no impregnado com um sabor de novidade.

Novidadeira, engraçada, a carta de Cynthia magicamente me fez mergulhar num mundo de rios, barcos, peixes, pessoas simples, rotina de calmaria e por do sol. Não quis responder rápido. Preciso retribuir o presente com graça e carinho para, então, conseguir provocar ela o mesmo efeito surpresa, a mesma alegria. Saudade de Cynthia... Esse momento é o da crônica, crônica que nasceu da carta, circunstância particular que me fez lembrar de um encontro igualmente circunstancial.

O local nada tinha de encantador. Estava na fila de um banco. O ar desligado, a fila enorme, os caixas lentos, incontáveis papeladas nas mãos das pessoas. Calculava que deveria levar umas duas horas até finalmente conseguir pagar a conta. Depois de algum tempo, cansada da mesmice dos meus pensamentos, comecei a reparar no burburinho da fila. Várias vozes se insurgiam contra a lerdeza da fila, o bate papo aparentemente desnecessário dos caixas, as perguntas de resposta longa que algumas pessoas cismavam em fazer assim que chegava sua vez no caixa...

O calor insuportável alimentava a energia negativa circundante e eu pressentia iminentes explosões de ânimos dilacerados... Foi quando reparei na senhora logo a minha frente.

O mundo se desfazia em prantos e ela, serena e delicada, tinha como único gesto de resistência um passar de mão pelos fios de cabelo que, com o calor, soltavam-se do coque e caiam em seu rosto. Vestida simplesmente, mas com certa elegância, ela trazia no rosto e nas mãos aquela idade em que a dezena alta faz as unidades não contarem mais. Setenta e poucos ou muitos... tanto fazia. Trazia consigo a idade dos que sabem e isso bastava. Enquanto lá e cá as pessoas reclamavam de tudo, ela mantinha-se quieta, apaziguada. Não resisti. Precisava conhecer lhe a ciência da tranquilidade. Reproduzo, então, logicamente driblada pela memória, o que hoje me parece ter sido o diálogo entre nós.

— Nossa, essa fila não anda... — disse lhe eu — É preciso paciência... Desculpe me pela intromissão, mas por que a senhora não se dirige àquela outra fila (a dos idosos)? Ainda que também lenta, esta bem menor...

Ela sorriu, um pouco cabisbaixa, tímida, doce.

— Eu não me importo. Pra dizer a verdade, sinto me bem aqui. Depois, já não tenho pressa...

— Mas, e o cansaço? Insisti. Minhas pernas já estão doendo...

— Bem, é verdade, as minhas também doem um pouco, mas há algo mais dolorido na vida... – Deixou-me a interrogação no ar.

— O que a senhora quer dizer?

— Você e muito nova... Sabe o que é solidão?

Disfarcei meu embaraço.

— Acho que hoje, nesse mundo corrido, sem brechas para abraços, carinho, todo mundo sabe, ao menos um pouco, o que é a solidão.

— É, pode ser... mas minha solidão não é pouca. Aqui, na fila, distraio o vazio de meu dia, esqueço os cômodos frios de minha casa, sinto e respiro a vida que vem dessas pessoas...

— Puxa, mas a senhora busca cura para solidão numa fila de banco!? Não. Não faça isso. Aqui a energia é negativa, as pessoas estão mal-humoradas. Não têm sequer a generosidade de olhar para o outro e ver um outro. Somos adversários aqui... Todos querendo chegar ao pódio...

— Ter um adversário é uma forma de evitar a solidão.

— Ah, a senhora me desculpe. Aliás, eu me chamo Christina e a senhora?

— Carmem.

— Puxa, dona Carmem desculpe-me, mas e as cartas?

— Cartas???

— Cartas, sim. E as cartas aos amigos. Não tem o hábito de escrever cartas? Não tem amigos, parentes, pessoas de quem gostaria de saber notícias?

— Escrever, eu? Não. Não sei. Ah, acho que não tenho jeito para isso. Não penso nisso. Cartas... Bem, amigos, parentes, tenho, tenho sim. Todos envolvidos com suas vidas, filhos, netos, maridos, doenças, empregos, desempregos, outros, morando muito longe daqui. Até em Portugal tenho família, sabe? Aliás, moro sozinha porque quero, sabe? Não quero dar trabalho para meus filhos...

— Pois é, dona Carmem. Então? A senhora já pensou que alegria pode proporcionar a esses amigos e parentes através de uma carta? Escrever uma carta a um amigo é um ato generoso, uma dádiva, uma doação. No momento em que escrevemos para alguém, somos só desse alguém. Ele e o merecedor de nossas atenções, pensamentos, sentimentos.... não importa se escrevemos como poetas ou como pessoas simples que, inclusive, tem uma certa cerimônia com a língua... além das palavras, nossas cartas chegam impregnadas de lembranças, de bem-querer. São vínculos concretos com a vida... E quando chega a resposta? E quando, através das palavras que lemos, sentimos aquela pessoa pertinho de nós, do mesmo jeito que sempre foi? Bem, eu penso assim.

— Você diz umas coisas bonitas... – e engatamos uma conversa longa como a fila que nos transformara em elos frágeis do dia. Quantas histórias dona Carmem ainda me contaria. Dona Carmem, nascedouro de crônicas.

Não sei se dona Carmem chegou a considerar meus conselhos. Acho até que foi uma ousadia invadir seu mundo e sua forma de combater a solidão. Mas, confesso, cheguei a imaginá-la sentada, numa sala bem arrumadinha, a mesa redonda, um centro de mesa de crochê, um bloco de papel, a caligrafia um pouco tremida, mas de linhas desenhadas, quase floridas, escrevendo para suas primas portuguesas, ou para a sobrinha que mora em Belo Horizonte, ou para a amiga de 50 anos que ainda mora no bairro onde passaram a juventude... E mais, consegui imaginá-la sorridente e saltitante abrindo um envelope amarelo como o meu, carregado de lembranças e de companhia.

Olho de novo para a carta da Cynthia e, reclusa e mergulhada no quarto dos sonhos, sinto-me abraçada pelas palavras e imagino um tempo em que todos escreveremos cartas aos amigos.

(fevereiro 2002)

Carta para Bianca

Bianca linda,

Você não me conhece... Meu nome é Christina e eu sou professora como sua mãe. Sua mãe e eu também não nos conhecemos pessoalmente, mas, por causa da poesia, acabamos ficando amigas e conversamos pelo facebook.

Depois de ver as fotos lindas em que você e sua mãe estão juntas, e saber como você é inteligente e sensível, fiquei com muita vontade de lhe mandar um presente para você. Mas eu queria que fosse alguma coisa especial, de que você pudesse gostar!

Depois de procurar e procurar, encontrei o Sansão! E pensei: "É ele o presente para a Bianca!". E por que eu pensei assim? Primeiro, porque o Sansão é bom de abraçar! Assim, quando você abraçar o Sansão, sentirá o calorzinho carinhoso que ele também deve dar à Mônica, já que ela é tão apaixonada por esse coelhinho! Segundo, porque ele ficará feliz por ter uma dona tão querida e sensível como você, pois o pobrezinho vive sofrendo nas mãos do Cebolinha e do Cascão (que, no fundo, devem é gostar um bocado dele também!). Terceiro, porque ele é azul, e azul é a cor que combina com vento batendo no rosto, braços abertos e sensação de ser passarinho; é também a cor que combina com a sensação que temos quando mergulhamos nas águas de um rio, de uma piscina, do mar... Ou seja, azul é uma cor que combina com a sensação de liberdade. E o que eu desejo é que você sempre seja livre, e possa voar com sua imaginação e criar muitas coisas bonitas em sua vida. Por último, Sansão é nome de gente forte, como Bianca também deve ser, porque você é uma menina valente e muito sabida, que encanta todo mundo, tanto que eu, aqui de longe, quis logo poder ser sua amiga também! Será que você aceita minha amizade?

Tenho duas filhas, Gabriela e Isadora, que, como você e sua mãe, são muito unidas comigo. Nós três formamos uma família muito legal! Também passei muito tempo longe delas, que estavam estudando em São Paulo. Assim, eu sei bem como é difícil estar longe das filhas... Porém, o tempo passou rápido e agora já estamos pertinho umas das outras, assim como você e sua mãe logo estarão também. Vivemos na cidade de Aracaju, e já deixo o convite para você e sua mãe virem um dia nos visitar.

Bem, Bianca, espero que tenha gostado da surpresa! Se puder, peça a um adulto que tire uma foto sua com o Sansão para eu ter de lembrança. Pode ser? Cuide dele direitinho. E não se preocupe que a Mônica não ficará com ciúmes!! (risos).

Deixo um abraço bem grandão e apertado e um beijo carinhoso para você! Continue a ser essa menina sensível, inteligente, linda e meiga! Pessoas como você fazem o mundo ser mais bonito!

Aracaju, 11 de junho de 2015.

Chuvas

Chove no nordeste. Chove em Natal. Minha cidade-sol anda molhada e esquecida de seus azuis. Todavia, ainda linda, irradia aquela paz nordestina e, de vez em quando, deixa que alguns raios atravessem as nuvens como a brincarem de nos dizer que logo voltarão a saracotear pelas praias.

Chove no nordeste. Natal continua linda. Mas há gente sofrendo. Gente mergulhada na água antes tão escassa e desejada. Como em *Vidas secas*, a chuva parece debochar de destinos tão carregados de privações. Assisto às reportagens e me pergunto: o que temos feito por essa gente? Por que tanto sofrimento batendo em nossas retinas como um espelho? E por que tão poucos reflexos a espargir soluções?

Chove no meu pensamento. Alagada como o nordeste, a mente se espanta com o fato de eu conseguir extrair alegria da vida, da cidade, do sol e da tempestade enquanto há gente boa, gente trabalhadora e sofrida sem motivos para qualquer alegria. Que egoísmo é esse que me faz conseguir ser feliz em meio a mulheres de rostos doces e marcados que choram suas casas perdidas, seu abandono?

Chovem paradoxos no mundo. E eu, repentinamente, me vejo do lado mais cruel. Aquele onde residem os que perderam muito pouco e acham que sabem de tudo.

(Natal, 11 de abril de 2008)

Cidadão Monte-Alegrense

Ele é quase um menino. Mas seu coração é milenar. Tem uma capacidade de se doar ao próximo que só caberia numa alma antiga, dessas que viu mundos nascerem e ruírem, dessas que sabem que realmente só o amor constrói. E ele constrói. Incansavelmente.

Levar estudantes do sertão sergipano para, num projeto ousado e bem-sucedido, espalharem conhecimento sobre poesia brasileira em escolas da região é, por si só, motivo para o reconhecimento de todos nós. Mas ele faz mais, muito mais. Cotidianamente.

Como valorar a disposição que ele tem para estar à frente de excursões que levam esses meninos e essas meninas do sertão para conhecerem outros lugares, vivenciando a experiência das longas trajetórias, estradas, hotéis, passeios, aulas ao ar livre, etc.?

Como valorar os tantos eventos literários, como concursos e publicações, que ele organiza, sempre imbuído da intenção de estimular esses meninos e essas meninas a amarem a literatura e, através dela, se expressarem também?

Como valorar o amigo que ele se torna para grande parte de seus alunos e de suas alunas, sempre interessado em lhes oferecer palavras de compreensão e estímulo?

Todos temos direito à nossa privacidade, a nossos momentos conosco mesmos, com nossa família e nossos pequenos prazeres. Mas há pessoas que, por generosidade, abrem mão de grande parte do tempo que teriam para si para dedicarem aos outros. E ele faz isso sempre. Cotidianamente. Incansavelmente.

Carlos Alexandre, cidadão monte-alegrense, parabéns por esse reconhecimento. Ele não tardou. Chegou na hora precisa! Porque Deus sabe qual é a hora de recebermos a palavra que nos dignifica e honra.

Orgulho de você!

Coisas da poesia

Aproveitando a falta de sono (decorrente do fuso horário diferente), seguem umas palavras, especialmente destinadas aos/às jovens poetas que tenho conhecido e que me perguntam coisas sobre a poesia. Vou mostrar um poema que eu fiz e, a partir dele, vou falar sobre os motivos de um poema, mesmo tendo certo encanto pela temática ou pela harmonia de algumas imagens, não chega a tocar a "poesia" tal como hoje ela acontece. E aqui o primeiro registro importante: um/a poeta sempre fala a linguagem de seu tempo ou, quando genial, dos tempos vindouros. O anacronismo, ou seja, o uso de formas ou visão de mundo já superados geralmente compromete esse vínculo do poema com seu tempo, a não ser que seja um anacronismo criativamente incorporado e transgredido.

Bem, vejamos o poema, que faz uso da redondilha maior e de alguma estrutura rímica. Dei a ele o título de "Tudo é pouco". O importante é lerem os comentários que faço depois.

Tudo é pouco

Às vezes o que somos
à sede do outro não basta.
É preciso sermos dois,
três, mil, nos multiplicarmos,
e, ainda assim, tudo é pouco.
Fica o desejo de mais
no outro, e em nós o afã
de mergulharmos de novo
na roda louca e sem fim
que elide o eu e o mim.

Nem os tantos beijos doces,
nem as mãos de dedos longos,
nem os pássaros que cantam
em nossos versos de amor,
nada mata a feroz sede.
Tudo é pouco, tudo é pouco.
E nós, presos nessa rede,
nos perdemos do que fomos.

Na verdade, no entanto,
não é pouco o que somos.
Ao contrário, somos tantos
na riqueza de nós mesmos.
O que falta é percebermos
o que nós não recebemos,
e que o outro, em sua sede,
não tem olhos para nós.
O que vê é só espelho
da sua incompletude,
e a nós basta a atitude
de buscarmos outros beijos.
Beijos plenos, beijos sanos
que nos amem como somos.

Aí está. Sei que muita gente provavelmente gostará do poema, principalmente por aquilo que ele, filosoficamente, diz. Mas, mesmo com a densidade do tema e o trabalho com a redondilha maior (versos com sete sílabas métricas), falta a esse poema a "poesia do hoje", que "enxuga" essas construções mais narrativas, essa presença verbal tão forte, essas imagens tão óbvias.

Assim, fiz outro poema, que diz mais ou menos a mesma coisa, mas de forma mais próxima ao tempo em que vivemos. Vejam:

aos olhos do outro
sou pouco
nem trezentos e cinquenta
bastam
espelho em cacos
sargaços
na sede feroz
na inútil rede
me faço ausente
eu sem mim
Arlequim!

beijos sem língua
mãos sem dedos
versos sem linfa
o que dou morre
à míngua
no outro

contudo
não sou pouco
ânfora mítica
implícita
um oceano
enfim
habita dentro
de mim

resta abrir
o mar com as mãos
naufragar
a sede do outro
porque pouco
é o olho
que não me vê

depois
tudo refeito
boca e beijos
plenos
morangos
em tempo
de sins

O que eu fiz? Falei mais ou menos a mesma coisa, tirando a sintaxe ordenada do outro poema, trazendo mais imagens metafóricas, atualizando referentes de Mário de Andrade (trezentos e cinquenta, arlequinal), de Cecília Meireles (abrir o mar com as mãos), de "A hora da estrela", de Clarice Lispector (tempo de morangos, sim), e sendo menos verbal.

A diferença é que produzi um poema mais sintético, metafórico, com mais imagens, embora com menos palavras. Afeito, enfim, ao modo como a poesia acontece hoje.

Provavelmente eu trabalharia mais esse segundo poema, buscando enxugá-lo mais um pouco. Mas acho que, como exemplo didático, ficou suficiente. Espero ter ajudado...

Ah, sei que algumas pessoas poderão dizer que "gostaram" mais do primeiro poema. Tudo bem. Gostar é algo subjetivo e válido. O que falei se refere à preocupação dos/as que escrevem poesia e não entendem por que o que escrevem não é recebido com entusiasmo por quem trabalha diretamente com crítica literária e poesia contemporânea.

Convites

— Amor, vamos fazer nós mesmos o nosso convite? Tenho papel canson à beça aqui... Podemos pensar em algo que fique simples como somos...

— Bora!!! Vamos sim! O que precisamos fazer?

E fomos para o centro de Aju, procurar uma barrinha decorativa para montar o convite com alguma graça... Entramos e saímos de lojas, vimos uma porção de barrinhas, trocamos ideias, calculamos o preço e escolhemos a que mais se parecia com o que queríamos.

— Vamos comprar logo os envelopes?

— Bora! (Dessa vez o "Bora!" foi meu.)

— Da cor do papel que você tem ou esse aqui, amarelo?

Acabamos optando pelo da mesma cor. E voltamos para casa, pensando em um primeiro modo de fazer o convite. Decidimos o texto juntos e fizemos o primeiro esboço, que exigiria a impressão em papel mais fino a ser recortado e colado no outro. Até que Isa, Gabi e Vitor nos mostraram que provavelmente poderíamos imprimir os textos diretamente na folha canson. Era só testar na impressora deles, já que a nossa não aceitou a espessura mais grossa do papel. Duvidei (sou meio teimosinha...). Mas não custava tentar!! (Obrigada, Isinha, por ser minha mãe às vezes)

Ah, mude a fonte dos nomes de vocês, mãe! Essa parece com a das Chiquititas!!! Kkkkkkkkk Mudança igualmente acatada! (Obrigada, Gabi! Você é danada mesmo!)

Toca pra casa deles! Testa aqui, mexe ali e deu certo!!! Primeira impressão feita! Valeu, Vi! Valeu, Bi! Valeu, Zizu! Agora é cortar a barrinha, colar e subscrever os envelopes...

Uma narrativa corriqueira... Relato de algo simples, pensado somente com ternura e gosto por fazer as coisas não só a dois, mas em família... Não. É mais que uma narrativa corriqueira! É um convite dentro do convite nos chamando a sempre fazermos do cotidiano uma singela festa de gestos ternos e amorosos...

O convite será simbólico e a festa abstrata para a maioria de nossos/as queridos/as, pois as distâncias são grandes e variadas. Mas o que realmente nos move é dizer a todos/as o quanto cuidarmos desse nosso momento com companheirismo, simplicidade e doçura está nos fazendo bem!

Aliás, quanto a mim, não dá para traduzir com justiça o quanto é encantador ter um companheiro que vive cada detalhe com interesse sincero, que decide comigo cores, texturas, formatos e sons, que anda de mãos dadas comigo, sob um sol fortíssimo, em ruas e lojas cheias, sem um "quê" qualquer de cansaço, aborrecimento, tédio ou impaciência. Nada. Só tranquilidade, amor e a alegria que transborda dos olhos de menino que ele tem e que eu sei que assim serão para o resto de sua vida, porque ele tem a sabedoria junguiana de manter sua criança viva sem deixar de, por isso, ser um homem e tanto!

Olho para o nosso convite. Tão singelo... Tão a nossa cara. E amo ver nossos nomes ali. Nosso Ramalho esparramado. Nosso pacto de cuidarmos da vida assim: prezando os pequenos detalhes que moram nos igualmente pequenos instantes de que é feito o tempo.

Olho mais. Olhos nos olhos dele. E dos tracinhos de luz alegre e menina que vibram em suas retinas, extraio o maior dos convites: aprender sempre e mais que o amor é infinitamente melhor na delicadeza, na atenção sincera e na predisposição real para as mãos dadas.

(E quando nossos/as queridos/as receberem o convite certamente poderão ouvir, por trás do papel, coisas como: "Vixe, amor, tem cola demais! Deixa secar para não colar no envelope!", "Ih, acho que nesse a barrinha ficou meio torta...", "Caraca! Isso não acaba nunca!!", "Para, amor, fica quieto! Falta um montão para acabar!", "Para, sua peste! Eita, mulher da bexiga! Assim colo errado!)

Coração de goma de tapioca

Se há algo de que gosto é biscoitinho de goma de tapioca. Em especial dos que vêm da Bahia (né, Sara Mota?). É abrir o pacotinho e não parar mais! Haja resistência quando a dieta é um imperativo... Se houver uma xícara de café fresco ao lado... Vixe!

Mas, além do biscoito em si, outra coisa me arrebata: é quando surge do pacote um biscoito no formato de coração! Sempre adorei corações... Em almofadas, tecidos, brincos, cordões, enfeites... Nada mais banal... Mas essa sou eu! Fazer o quê? Aí, quando tiro o tal biscoitinho de goma de tapioca, sinto-me como quando leio o poema "Porquinho da Índia", de Manuel Bandeira (Conhecem? Aí vai...):

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas . . .

— O meu porquinho-da-índia foi minha primeira namorada.

O que tem a ver uma coisa com a outra, Chris? Vocês podem perguntar... Parece que nada, não? Mas não é que eu sinto a tal "ternurinha" de um modo tal que me custa comer o coraçãozinho?

É, eu sou mesmo meio maluca... Mas acho que o tal coraçãozinho acende a menina de 6 anos que ainda habita por aqui...

E nestes tempos de tanta bonança, um certo Catingueira anda fazendo a mesma coisa que o poema de Bandeira e o biscoitinho de goma de tapioca em forma de coração... Só que o poema, eu leio; o biscoitinho, eu como (com alguma pena); e ele... Ele eu peço a Deus que esteja eternamente na companhia dessa menininha feliz que existe aqui e também das outras faces femininas que só ele sabe acender com a ternura que me traz!

CRAMEK

No ano que vem completaremos 37 anos de amizade. Seis meninas que, na faixa de seus 15 anos, se encontraram no Curso Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e que até hoje são amigas e se amam profundamente. Isso não é qualquer coisa. É dádiva, é beleza, é sentido para a vida.

Coloquei as fotos na posição em que nos sentávamos sempre. Katia Medeiros e Regina Cavalcanti, Mônica e Andrea Assa Vernieri, Evelyn Reich Bejgel e eu. Sempre unidas, sorridentes, confidentes. Do cordãozinho de ouro balançando para lá e para cá para "saber" quantos filhos teríamos aos 12 frutos que trouxemos para o mundo (4 meninas e 8 meninos), todas mães, todas guerreiras (porque cada uma de nós teve "grandes" dramas a superar nesses 37 anos), todas mulheres trabalhadoras e trabalhadeiras, honestas, humanas, cheias de amigos! Katita, você é nosso maior exemplo de que o "final feliz" é possível. Que orgulho ver sua família hoje, seu amor lindo, sua fé! Como esquecer que você dava quatorze voltas na pista de atletismo como se fosse flutuasse, enquanto nós, esbaforidas, rezávamos para conseguir correr o mínimo? Katita, você foi a única que seguiu pelo magistério no Ensino Fundamental Menor. Você nos representa, sendo a professora maravilhosa que é! É nossa metonímia! Régis, nenhuma mulher neste mundo consegue ser mais engraçada e ter voz mais linda que você! Sua família espelha a pessoa humana que você é. E seu Fluminense acabou sendo um pouquinho nosso também, tão "pó de arroz" você é! Seu abraço é tão poderoso que qualquer tristeza vai embora correndo. Kika, vê-la, hoje, uma maratonista, ao lado de seu Joel, tão alegre e cheia de amigos nos enche o coração de felicidade! Seu jeito manso na hora do consolo e explosivo na hora das injustiças é lindo! Você é uma vitoriosa!

Deca, você sempre foi nosso porto seguro, a melhor anfitriã de Paquetá, e não é à toa que se transformou nessa advogada brilhante que é! Sua capacidade de superação é invejável! Temos orgulho de você! Evinha, sua luz envolve todo mundo. Advogada competente, mãe e esposa super amorosa, amiga de tanta gente, humana e generosa, você é demais! E como você consegue ser tão linda desse jeito? Tenho até hoje todas as cartinhas, bilhetinhos e desenhos que vocês me deram. Um tesouro. E haja lembranças para me fazerem rir quando vem a nostalgia de nossa adolescência. E nosso amigo oculto de roupas usadas? Guardei a saia que você me deu durante uns 25 anos, Katita! E o dia em que matamos aula para "discutir a relação", apontando, em forma de lista escrita, as qualidades e os defeitos de cada uma? E o dia em que nos sentamos na arquibancada da piscina para trocarmos altos segredos? Parecia que estávamos descobrindo o mundo! E a "sábia" decisão de fazermos a "brincadeira do copo" em Paquetá bem na sexta-feira santa em frente ao cemitério? Jesus, como morremos de medo depois!!! (risos) E nossas idas ao Bob's, sempre para devorarmos um Big Bob ou uma Salada de atum? E nossas cantorias nas festinhas que fazíamos e no trajeto de ônibus para o Andaraí e para o Méier? E os segredos que ficarão guardados entre nós para sempre? Como eu amo tê-las presentes até hoje em minha vida! Por favor, meninas, passem dos noventa anos!! Cuidem-se! Teremos nossa comemoração das Bodas de Ouro!! Que um encontro em 2016 esteja nos nossos planos para o ano novo! Amo vocês! (E, cá entre nós, que cinquentonas gatas nos tornamos! Lindas!!!!).

Crônica ao amigo inesquecível

Fábio de Souza Bessa. Vinte e oito de novembro de 2006. O nome do amigo mais fantástico que encontrei na vida e a data em que meu coração tentou escapulir de mim através de meus olhos, transformado nas lágrimas mais sentidas que chorei desde a morte de meu filho em 1990. Perdi você, Fábio querido. As palavras de sua doce Denise, ao telefone, ainda soam em meus ouvidos: "É, Chris, ele se foi..." Ela estava calma. Já vinha me preparando há anos. Os meninos, ainda tão pequenos, reagiram de modo diferente. O menor chorou, o mais velho se fechou. Ela, mãe amorosa que é, saberá ajudá-los, lidando com as diferentes reações dos meninos. Depois, veio a voz comovida e chorosa de sua mãe, a quem tentei consolar com o que a mim mesma restava de consolo: uma absoluta verdade — Você, Fabinho, foi uma das pessoas mais maravilhosas que pousou aqui na Terra. Já sei. Preciso mudar o tom do texto. Na sua alegria irresistível não caberiam palavras assim. E porque acho que aprendi alguma coisa com você, mudarei o tom e tentarei fazer uma homenagem afinada com seu espírito brincalhão e afetuoso. Recomeço...

Alguns encontros têm a medida justa do inexplicável, ao menos nos padrões da racionalidade ou da materialidade humana. Nossa amizade brotou nas salas de aula do curso de Arquitetura na UFRJ e se estendeu por vinte e quatro anos sem que quase nos víssemos e mesmo nos falássemos. Tranquei o curso, morei em cidades diferentes, mas a sua presença em minha vida jamais perdeu força e sentido. Depois do dia-a-dia na faculdade, apenas cartas, telefonemas raros, duas visitas suas a São Paulo, sua presença em meu casamento, uma visita sua, com Denise, Guilherme e Pedro, a Penedo, uns três almoços rápidos em ocasiões distintas. Só isso.

E, no entanto, entre nós, solidificou-se um amor mútuo absolutamente fraterno, uma confiança extrema um no outro e a sensação maravilhosa de "companhia" que somente dois verdadeiros amigos podem compartilhar ainda que a distância e as coisas corriqueiras da vida impeçam a convivência.

Crônica-relâmpago

Estou encolhida embaixo da cama, enquanto lá fora a tempestade despeja sua ira molhada sobre a face da terra que, sôfrega e revolvida, abre-se em veios e esparge as águas-lágrimas na superfície de seu corpo violado.

Acendo a lanterna e ilumino a promessa do texto. Ali, embaixo da cama, palavras far-se-ão tempestades, fundarão veios, violarão a plenitude imaculada do papel.

Súbito, um raio atravessa fogoso a costada negra da noite e divide o infinito em antes e depois da explosão.

Sincrônicas e ritmadas, curvas insinuantes de letras que se amarram atravessam fogosas a costada branca da folha. A crônica irrompe definitiva e coloca o medo embaixo da cama.

Comigo.

Desabafo à luz de Ben-Hur

A versão 2016 (de Timur Bekmambetov) do clássico Ben-Hur mexeu comigo. Não sou nem quero ser crítica de cinema e pouco me lixo para os comentários dos especialistas sobre o que o cineasta russo conseguiu realizar (na maioria das vezes, a crítica de cinema é puro exercício egocêntrico. Em lugar de estimular o povo às reflexões possíveis que determinada produção pode despertar, o crítico fica tecendo considerações sobre as diferenças entre os pentelhos do ator da primeira versão e os do ator da última, cansando a gente com excesso de detalhes que importam, na verdade, muito pouco. Coisa chata!). Fui ao cinema como pessoa do povo que sou e, independente desta ou daquela atuação, eu gostei do filme.

"Gostei do filme", no entanto, não quer dizer que, segundo a concepção de Roland Barthes, vivi o prazer descomprometido com a fruição. Ao contrário. Gostei mesmo foi do que o filme me fez recordar. E foi uma recordação dolorosa e viva, porque o circo romano, de repente, era o circo político brasileiro, e eu, como toda a gente esmagada pelos poderosos no filme, me vi nua e crua na pele de quem nada tem nesta vida a não ser o dever da sobrevivência, enquanto uma cambada de criminosos enche os bolsos de ouro demoníaco e passa gerações explorando os miseráveis e os indefesos.

De um lado, o poder romano com sua história de violência, presunção, corrupção, crueldade, competitividade e ambição. De outro, a clivagem, revelando, metonimicamente, através da família de judeus ricos de Ben-Hur, que quem está no alto da pirâmide, mesmo tendo a chama da humanidade no coração, é capaz de silenciar-se diante da injustiça, para não perder os privilégios que possui. De outro ainda, a figura de Jesus, pregando o amor ao próximo como única saída para a Humanidade.

Caldeirão de vaidades e de misérias entornado em minha cabeça, que anda à beira de um estrondoso grito de horror, tamanha é a canalhice que se passa nos três poderes que são o tripé da política brasileira. E as pessoas comuns correndo como baratas tontas pela vida, com medo da pisada que logo ali esmagará seus sonhos sem sonho de baratas desprezíveis. Porque desprezo é o que recebe a gente comum, que nasceu para remar nos porões de nossos transatlânticos arcaicos.

Como o circo romano pode ser tão atual, tão vivo em sua carcaça de morte e crueldade? Como podemos estar nesse teatro calados, ouvindo e testemunhando crimes de alta traição contra a democracia e os direitos do povo? Como podemos ainda encontrar quem defenda as decisões arbitrárias, desonestas e mafiosas que estão definindo o destino de nosso país?

Jesus falou em amor. De onde, Meu Deus, extrair amor de um peito cansado de tantos bombardeios midiáticos nada interessados na verdade, na justiça e na igualdade social? Como oferecer a outra face a essa corja de ladrões, vaidosos e vis, que derrubam com um só golpe a liberdadezinha ainda menina gestada por gente crítica e combativa, fundamentada pelo que do socialismo se pude colher de humano e justo?

Onde o Cristo? Onde a arma (ainda calada nos porões deprimidos da descrença)? Por que e por quem lutar? E que luta lutar, se tudo é névoa por aqui? Como deixar cair da mão o desejo da pedra? Como rejeitar o ódio que vai minando nossa consciência enquanto acompanhamos as perversas histórias de dilapidação de nossa pátria? Como amar o próximo, fazendo o bem sem ver a quem, se para nós o próximo é o afim e não o outro como ser humano, independente das afinidades ou incongruências?

O Africano, personagem de Morgan Freeman, diz a Ben-Hur algo mais ou menos assim: "Cinco anos de dor após vinte de privilégios e você acha que sabe o que é dor?". Caraca! Que verdade maravilhosa! Nós, os privilegiados da pirâmide, não sabemos porra nenhuma sobre a dor. As nossas mazelas perto das de quem vive a miséria desde a vida intrauterina são poeira. Mas nós nos achamos dignos de mérito pelo "sofrimento" enfrentado! Que mérito? O que é mérito neste maldito mundo de injustiça?

O circo romano está armado no Brasil. No mundo. Que continua o mesmo. Apesar das palavras sábias e amorosas de Jesus e de todas as pessoas santas que vieram para este mundo.

Quero o final feliz de Ben-Hur e seu irmão adotivo Messala. Mas não o final feliz arranjado do cinema. Quero a felicidade nos olhos da vida. Vida que habita o outro quando nós próprios abrimos os olhos para ver e o coração para amar.

Detalhes tão pequenos e tão grandes

Cada vez mais acredito que Amor se escreve com letras pequeninas que cabem nas igualmente pequenas parcelas do cotidiano. Delicadezas sutis que deixam o ar do dia impregnado de um tipo de beleza que poderíamos chamar de caseira, mas cujo poder de infiltração na vida quase não se pode medir, tão cheia de verdade ela é.

Roupas sujas meticulosamente dobradas e deixadas com cuidado em um cantinho do banheiro. Mal havíamos começado nossa vida a dois, quando eu vi aquele detalhe no chão do banheiro. E sorri. Por dentro e por fora. Explico.

Não gosto de ter cesto de roupas sujas no banheiro. Prefiro acomodar pouquinhas peças num cantinho e no fim do dia descê-las para o cesto que fica ao lado da máquina de lavar no térreo da casa. Assim, quando vou colocar roupas para lavar, está tudo ali.

Quando Moreno veio morar comigo, em outubro, logo incorporou meus hábitos, sem necessidade de nenhuma explicação. Sensível e sabido como é, ele percebeu todas as minhas formas de organizar o cotidiano e passou a ser meu parceiro em tudo. Daí ter logo percebido a questão da roupa suja. Sem falar nada, passou a deixar sua roupa para lavar dobradinha ao lado de um cestinho que temos no banheiro.

Quando eu vi aquelas poucas roupas meticulosamente dobradas, sorri. Pensei: "Esse homem não existe mesmo! Como ele pode ser tão cuidadoso assim?". Fiquei até com vergonha das minhas, que eu deixava no mesmo lugar, displicentemente colocadas. Aí perguntei: "Amor, por que você dobra suas roupas sujas todas juntinhas, e as deixa assim tão arrumadinhas?". "Ah, não fica mais organizadinho assim? É mais fácil para pegar e levar lá para baixo!". "É mais fácil sim, amor. Difícil é alguém ser como você!".

Hoje, quando eu vejo a roupinha dele ali dobradinha, renovo a certeza de ter encontrado um homem que sabe fazer uma mulher feliz, porque sabe imprimir ao cotidiano uma parceria viva, feita de pequenos grandíssimos detalhes. Aliás, agora eu mesma "ajeito" melhor minhas roupas sujas. Quanto a levar os "pacotes" para baixo, a "missão" também é dividida. Volta e meia, me vem a voz dele: "Galega, estou levando a roupa para colocar no cesto!".

Que todos os homens um dia possam perceber que, para nós, mulheres, vítimas que somos desta história machista do mundo, não há nada mais revigorante para o Amor que perceber que o companheiro que escolhemos vive a casa como parte dele também (porque, de fato, é!) e assume, sem alarde, sem parecer estar "nos fazendo um favor", as pequenas responsabilidades domésticas de cada dia.

Obrigada, meu amor, pelo delicado "pacote" de roupa suja dobradinha de cada dia. Nele, a metonímia e a metáfora da grande pessoa que você é!

Discurso de agradecimento ou
Canção da casa própria

Boa tarde a todos e a todas. Antes dos cumprimentos, uma metáfora e algumas perguntas. A metáfora: nosso ser é uma casa. Já pararam para pensar que cada um/a de nós é uma casa personalíssima e de beleza única? O corpo da casa é feito de paredes, portas, janelas, telhado, cômodos. Cabeça, tronco e membros. A alma da casa é feita da energia e da água que tornam possível habitar essa casa e do espírito que a torna viva. Sendo assim, outras perguntas: como é a casa de que cada um ou cada uma de vocês é feito/a? Que argamassa une os tijolos da casa de vocês? A do amor? Há flores nas janelas? Está singelamente caiada, branquinha, delicada? Ou anda acumulando acessórios decorativos? Vocês frequentam seus próprios cômodos? Cuidam dessa casa? Já precisaram derrubá-la para erguer outra? Além disso, uma casa tem endereço. Em que lugar está a casa de vocês? Na cidade, no campo, na fronteira entre ambos? Aqui, ali, acolá? Ou a casa de vocês nunca está no endereço que gostariam? Ou a casa de vocês tem rodas e circula pelo mundo? Ou a casa de vocês anda precisando de uma boa reforma para ser uma casa de verdade? A vida, vivida em plenitude, requer isso: muitas perguntas e muita busca por respostas, mesmo quando sabemos que podemos não chegar a encontrar todas.

Obviamente, a casa abstrata que nos representa é apenas uma palavra inventada. Mas que poder de provocar reflexões a palavra inventada tem! Continuarei, por isso, a brincar com a palavra inventada... Além de metáfora do ser humano como indivíduo, a casa também pode ser metáfora de uma coletividade. Exemplo disso é esta casa onde estamos. E, agora sim, entrando nos cumprimentos, sem perder a metáfora da casa, agradeço a presença de quem aqui está, predisposto ou predisposta a compartilhar comigo a alegria da casa própria.

Obrigada, vereadora Lucimara Passos, casa feita tanto da argamassa da luta política como da argamassa das mulheres guerreiras, por ser a portadora das chaves que vim buscar. Obrigada a todas as autoridades presentes. A meus pais, Amauri e Bernardete, a minhas filhas, Gabriela e Isadora, e a meu genro, Vitor, por estarem comigo hoje e sempre, e serem também hoje casas aracajuanas. A meu irmão de coração, Carlos Alexandre, referência maior de Sergipe em mim. Vocês são meu chão. Obrigada a todos os meus amigos e a todas as minhas amigas que tiveram a generosidade de me dedicar seu tempo, sua casa, para estarem aqui. Vocês são meu telhado. Obrigada a quem, em seu trabalho cotidiano, possibilita que vida aconteça nesta Câmara, como você, José Lupércio Santos, casa cuja luz individual tem o poder de iluminar a cidade e além. Obrigada também a quem não veio, mas que me manda luz amorosa, que é outro tipo de energia fundamental para a casa de nosso ser. Obrigada, Ítalo, amor meu, por ter acompanhado a gestação deste discurso, sempre esperando beleza de mim e me fazendo, por isso, buscá-la.

Hoje, dia 4 de agosto de 2016, aqui na Câmara Municipal de Aracaju, que tem como presidente o vereador Vinicius Porto Menezes, eu tenho a oportunidade rara de celebrar a conquista oficial da casa própria. Não a casa individual, que se compõe, como eu disse antes, de fundações, paredes, telhado, portas, janelas, cômodos, energia, água e espírito próprio, mas uma casa feita de rios e mar, de mangue e sol, de praças e parques, de caranguejos e tartarugas, de cajueiros reais e simbólicos, de uma orla onde o sol vai se esconder ao som da sanfona, de mercados, feiras, teatros, cordel, forró, bicicletas. Uma casa feita, acima de tudo, de uma gente amável, tímida, delicada e arretada quando precisa ser. Não uma casa com prestações e desejo de escritura definitiva, mas uma casa que é propriedade de quem sabe o sentido de "pertencer".

Minha casa própria se chama Aracaju. Esta cidade, que em 2012 se tornou parte de mim, é a casa que escolhi para morar. Casa coletiva que passei a misturar com minha casa individual, casa que me fez esquecer das rodas e estacionar meu afeto. Casa que me tornou uma carioca-aracajuana, uma sergipana, por um tipo de amor que faz com que nos reinventemos, ampliando nossa identidade.

A "casa própria" é, para a grande maioria dos brasileiros e das brasileiras, um sonho, uma meta na vida. Não tenho essa meta no plano denotativo. Mas essa é uma questão pessoal que importa pouco. A única casa própria individual que busco ter é a que me permite ser, de fato, uma casa viva, cada vez mais simplesmente ornada, com flores na janela, sim, porque minha casa quer ser alegre e acolhedora, e com a dignidade da energia, da água e do espírito circulando por ela harmonicamente. Conotativamente falando, portanto, busco conquistar dia a dia o direito não de ter, mas de ser uma casa própria. E hoje recebo um presente. Minha casa própria é aracajuana. E receber as "chaves" da mulher guerreira que é a vereadora Lucimara Passos faz o ritual simbólico ser completo. Porque nós duas, Lucimara, somos vermelhas como o sangue do povo. Somos gente que abraça gente e não o dinheiro, o status, o poder. Somos mulheres com histórias duras, com enfrentamentos sérios e disposição para sermos casas do bem.

No dia primeiro de janeiro de 2012, Lucimara iniciou suas atividades como vereadora na Câmara Municipal de Aracaju. E, certamente, para ela, esta casa passou a ser parte de seu ser. Essa casa-mulher, formada em Ciência Contábeis, e que reúne experiências como ter sido Chefe de Gabinete do vice-prefeito Edvaldo Nogueira (2001-2006), Secretária de Articulação Política e Assuntos Institucionais, Presidente da Fundação Municipal de Cultura e Turismo, a FUNCAJU (de 2006 a 2008), Secretária de Governo da Prefeitura Municipal de Aracaju em 2008 e presidente da Empresa Municipal de Serviços Urbanos, EMSURB, de 2009 a 2012, escolheu,

em 1995, o PC do B como chão para sua atuação político-social. E, desde então, vem abraçando, com firmeza e coragem, causas que demonstram a matéria de qualidade de que é feita como pessoa. Sua casa-mulher e a minha, Lucimara, têm histórias que se assemelham em muitas coisas. E se você me dá as chaves, eu lhe dou minha casa e minha amizade. Obrigada por ter sido você a responsável por essa escritura metafórica que assenta minha casa individual nesta cidade feita de rio e mar.

Casa própria aracajuana. Meu ser nordestino, sergipano e aracajuano simbolicamente materializado no papel. No coração, é claro, esse ser já estava inscrito e escrito. Mas olhar para esse papel tem, sim, um sabor de festa. Eu, que caminho pelas areias da Atalaia e da Aruana, sempre conversando com Apolo, que brilha constantemente no céu azul desta cidade, incorporei sem pestanejar, araras e cajus à minha casa-Christina. Minha casa-Christina é também um cajueiro dos papagaios. Esta cidade, que começou como um distrito batizado pela lei provincial nº 473, de 28 de março de 1837, e que passou à categoria de município e capital do estado de Sergipe, a partir da lei provincial nº 473, de 17 de março de 1855, é uma casa-xadrez, planejada para ser casa-capital muito tempo antes de se pensar em uma casa-capital como Brasília. Abençoada por Nossa senhora da Conceição, esta casa-Aju me ofereceu, desde a vinda para o concurso para professor de Literatura da Universidade Federal de Sergipe, as bênçãos de Nossa Senhora, tão lindamente representada pelo Aeroporto Santa Maria.

Muitos e muitas aqui presentes já sabem que, dentro do avião, vindo para cá, eu pedi a Nossa Senhora das Graças que me desse um sinal sobre a sorte que eu teria no concurso que poderia me trazer de volta à vida acadêmica e, por que não dizer, à vida em si. A resposta veio quase que imediatamente. Ao ouvir do piloto: "Em quinze minutos estaremos pousando no Aeroporto Santa Maria", eu soube que minha casa, cercada ainda de muitos escombros pelas demolições sofridas, se reergueria no chão nordestino deste nosso Brasil.

Um chão que eu havia conhecido em 2007, a partir de meu grande amigo Carlos Magno Santos Gomes, um piauiense-brasiliense, também professor da UFS, a quem devo o amor à primeira vista por Aracaju.

Depois de dois anos, de 2006 a 2008, vivendo em Natal, como professora da UFRN, uma certeza já havia se instalado na casa do meu ser: meu lugar, no Brasil, é o nordeste. Pensei que Natal seria o lugar onde eu aposentaria as rodas de minha casa-mutante. Mas outros chamados vieram, e Natal ficou como uma joia incrustada na sala do meu ser, referência viva e permanente. Os desígnios de Deus eram, contudo, outros. Na verdade, outra. Outra cidade, outra universidade, outra capital nordestina. Esta Aju. Aqui definitivamente aprendi que a melhor casa é a que se reinventa constantemente para acolher o próximo. É a casa que não tem trancas, muros, cercas, porque tem amor pelo ser humano. Em Aracaju, busco dia a dia o melhor de mim, porque aqui eu recebo o alimento do sol, do mar, dos rios Sergipe e Vaza-Barris, do Parque dos Cajueiros, do Parque da Sementeira, do Parque da Cidade, do Museu da Gente Sergipana, da orla encantadora, caminho iluminado de meu cotidiano, da Orla do Pôr-do-Sol, com suas croas, do Oceanário, dos mercados, e, principalmente, o alimento dos e das já incontáveis amigos e amigas que aqui fiz e que aqui homenageio, metonimicamente já que não poderia citar todas as pessoas que conquistaram meu afeto e minha admiração, na figura do cearense-sergipano Domingos Pascoal, casa que deve servir de parâmetro para qualquer pessoa que deseje aprender o sentido de ser para o outro. O abraço que minha casa-Christina lhe dá, Pascoal, se estende a todas as pessoas que Sergipe me trouxe: alunos e alunas (na verdade, meus amigos e minhas amigas) dos campi de Itabaiana e de São Cristóvão, companheiros e companheiras da UFS, meus amados e minhas amadas do sertão sergipano, onde também tenho uma casa simbólica, escritores e escritoras, frentistas, atendentes, comerciantes e comerciários, balconistas, vendedores e vendedoras, porteiros e

porteiras, faxineiros e faxineiras, pedintes. Minha casa-Christina nunca será um castelo empoleirado e ensimesmado no alto de uma montanha. Eu preciso ser casa-de-vila, porque a companhia das casas alheias faz parte do próprio espírito da minha casa.

Aracaju me fez, ainda, aposentar a camisa rubro-negra e abraçar a energia gigante, proletária e azul do Dragão. E a Associação Desportiva Confiança, fundada, como não poderia deixar de ser, num primeiro de maio, especificamente em 1936, fez o futebol voltar à minha casa-Christina, na forma de uma "Confiança" que prescinde do futebol midiático para viver o futebol da paixão terna dos pequenos. Pequena é a casa onde mora a beleza autêntica. E essa é outra lição que Aracaju, sendo Sergipe, o menor estado desta terra gigante, me ensina: do pequeno gesto de amor que abre a porta da casa de nosso ser para o ser do outro nasce a grandeza da divindade em nós.

Mereço essa escritura metafórica? Não sei. Nem tentarei responder a essa pergunta, enumerando ações que, na prática, possam ter legitimado a existência desse papel, já que, afinal, estamos numa casa legislativa. "Fazer o bem sem olhar a quem" é uma máxima popular muito bonita. E eu gosto de seguir máximas populares cujo sentido eu respeito. E como aquariana legítima, olho muito pouco para trás, porque o que foi importante está sempre diante de mim. O que eu quero é que essa casa própria aracajuana me inspire a ser uma casa-Christina melhor.

Quero ser, enfim, uma casa-aracajuana navegante. Espelhar-me em Zé Peixe, o José Martins Ribeiro Nunes, grande figura mítica desta cidade, e ser a nadadora que ladeia e orienta quem precisa. E desses nados, que reciprocamente também me orientam, extrair mais e mais lições para que minha casa seja digna não apenas do papel-escritura dessa casa própria que recebi, mas da qualidade de ser uma casa-humana, simples, singela, caiada de branco, com flores na janela e amor pela humanidade no seu interior.

Obrigada pela paciência de ouvirem minha casa-Christina falar. Obrigada, à Câmara Municipal de Aracaju pela minha casa própria simbólica. E obrigada a todos os vereadores e a todas as vereadoras que, lutando contra as agressões à democracia e a sordidez de quem nunca deveria estar na política, e investindo na busca pela igualdade social e de direitos, trabalham pelo título de casa do povo que esta casa deve ter. Que esta casa deve ser, porque são os "pequenos" de Aracaju os maiores merecedores da dignidade de serem uma casa, em que fundações, paredes, telhado, portas, janelas, cômodos, energia, água e espírito próprio existam, sejam reais, não metafóricos. É por essa gente, pequena e enorme, que minha casa-Christina-aracajuana-nordestina-brasileira vive.

Aracaju, 4 de agosto de 2016.

(Por ocasião do recebimento do título de cidadã aracajuana, conferido pela Câmara Municipal de Aracaju, em projeto da vereadora Lucimara Passos, do PCdoB)

Dois fios de prosa

— Ei, num vai arrancar os bichinhos não, visse?

— Oxe, tá louco, homi? E eu lá vou arrancar fios de sua sobrancelha? Só estou mexendo. São tão bonitinhos esses dois fiozinhos brancos...

Olhou para mim ainda desconfiado... Parecia que eu estava bulindo com um tesouro... Falei:

— Amor, quando a gente se encontrou pela primeira vez, eles não estavam aí não...

O danado me lançou aquele olhar irônico que faz o canto do olho sorrir debochado. Dei um beliscão na barriga dele:

— Pára, seu chato!! (Comecei a rir). Está querendo dizer que eu sou a culpada, né? Paiacinho!!!! (Fiz cosquinhas simulando raiva)

— Oxe, muié! Pare com isso! (Segurou minhas mãos implicantes) Eu num disse nada não... Você foi quem falou. (Desandou a rir). Deixe meus fiozinhos quietos! Adoooooro os dois!

— Puxa, amor, são bonitinhos mesmo! E eu mexo sim! É tudo meu mesmo!

— Verdade. Mas cuidado aí.

Continuei mexendo nos "meus fios". Provoquei mais:

— Seu cabelo também ficou mais grisalho desde então... E você tem só 42 anos...

— É mesmo, é?

— É!!! E a barba? Logo estará branquinha!

— Pois é! Vai ficar bonita!

— Jura? Jura que gosta?

— Oxe, homi! Claro!

— Hummmm... Você vai ficar ainda mais lindo.

— Lá vem você com suas presepadas... (Ele pedia mais dengo...)

— Nada disso. Oia só que coisinhas mais lindas! (E fiquei relando com os fiozinhos...) Num vão cair não... São fortes que só! Iguais a você!

Ganhei o abraço moreno de sempre e ficamos ali engalfinhados ainda ao som da conversa caseira sobre o ineditismo daqueles fiozinhos coincidentes com minha presença na vida dele. Aí o danado falou:

— São as preocupações que você me trouxe, sua Galeza azul! Como um homi vai ter sossego com uma flor de milho peste que nem você? (E o canto dos olhos sorriram de novo no rosto moleque e agora grisalho daquele pedaço de homem cujos detalhes eu vigio todos os dias como se cuidasse de um jardim).

Comecei a rir... E fiz mais uma vez aquilo que ele adora que eu faça: usei as palavras para dar uma cambalhota no sentido das coisas e na situação:

— É nada, amor! Esses dois fiozinhos brancos são um sinal!

— De quê, sua peste?

— De que vamos ficar beeeeeem velhinhos juntinhos... Um agarradinho no outro.

— Vem cá, sua danada.

Fechemos as cortinas, que os fiozinhos precisam conversar sobre outras coisas.

(Mas, ainda preciso dizer: cotidianamente eu espio os dois fiozinhos. Já há um projetinho de terceiro apontando. E me vem uma ternura grande. Todos nós envelhecemos todos os dias. Mas a chegada dos fios brancos (não os precoces, mas os que vêm pela idade mesmo) parece traçar um equador firme e definitivo. Provoca reflexão. Às vezes medo. N'outras, desconforto. Os dois fiozinhos dele (meus!) ali juntinhos, como se solidários aos meus tantos, só me dizem uma coisa: "amor". Que sensação divina a de estar certa de que envelhecer será - está sendo - maravilhoso. Porque "ele", meu honorável Moreno de sobrancelha direita pseudo-grisalha, existe.

E a Lamborghini acendeu meu sertão

Ah, esse sertão das horas, demorando no meu peito sua paisagem pedregosa... Nele existo renovada, blindada aos estilhaços do materialismo. Sua ausência de águas fez e faz brotar fontes em meu próprio ser agora tão e mais ciente da lição do humano.

Sertão sem Lamborghinis, que, invertendo a lógica cancerosa do ter, é todo ausente de posses e, no entanto, possui o mais valioso dos bens: ser a grande metáfora da resistência da terra e do ser humano ao determinismo do espaço, do tempo e do meio.

Secura que me é espelho, porque me faz constantemente saber que nada é mais pleno que ser para os outros a fortaleza do mandacaru, que, mesmo se alimentando do nada, ainda assim, floresce.

Meu nada, entretanto, é tudo. É privilégio trazido pelo estudo, pela família também parente da metáfora mandacaru, pela saúde, pela sorte. E eu contemplo a Lamborghini londrina, estacionada no coração do poder, e sinto meu coração sertanejo inundar-se de saudade do que o sertão me fez desejar ter: nada.

A única matéria que me comove é a arte. Tanto a arte que o ser humano faz quanto a que é feita pela natureza em sua estética divina tão incompreensível à maioria dos humanos. O sertão, o deserto e as paisagens vulcânicas são obras-primas da natureza. Delas recolhemos as mais importantes lições de solidariedade, porque só da solidariedade a vida nesses recantos extremos se faz possível em dignidade.

Viver o contraste dói. É faca enfiada na carne da consciência. Mas antes o privilégio desta dor, que me recarrega as baterias da solidariedade e que me faz amar cada vez mais meu lugar no mundo, que a cegueira estúpida de quem sonha com Lamborghinis e assemelhados esquecendo-se de que, como o sertão, somos feitos de pó.

Triste mundo em que um automóvel alimentaria uma cidade.

Espanha

Em março estarei mais uma vez nessa terra linda, cheia de personalidade, múltipla, intensa, colorida, ensolarada. Um único nome já bastaria para torná-la eterna: Quixote. Nenhum país poderia ser a casa de Quixote...

Nem tudo o que vivi por lá, durante dois anos, foi realmente bom, mas é inegável que é uma terra incrível! O mais incrível para mim é que é a terra de uma amiga, que conheci em Cuba em 1997 e por quem senti uma admiração enorme quando testemunhei o brilhantismo de sua fala no congresso do qual ambas participávamos.

Uma jovem muito jovem, bela e segura de si, que encantou o público com sua fala madura. Fui atrás dela. María Del Mar López-Cabrales. Espanhola. Professora de uma universidade americana. Nunca mais deixamos de nos falar!

Testemunhei à distância o nascimento de seus dois filhos, acompanhei o sucesso de sua carreira e sua chegada a professora titular. Ela também acompanhou minhas aventuras, e os e-mails estão aí para contar essa história...

Só nos reencontramos duas vezes: uma super rápida, em 2000, em Salamanca, no meio da rua, no último dia de um outro congresso. Outra em Madri, em 2009, antes de eu voltar para o Brasil, aproveitando que ela estava de férias por lá.

Mas nossa amizade é real, e o carinho atravessa a grande distância que separa o Colorado e Sergipe e nos mantém firmes no desejo de um dia nos vermos novamente.

María Del Mar, aunque esté todo en português, yo sé que tú vas a comprender lo que yo he dicho, porque tú y yo hablamos el lenguaje del corazón. O te vienes a Aracaju o me voy a Colorado. Pero que pronto llegue el día de darte un abrazo fuerte y cariñoso. Que sepas que intentaré ir a Cádiz! Tu España es muy preciosa! Te llevaré conmigo! Gracias por tu amistad! Beso.

Esses olhos morenos

O culto aos olhos claros me irrita. Não porque eu rejeite o que há de mar (ou de mares) neles, nem porque ache pobres as metáforas que os cerquem (embora sejam). O problema é, paradoxalmente, a cegueira que causa fazer dos olhos claros um paradigma de beleza a ponto de famílias em alguns lugares do planeta comemorarem (ainda que discretamente) a chegada de um bebê com olhos claros... Coisa mais insensível... E as postagens de "belezas negras de olhos azuis"? Ainda que haja um contraste visualmente interessante e bonito, a verdade é que as "belezas negras de olhos morenos" não são postadas... E fica, no não dito, certa ideia de que um negro ter olhos claros é um "diferencial positivo". Não importando, por exemplo, se houver um grau alto de miopia ou de hipersensibilidade à luz...

Eu acho lindos os olhos morenos! E não lhes nego a metáfora do mar (por mais batida que seja). Há neles o mar profundo, que esconde cores diversas. Mergulhar neles é viver a experiência do escafandrista que, em águas profundas, encontra cores que a superfície jamais poderá mostrar... Basta olhar com a atenção de quem não é marionete do imperialismo estético branco, loiro e azulado!

Meu Moreno sabe disso, porque vivo elogiando os faróis que partem dele para iluminar minha vida. Coisa boa ser escafandrista nas suas águas profundas... Mas talvez algumas pessoas queridas nem saibam da beleza que eu vejo em seus olhos castanhos e negros (que são belíssimos independentemente de minha opinião). Eu vejo suas fotos e sempre fico deslumbrada com a força misteriosa que vem de seus castanhos claros, castanhos escuros e negros. Falar da beleza dos olhos dele me deu vontade de ir além e falar o mesmo também a essas pessoas queridas cujo olhar eu admiro demais...

Difícil entender essa coisa chamada "estética do belo". E quem estuda literatura sabe que é refém desse conceito. Tenho que pensar sobre isso... E tentar redimensionar minha percepção estética, ampliando, cada vez mais, minha capacidade de encontrar beleza no mundo, ainda que os próprios estudos literários me levem ao movimento contrário, tornando-me (se eu deixar) uma pretensiosa "jurada" da estética do mundo.

Cabe dizer que, nesta postagem, não quero ser jurada de nada! Mas apenas homenagear algumas pessoas cujo olhar me comove. Com a licença poética que o amor me concede de achar os olhos do meu amor os mais lindos do mundo!

Na verdade, o que eu gostaria mesmo era de viver em um mundo em que só o milagre da visão bastasse para vivermos a experiência estética do belo... Mas, já que não "estamos prontos" para o mundo maravilhoso que Deus nos ofereceu, que, ao menos, pouco a pouco, passo a passo, aprendamos a abrir mais os olhos para as reais e infinitas possibilidades de nos extasiarmos com as belezas deste mundo, que vão muito, muito além de meia dúzia de paradigmas redutores e tristes.

Explicitamente

Acho que mais explícito que meu face impossível. Não há como ter dúvidas sobre o que eu penso e sinto. Aliás, continuo transparente como sempre. Não marco ninguém nos meus posts, não faço comentários nas páginas de quem pensa diferente. Acontece que esse golpe foi um marco para mim. E tenho tanta convicção da aberração que aconteceu ontem que nem entro em discussão.

Não foram necessárias nem 24 horas para a escória começar a feder. Vide a aplaudida deputada cujo marido foi preso hoje. Vide as notícias sobre uma possível "anistia" para o Cunha. Vide a chacota internacional que viramos. É só o início. Mas que as pessoas que aplaudiram o impeachment, que bateram panelas nas ruas e vestiram verde e amarelo com tanta raiva do PT e da Dilma, agora assumam o que ajudaram a fazer: colocar Temer e Cunha no poder.

Assumam. E não me venham pedir para assinar listas e abaixo-assinados. Colocaram? Que tirem. Só não sei se panelas e camisetas verde e amarelas vão funcionar... Ah, talvez a Globo não apareça...

Eu não tenho presidente nem vice. Por enquanto. Quem sabe o Senado não acorda? Ah! Deixo bem claro também que a cusparada do Wyllys foi MARAVILHOSA! Eu teria vomitado nesse monstro chamado Bolsonaro! Gosta dele? Por favor, me delete do seu face, porque assim me poupa do sofrimento de ver uma pessoa amiga perdida e seduzida pelo mal. Pior que a cusparada foi a "m" declarada em alto e bom som pelos deputados pro-impeachment. Mas isso também não é problema meu, porque minha consciência está limpa. Eu não aplaudi essa gente.

De resto, continuo a mesma. Carinhosa, amiga, trabalhadora e hiperprodutiva. Mas esse golpe eu não aceito. Assunto encerrado. Quem me ama levará isso numa boa! Quem só gosta de mim quando eu fico caladinha em nome da paz não me conhece de verdade e tampouco gosta de mim de verdade.

Eu não me calo quando há injustiça. E eu sempre sempre sempre sempre estarei ao lado daqueles que o sistema, o preconceito hipócrita e a desigualdade social marginalizam.

(17/04/2016)

Farol baixo

Fico me perguntando até quando nós cidadãos iremos ser tratados com tamanho descaso, isso mesmo, somos enganados a todo minuto por esses governantes que infelizmente são eleitos por nós mesmos.

Fico me perguntando se a nova lei do farol baixo nas estradas foi realmente criada para diminuir os acidentes e assim preservar nossas vidas ou se foi criada como uma nova forma de se arrecadar mais e mais multas!!!

Tenho essa dúvida pelo simples fato de ver altos investimentos em aparelhagens, radares, mobilização extra da polícia rodoviária, ou seja, milhões e milhões de gastos do nosso dinheiro para que consigam multar mais e mais motoristas com o farol apagado!!!

Por outro lado, não vemos uma placa sequer ao longo das estradas para lembrar os motoristas que é obrigatório acender o farol a partir daquele local.

Ninguém anda de farol apagado porque quer economizar lâmpada do carro. As pessoas andam assim porque sempre andaram assim e o que precisamos neste momento são campanhas educativas, placas que nos lembrem essa nova forma de dirigir nas estradas. Mas esse bando de dirigentes e governantes vagabundos das nossas instituições jamais pensariam no nosso bem estar, muito pelo contrário, eles querem que o povo seja multado, se ferre mais e mais sempre!!! A vida já está tão difícil para todos nós, simples mortais, que se essa corja puder piorar assim o farão!!!

Escutei que somente hoje mais de 6 mil multas foram aplicadas devido o farol apagado, um absurdo, isso é assalto a mão armada que estão fazendo conosco.

Sendo assim faço um apelo para quem tem o poder de mudar essa situação, por favor repensem e mudem a forma de fazer os motoristas aderirem a nova lei, comuniquem com placas, façam campanhas ao longo das estradas mostrando que a lei é para o nosso bem e sobrevivência ao invés de fazerem isso custando ao nosso bolso um valor desnecessário!!!

Faxina

Faxina. Hoje acordei, como sempre, às 5h30, e, ao ver o sol já brilhando forte e ao ouvir os fogos anunciando o feriado da padroeira da cidade, senti um ânimo bom (bem, na verdade, sempre desperto contente). Fiz meu café, minhas torradas, e parti para as "faxinas".

Primeiro, minhas plantas e a varanda; depois meus "três meninos" (Pudim, Petit e Bombom), e, em seguida, a sala. Não sei bem o porquê, mas "faxinar" a própria casa (e cuidar com as próprias mãos dos animaizinhos e das plantas) me parece conferir certa "dignidade" ao ser.

Claro que, nos dias de hoje, em que trabalhamos mais do que deveríamos, ter tempo para faxinas é difícil. Quando possível, contratamos o serviço de alguém, e seguimos o cotidiano, sem nos preocuparmos tanto com isso. Quando não, fazemos tudo meio atabalhoadamente e de mau humor.

Eu, contudo, mesmo tendo a ajuda de Dona Zezé a cada 15 dias, confesso que amo arrumar minha casa. Quando fazemos uma faxina temos a exata medida do mundo interior que criamos.

Cuidar das paredes, do chão, dos móveis, dos vidros e dos acessórios que inventamos para "decorar" nossa paisagem particular nos faz perceber em que medida temos "passado das medidas", por havermos criado, muitas vezes, um mundo muito maior do que o necessário, do qual não usufruímos sequer a terça parte.

Não estou criticando ninguém. Quem sou eu para isso? É só uma reflexão... Mas para que criamos tantas coisas desnecessárias? Por que há quem tenha casas e apartamentos enormes, cujos cômodos sempre repousam silentes e vazios, porque não há gente para habitá-los? Por que temos tantos copos, pratos e talheres mudos e inúteis,

repousados em gavetas nunca abertas? Por que pensamos precisar de tudo isso?

Faxinar é dar à vida cotidiana uma atenção amorosa e pessoal. Aliás, também o amor exige isso. Se temos um lindo amor na teoria, mas, na prática, não cuidamos de seus detalhes, não limpamos o que lhe está maculando, não zelamos para que brilhe e se ilumine, preocupando-nos com o ser amado em seus detalhes e vibrações, o amor se vai, fica impessoal, perde a magia da intimidade.

Se não cuidamos jamais de nossa casa, ou seja, se sempre é uma terceira pessoa que tem que limpá-la, verificar os detalhes, regar as plantas e tudo mais, quanto há realmente de nós nessa casa? Por mais que nós, homens e mulheres, sejamos ocupados, será que não há um dia em que possamos nos despir de nossa pretensa "superioridade profissional" e sermos nós, simplesmente, na casa que criamos, capazes de, com uma vassoura, um balde, trapos e produtos de limpeza, cuidarmos do que chamamos de "lar"? Por que não? É tão boa a sensação que vem disso.

É uma sensação de "ser" gente de verdade, gente simples, acolhida pelo próprio ambiente que se criou, despida dos "títulos", "contra-cheques", "posições", etc. Sei que há quinhentos e setenta mil "petshops" nas nossas cidades, mas por que não darmos um banho em nossos animaizinhos pelo menos de vez em quando? Como eles amam ser tocados por nós! Saímos da "faxina" ensopados e suados, mas ao vê-los saltitantes (porque os animais amam estarem limpos), sentindo-se amados, nós nos sentimos igualmente limpos "por dentro".

Acordei cedíssimo, fiz as "faxinas" e ainda são 9h33 em Aracaju. Agora vou caminhar na praia (como também faço quase todos os dias) e cuidar de outra "faxina": a dos pensamentos. Caminhar e deixar que Apolo (e hoje também Nossa Senhora da Conceição e Oxum) transformem qualquer pensamentozinho mesquinho ou inútil que eu tenha em nada. E, ao voltar, sei que

sentirei minha casa de forma diferente, porque nela estará ainda vívida a energia amorosa que gastei hoje para cuidar dela, dos "meninos" e das plantas. Depois, o trabalho e a vida seguindo sua retidão.

Fedor

Eis uma palavra que contém, sonoramente falando, o que nomeia: fedor. Palavrinha feia essa. Feia e bonita, porque é muito bonito ser por fora exatamente como se é por dentro. Fedor nomeia o mau cheiro e, pronunciada, parecer feder.

Eu, que tenho no olfato um de meus sentidos mais fortes, resolvi escrever justamente sobre o que, no olfato, pode ser sinônimo de "desprazer": o fedor. E por que não falar em "odor desagradável" ou "mau cheiro"? Porque, como já enfatizei, a palavra "fedor" é lindamente feia. Não farei uma crônica com pretensões osmológicas. Nem me aventurarei no exercício detalhista de catalogar os "fedores" que a vida vivida nos traz todos os dias. Quero falar de um fedor muito específico. Mas, antes dele, uma breve incursão pela dinâmica do olfato...

O site http://saude.hsw.uol.com.br/questao139.htm informa que: "De acordo com o livro 'Biologia Molecular da Célula': 'Os seres humanos podem distinguir mais de 10 mil odores (fragrâncias) diferentes, que são detectadas por nervos receptores especializados presentes no revestimento do nariz. Imagina-se que haja centenas de receptores olfativos diferentes, cada um codificado por um gene diferente e capaz de reconhecer odores diferentes'". Em seguida, explica: "Cada um desses receptores é codificado por um gene específico. Se seu DNA não possui um gene ou se esse gene está danificado, pode fazer com que você não seja capaz de detectar um odor específico. Por exemplo, algumas pessoas não conseguem sentir o odor de cânfora". Decididamente gostei disso: a falta de um gene pode nos impedir de sentir determinado odor, e, por consequência, determinado "fedor". Agora cheguei aonde queria...

Fedor do povo. É sobre isso que quero falar. E, para ilustrar o tipo de relação com o "fedor do povo" que quero estabelecer, tomo um famoso personagem de ficção, Des Esseintes, criado pelo francês

Joris-Karl Huysmans (1848-1907), em seu romance Às avessas, de 1884. Nesse romance, Des Esseintes era um misantropo, ou seja, alguém que, com aversão pelo ser humano e pela vida mundana da grande cidade, isola-se em uma casa (mais um castelo, na verdade), e experimenta esteticamente tudo o que, no seu ponto de vista, expressava arte da mais alta qualidade e erudição. Entre essas artes, a da perfumaria. Exótico e refinado, os perfumes que Des Esseintes pesquisa, os olores de que desfruta e as experiências que faz seguem esse objetivo de se afastar do comum, do mediano, do popular. No entanto, a fragrância a que finalmente chega, para seu horror, está bem próxima daquilo que ele abomina.

O cheiro do povo, para muita gente, é isso: abominável. Daí, inclusive, as tentativas de mutilar o gene que faz perceber esse odor, daí o desejo de ignorar o povo, sentindo-se além e "acima" dele. E o que é o cheiro do povo? Certamente o que resulta do somatório de diversos suores. Suor de quem trabalha o dia inteiro, de quem necessita tomar incontáveis conduções para chegar a seu trabalho e outras incontáveis para voltar a casa. Suor de quem não tem acesso ao banho confortável no final do expediente e que, por isso, precisa levar consigo nos transportes públicos o registro olfativo de sua luta cotidiana. Suor de quem não tem como lavar constantemente as próprias roupas. Suor de quem não tem acesso aos sabonetes perfumadíssimos, aos xampus de aromas refinados, aos desodorantes de qualidade, aos perfumes e loções que ajudam a "enfeitar" a pobre natureza humana, às toalhas mantidas à base de amaciantes cheirosos. Suor de quem, muitas vezes, sequer teve orientações sobre a importância da higiene íntima, do cuidado com as unhas, os cabelos, os pelos, os dentes... E não falo aqui de quem opta pelo descuido com essas coisas. Para esses, deixo espaço em outra crônica. Falo do povo sem privilégio, formado por pessoas que são reféns da desigualdade e para quem outras, mais privilegiadas, torcem os narizes sensíveis.

Há pessoas amontadas em ônibus, metrôs e trens, exalando seus "fedores" no final do dia. Há pessoas sendo discriminadas por esses "fedores". Pessoas, eu disse. Gente feita da mesmíssima matéria que todas as outras, que não "fedem" (a não ser por opção!).

O "fedor" do povo é um tapa na cara. É um grito que deveria despertar em todos nós o choque de uma realidade grotesca, em que pessoas são gado nos currais enquanto outras são donas de seus odores e de seus espaços individuais e isolados da vida mundana. Os Des Esseintes, que, como e porque podem, vivem em castelos aos quais os "fedores" só chegam quando acontece alguma intromissão necessária da vida mundana, que conserta coisas quebradas, faz obras, faz faxinas, passa roupas, faz entregas... E, muitas vezes, essa presença incomoda olfativamente. É tolerada. Claro. A utilidade em primeiro lugar. Depois, o adeus rápido, para deixar os Des Esseintes felizes em seus castelos. Pergunto: por que os peões de obra, por exemplo, não têm, em seus direitos assegurados, meia hora de banho após o trabalho, para poderem voltar com dignidade às suas casas? Por que muitas faxineiras e empregadas domésticas voltam para suas casas sem o direito de um bom e saudável banho no final do expediente? Certamente, e não erro ao dizer isso, porque raras são as empresas e empregadores que, de fato, se preocupam com a saúde e a higiene de seus empregados. Ao contrário, parece, por exemplo, que um banho na casa do empregador, no final do dia, irá "contaminar" o banheiro!

Outras vezes, encontramos pessoas que, apesar de todas as dificuldades, mantêm sua rotina de asseio e dignidade. Aí os Des Esseintes logo encontram elogios: "são pobres, mas são limpinhos!". Puta merda! Que coisa mais preconceituosa e indigna! Que absurda forma de adjetivar o outro, usando, para reforçar o absurdo, o deboche do diminutivo.

Fedor do povo. Que os maus cheiros dos suores humanos que todos nós temos, afinal (basta que qualquer pessoa fique sob condições desumanas) cheguem aos narizes empertigados com toda força! Que o fedor do mundo cresça dia a dia até que as pessoas tomem vergonha e se preocupem verdadeiramente com a justiça social, com o direito de seus semelhantes. Até que finalmente todos tenhamos o necessário gene da misericórdia!

Formatura

A polissemia, ou seja, o fato de uma palavra ter várias significações, é um dos fenômenos mais interessantes da língua, em especial da nossa, uma vez que somos pródigos em colecionar sentidos múltiplos para um mesmo vocábulo. Basta recordar o que a cultura brasileira fez com palavras tão honestas e doces como galinha, vaca, burro, anta, camelo, baleia, piranha, gavião, raposa, veado, peru, perua, cachorro, cadela, para não sair do repertório animal... Começo, portanto, esse texto, que deveria ser formal, mas que prefere ser lúdico, com uma brincadeira que aproveita essa faceta curiosa da língua.

"Formatura", palavra de origem latina, tem, segundo Aurélio, três significados: o primeiro é "ato ou efeito de formar-se", o segundo, "graduação universitária, ou em curso de nível médio"; e o terceiro, bem, sobre o terceiro falarei depois...

De que os três anos dedicados à universidade integram o ato e o efeito de formar-se não há dúvidas. Mas será que algum dia se deixa de sofrer o processo de estar em formação? Será que em determinado momento se pode afirmar, sem incertezas, "estou pronto", "estou no ponto", "estou formado"? Eu confesso a vocês: jamais pretendo me formar nesse sentido. E sabem por quê? Porque a causa me parece bem mais atraente que o efeito... logo, na minha modesta opinião, o primeiro sentido de "formatura" ficaria mais completo se fosse explicado assim: "ato ou efeito de formar-se que se renova cada vez que se buscam novas causas". Complicado? Pode até ser. Mas, pensem com cuidado, que graça teria uma "formatura" se fosse apenas um fim de espetáculo? Não é bem mais prazeroso pensar neste momento como o fim de mais um ato, entre os tantos que compõem o teatro da vida? Não é gostoso pensar que, mesmo assumindo outros papéis, continuaremos, juntos, escrevendo o

roteiro da existência humana? Portanto, amigos e amigas da platéia, atenção: não se retirem da vida de seus amados e amadas após a formatura. Ainda haverá muitas outras.

Quanto ao segundo sentido, de que estamos aqui comemorando uma "graduação universitária", também não restam dúvidas. Obter uma graduação universitária é uma conquista. Conquista requer celebração (os romanos que o digam...). E é, sim, necessário festejar este momento, porque "festejar" é "fazer festa a"; "dar demonstrações de alegria a"; "fazer festa em honra de"; "celebrar"; "solenizar"; "acolher com prazer"; "louvar"; "aprovar", "acariciar"; "amimar". Sintam-se, pois, meus queridos e minhas queridas, festejadíssimos e festejadíssimas, pois, receber vocês e ver aumentar nosso parreiral (desculpem-me, mas vocês acham que eu perderia a oportunidade de brincar com a polissemia de "UVA"?)... Bem, ver aumentar nosso parreiral foi, sem dúvida, um acontecimento que merece festa.

Todavia, o que, de fato, me incomoda é a terceira definição de formatura: "alinhamento e ordenação de tropas, navios de guerra, aviões de combate, etc.". "Vê, por quê?" – vocês me perguntariam, completando – "Esse não é o sentido da nossa formatura!" É exatamente isso que me preocupa: não é, mas, às vezes, parece... Não vivemos mais o tempo em que "ser professor" era uma opção pelo sacerdócio. Vejam bem, "sacerdócio", também segundo Aurélio, é "missão ou profissão honrosa". Não vivemos mais o tempo em que a mesma professora primária acompanhava seus alunos da primeira à quarta série, tornando-se a "tia" inesquecível, uma recordação afetiva marcante e indelével, que estudos posteriores comprovaram ser mais maléfica que benéfica (eu tenho lá minhas dúvidas, mas isso é outro papo...). Está distante a época em que "mestre" era um vocábulo que tinha ares divinos.

Hoje, em meio a tanta violência e excesso de velocidade, "ser professor" requer um "arsenal" de conhecimentos; uma "munição" grande de criatividade; "estratégias" inteligentes e envolventes; grande capacidade de "camuflagem" (para não deixar que problemas pessoais interfiram na ação profissional); "mira" perfeita, para alcançar os objetivos; "disciplina" para enfrentar a "indisciplina"; enfim..., falando desse modo, não pareço estar me referindo a uma guerra? Pois é... A proximidade de sentidos é tão óbvia, que, se não cuidarmos, encontraremos semelhança entre os uniformes que muitos professores e muitas professoras estão usando nas escolas e as fardas dos militares. Cuidado, muito cuidado...

Não deixem, queridos e queridas, que sua vida profissional se assemelhe a uma guerra, mesmo que até o espelho pareça lhes mostrar um quadro bélico. Não é possível contribuir para um mundo melhor, vivendo mergulhados no campo semântico da guerra. Despir-se dessa necessidade de "armas" talvez seja o maior desafio que o profissional ligado ao magistério tenha a superar.

Vistam seu discurso de paz. Conjuguem o verbo harmonizar em todas as pessoas, tempos e modos. Sejam professores e professoras. Ou melhor, busquem o significado mais digno para essa palavra.

Devo confessar que pensei, para esta ocasião, em tentar compor um poema para oferecer a vocês como retribuição por toda a energia amorosa que deixaram no ar que se respira em nosso espaço UVA. Mas, não sei se o medo de não alcançar a beleza que vocês merecem ou apenas um inconsciente desejo de ver brotar de vocês a poesia, me levou à prosa aqui registrada.

No entanto, aproveitando, ainda, o vocábulo "formatura" e sua polissemia, deixo a vocês a sugestão da poesia. Componham, daqui para frente seus poemas. Rimem formatura e brandura, porque a mansidão tempera a vida com a conquista do respeito e da fraternidade. Façam rima com cordura, pois o bom senso sempre é um caminho afinado com a justiça. Usem a palavra fartura, fazendo

da generosidade e da doação um modo de enriquecer o cotidiano de quem buscar conhecimento em vocês. Um pouco de loucura? Sim, é saudável, é contagiante, é força de ruptura! Outra palavra essencial: procura. Nela a própria formatura se renova. Mas, não se esqueçam de que as línguas portuguesa, espanhola e inglesa, como todas as outras, sempre lhes oferecerão uma rima mágica: a metafórica literatura.

Mas, se algum dia, por um motivo qualquer, a amargura quiser se fazer rima em seus poemas, neguem-na, com versos à moda de Drummond:

Não rimarei a palavra formatura
com a incorrespondente palavra amargura.
Muito menos com ditadura, tortura,
Clausura ou escravatura,
pois estas não me convêm.
Rimarei com a palavra amor,
que me segue por toda parte,
com tal engenho e tal arte,
que, sem ela, não sou ninguém.

Concluo, portanto, com a palavra amor, pois do amor brotam todas as rimas que podem fazer da vida a melhor poesia. A vocês, hoje, o meu amor. A vocês, sempre, o meu amor.

Geleia de caju

Há sentimentos imensos que podem caber num potinho de geleia. Não há geometria que explique, mas o entendimento da simbologia é fácil. Fácil e doce como geleia de caju.

Parte-se do pomar de Márcia Mariano, de onde se colhem cajus que são puro néctar. Vai-se com o amor ao Saara, no Rio de Janeiro, e compram-se os tais potinhos. Do baú de costuras de Bernardete Ramalho, escolhem-se rendinhas coloridas. Das mãos dela, o cuidado de enfeitar os potinhos. E completa-se a decoração com o zelo de Amauri Lopes Ramalho, que cria as etiquetinhas. Resta o ofício da "doceira", que, no caso, sou eu.

Preparar a geleia de caju como lembrancinha para o chá de panela, com todo esse entorno de carinho e espírito coletivo, é tarefa das mais simples, ainda que mexer o doce requeira tempo, paciência e alguns gritinhos (quando a geleia fervendo salta da panela na forma de gotículas que queimam à beça!!! Mas não falei palavrão não!!). Enquanto se mexe, lembrar as tantas passagens lindas que o amor tem trazido como alimento para a vida. Esperar a geleia esfriar e preparar, um a um, os potinhos.

Depois olhar para todos eles e perceber que o amor que se sente é mesmo imenso. Simples, fácil e doce.

Obrigada a essa equipe amada (Márcia, Bernardete, Amauri e Ítalo) que cuidou comigo desses potinhos metonímicos de geleia!

Meu amor hoje é geleia de caju.

Grécia 2016

Não sou muito de escrever crônicas humorísticas. Mas sinto que esta será uma delas. Preciso voltar ao ano de 2006, quando me mudei para Natal. De lá para cá, fiz de Apolo meu Santo Antônio. Ele lá longe, radioso no céu, eu, cá embaixo, na areia, passamos a conversar quase todos os dias ou, traduzindo em percurso, cerca de 20.000 quilômetros (metade da circunferência da Terra, Apolo!!!).

Ele foi comigo para Madri, depois São Paulo, Penedo/RJ e chegou a Aracaju. Dez anos de incompetência da parte dele e de competência, de minha parte, para, pelo menos, manter a forma!! Eita deus demorado para atender pedidos! Eu sempre no meu lenga-lenga: Puxa, Apolo, sou tão legal... Manda algo especial para mim. Realiza meu sonho. Poxa, Apolo, são tão boazinha... E ele lá, todo cheio de luz, só me queimando... Mas sou persistente.

Hoje eu contei a ele que no dia 4 de junho de 2016 a Alitalia me levará a Atenas e nós dois, finalmente, teremos um encontro face a face. O que fez ele ao ouvir a informação? Escondeu-se por trás de uma nuvem!! Esses deuses... Tão poderosos... Tão sedutores... Você dá uma investida para incrementar a "relação" e saem todos em debandada (meu trabalho, minha saúde, meus compromissos, meu casamento falido que eu preciso manter falido, os bens, o dinheiro, a sociedade, as diferenças, as distâncias, as dificuldades, o colesterol, a depressão, ui... Só rindo...! Porque, definitivamente, rir é o melhor remédio!).

Pois é!, eu disse a ele, dez anos de pura incompetência e uma porção de confusões no meio (com direito a uma quase tragédia à moda de Sófocles, diversas comédias curtas, uns melodramas... e, no final, meu bom humor de sempre) para deixar minha biógrafa, Carmem Drumond louca de tanto fazer apontamentos!

Pois bem, sr. Apolo. Esse encontro vai ser derradeiro. 2016, Grécia, você eu, frente a frente. Isso já seria marcante. Mas há as informações complementares.

Avisado pelo fofoqueiro do Hermes, quem é que anda no meu ombro esquerdo soprando coisas e mais coisas em meu ouvido? Dionísio, claro! Acho que está esperando a vacância do cargo. Lógico que ele, de Santo Antônio, não tem nada. Dá para imaginar as "coisas" que me aconselha (Alopra, criatura!). Aí fico eu, vértice desse triângulo, uma Eva barroca e pós-moderna ao mesmo tempo. Apolo, de cabeça para baixo, quase caindo do ombro direito. Dionísio, no ombro esquerdo, oferecendo uvas doces à Eva, e Cronos só acelerando os ponteiros... Contudo, eu sou, claro, uma mulher madura, e, como tal, sigo à risca o que disse Affonso Romano de Sant'Anna em sua crônica "A mulher madura" (Mulheres maduras, não deixem de ler essa crônica!!! Que texto alentador! Já vale ao Affonso a imortalidade!): "A mulher madura tem esse ar de que, enfim, está pronta para ir à Grécia. Descolou-se da superfície das coisas. Merece profundidade." Isso mesmo: mereço profundidade! Entendido, Apolo? Entendido, Dionísio? Chega de escárnio.

No dia 1 de fevereiro já serão 52 anos! O que você quer de mim, Apolo? Sei que pretendo chegar aos cem, mas não vê que logo logo a única energia que terei será para agarrar a árvore e impedir que ela derrube o fruto maduro? E ficar aguentando as risadas de Dionísio ao meu ouvido a cada piada em que me meto? Há, ainda, em meio a tudo isso, o fato marcante de ir a Atenas falar sobre epopeia e pós-modernidade. Em 2016 completo 20 anos pesquisando o épico! Falar sobre isso na terra de Homero, na língua em que me graduei (inglês), já está sendo uma viagem deliciosa. E a conexão em Roma parece uma bênção determinante: o Olimpo está mesmo à minha espera. E eu vou de Eva. Bem altaneira, pisando nesses deuses de barro. Serei, afinal, auditora de mim mesma.

E uma decisão: "Rá"!! Conforme for o final da história, mudo para a mitologia egípcia, que, afinal, é raiz para as demais. Ou vou para a mitologia japonesa e me apego a Amaterasu, que, pelo menos, é deusa mulher e deve ser mais competente. Fico nessa besteirada por pouco tempo. Logo chega o Superego e me manda sentar a parte correspondente na cadeira e me preocupar com a qualidade de meu texto em inglês, porque isso sim é pensamento de mulher madura "direita"! Puxa, de volta ao solo...

Inconstitucional

Há coisas que, seguidas as leis do amor, deveriam ser consideradas inconstitucionais! Exemplo... A pessoa (no caso eu) está a exatos 6.185,59 km de distância (Londres/Natal), conhecendo o Big Ben e o Palácio de Buckingham, bonitinha e compenetrada, mas com certo Moreno gato o tempo todo no pensamento e no coração, quando, de repente, recebe uma foto do bandido (porque tem que ser bandido para mandar uma foto que faça a criatura ciumenta lembrar que seu super gato está a 6.185,59 km de distância!). O que acontece nessa hora?

O Big Ben atrasa (porque para com o susto da coitada), o palácio vira a duna do Morro do Careca e a moça tenta virar uma aeronave e decolar direto para perto do seu amor! Como não dá, resta fazer uma postagem ameaçadora (ela se assumindo uma tiranossauro-rex) para dizer a quem se atrever a olhar para ele que há uma fera pré-histórica pronta para atacar!

Inconstitucional. É assim que eu chamo esse ataque direto ao coração de uma pessoa saudosa! Punição à vista. Uma overdose de beijos! Vai ser isso! Bandido!

Inventário

Estava na varanda meu apartamento, silenciosa e contemplativa, a imaginar como poderia descobrir as palavras exatas para homenagear os alunos e amigos que dali a dois finais de semana estariam comemorando sua formatura no curso de Letras da UVA. O céu estava absolutamente azul e entre visões de prédios e pássaros, o silêncio me parecia sagrado. Nenhuma palavra ousava interromper aquele momento mágico em que a ideia dança etérea e misteriosa, brincado de desafiar o silêncio...

Repentinamente, chegou a meus ouvidos um som familiar: era a vizinha do prédio em frente, abrindo a porta de sua varanda. Impossível não olhar. Nossas varandas estão tão próximas que parecem confidentes. Dei-me conta do engano. Não era minha vizinha, mas uma garota de cerca de quinze anos, alta, magra, desconhecida para mim. Ela trazia nas mãos um aparelho de som e cds. Avistou-me, fez um aceno simpático e continuou a instalar-se entre os vasos de plantas e as cadeiras de vime. Meu corpo tensionou os músculos e quase já se virara para carregar-me para dentro de casa, mas, não sei por quê, meu coração estacionou ali e eu me deixei invadir pela novidade que, sem cerimônias, invadira o precioso silêncio, levando as misteriosas ideias a se esconderem.

Sem a menor timidez, a mocinha ligou o som e, em alto e bom tom, começou a cantar as músicas que irrompiam varanda afora. Sua voz doce e afinada foi aprovada por meus ouvidos, que, num acesso de rebeldia, abandonaram meus caducos conceitos estéticos e a prepotência que nos faz tantas vezes ignorar os sons do mundo. Aquela menina incrível, não só cantava, mas dançava, feliz, como a felicidade deveria ser. Ainda posso vê-la de braços abertos, sacudindo o rabo-de-cavalo, entoando, com verdade definitiva, a música que dizia:

Devia ter amado mais,
ter chorado mais,
ter visto o sol nascer.
Devia ter arriscado mais e até errado mais,
Ter feito o que eu queria fazer.
Queria ter aceitado as pessoas como elas são.
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração.

O acaso vai me proteger,
enquanto eu andar distraído.

Devia ter complicado menos,
Trabalhado menos,
Ter o visto o sol se pôr.
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos,
Ter morrido de amor.
Queria ter aceitado a vida como ela é.
A cada um cabe alegrias e a tristeza que vier.

O acaso vai me proteger,
enquanto eu andar distraído.[1]

Ah..., meus alunos queridos, pensei, será que poderia lhes dizer que a sensação de ter trabalhado demais pode ser um belo sinal de houve esforço e dedicação? Será que poderia dizer-lhes que, entre a alegria e a dor, todos os caminhos percorridos nesses três anos nos conduziram à vida porque ela é justamente o somatório dessas duas

[1] "Epitáfio", de Sérgio Britto (Titãs).

faces? Poderia eu recomendar-lhes que chorassem todas as lágrimas a que têm direito, porque são elas que cedem lugar aos sorrisos?

Poderia perguntar-lhes quando chegará o dia em que aceitaremos as pessoas como elas são?

Estava tão entretida nesses pensamentos, que quase não reparei na outra melodia que minha saltitante cantora começara a cantar. Com intensidade, aquela menina abraçava o próprio corpo e deixava as palavras brincarem de acreditar no amor:

Se eu me apaixonar,
tem que ser pra sempre
ou não vou me apaixonar...
E os beijos desses dias
serão quentes, estranhos, fatais...
Terão música e poesia,
como os filmes que não fazem mais...
Se eu me apaixonar,
será sem limites,
ou não vou me apaixonar...
O e o instante em que eu me der
tiver de ser,
vou me apaixonar
por você.[2]

Ah..., meus queridos amigos, será que caberia, em meio a todas as formalidades acadêmicas, ignorar as questões sobre o magistério e o futuro da nação, e desejar-lhes um futuro individual repleto desse tipo de amor pelo qual metaforicamente se morre?

[2] "Se eu me apaixonar", adaptação de Cláudio Rabello a " *When I fall in love*", de Nat King Cole.

Caberia lhes dizer que, acima de todas as circunstâncias profissionais, importou e importa os seres humanos que vocês são e os seres humanos com quem trocarão experiências vida afora? Importaria lhes dizer que pouco contribuirá qualquer trabalho que ignore o valor do ser humano, a importância de sua evolução e de seu direito ao amor?

Minha adorável companheira, mais uma vez, abriu os braços e cantou para o mundo a terceira canção, encaminhando meus pensamentos por rumos inusitados. Com a força da filosofia cotidiana que está impregnada em nossa rotina sem que a vejamos, a canarinha, numa explosão de certezas, cantou:

Quem espera que a vida seja feita de ilusão,
pode até ficar maluco ou morrer na solidão.
É preciso ter cuidado pra mais tarde não sofrer,
é preciso saber viver.
Toda pedra no caminho, você pode retirar.
Numa flor que tem espinhos,
Você pode se arranhar.
Se o bem e o mal existem, você pode escolher.

É preciso saber viver.
É preciso saber viver.
É preciso saber viver.[3]

[3] "É preciso saber viver", de Erasmo Carlos e Roberto Carlos.

É preciso, sim saber viver. Só isso. Isso apenas. Nada mais. Alguém gritou um nome parecido com Isabela, e a canarinha voou para dentro de casa, deixando-me os ouvidos e as retinas ainda impregnados pelo som e pela imagem que preencheram minha manhã. Adeus, doce canarinha. Obrigada, amiguinha... Continue cantando, quis lhe dizer. Continue cantando por todos nós que temos habitado tão silenciosos nossas varandas impessoais.

Como ela dissera, o acaso havia me protegido enquanto eu me distraía com céu e silencia e, agora, eu já não precisava mais procurar as palavras. Elas me haviam encontrado. E eis aqui o material de que é feito o intraduzível: o desejo de que vocês, meus queridos, possam guardar nos ouvidos e nas retinas todas as metafóricas músicas que foram cantadas neste palco absolutamente imprevisível que conduz ao magistério.

(Rio de Janeiro, abril 2002)

Item 37

No ano passado, no dia 1 de fevereiro, meu aniversário, eu postei o texto "51 motivos para eu estar feliz com a chegada dos 52". O item 37 dizia assim: "37. Continuar a crer que O ("aquele") AMOR é possível". Hoje, véspera de comemorar a chegada dos 53, eu releio o texto e meus olhos se enchem de lágrimas, porque realmente valeu a pena acreditar que esse AMOR era possível. Foi por acreditar que eu o reconheci quando ele chegou. Entretanto, talvez eu não acreditasse se me dissessem que eu chegaria aos 53 casada com esse AMOR, pois provavelmente pensaria que o tempo até os 53 seria curto demais para algo assim. Mas a vida é mesmo surpreendente!

Ele, Ítalo De Melo Ramalho, marido Moreno, lindo, carinhoso, sensível, companheiro, humano, inteligente e danado, é o presente mais valioso destes 53 e dos outros tantíssimos anos que Deus permitirá que eu viva na companhia dele.

A vida é mágica. Acreditem! Não deixem de ter um "item 37" na vida de vocês!

Já que vivemos na sociedade dos números...

Como muita gente se agarra ao neoliberalismo como se ele fosse a grande invenção do mundo, às vezes pode ser sábio usar de seu próprio instrumento de medição do humano – os números – para promover alguma esperança de reflexão madura.

Quem quiser deixar de ser tão ignorante sobre a realidade de nosso país, pode visitar, por exemplo, o site do IBGE https://cidades.ibge.gov.br/v4, pois lá números é o que não falta.

O mapa que eu posto aqui se refere à renda mensal por domicílio nos estados brasileiros. Aí eu pergunto: quem precisa de mais cuidados, investimentos, políticas públicas: Brasília, com sua renda mensal domiciliar de R$ 2.351,00, ou o Maranhão, com R$ 575,00? São Paulo, com seus R$ 1.723,00, ou Alagoas, com seus R$ 662,00? O Paraná, com seus R$ 1.398,00, ou o Amazonas, com seus R$ 739,00? Você acha, REALMENTE, que uma família inteira pode viver com R$ 575,00 mensais? Ou isso não importa realmente para você, que, às vezes, tem, sozinho, renda mensal de R$ 5.000,00 e ainda reclama?

Lembremos que se a MÉDIA é essa, isso significa que há muitíssima gente que vive muito muito abaixo dela. Além disso, é claro, grandes cidades como São Paulo, que tem como salário médio dos trabalhadores formais o valor correspondente a 4,4 salários mínimos e 92,6% da cidade com esgotamento sanitário, não são, por isso, os "paraísos" do país, pois, numa cidade "tão rica", o índice de mortalidade infantil não deveria colocá-la na posição 2.986 em 5.570 municípios, enquanto Maceió, capital do estado com pior Índice de Desenvolvimento Humano do país (0,631) ocupa a posição 2.208 em termos de mortalidade infantil. Ou seja, ser criança pobre em São Paulo é muito mais arriscado que ser criança pobre em

Maceió. Aliás, as cidades ricas do país são pródigas em massacrar os excluídos, vide as recentes atitudes do prefeito de São Paulo, em seu processo de "gentrificação" ("Gen-tri-fi-ca-ção. Vem de gentry, uma expressão inglesa que designa pessoas ricas, ligadas à nobreza. O termo surgiu nos anos 60, em Londres, quando vários gentriers migraram para um bairro que, até então, abrigava a classe trabalhadora. Este movimento disparou o preço imobiliário do lugar, acabando por "expulsar" os antigos moradores para acomodar confortavelmente os novos donos do pedaço. O evento foi chamado de gentrification, que numa tradução literal, poderia ser entendida como o processo de enobrecimento, aburguesamento ou elitização de uma área" - do site http://www.courb.org/.../o-que-e-gentrificacao-e-por-que-voc.../).

Se os estados que lideram o "amado" ranking neoliberal em termos de Índice de Desenvolvimento Humano são 1º Distrito Federal 0,824; 2º São Paulo 0,783; 3º Santa Catarina 0,774, 4º Rio de Janeiro 0,761 e 5º Paraná 0,749, quem precisa encabeçar as preocupações com políticas públicas?

A igualdade social é uma utopia. Isso se sabe desde a pré-história. Mas este sistema do dinheiro, do incentivo ao enriquecimento desmedido, que passa por cima do humano, como o jatinho da perua imbecil americana fugindo do Irma, piora demais as coisas, dividindo o mundo em ricos e pobres, e despertando nos ricos o constante e incansável desejo de serem milionários, bilionários, trilionários, custe o que custar.

Porém, um "detalhezinho" incomoda quem só se incomoda, em geral, consigo mesmo: a violência que resulta dessa desigualdade. Cada vez que você alimenta seu bolso com a ambição desmedida, a futilidade e o descaso com a injustiça social, mais um numerozinho (desses tão queridos em quem pensa a partir deles) cresce nas estatísticas da violência. Tudo bem, que quem tem muito tem muita segurança também. Mas, um dia, as torres desabam.

Entendamos mais nosso país, abramos mão de nossos privilégios apenas um pouquinho, olhemos para quem precisa ter, primeiro, chance de viver, de se alimentar e de estudar, para, depois, entrar no "circuito dos méritos" que a elite criou para justificar seu egoísmo dando destaque a raríssimas exceções como exemplos de que "quem quer consegue".

Ou, se formos capazes disso, mudemos esta merda de sistema excludente, frívolo, desumano e ECOLOGICAMENTE péssimo para nosso planeta.

TER deveria ser um verbo obrigatoriamente acompanhado dos complementos COMPAIXÃO, SOLIDARIEDADE, PREOCUPAÇÃO COM O PRÓXIMO, HONESTIDADE, AMOR, CONSCIÊNCIA, HUMILDADE. Mas infelizmente, os "complementos da moda" do verbo TER são DINHEIRO, PROPRIEDADES, CARROS, AVIÕES, BARCOS, JÓIAS, AÇÕES, 1000 SAPATOS, PETS DE LUXO, PODER, FAMA, MILHARES DE COISAS INÚTEIS QUE SÃO COMPRADAS TODOS OS DIAS, e por aí vamos (ou voltamos?).

Não terá chegado a hora de se TER VERGONHA NA CARA?

JustiSSa

Quando um povo perde a confiança na Justiça [com J maiúsculo] de seu país perde, sem dúvida, o bem mais precioso que uma sociedade pode ter. Último porto, voz da imparcialidade que busca a harmonia, a Justiça media tensões, avalia ações e reações, e promove o necessário equilíbrio dentro dos espaços coletivo e privado. Escreverei um pouco aqui sobre a Justiça como tema recorrente na história do mundo, buscando me isentar da visão própria que tenho acerca do momento que vivemos no país. Citarei quatro fontes das quais recolhi reflexões sobre a Justiça e, feito isso, explicarei o propósito do "textão".

Claude Mossé, no livro *Dicionário da civilização grega* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 179), lembra que "A noção de justiça (dikê) é uma noção extremamente importante no pensamento grego. Nos poemas homéricos [Homero, suposto autor das epopeias "Ilíada" e "Odisseia"], são os reis que fazem justiça, por estarem investidos de um poder vindo de Zeus. E é ainda, ao conformar-se com a justiça de Zeus, que 'os que dão sentenças justas' geram, segundo o poeta Hesíodo, o desenvolvimento de suas cidades, enquanto os reis 'que com sentenças cruéis oprimem o homem pelo homem' são ameaçados pela cólera de Zeus. E o poeta acrescenta: 'Pensai nisso para moderar vossas línguas, ó reis devoradores de presentes, e renunciai para todo o sempre às sentenças cruéis'."

Pierre Grimal, em seu *Dicionário da mitologia grega e romana* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 355-356), nos conta a história do famoso filho dos reis troianos Príamo e Hécuba, o príncipe Páris, que, raptando Helena, esposa do rei de Esparta, Menelau, deu origem à guerra de Troia. "Quando os deuses de encontravam reunidos para celebrar as núpcias de Tétis e de Peleu,

Éris (a Discórdia) lançou no meio deles uma maçã de ouro, dizendo que ela deveria ser dada à mais bela das três deusas: Atena, Hera e Afrodite. Gerou-se a confusão; ninguém queria encarregar-se de escolher entre as três divindades, e Zeus ordenou a Hermes que conduzisse Hera, Atena e Afrodite ao monte Ida, onde Páris [um humano] julgaria a questão. Ao ver as três deusas se aproximando, o jovem teve medo e quis fugir. Mas Hermes persuadiu-o de que nada tinha a recear, e explicou-lhe a situação, ordenando-lhe que desempenhasse as funções de juiz, em nome da vontade de Zeus. Então, uma após outra. As três deusas advogaram perante ele a sua própria causa. Cada uma lhe prometeu a sua proteção e alguns dons especiais, se ele se decidisse a seu favor. Hera assegurar-lhe-ia o domínio de toda a Ásia; Atena prometeu-lhe a sabedoria e a vitória em todos os combates; Afrodite limitou-se a oferecer o amor de Helena de Esparta [que era considerada a mulher mais bela do mundo]. Páris decidiu então que era Afrodite a mais bela". O que aconteceu depois? Por vontade própria, à força, ou envenenada pelas flechas de Cupido [há várias versões], Helena abandona o marido e a filha e vai com Páris para Troia. Era o início da desgraça troiana.

Liz Greene e Juliet Sharman-Burke, em *Uma viagem através dos mitos* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 163-263), referem-se à história do rei Salomão. Vejamos: "Quando seu pai, Davi, morreu, Salomão tornou-se rei de toda Israel. E o Senhor apareceu-lhe em sonho e disse: – Pede-me o que queres que eu te dê. E o rei Salomão respondeu: – Demonstraste grande misericórdia para com meu pai, teus ervo Davi. E agora me fizeste rei, mas sou apenas uma criança e não sei por onde sair nem por onde entrar. Dá-me, portanto, um coração compreensivo para julgar meu povo, para que eu saiba discernir entre o bem e o mal. E esse discurso agradou a Senhor, que disse: – Pois que foi este o teu pedido, e não me pediste vida longa nem riqueza, nem a vida de teus inimigos, fiz o que rogaste com tuas palavras. Dei-te um coração sábio e compreensivo".

Logo em seguida, o que aconteceu foi ter chegado a Salomão o caso de duas mulheres que disputavam uma criança recém-nascida, cada qual dizendo ser a mãe verdadeira da criança. Salomão, em sua sabedoria, ordenou que a criança fosse cortada ao meio, para que cada uma recebesse uma parte. Uma das mulheres gritou, e disse que ele entregasse o menino à outra, pois preferia que a criança vivesse, mesmo que longe dela. A reação foi devidamente analisada por Salomão, que lhe entregou a criança, reconhecendo a atitude de uma verdadeira mãe. As autoras, em seguida, comentam: "O poder – seja ele político, financeiro, social ou afetivo – acarreta uma grande responsabilidade, como nos diz a história bíblica de Salomão. Esse rei atenta, antes de mais nada, para o fato de que um rei não é coisa alguma sem aqueles a quem governa; o que importa é seu povo, e não sua glória". Dizem ainda: "É essa a verdadeira função de um governante, pois quando as preocupações afetivas de nossos semelhantes não nos afetam, talvez não tenhamos o direito de reivindicar uma posição de poder".

Bruce M. Metgzer e Michael D. Coogan, no *Dicionário da Bíblia* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 251), narram a história de Pôncio Pilatos e dão destaque ao episódio relacionado à condenação de Jesus a morrer crucificado: "Todos os quatro relatos evangélicos centram-se na pergunta de Pilatos: '– És tu o rei dos judeus?' Em João (18.36), Jesus declara que seu reino 'não é deste mundo'. Em Lucas as autoridades judaicas afirmam que ele era um rebelde. Segundo João, 'Caifas, um sumo sacerdote, previra havia muito a necessidade de se agir contra Jesus no interesse político da nação, mas somente Pilatos com relação à acusação política foi habilmente transformado numa ameaça à sua posição como 'amigo e César' (João 19.12). Pilatos lavou as mãos perante a multidão para deixar claro a quem cabia o ônus moral e desforrou-se ironicamente das autoridades identificando Jesus na cruz como 'Rei dos Judeus' (João 19.19)."

Feitas essas citações, o que desejo dizer é que, em meu ponto de vista, perdemos, no Brasil, o eixo mais fundamental de nossa democracia (ou da democracia a que supostamente desejaríamos chegar); nossa Justiça.

Se, como diz Mossé, as sentenças justas levam ao desenvolvimento da coletividade, e os "juízes" que se deixam levar por "presentes" oprimem os homens com sentenças cruéis; se, como conta Grimal, o fato de Páris ter aceitado o jogo da corrupção das três deusas que ambicionavam o famoso "pomo de ouro" levou Troia à destruição; se, como narram Liz Greene e Juliet Sharman-Burke, não poderia reivindicar o poder político, financeiro, social ou afetivo quem não se importa com os semelhantes; se a postura de Pilatos, fugindo, ainda que ironicamente, à responsabilidade de juiz levou Jesus à mais infame das condenações injustas; se tudo isso procede, como podemos, no Brasil, confiar em uma justiça (agora com j minúsculo) que cedeu à "tentação midiática" e aos "presentes" dos políticos? Como podemos confiar em uma justiça que vê leis cruéis sendo aprovadas e, como Pilatos, lava constantemente as mãos? Como podemos confiar em uma justiça que adota a parcialidade como filosofia?

Toda essa divisão entre "coxinhas" e "mortadelas" que aconteceu no Brasil e que nos leva a um caos cada vez mais incontrolável procede de um processo injusto desde sua origem: as reações políticas e de parcela representativa do povo ao resultado das últimas eleições presidenciais. E agora isso está mais claro que nunca. O procedimento que levou a presidenta Dilma ao impeachment foi fruto de uma articulação política nascida da não aceitação (fato publicamente divulgado) por parte do Sr. Aécio Neves do resultado das eleições e reforçada pela crise econômica, pelos escândalos envolvendo corrupção políticos e empresas, e pela adesão "verde-amarela" (e, digamos, bastante alienada dos procedimentos justos) dos/as eleitores/as de Aécio.

Naquele momento, a Justiça perdeu seu J maiúsculo e começou a se tornar uma "justiSSa". Deixou-se enredar pelo discurso inflamado de "anticorrupção" sem levar em conta as bocas que faziam esse discurso circular pela mídia. Naquele momento, o papel da Justiça era tomar para si as rédeas do processo e, com imparcialidade, definir se havia ou não razão suficiente para o impeachment. Parte do povo, seduzida pelas mídias, pensou termos chegado à normalidade e ao caminho para voltarmos ao "desenvolvimento" anteriormente conquistado, inclusive, pelo governo agora tratado como o grande vilão. A votação do impeachment, com as declarações absurdas de deputados e deputadas visivelmente preocupados apenas consigo mesmos/as, um espetáculo hediondo, que entrou para os anais das aberrações da política brasileira.

Esquecendo o que eu mesma penso a respeito do juiz Moro e partindo do princípio de que não houve qualquer "acerto" anterior à decisão de entregar a ele os processos conta Lula, vejo no juiz exatamente o que cita Mossé. Como a imparcialidade pode ser configurada se um juiz se submete a ser estrela midiática? Como pode haver Justiça se o próprio juiz está publicamente relacionado aos maiores algozes de Lula? O que caberia, digo novamente, à verdadeira Justiça? Tirar os processos de Moro e, em consenso entre acusação e defesa, estabelecer uma banca de juízes cuja imparcialidade fosse reconhecida por ambos os lados. Além disso, proibir interferência midiáticas para que os processos fossem analisados com o necessário rigor. Mas não foi isso que aconteceu. O que aconteceu foi, de um lado, a espetacularização do julgamento de Lula, de outro, o encobrimento descarado dos crimes alheios. A imparcialidade ampliou a rachadura entre diferentes posições e projetou o Brasil no pior caos de sua história.

Quando você levanta bandeira de "Moro, nosso herói" presta um grande desserviço ao país, porque faz do juiz um astro quando ele precisaria ter a imagem protegida. Quando Xuxa, totalmente fora de noção, quer levantar a figura de Moro como herói da pátria, usando o poder midiático que tem para isso, só faz piorar o descrédito do próprio juiz. Afinal, um juiz que precisa da Xuxa para defendê-lo chegou mesmo ao fundo do poço da incompetência. Quem vê esse quadro ridículo, não acredita em uma sequer palavra de Moro. E isso é produto de uma mídia perversa em conluio com políticos da pior espécie.

A corte máxima do país faz o quê? Nada. Ou pior, aceita "presentes" midiáticos, faz também conluios políticos, exibe-se em jantares e encontros totalmente incompatíveis com o que a Justiça deveria representar em termos de comportamento reto, digno e discreto. Para piorar tudo isso, as Igrejas se metem na política e se envolvem nas mesmas espúrias ações de parcialidade e corrupção. Igrejas, vamos dizer bem claramente, que se assumem como presenças de Deus na Terra e julgam seus fiéis como se estivessem "acima do bem e do mal". Enquanto isso, notícias de pedofilia, abuso de menores, segregação racial, violência de gênero, simonia, roubo, etc. abundam em todos os patamares das religiões pelo mundo.

Se hoje há quem defenda o Lula (como eu), isso certamente é reflexo da consciência de que se há tanta imparcialidade é porque há injustiça. A situação a que chegamos fez com que possíveis "crimes" sequer sejam, agora, o mais importante. O mais importante é gritar um não à injustiça implícita na horrenda imparcialidade que tomou conta do país. Fácil de entender. Facílimo. Basta tirar o ódio dos olhos e ver.

A Justiça que passa a funcionar é a justiSSa pessoal, aquela em que acreditamos individualmente ou mesmo coletivamente, mas em grupos antagônicos. Mas esse tipo de justiça não rege um país, não protege a coletividade, não leva a crescimento e justiça social.

Se a Justiça brasileira em seu mais alto escalão, o STF, tivesse tomado seu lugar, criando bancadas de juízes sérios e sem comprometimentos políticos e ideológicos para julgar TODOS/AS os/as corruptos/as, a realidade hoje seria outra. Mas, como somos regidos pelo "mercado", pela "empresa", pelo "dinheiro", enfim, acabamos aceitando a falsa divulgação da "tragédia" econômica que poderia resultar de uma "lavagem intestinal" aguda, e ficamos aqui, cheios de cólicas, indefesos, inertes, submetidos a sentenças cruéis para o povo brasileiro. Sentenças deflagradas pela pior escória de gente, em um Legislativo impregnados de réus e de rés em processos de corrupção e governados por um "Judas". De um lado, os que odeiam PT e Lula, torcendo para que ele "morra" na prisão, e apagando toda a história que ele escreveu como presidente do país, e que, inclusive, o levou a 84% de aprovação no fim de seu governo. De outro, defensores do PT e do Lula, tentando acreditar que a justiça na qual acreditam será feita e que terão Lula novamente como presidente. De outro, uma hóstia de loucos pedindo intervenção militar, sem qualquer respeito às atrocidades que vivemos neste país na época da ditadura. De outro, uma porção de gente fazendo, ingênua e irresponsavelmente, de Moro um "herói", sem notar que destroem o que ele deveria ser, um "juiz". De outro, ainda, os/as "neutros/as", que decidiram "deixar tudo isso pra lá".

A Justiça quando morre mata. Por isso, estamos agonizando neste país, sem Salomão, com Cristo, com crianças sendo partidas ao meio.

Lagoa de Genipabu

Mudanças sempre trazem à tona coisas que haviam ficado esquecidas nas caixas e pastas às quais destinamos textos e imagens que compõem nossa história. Hoje, em uma espécie de diário que eu tinha, encontrei um texto que escrevi no dia 14 de maio de 2006, ocasião em que estava fazendo o concurso que me levaria a ingressar no quadro docente da UFRN. É um texto que nasceu do impacto da Lagoa de Genipabu sobre mim. Naquela época, a lagoa ainda recebia banhistas e era possível subir as dunas a pé. Eis o texto:

"A Lagoa de Genipabu tem a medida de meus sentimentos e temperamento. Sou a lagoa e suas dunas. Sou as plantas aquáticas e a água quente. Sou a areia ventando no dia, sem macular as retinas do tempo que observa a vida que não se envaidece nem chora, apenas comemora a leveza terna de ser. E ainda há espaço para aquilo que, nos urubus, não é carniça nem asco, mas simples solidariedade de pássaros que se entendem. Sou a Lagoa de Genipabu. Lá depositarei os cristais que me refletem".

Leonardo da Vinci, Caravaggio e a criação artística

Mestres e gênios do passado, através de seus atos, pensamentos e palavras, deixaram-nos um legado de reflexões sobre a criação artística que, se de um lado, retratam as circunstâncias das épocas em que viveram, de outro, reduplicam aspectos universais da cultura ocidental que atravessam, incólumes, os séculos. Leonardo da Vinci (1452-1519) e Michelangelo da Caravaggio (1573-1610), pelas posturas diante do fenômeno da criação artística, registraram, cada qual a seu modo, o questionamento acerca do conflito entre papel sociocultural do artista e sua realização íntima enquanto criador.

Pode-se dizer que Leonardo da Vinci foi uma figura trágica. Filho natural, o grande pintor, desenhista, músico, engenheiro, inventor e cientista, não tinha família, nem posição social. Ele assistiu ao desmoronamento de um mundo cujos valores espirituais eram varridos pela força dos acontecimentos cegos. Em meio a guerras e tormentas, ele trabalhava sem descanso na busca da suprema harmonia. Sobre tudo isso, pairava, ainda, a sombra da morte. "Eu pensava que estava aprendendo a viver", escreveu ele, "mas aprendia a morrer". Contudo, apesar dos reveses pessoais, Leonardo contribuiu para os estudos críticos acerca da arte refletindo sobre a criação artística de forma racional e contundente.

Para Leonardo, o pintor deveria ser o "mestre universal", capaz de imitar pela arte todas as qualidades das formas que a Natureza produz. Em sua visão, um artista precisava, antes de tudo, ter um quadro mental de todas as formas, conhecer as causas de tudo; sua inteligência precisava dominar as forças e os elementos; deveria, também, saber fabricar tecnicamente todas as máquinas e todos os instrumentos que lhe permitissem reproduzir e dominar o real. "O pintor rivaliza com a Natureza", dizia ele. Em sua oficina, os

aprendizes eram severamente conduzidos pelo caminho da construção do conhecimento científico, respaldado pela observação e manipulação de cadáveres, mistura de materiais e criação de novas técnicas de pintura. Essa filosofia, ou seja, a busca incessante pela perfeição, fez com que muitas de suas obras ficassem inacabadas.

O gênio renascentista, portanto, queria ir além das aparências, procurando apreender as forças profundas que atuam sobre os sentidos. Se essa compreensão crítica e perfeccionista do fenômeno artístico, por um lado, impediu que o mundo recebesse de Leonardo um patrimônio maior como herança, por outro, permitiu que esse mesmo mundo assistisse a um exemplo ímpar de coerência entre teoria e prática: a verdade que preconizava era a mola mestra de sua própria existência enquanto artista. Séculos mais tarde, os artistas modernos, tal qual Leonardo, voltar-se-iam para as reflexões sobre os processos de criação envolvidos nas diversas expressões artísticas, permitindo, consequentemente, que a crítica e a teoria alcançassem um patamar jamais alcançado. Nasce, portanto, do próprio artista, a consciência crítica que permite uma compreensão maior da arte. Nesse sentido, a genialidade de Leonardo atravessou a fronteira que separa o artista e o crítico.

Também um outro italiano é exemplo da contribuição, em nível filosófico, que um artista questionador pode trazer para a crítica de arte. Para ressaltar o caráter desse artista, vale tomar como exemplo um escândalo típico, que acontece quando alguém tenta quebrar uma regra. Por volta de 1600 DC, no mundo da arte italiana, o artista conhecido como Caravaggio, famoso por sua audácia e espírito revolucionário, recebeu a encomenda de pintar um quadro de São Mateus para o altar de uma igreja de Roma. A obra deveria tematizar o momento em que, inspirado por um anjo, São Mateus teria escrito seu evangelho.

Caravaggio, muito imaginativo e decidido, pensou longamente sobre o que deveria ter significado para um velho e pobre trabalhador, um simples republicano, ter que, subitamente, sentar para escrever um livro. Buscando a fidelidade, em nome da qual mesmo a fealdade deveria ser revelada, Caravaggio retratou um São Mateus calvo e descalço, com os pés sujos de terra e poeira, a agarrar desajeitadamente um enorme livro e a franzir ansiosamente o cenho, sob a tensão tarefa inédita de escrever. Ao lado do santo, pintou um jovem anjo, que parece ter acabado de chegar das alturas, a gentilmente guiar a mão do trabalhador como uma professora deve fazer com uma criança. Quando Caravaggio entregou o quadro à igreja, em cujo altar-mor seria colocado, as pessoas escandalizaram-se com o que consideraram ser uma falta de respeito pelo santo. Como o artista pôde cometer a ousadia de revelar ao público as limitações humanas de um santo? A pintura não foi aceita e Caravaggio, para cumprir o contrato, teve que iniciar outra versão para o tema.

Manteve-se, dessa vez, rigorosamente de acordo com as ideias convencionais da época sobre o aspecto que um anjo e um santo deveriam ter. O resultado foi, ainda, um bom quadro, pois Caravaggio empenhou-se arduamente em torná-lo vivo e interessante, mas não podemos deixar de sentir que o resultado foi menos vigoroso, menos honesto e sincero do que o do primeiro quadro.

Hoje, conhecidas as duas versões, fica o registro de uma controvertida realidade: até que ponto a liberdade de expressão é conveniente à sociedade? Precursor de um realismo contundente, a filosofia criadora de Caravaggio representa, pois, para os estudos críticos, uma fonte de discussão sobre as relações entre arte e poder, tão visíveis neste nosso século multimidiático e global, no qual "liberdade de expressão" parece um conceito firmado. Será mesmo?

Não estaria, ainda em nossos dias, a criação subjugada às injunções do poder econômico?

Muito há o que se aprender através dos exemplos que nos deixaram os artistas do passado. Há, porém, que se buscar um conhecimento mais aprofundado que só poderá ser extraído de leituras que atravessem o espetáculo oferecido pela mídia, uma vez que, além das obras fetichizadas, estão os pensamentos que as tornaram eternas. Lá reside o conhecimento.

Mãe Maria

Há muitos anos sou devota de Nossa Senhora das Graças. E tive muitos momentos realmente mágicos em relação à presença dela em minha vida. Vou falar sobre quatro deles, embora haja outros.

O primeiro aconteceu na cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul. Minha amiga Lúcia Helena e eu caminhávamos pelas ruas próximas do hotel quando começamos a conversar sobre espiritualidade e religião. Eu, então, falei a ela sobre minha devoção a Nossa Senhora das Graças. Ela, surpresa, me contou que também tinha a mesma devoção e passamos a conversar entusiasmadas sobre a força de Mãe Maria, quando decidimos entrar à direita em uma rua. Bastou virar a esquina e nos encontramos com uma imagem lindíssima de Nossa Senhora das Graças pintada em uma parede inteira. Ficamos emocionadas de tal maneira que não tivemos palavras. Foi um encontro com Ela e foi um selo para a amizade linda que surgiu entre nós duas.

O segundo aconteceu em 2006 quando eu fiz concurso para a UFRN. A própria Lúcia e minha mãe rezavam para Nossa Senhora das Graças rogando-lhe para que eu tivesse a luz necessária para dar o melhor de mim. Eu também rezei, pedindo apenas que o que fosse melhor me acontecesse. Saí para fazer o concurso com a medalha milagrosa que minha mãe me deu presa por dentro da blusa. Ao entrar no ônibus, lá estava Ela! Em uma outra grande e bela imagem no vidro bem atrás do motorista! Soube ali que eu passaria.

A terceira vez foi quando descobri que tinha um melanoma. O sinal foi extraído e fiquei esperando o diagnóstico. Como havia passado naqueles tempos por traumas emocionais importantes e já tinha o tal sinal há uns cinco anos, o prognóstico não parecia muito bom. Mas as orações de minha mãe e as minhas para Ela nos

acalmaram o coração. Quando o laudo "in situ" chegou, a médica me disse que eu tive sorte. Eu sei que o que eu tive foi Mãe Maria.

O quarto aconteceu em 2012, dentro do avião que me levava para Aracaju e para o concurso para a UFS. Eu, por questões diversas, só tinha duas opções: passar ou passar. Quando estávamos já perto de chegar, pedi a Nossa Senhora das Graças um novo sinal, como o que tive em Natal. Segundos depois de eu formular o pedido, o piloto anunciou: "em 10 minutos pousaremos no aeroporto de Santa Maria". Assim se chama o aeroporto de Aracaju. E eu obviamente não sabia disso. Era meu sinal. Era uma nova mudança em minha vida. Ela, como sempre, estava cuidando de mim. Ela, como sempre, cuida de todos nós.

No dia 17 último, quando ouvi Roberto Carlos cantando a canção dedicada a Nossa Senhora, fiquei muito emocionada. A luz de Mãe Maria é realmente linda e tem um poder sem limites de nos oferecer conforto. Que eu possa estar à altura de orgulhar Mãe Maria sendo uma pessoa que segue seu exemplo, levando luz e amor para quem de mim necessite. E que, independentemente de crenças e de religiões, as pessoas possam chegar, um dia, à certeza de que somente a luz do amor pode transformar este mundo!

Mais uma vez Narcisa

Há 153 anos, exatamente no dia três de abril de 1852, nascia, em São João da Barra, cidade do estado do Rio de Janeiro, uma menina que, mais tarde, levaria ao mundo, através de poemas e artigos, uma palavra nova, ousada e libertária. Chamava-se Narcisa Amália de Campos e, embora tivesse gozado de bastante prestígio, quando, aos vinte anos, lançou o livro de poemas *Nebulosas*, passou, em seguida, principalmente em função das polêmicas que criou com os textos veiculados na imprensa, a ser considerada uma voz proibida às "moças de família".

Essa mulher, que viveu vinte e cinco anos de sua vida em Resende, onde seus pais, liberais e incentivadores, construíram escolas e ela própria dedicou-se ao magistério, conheceu o preconceito e a difamação. Casou-se aos treze anos e, aos dezoito, foi abandonada pelo marido, que veio a falecer anos depois. Aos vinte e oito anos de idade, casou-se com o padeiro Francisco Cleto da Rocha, proprietário d'*A padaria das famílias*, em Resende. O ciúme das amizades que a cercavam (poetas e artistas), fê-lo espalhar boatos sobre a conduta da mulher e a autoria de seus poemas. Amargurada, Narcisa separou-se, abandonou Resende e passou a residir no Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, morando em São Cristóvão, escolheu dedicar-se ao magistério e, no início do século XX, já havia abandonado o ofício de escritora. Morreu solitária, cega e paralítica aos 72 anos de idade, completamente esquecida, não fora um artigo publicado por Múcio Teixeira, quando Narcisa ainda vivia, no qual o crítico afirmava: "Passa por ser uma das mais inspiradas poetisas a velha professora pública do Distrito Federal, D. Narcisa Amália, quando a verdade é que esta senhora nunca fez uma poesia em sua vida..." (In *A Imprensa,* Rio de Janeiro, 01.03.1912).

O tempo e algumas investigações críticas vieram, mais tarde, provar, não só a legitimidade da autoria dos textos de Narcisa, como a injustiça que a historiografia literária brasileira cometeu. Hoje, dando continuidade ao desejo de relembrar Narcisa Amália, tal como o fiz em algumas ocasiões e artigos, aproveito a oportunidade de apreciar o artigo "A mulher no século XIX", publicado na edição comemorativa do 26 º aniversário do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, no ano de 1882. O artigo discute a posição da mulher na sociedade. Vale, portanto, verificar se, tantos anos depois, ainda há motivos para se pensar sobre a questão.

A MULHER NO SÉCULO XIX

I

Quando o século dezenove comparecer perante a história, — grave, sereno e altivo como quem se esforçou por cumprir o seu dever — para submeter-se ao juízo iluminado da posteridade, há de ver-se coberto de bênçãos, coroado de flores, e erguido em pedestal glorioso acima de todos os séculos!

De fato, as descobertas maravilhosas que a ciência registra dia-a-dia; o desenvolvimento dos caminhos de ferro, que se multiplicam em ramificações infinitas; da navegação a vapor, que estende a todos os portos as vantagens do comércio; do telégrafo elétrico, que transporta pelo espaço azul ou sob as bagas mugidoras o pensamento do homem; as indústrias que se aperfeiçoam e originam novas indústrias; a exploração inteligente e audaciosa, que penetra no coração cheio de surpresas e perigos de países desconhecidos para desbravar caminho à corrente da migração européia; a chuva de luz que cai copiosa aqui, escassa ali, a intermitências além, mas a todos os povos comunica o irresistível influxo da civilização; e mais do que tudo isso, o interesse apaixonado que hoje desperta a educação da

mulher, são outros tantos títulos que possui o nosso século aos bravos da posteridade.

II

"A educação da mulher! Mas tem a mulher por acaso necessidade de ser educada? Para quê? Cautela! A mulher representa o gênio do mal sob uma forma mais ou menos graciosa e cultivar a sua inteligência seria fornecer-lhe novas armas para o mal. Procuremos antes torná-la inofensiva por meio da ignorância. Guerra, pois, à inteligência feminil!"

Eis a palavra do século passado. O que diria a idade de ouro da selvageria, quando o homem tinha o direito de vida e de morte sobre a sua companheira? Quando a mulher carregava-lhe a bagagem na emigração, a antílope morta na caçada e roía os ossos em comum com os cães? Desprezada, embrutecida, castigada e vendida, a mísera arrastava o longo suplício de sua existência até que a morte viesse libertá-la e a pá de terra levantasse entre ela e o seu opressor uma eterna barreira.

Nada há que justifique essa tenaz perseguição da mulher; e entretanto foi perpetuada de século a século! Na Ásia, de rosto sempre velado, ignorante e submissa como um cão, trabalhava, comia e chorava à vontade do senhor, sem que uma palavra de simpatia jamais lhe dilatasse o coração; na Índia, levavam-na mais longe: atiravam-na à fogueira no dia em que lhe expirava o marido! Em Babilônia era vendida em praça pública; em Esparta, escolhida ao acaso; em Atenas, circunscrita nos gineceus. Batida, aviltada e corrompida pelo homem, a mulher romana, por sua vez, bate, avilta e corrompe o homem no filho.

III

Na Idade Média o horizonte torna-se mais tempestuoso; porém a mulher começa a ganhar terreno. A ignorância é geral: as damas mais nobres como os mais nobres senhores não sabem assinar o seu nome; entretanto, o culto do amor começa: a castelã arma o cavalheiro para o torneio e, com suas próprias mãos, pensa-lhe as feridas recebidas nos combates. Mas o sopro irresistível do progresso esgarça todas as nuvens; a Europa vai procurar sobre o solo do Oriente o vestígio do pensamento esvaecido; renascem as belas artes; Guttemberg inventa a imprensa e a aurora do pensamento feminino surge indecisa visando a faixa plúmbea o infinito. Abre-se o salão: a mulher aprende a falar, a raciocinar, a conversar, a despeito do riso sarcástico de Molière; o salão, porém, já não a satisfaz; a sua ambição desperta, aspira mais: cria a correspondência. De posse desta última conquista, e devorada ainda pela sede do desconhecido, empenha-se corajosamente nas lutas da filosofia; procura na página algébrica do céu um novo argumento contra a revelação; arma em silêncio o seu espírito para, na hora da revolução, legar à história o nome de Mme. Roland, e, finalmente, no século dezenove fala, pensa, escreve e trabalha como o homem!

IV

Foi a América do Norte, essa nação tão nova e tão grande já, que dominada pela febre da inovação e do progresso, ergueu primeiro o lábaro da revolta em prol da mulher.

Atrevida nas suas concepções, imaginou que todo o seu futuro dependia da educação de suas filhas; e mais audaciosa ainda ao realizá-la, criou para ela: uma faculdade de Medicina em Boston. A iniciativa particular correu logo a secundar os seus esforços: uma nova faculdade foi criada na Filadélfia, ao passo que as escolas de

Siracusa e Cincinati faziam-se mistas para distribuírem igualmente o diploma de médico aos dois sexos.

Ainda mais: a mulher até ali excluída do sacerdócio pelo catolicismo e pelo protestantismo, que a consideravam indigna da revelação divina, tomou posse da palavra do Evangelho e subiu ao púlpito para pregar à multidão surpresa o verbo divino da fé!

A esta rápida e prodigiosa transfiguração da mulher americana, a França e a Bélgica franqueiam hesitantes às suas filhas as portas das academias de Direito e de Medicina; e elas provam, por sua vez, exuberantemente perfeita aptidão para todas as ciências!

A mulher no século dezenove acha-se, portanto, emancipada, isto é, entra na posse de si mesma, conquista o direito divino de sua alma, em uma palavra, transfigura-se. O que lhe falta ainda para ser feliz?

— À que está emancipada, pouco; mas à que está por emancipar-se, tudo. E neste caso está a mulher brasileira.

V

Entre nós a instrução, mesmo a mais elementar, tem até aqui constituído monopólio do homem. Ora, à medida que o homem sobe, a mulher desce, naturalmente, e essa diferença cria entre ambos uma profunda separação intelectual e moral que arrasta consigo todas as desordens do lar.

Educada para agradar, de posse de algumas prendas, mais ou menos polida pela freqüência dos saraus dançantes ou musicais, conhecendo os dramas do coração pelo romance ou pelo teatro, sem uma idéia séria, sem um plano determinado de vida, a menina brasileira transpõe sorrindo o limiar do casamento, com sua fronte sonhadora aureolada pelo véu da pureza e penetra sem consciência no que há de mais sério, de mais grave, de mais solene na terra; — a vida da família!

Quando, porém, passado o primeiro período do enlevo mútuo o marido compreende que não pode dar à sua esposa mais que a confidência do coração; quando reconhece que ela não pode absolutamente corresponder às expansões do seu espírito e que deve sufocar no íntimo o que sente de mais superior em si, o divórcio moral se estabelece entre os esposos, o encanto da intimidade morre inevitavelmente para ambos. Ele vai procurar no exterior o que não pode encontrar no lar; ela chora, lamenta-se, e transvia-se se é fraca, ou volta-se para a religião e resigna-se, se foi educada por uma mãe piedosa.

O casamento, neste caso, é a calúnia do casamento. O que podem ser os filhos nascidos de semelhante união, educados por esta mãe ignota, desenvolvidos neste lar em perpétua e desoladora desordem?

VI

Não é esta, por certo, a missão da mulher moderna na família e na sociedade.

Mas para que a estátua tome posse do seu pedestal; — para que a mãe irradie todo o brilho de sua dignidade, é preciso educar a menina e educá-la, em primeiro lugar, para o amor, isto é, desenvolver-lhe a faculdade de sentir, pois sentir é amar o belo, é admirar o grande! Amar o belo na natureza faz o poeta e o artista; e que mal acarretará à sociedade a melodia, a tela, ou mesmo a ode de uma mulher? O que é a poesia, senão o misterioso e divino élance *da alma para o céu, sobre a aura luminosa do lirismo?*

Em segundo lugar, fortifique-se-lhe a razão pela cultura da inteligência, pois só a razão pode compreender a verdade e por conseqüência demonstrar o erro. Ensine-se-lhe a história, que faz viver em todos os séculos; a história natural que nos põe em contato

com a natureza; — a moral que nos rege e inspira-nos a noção do destino; — a higiene que é tão necessária no seio da família.

A menina opulenta poderá alargar o círculo dos seus conhecimentos na medida dos seus recursos; mas assim preparada com o seu caráter formado e a alma inundada por tudo o quanto é belo, nobre e santo no mundo; fortificada pela consciência de seu valor moral e escudada por essa altivez serena da virtude em repouso, a filha do povo achar-se-á habilitada para penetrar na vida da família. O seu espírito iluminado saberá entreter pela perpétua permuta da simpatia e do pensamento o fogo sagrado do amor conjugal; o casamento então existirá de fato, e a mãe, compreendendo a sua difícil e gloriosa missão na terra, se dedicará com o entusiasmo de que só ela tem o segredo à criação da alma, à formação do caráter, ao desenvolvimento da inteligência do filho em embala no berço.

Guiado por essa mão firme, previdente e esclarecida, a que grau de perfeição não atingirá o homem do futuro?

VII

Convicto dessa grande verdade, que, aliás, acha-se hoje na consciência de todos, um homem de grande inteligência e raro coração, compreendeu e criou entre nós o Liceu para mulheres. A sua inauguração foi um triunfo; a sua existência será gloriosíssima!

Honra, pois, a essa utilíssima instituição em cujo grêmio a filha do povo afidalga-se pela instrução e de onde sairá mais tarde a futura cidadã brasileira!

Narcisa Amália

Esse texto diz por si só como a questão da mulher na sociedade brasileira importava para Narcisa. Talvez seja um pouco difícil apreender em toda a sua abrangência o quanto as palavras da escritora lhe podem ter custado. Com certeza, foram bem recebidas pelos freqüentadores e pelas freqüentadoras do Liceu, principalmente por

demonstrarem a bagagem cultural da escritora e sua consciência crítica. Em geral, contudo, as reflexões por ela sugeridas devem ter provocado a ira dos conservadores e falsos moralistas. A ênfase dada à hipocrisia presente nos casamentos também deve lhe ter rendido má fama e antipatia. É fato conhecido que a voz de Narcisa foi proibida às "moças de família". Entretanto, hoje, mais de cem anos depois, essas palavras são reconhecidamente coerentes e representam um marco, uma voz importante para as mudanças que só começaram a se efetivar na sociedade brasileira no século XX, restando ao século XXI varrer de vez da história as inúmeras arbitrariedades que têm atravessado a vida das mulheres no planeta.

Merengata

Estou na Forneria, almoçando (extraordinariamente!) meu pão com brie, nozes e mel, quando avisto isto: "merengata"! Jesus, que raio de troço é esse com essa cara de gostoso? Sei lá... Parece um suspiro... Perguntei. No alvo! Um suspiro com amêndoas e nozes! Vixe!! Como resistir? Não resisti! Cá está a merengata me olhando. Vou abocanhá-la! Certamente o rosto estará mais redondinho nas próximas fotos! Não faz mal! As redondinhas também são gostosas!! Kkkkk E não é todos os dias que se come uma merengata! Ou eu é que sou muito ignorante por não conhecer essa guloseima?

Meu king-kong predileto
ou
Há olhos sob as telhas

Meu king-kong predileto nasceu por volta dos anos 80, num final de tarde, na Tijuca. É, pois, um king-kong carioquíssimo. E, como tal, não poderia deixar de ser uma mistura de graça com irreverência e muita ironia! Cultivo-o na memória como uma lição de vida preciosa. E, embora saiba que, revelando-o, entrego-me ao cadafalso, eis sua história:

Fui estudante da Faculdade de Arquitetura da UFRJ. Nessa época, morava na casa de meus padrinhos, na Tijuca, e, por isso, era passageira constante do ônibus 634 – Praça Saens Pena/Dendê, o único que me levava à ilha do Fundão. De manhã, bem cedinho, inaugurava a fila do ponto final e, à tarde, descia do ônibus no mesmo ponto de onde partira. No vai-e-vem casa/faculdade, costumava fazer da janela tela para os pensamentos e tudo o que via transformava-se de repente ora em lembranças ora em sonhos.

Essa mania de brincar com as cenas do cotidiano, e fazer das pessoas, animais, carros e construções modelos para meus devaneios, foi reforçada por uma interessante aula sobre telhados na faculdade de arquitetura. A partir das palavras do professor, pude perceber que, apesar do meu hábito de observar o mundo à minha volta, jamais me dera conta do universo vermelho, cinza e pontiagudo dos telhados da cidade. Saí da aula já ansiando pela oportunidade de rever minha paisagem e descobrir segredos desconhecidos.

Sentei-me no primeiro banco do ônibus do velho 634, e, voltando para casa, passei a observar os inúmeros e diversos tipos de telhados que nossa cidade apresenta aos olhos dos interessados no assunto. Incrível perceber que até então nada disso tinha sido observado. Redescobri a cidade. Telhas francesas, telhas canais, telhas

de amianto, telhas coloridas, telhados de duas, quatro águas... A luz do sol escondia-se discretamente, entre prédios altos, árvores e montanhas, mas, vez por outra, era possível observar o contraste entre o alaranjado que se esparramava pelo céu e as pontas triangulares do telhados. Pude vislumbrar mãos em oração buscando o céu. Era lindo.

De repente, ao olhar para o lado do motorista, dei com o mesmo me olhando de forma acintosa. Estava sendo descaradamente paquerada. Eu, tão inocente, a devanear entre as cumeeiras e rosas-de-vento! Quem dava àquele sujeito o direito de invadir a privacidade de meus pensamentos obrigando-me a pensar nele? Quem lhe dava o direito de me olhar com aqueles olhos apertados, prontos para uma piscadela oferecida? Aborrecida, maquiei no rosto a mais perfeita máscara de desprezo, olhei em seus olhos atrevidos e virei, solene, meu rosto em direção à minha sedutora amiga, a janela.

Qual não foi minha surpresa ao constatar que, entretida com os telhados da cidade, não percebi a chegada ao ponto final e o decorrente desembarque de todos os passageiros!!

O pobre do motorista, esnobado como havia sido, ainda teve a gentileza de me sorrir, embora, por dentro, devesse estar gargalhando sem parar... Creio ter-lhe oferecido, então, o sorriso mais amarelo do mundo. Arqueei as sobrancelhas num misto de vergonha e pedido de perdão, peguei o recém-nascido king-kong no colo e saí de fininho porta afora, incrédula.

Sob as telhas da Tijuca, olhos abstratos me olhavam. Pude sentir, pela primeira vez, que eu fazia parte do espetáculo da vida. Ninguém assistira a meu ridículo, mas eu sabia: o mundo é espectador e meu ridículo invadirá as vertigens tempo e eu serei sempre a protagonista dessa comédia.

Quase vinte anos depois, volto-lhe em palavras, meu caro motorista: desculpe-me o gesto áspero, o pensamento preconceituoso e, principalmente, a expressão de superioridade. King-kongs costumam ser assim. Chegam para arrasar. No meu caso, quase não sobraram pernas para carregar meu corpo envergonhado ônibus afora.

Mia

Sempre vi os gatos como "bichos cercados de garras por todos os lados". Apesar de lhes admirar a beleza, fotografá-los em poses diversas, ter um gato ou uma gata, definitivamente, parecia algo incongruente com meu modo de ser e de sentir.

O mistério dos gatos jamais me fascinou a ponto de desejá-los inseridos no meu dia-a-dia. Ao contrário, a transparência dos cães, sim, motivava-me, afinal, é realmente prazeroso contar com a fidelidade de nossos cães quando o mundo tem sido tão "infiel" a nossos sonhos.

Todavia, a vida, com suas surpresas, trouxe-nos Mia. Ela veio após duas experiências com cães. Apesar de não ser muito afeita às rotinas que os animais domésticos nos impõem, acredito que a infância, acompanhada de um animal doméstico, é mais intensa e significativa. Por isso, quando Gabi e Isa começaram a se interessar por animais, não hesitei: "sim".

A primeira cachorrinha que tivemos, Fifi, uma poodle branca e bem magrinha, morreu aos sete anos, deixando um vazio em nossa casa. Ela era delicada como uma "cachorrinha de madame", mas não a tratávamos com "frescuras". Ela era "fresca" por natureza. Após fazer xixi, levantava uma das patinhas e saltitava com a outra para não "tocar" na "sujeira"... Quando tomava banho, parecia ganhar "ares de superioridade" com seu lacinho e seus pompons. Mas era igualmente inteligente. Sabia, por exemplo, abrir minha bolsa quando percebia haver balas ou chocolates lá dentro. Às vezes, à noite, subia sorrateiramente em nossas camas, enroscava-se no cobertor e por lá ficava até ser descoberta. Seu único defeito: latir insistentemente quando algum barulho do lado de fora surgia. Nada adequado para um cão de apartamento... Um dia, quando estávamos viajando, ela teve uma crise hepática e morreu em poucas horas. Choramos as três,

em meio à culpa (afinal não estávamos por perto) e à saudade (talvez ali nós tivéssemos nos dado conta claramente de sua importância em nosso cotidiano). Bem, como a infância já tinha se transformado em "pré-adolescência", sentenciei: "Chega de animais!"

Sentença revogada. A pedido das filhas e, confesso, mortalmente atingida por uma paixão à primeira vista (ou à primeira vitrine), dois meses depois, providenciei outra cadelinha: Nina, uma beagle linda e levadíssima, que quase me levou ao desespero com sua correria, sua fome, seu jeito estabanado. Olhava para ela e me via em sua companhia quando as meninas já estivessem em suas próprias casas. Mas sua determinada teimosia e desobediência às "normas de higiene" da casa me diziam que essa "longa convivência" estava bem longe de ser possível. Fotografei, filmei, comprei acessórios, brinquedos, caminha, etc. e tal. Mas... Não! A imundície invadira meu lindo apartamento. Dei fim àquela tortura e, com o coração partido, entreguei Nina para uma pessoa apaixonada pela raça, que até hoje a trata com delicadeza e ternura admiráveis. Consenso familiar: chega de bichos.

Consenso revogado. A mais nova quer um gato.

Gato? Pensei. Gato é meu signo no horóscopo chinês... E daí? Os gatos são belos e comportados. Gatos não sujam tudo. Não necessitam de "faxina semanal". Por favor, mãe. Eu cuido. Eu limpo. Gato? Lembrei-me do Gato de Botas (espertíssimo), da egípcia gata-deusa Sakhmet-Bastet, dos gatos da sorte orientais, do gato preto pronto a cruzar os caminhos dos desavisados, do Gato Félix, do Garfield, dos Aristogatas, do Tom... Mas e as unhas? E as doenças? E a toxoplasmose? Não é esse o nome da doença que podem transmitir? Não. Não. Sim. Não. Sim. Não sei. Talvez. Depende. São necessárias maiores informações. Não entendo de gatos. Gato ou gata? Onde? Comprar, nunca! Já gastei demais com Fifi e Nina. E as unhas? Ai, ai, ai...

Operação adoção. Internet. Gatinha abandonada no Campo de Santana procura lar. E lá fomos nós, eu e a caçula (a mais velha não concordava muito com aquela "novidade"), visitar o "orfanato" de gatos mantido por uma veterinária consciente. Lá estava ela. Olhou-nos com seus verdes enigmáticos. Ficamos sabendo: "É exclusivista. Não poderão ter outros, pois ela é ciumenta!" Levamos. Eu sequer sabia como pegar, carregar, alimentar, mexer, etc. Minha filha estava encantada. Sempre ficam. Vamos lá. Veterinário. Compras. Compras. Janelas e portas fechadas. Medo das unhas.

Depois de alguns arranhõezinhos, que pouquíssimo incomodam, a decisão: o nome será "Mia". O miado, de fato, era uma novidade em nossas vidas. Aliás, curiosamente, miado não é um som, são muitos e variados. Quando Mia mia, conversa. Está sempre perto de nós. Não resiste a qualquer tipo de cadarço, corda, barbante. Pega-se neles imediatamente. Limpíssima, usou a caixinha de areia assim que a viu instalada perto da máquina de lavar. Gulosa, devora sua ração, mas não se interessa por nossa comida, com exceção dos iogurtes, uma vez que a mais velha (já interessada...) resolver lhe permitir uma lambidinha na tampa do "Bliss"... Se Mia nos vê com um iogurte na mão, imediatamente se aproxima, tentando ganhar colo. Aliás, colo é uma exigência. É praticamente impossível sentar no sofá sem ver meu colo invadido por ela, que, sem cerimônia alguma, enrosca-se em nós como um bebê.

Há, entretanto, um algo mais em Mia que me é, particularmente, significativo. Ela não pode ver uma bolsa ou um saco. Imediatamente se enfia nela ou nele e fica por lá, quietinha. Às vezes, ao chegar do supermercado, provoco sua reação. Deixo um saco no chão e espero. Dito e feito. Enfia-se lá, misteriosa em seu gesto. Penso. Será carência ou desejo de partir?

Talvez essa metáfora de Mia seja o que nela mais me comove. Na dúvida entre seu estado de carência e seu espírito de aventura, vejo a mim mesma. Como um espelho. Os verdes olhos de Mia se fizeram espelho. E, em função dela, tenho andado a pensar como andam misteriosos os caminhos de meu próprio amadurecimento.

Minha amiga Ana Claudia Souza

Ela tinha 10, eu, 11 anos. O lugar? Uma pequenina rua no bairro Lins de Vasconcelos chamada Rua Éden! Lá nasceu uma amizade que hoje já completa 41 anos de existência! Muriqui, carnavais com fantasias iguais, sonhos e dores compartilhados, discoteca Urubu's na sede do Flamengo, festinhas, viagens, namoros, praias, nascimento e crescimento dos filhos, decepções com o casamento, reinvenções, superações, formaturas, conquistas, hobbies, gargalhadas, alegrias. Temos uma História linda!

Apesar da distância física, NUNCA o amor mútuo se perdeu. Nossas famílias têm laço eterno de amizade. Sua mãe, Lola Souza, também é grande amiga que possuo. A vida seguiu levando vivo esse afeto maravilhoso.

Feito o convite para meu casamento com Ítalo De Melo Ramalho, Aninha, a melhor ortopedista do mundo (e fotógrafa também!) percebeu profundamente o significado deste encontro que Deus me trouxe. Entendeu que não era "mais um casamento" desta aquariana (como ela) obstinada em sua busca pela pequena e grandiosa felicidade que cabe no cotidiano se acreditarmos nela. Percebeu que eu havia encontrado um tesouro de verdade. E decidiu vir. Não só vir. Decidiu, como verdadeira irmã, cuidar de mim, me apoiando em cada segundo dos preparativos para a festa, e clicando, paciente e artisticamente, cada segundo do casamento.

Um avião a trouxe do Rio. Um avião a levou. Mas o que fica no meu coração, o que essa prova de afeto e sensibilidade deixou na minha emoção, isso ninguém levará.

Ana, você e meus outros queridos (a quem agradecerei em texto especial também) foram os grandes responsáveis por nosso casamento ter sido o que foi: mágico para nós dois. Mágico. Acho que para todos nós.

Obrigada, Morena amada. Você captou com arte cada detalhezinho de nosso casório. Cada gesto seu de doação e carinho retornará a você na forma de bênçãos e amor. Porque não só o amor que me une ao Ítalo e vice-versa transbordou em nossa singela cerimônia. A amizade, em seu mais alto grau de beleza, também esteve presente por todos os lados.

Amo você!

Mosaico

Tomemos um mosaico qualquer como metáfora. Metáfora de quê? Primeiramente de nós mesmos/as como indivíduos. Não há como sermos diferentes de um extenso, multicor e multiforme mosaico. São tantos o fragmentos de que somos feitos... São igualmente tantas as cores que temperam nossa existência e consagram as distintas imagens que as pessoas têm de nós... Na maturidade, que estrutura complexa podemos apresentar! Um conjunto alegre ou triste, uma tonalidade viva ou pastel, desenhos de flores ou de espinhos, sensação estética de harmonia ou de desordem. Apolo, Dionísio, anjos e demônios. Certamente sequer nós mesmos/as sabemos o valor do conjunto da obra. E, por isso, na maioria das vezes, não conseguimos fazer pequenos ajustes que bastariam para que chegássemos a uma beleza maior. E assim vamos pela vida: mosaicos mutantes, caleidoscópicos, espargindo nossos fragmentos pelo tempo e pelo espaço.

Entretanto, também do amor um mosaico pode ser metáfora. Não qualquer amor. Mas aquele que se desenha com intuição e trabalho semelhantes aos do/a artista. Amor que se quer obra de arte. Amor sensível. Bom. Bem. Bem bom! Esse mosaico é mais complexo, porque reúne fragmentos de duas pessoas. Não é mais um mosaico independente, cujos efeitos plásticos belos ou feios se restringem a um indivíduo. Os efeitos agora são fruto da composição da mais simples e mais complexa força coletiva: a equipe de dois. Dois seres em estado de amor e arte. A questão é: como compor um mosaico cuja beleza possa transcender espaço, tempo e, principalmente, a mediocridade que cerca, permeia e destrói o que poderia ser belo?

Não há resposta. Há os fragmentos, a eleição dos que serão compartilhados (que difícil pode ser doar os próprios fragmentos), a argamassa com que se unem esses fragmentos, a sensibilidade para a composição e a energia para o trabalho. Inicialmente, os fragmentos ainda estão soltos no mar da argamassa da segurança desejada. Não se vê bem o desenho que sairá dali. Pouco a pouco, porém, ficará cada vez mais evidente se o conjunto da obra segue em direção ao sucesso (ser arte) ou à falência (não ser nada, sequer mosaico).

O amor-mosaico pode, sim, ser uma obra de arte. Basta que sejamos artistas ao amar. Basta que façamos o exercício simples (é simples realmente. O problema é a dificuldade que temos em aceitar a beleza da simplicidade...) de resgatarmos os melhores fragmentos que compõem nosso ser para doá-lo à composição amorosa. Porque, ao fazermos isso, não estamos apenas nos doando ao/à outro/a. Estamos, talvez até mais, doando-nos a nós mesmos/as, porque optamos por fazer de nossa vida uma obra de arte. E buscar os melhores fragmentos não quer dizer trazer ao ateliê apenas os fragmentos de cor e forma divinas. Ao contrário, muitas vezes será aquele fragmentozinho escuro e disforme que fará a diferença e imprimirá verdade ao que se construiu.

Talvez, e digo talvez porque pouco sei a respeito desses mistérios, nossa maior e mais linda vocação na vida seja a arte. Chego a pensar que se fôssemos todos/as artistas, cientes do esforço necessário para nos cercarmos de arte, as histórias de amor seriam muito diferentes. A vida humana seria muito diferente. O planeta seria outro. E um mosaico seria uma linda metáfora de Deus.

Ser artista. Dominar a arte do mosaico. Saber amar. Não são fórmulas, porque cada resultado terá feição diferente. Mas seguramente são formas. Formas delicadas, sensíveis e divinas de ser, para o outro e para si mesmo/a, um mosaico maravilhoso aos olhos da estética da felicidade.

Natal sem presentes

Este ano nossa família optou por um Natal sem presentes. Nada contra presentear! Até gostamos muito disso. Mas a sensação de "entrar no automático" toda vez que chega o Natal nos fez decidir sermos diferentes este ano. E, sinceramente, não é que foi ótimo?

A preparação da festa, receber amigos e suas famílias, curtir a noite levemente, partilhar uma ceia feita a muitas mãos. Estava tudo delicioso e ninguém sentiu falta do momento "troca de presentes".

Nosso presente, Jesus, chegou à meia-noite e o dia 25 amanheceu muito tranquilo e realmente leve. Claro que se todas as famílias resolvessem fazer o mesmo, o comércio levaria um susto fatal! Mas, cá entre nós, que bom é dizer não ao automatismo do consumismo e deixar como presente apenas nosso abraço, nosso afeto, nossa alegria por estarmos juntos. 2015.

Um dos melhores e mais leves natais que já vivi. Sem presentes. Com muita presença. E a maior: a de Jesus.

No baú das tristezas

O que fazer com nossas tristezas? Perder familiares e amigos queridos, sofrer qualquer tipo de violência, ter desilusões amorosas, passar por dificuldades financeiras, estar mergulhado em dívidas, enfrentar problemas graves de saúde, sentir solidão, descobrir-se traído, sentir saudade, ver-se afastado da família, da própria terra, ser discriminado, não conseguir ter o desempenho que gostaria nos estudos ou no trabalho, ser caluniado, não conseguir dar aos filhos o conforto que se gostaria, ser vítima de um sistema corrupto e violento, ver-se de mãos atadas diante das atrocidades que acontecem no mundo, ser refém da depressão e não ser compreendido por isso, ter medo, passar por calamidades, perder tudo. São muitas as fontes que podem trazer tristeza para nossa vida. No entanto, as tristezas, como sabemos, são inevitáveis. Assim, a questão que fica é o que fazer com a bagagem de tristezas que vamos acumulando durante a vida?

De algum modo, cada uma se instala em nós e fica lá, guardada num doloroso baú de memórias, que pode ser acessado a qualquer momento, se surge algo, alguém ou uma situação que nos faz relembrar uma dor passada. Ou não. Não fica guardada. Fica na pele e irrompe a cada instante, num cruel processo de sofrimento crônico, que denota a incapacidade do ser de acomodar a tristeza no tal baú.

Há pessoas que, ao fazerem o inventário de suas tristezas, surpreendem-se ao constatarem que foram muitas e profundas e que, no entanto, conseguem ser mantidas no baú, cada vez menos susceptíveis de serem acionadas por motivações externas. Outras, ao fazerem o mesmo, acabam agradecendo a Deus pelo privilégio de terem um baú discreto. Todavia, incrivelmente, há quem tenha um

baú discreto e, em lugar de agradecer, sofra angustiadamente todas as suas pequenas tristezas, trazendo-as de volta ao menor pretexto. Ignorar a existência do tal baú, contudo, é impossível. Todos nós temos o nosso momento de reflexão sobre o que passou. Todos temos o doloroso momento de lembrar que a vida não é apenas um somatório de alegrias.

O que fazer, então, com nossas tristezas? Eu tenho a minha resposta. Cada um, por certo, terá ou buscará a sua. Meu baú impressiona. Foram muitas. Às vezes me parece que vai faltar espaço. Mas esses "às vezes" tem mínimo impacto em meu ser, porque, apesar de todas as dores, mantém-se viva em mim a chama dos que querem ser felizes. E essa chama só se cultiva se não deixo que os ventos de dor que vêm do tal baú atinjam-na. Por isso, quando é inevitável que eu me defronte com alguma tristeza nova, que, por si só, acaba me fazendo recordar alguma antiga (porque há tristezas reincidentes, que aparecem apenas com outra roupagem), rezo profundamente a Nossa Senhora, pedindo que Ela alimente minha sabedoria de tal modo que os ventos ruins jamais apaguem a chama que me move em direção à alegria e aos momentos felizes. E o que sinto quando rezo é uma onda de ternura amorosa que só Mãe Maria sabe nos dar.

Minhas tristezas não podem ser maiores que eu. E eu quero ser feliz.

No meio do caminho... uma lua-de-mel

Definitivamente, Ítalo De Melo Ramalho e eu amamos os rituais. Há nos rituais, conforme bem dizia Joseph Campbell, um laço direto com as experiências míticas, que proporcionam ao ser humano a vivência do maravilhamento tão essencial à vida. Sabedores disso, não abrimos mão de escrever nossa história cuidando para que os rituais sejam nossas ilhas de maravilhamento.

Todo esse preâmbulo para explicar como soou para nós a pergunta: onde vamos passar nossa lua-de-mel? Ora, se vai haver casamento, haverá lua-de-mel!! E iríamos pular uma etapa boa dessas? Mas... Onde? Sem grana para rituais mais "sofisticados" (o que, aliás, nem desejamos), e entendendo que lua-de-mel, em nosso caso, rima com cabana e muito romantismo, decidimos criar mais um ritual para nossa história...

Ele nasceu em Guarabira, Paraíba. Eu, na cidade do Rio de Janeiro. Fácil!! Pegaríamos o mapa, e, com uma régua, encontraríamos o "meio do caminho"! Lá seria a nossa lua-de-mel!! Antes do mapa, o ritual das conjecturas...

Começamos a imaginar onde seria tal lugar... Certamente na Bahia... E há estado mais brasileiro que a Bahia? Terra de minha avó materna, terra de tantos índios e negros... De samba, orixás, coqueiros, mar, cacau, Castro Alves, Gregório de Matos, Novos Baianos, Caymmi, João Ubaldo Ribeiro, Helena Parente Cunha, Jorge Amado, Maria Machadão, ... "Bahia, terra da magia, da feitiçaria e do Candomblé"! Bem propício tudo isso para a "Brucha" e o "Catingueira"! Internet, distâncias, mapas! Vamos lá!

Olivença, Ilhéus, Bahia! No meio do caminho... uma lua-de-mel. A nossa! E não é que há uma cabana a vinte metros do mar?

Assim fica escrito mais um capítulo de "O inusitado amor da BruCHa e do Catingueira", folheto de cordel que daremos de presente a nossos convidados, mas que, pelo visto, será um folheto em vários livros!

Quanto à lua-de-mel, esta escreveremos com tintas próprias, para apenas dois leitores! Ou um, já que estamos mais misturados que feijão com arroz! Feijão barroco!

No seu dia, Ana Claudia Souza

Um dia fomos baianinhas. Sambamos ao som dos sonhos e, em nossa meninice tão viva, plantamos no chão do futuro esperanças de alegria sambista.

Um dia fomos Pedritas. Nos bailes, sem asperezas pré-históricas, éramos muito de fantasia, duas pequenas joias, portando serpentes alegóricas, sem entender ainda de venenos e traições.

Um dia fomos odaliscas. Sambamos travessas e alindadas pela beleza do exotismo. Éramos "Jennies", cheias de magia, aguardando as surpresas que a vida traria.

Um dia nos casamos. Com uma semana de diferença. Aprendemos, a duras penas, que sambas reais não nos davam vontade de dançar, mas mesmo assim dançamos, driblando as disritmias. Como legado, o único mas tão precioso, a maternidade. E fomos mães.

Um dia, perdi um filho. Que você viu nascer, por estar a meu lado na sala de cirurgia. Por ser médica, mãe e uma amiga-irmã soube compreender todas as notas do meu sofrimento.

Um dia nos formamos e nos tornamos profissionais dedicadas, sérias, curiosas, desbravadoras. Não enriquecemos por fora. Mas somos tesouros por dentro.

Todos os dias, porém, temos sido duas aquarianas guerreiras, que não "sambam" "conforme a música". Fazemos mais que isso: aprendemos a compor nossos sambas e a sambar no ritmo que queremos.

Hoje é o seu dia, minha baianinha, minha Pedrita, minha odalisca, minha parceira de adolescência, minha amiga de tantos anos, minha médica predileta, minha jogadora de todos os vôleis, mãe linda de Felipe e Mariana, fotógrafa maravilhosa cujas lentes

captaram o momento em que finalmente sambei o samba obra-prima que tanto busquei.

Hoje eu quero expressar todo o desejo que sinto de vê-la, nas etapas que a maturidade está nos trazendo, cada vez mais plena, cada vez mais linda, cada vez mais Ana Claudia Souza. Você é única! Sou uma sortuda por tê-la em minha história de vida! Todo o bem do mundo! Hoje! Sempre!

Obrigada pelos tantos carnavais, principalmente os que virão! Amo você!

Nós somos o Quinto Elemento

Sei que devo cansar com o tanto de vezes que me ponho a exaltar o mar de Aracaju. Mas não resisto... E lá vou eu mais uma vez.

Sempre que obrigações profissionais não me impedem, caminho de manhã pela areia. Dez quilômetros, uma hora e meia, às vezes duas horas. Se pudesse acho que caminharia o dia todo, tão prazeroso me é estar ali, naquele encontro com os quatro elementos.

A terra, sob forma de areia, acolhe úmida, suave e sem barreiras meus pés sedentos de caminho. O ar, sob forma de brisa constante, embala meus pensamentos (e meus cabelos) e me faz sentir ter asas e frescor. A água, morna e mansa, brinca de ir e vir comigo, sempre me provocando o desejo de parar para um mergulho. O fogo, na figura de meu velho amigo Apolo, brilha absoluto no céu sem fim dessa paisagem.

A linha reta e infinita me faz esquecer os próprios obstáculos da vida e me dá a sensação de que algum dia meu caminho será exatamente assim: limpo, aberto e seguro.

Hoje, mais uma vez, a maré estava baixa. E quando isso acontece, a praia oferece aos que ali estão uma quantidade incontável de piscinas naturais, rasas e mornas, uterinas (às vezes, ofurôs).

A paz ali dentro é tão imensa que mal nos percebemos elementos alheios ao mar. Ao contrário, estar ali nos confere a certeza de que nós, humanos, quando nos entregamos à Natureza, respeitando e agradecendo suas generosas ofertas, somos, sim, o Quinto Elemento.

Terra, ar, água, fogo e nós. Uma harmonia que prescinde de palavras. Os únicos sons são o do mar, com suas peculiares melodias, e o do vento, assobiando canções ancestrais.

O mar de Aracaju é um presente que recebi. Nele e com ele, a vida se transforma em dez quilômetros, e eu volto para casa orgulhosa de ser o Quinto Elemento dessa harmonia divina.

Num dia triste assim

Num dia triste assim, ter você é ver na cinza um jardim e saber que o milagre da vida faz nascer o verde na pedra, a flor no asfalto, o sonho na miséria. Ter você, num dia triste assim, é, para mim, o sentido pleno da palavra esperança. Te amo. (Não há realmente nada melhor que, na hora da desesperança, ter alguém a nosso lado com a capacidade de segurar nossa mão e nos fazer recuperar a fé. Imaginem a força de milhões de mãos dadas, com o mesmo propósito...)

Nunca é tarde... Mesmo!

O que você costuma comer? Eu? Oxe! Eu como comida! Fiquei rindo... Eu comia de tudo menos comida. Como tenho aversão a cozinhar, qualquer pretexto valia para trocar comida por café com pão, uma escapulida no Mac Donald's e bobagens quaisquer que dão a sensação de "barriga cheia". Ou, pior, comer "comida" nos quilos da vida e gastar mais do que deveria...

A coisa (a aversão) era tão forte, que as recordações culinárias que minhas filhas têm de mim quando lembram de sua infância e de meu desempenho na cozinha são: "você fazia o melhor Nescau do mundo", "adorávamos nossos momentos família comendo miojo e assistindo ao Friends", "adorávamos nossas idas ao Mac Donald's"!! Verdade! Esse tipo espúrio de mãe fui eu em termos de zelo com a alimentação delas nos finais de semana. Meu amor por elas sempre foi enorme! Que ninguém duvide disso! Mas o fato de ter quem cozinhasse durante a semana me parecia desculpa suficiente para no final de semana eu ficar longe da cozinha! Mas o Nescau e o bolo de um ovo só que eu sei fazer sempre estiveram presentes. Elas, graças a seus anjinhos da guarda, sobreviveram e hoje cozinham super bem (não graças a mim, claro está!). Isadora Pelosi é quem salva esta casa da macdonaldização completa!

Voltando a ele... Comida mesmo? Como é isso? Oxe! Feijão, arroz, legumes, verduras, carne! Comida normal. Não como baganas não. Todos os dias? Claro! Vixe Maria! Bem, ele sabe cozinhar... Vamos nos virar... Não será o fim do mundo! No segundo "bem...", eu já me recordava: meu feijão era até bom e meu arroz ficava soltinho... Isso nas raríssimas vezes em que fui para a cozinha... Bom (pra sair do bem), meu frango com batata doce é bem gostoso. O estrogonofe é muito razoável. Franco com milho verde...

Comecei a lembrar. Comecei a reavaliar... Acho que exagerei na auto depreciação. Será que não sou esse horror todo?

Aí chegou o momento de fazermos juntos nossas refeições. Obviamente minhas escolhas até então não eram nada saudáveis. Quem precisaria mudar era eu, ainda que houvesse brecha para uma alternativa diferente de vez em quando. Resolvi tentar. E havia tanto amor envolvido que não é que fiz uma feijoada supimpa? Isadora começou a sentir esperança de não ter mais sozinha que promover momentos de "refeição saudável" para nós duas. O novo membro da família já chegou "causando"!

Peguei no embalo. Ele está certo! Temos que comer é comida! Arrozinho, salada, franguinho, carne moída... E não é que é bom? Um fazendo uma coisa, o outro, outra. Uma comunidade na cozinha cozinhando, limpando, guardando. Ir ao mercado ficou mais interessante... Caraca! Felicidade é isso? Tão simples assim?

Resultado: nunca é tarde! Almoço de hoje para minha filhotinha: picanha de porco, feijão branco com bacon e paio, arroz branco, farofinha e couve. Tudo feito por mim! Com amor! E Isa e eu tivemos um decente almoço caseiro de domingo!

Nunca é tarde! Mesmo! Principalmente quando chega à vida da gente uma pessoa que sabe valorizar as coisas simples e boas. Alguém que não acha que cozinha é lugar de trabalho escravo, mas de trabalho em equipe. E comer, de repente, deixou de ser sinônimo de improviso ou de excesso de gastos para se tornar sinônimo de amor. Não é exatamente isso que dizem as pessoas que gostam de cozinhar? Estou chegando lá!

Nunca é tarde! Mesmo! Para tentarmos ser melhores. Você me faz ser melhor, amor. Chegue rápido que o feijão branco ficou uma delícia! Isa e eu estamos à sua espera! Queremos ver se seu assado é tudo isso mesmo! Te amo!

O dia seguinte

Peço desculpas a quem me lê pelo tom do texto que se segue. É um texto-homenagem. Um texto dedicado àqueles e àqueles que em pleno tempo de namorados e palavras de amor a dois, acabaram de perder seu amor (ou ainda sentem como se tivessem acabado de perdê-lo). Não há lugar para os solitários na mídia. Mas, vão aqui algumas palavras sobre a experiência do "dia seguinte", aquele, em que tudo parece estar definitivamente sem sentido.

Olhos inchados e vermelhos, lábios grossos, palidez, fome nenhuma, sorriso guardado em carro-forte blindado, nenhum ouvido para passarinhos e crianças, palavra muda, pensamento embargado. Eis que se iniciou o dia seguinte, deixando para trás a discussão derradeira e o fim da relação com sua definitiva ausência de beijos.

Sobreviver ao dia seguinte. Missão impossível, que, em muito, ultrapassa as vinte e quatro horas. Não querer encontrar amigos e parentes. Não querer dar satisfações, explicar o inexplicável, derramar o pranto ridículo do desespero contido pelo medo de ser ridículo.

O telefone? Toca. Muito. Incapaz de se fazer cúmplice, o monstrengo barulhento grita, trina, azucrina. Alô? Alô... Que voz é essa? Nada... Resfriado, acho... Da próxima vez, com certeza, o telefone tocará até o fim da paciência que mora do outro lado da linha.

O espelho? Delator. Sequer se importa com a vergonha que provoca. Vergonha de quê? É vergonhoso sofrer? É vergonhoso ou infame entregar ao espelho a face disforme do dia seguinte? Como é grotesco percebermo-nos mata-borrões de nós mesmos...

A vida? Morta. Nunca o futuro pareceu uma palavra tão utópica. Não há futuro para um coração desamado. Há o precipício. O desejo de morte. O desejo de cem comprimidos letais, corda pendurada, pulsos cortados, salto do vigésimo andar ou da ponte mais famosa da cidade. Mas, tudo sem morte real. Só a manchete sensacionalista, o hospital, a família horrorizada, e, quem sabe, o ex-amor atônito ante o efeito do dia seguinte.

A televisão? Mais perversa do que nunca. Cospe, implacável, o artificialismo roteirizado do mundo. Um milhão para quem souber o aumentativo de milho. Quinhentos mil para o maior "grande irmão". Todos brilhantes. Todos maravilhosos. Todos perfeitos. Sarados e amados.

Telefone, espelho, vida e televisão vão juntos para o saco negro e sem fundo da automisericórdia.

É preciso implodir o dia seguinte! E, com ele, implodir também a história sem final feliz e aquele gosto salgado da última (que bem sabemos não será a última) lágrima, que, entrando pelo canto da boca, retorna ao mar tempestuoso no qual naufragamos solitários e carentes, pois, no dia seguinte, sabemos... amor e amado se foram. Foram-se, também, as carícias, o enroscar de pernas, as novidades confidenciadas, os projetos inventados, os filmes e suas pipocas, os presentes mútuos, os apelidos carinhosos, as viagens a dois, a comunhão de dívidas, o aconchego do peito, a sensação de completude. Não, não é possível implodir o dia seguinte.

Desse modo, carregando consigo nossas esquálidas energias, vai-se o dia seguinte fantasiar-se de novo dia seguinte e assim por diante sucessivamente até que o dia derradeiro não seja mais do que uma remota consciência da dor; até que nosso ser de tantas cicatrizes contemple o dia seguinte como se contemplasse o futuro. Até que a solidão deixe de significar mutilação e passe a ser apenas mais uma existência corriqueira a habitar a solidão do mundo.

O encanto das fotos

Ainda há pouco assisti, com minha sobrinha Alice, ao filme *O encanto das fadas*, do diretor Charles Sturridge, com Peter O'Toole representando Sir Arthur Conan Doyle. Uma das personagens principais, a menina de 12 anos chamada Elsie, lembra à Francis, sua priminha de 8 anos, que, ao nos tornarmos adultos, além de não vermos mais as fadas, começamos a nos esquecer delas. Por isso, ela diz, a fotografia (as duas tiraram fotografias das fadas que encontraram no riacho perto da casa) é importante. Ao ver uma fotografia, podemos relembrar algo que foi real, que foi vivido e que nos trouxe emoção, ainda que não possamos mais viver de perto, novamente, o que passou. A emoção, todavia, por ter sido verdadeira, volta como algo bonito, porque representa uma parcela de nós que vibrou em algum momento, em algum lugar. O que provoca o encantamento é justamente essa energia balsâmica que sobrevive às horas.

Depois de assistir ao filme, encontrei respostas para a relação que tenho com a fotografia. É exatamente assim que penso e vivo a fotografia. Minha câmera não consegue ser um instrumento de denúncia. Não consigo fotografar assim. (Ainda bem que há muitos e muitas que pensam diferente de mim, pois o mundo precisa de outros olhares...). O que me move é esse desejo de capturar o que na vida, nas paisagens, nas pessoas, nos animais, nas flores, é presente. Presente, por ser impalpável, por partir logo ali, depois da virada dos ponteiros. Presente, por ser dádiva desse mesmo impalpável tempo, sempre a nos oferecer suas lições.

O encanto das fotos me soa assim. Álbuns e mais álbuns, pessoas, animais, flores, paisagens: ora no armário da sala, ora em minhas mãos, há vida sendo celebrada em minha casa. O passado vem trazendo enfeites para o presente. Não enfeites de melancolia, mas pequeninos adornos, em cuja suavidade repousa a certeza absoluta de que sempre haverá imagens dignas de serem capturadas apenas porque significam que a beleza aconteceu em nossas vidas. Se a beleza se perdeu como matéria, não se perderá como memória, se realmente foi beleza.

(Natal, 21 de março de 2008)

O pão doce de creme quentinho da padaria da esquina

Longo. O título é longo, tal como me parecia o caminho, que se iniciava na porta de meu apartamento, passava por um elevador preguiçoso, alguns andares, dois portões de saída do prédio, dois sinais de trânsito e dois quarteirões, até terminar no balcão da padaria da esquina, de onde surgia a deliciosa imagem dos pães doces de creme quentinhos, da fornada das quinze horas.

É impossível esquecer a força aguda e penetrante daquele aroma indefinível, que tornava minhas tardes especiais, com sabor de calmaria, infância e aconchego.

Lembro-me de que, ao olhar para o relógio e ver que quinze horas se aproximavam, nem me lembrava de qualquer resíduo de cansaço. Prontamente punha-me devidamente vestida para sair à rua, em busca do doce que me preencheria a tarde. Saía, carregando o dinheirinho amassado no bolso, ansiosa, por pressentir que logo um diabinho sadomasoquista viria soprar em meus ouvidos: "Ande, corra...! Vai acabar, vai acabar...!" E eu andava rapidamente, vencendo as calçadas com determinação e, confesso, com uma espécie de ansiedade gustativa que me enchia a boca de saliva, antecipando o gosto açucarado que logo viria.

Metros antes da entrada da padaria, o perfume macio dos pães parecia indicar o trajeto a ser cumprido. Estavam lá. Prontos para minha fome de alegria.

Sempre escolhia o mais parrudo, que tivesse o creme mais farto e o aspecto mais alegre e açucarado. Delicadeza era o que eu esperava do padeiro no momento em que separasse o pão escolhido dos irmãos de vitrine. Um gesto mais brusco, e a pinça poderia macular a carne macia do pão doce tão analiticamente escolhido... De igual modo, vigiava as mãos que envolviam o pão no plástico

protetor e, em seguida, no papel cinza logo agarrado pelo barbante fino. Ai, se me ferissem o escolhido!

Passava no caixa, deixava o pão vertido em dinheiro e levava o original para casa. Saía da padaria em ritmo ainda mais acelerado que na ida. Não queria que o pão esfriasse. E, por isso, mais uma vez longuíssimo se me fazia o tal caminho. Sentia nas mãos a quentura doce do pacote e um resquício do aroma, que, instigando-me, lembrava-me do sabor de que logo desfrutaria.

Abria a porta do apartamento e corria para a cozinha. Recordo-me das tantas vezes em que me deixei cercar pela dúvida: "Dá tempo de colocar o café no copo que antes guardara geleia ou o pão vai esfriar muito?". Quase sempre me decidia pelo café, também saboroso no ex-copo de geleia, que, nunca descobri o motivo, parecia tornar o café mais café. Desconfio que a falta de cerimônia do ex-copo de geleia deixava o café à vontade para ser autêntico!

Ah... E como não dizer? Completando o ritual, a faca rompia a unidade branca da massa cheirosa, e a margarina invadia discreta a harmonia do pão. Anos mais tarde, nos tempos das vacas menos desnutridas, também haveria a fatia fina de queijo prato, imprimindo ao conjunto um sabor esplêndido de subúrbio, fatura e simplicidade saudável.

Morder meu pão doce de creme, quentinho, tendo como cúmplice o café preto no ex-copo de geleia, era um oásis na tarde esquecida onde se escondiam um apartamento de subúrbio e uma moça quase simples, não fosse a mania antiga de fazer poemas.

Às vezes, eu cometia a tolice da gula e comprava dois ou três pães doces de creme quentinhos. Não me deixou boas lembranças tal tolice, pois, invariavelmente, a saciedade de medida perfeita era substituída pela sensação indigesta do excesso. Bom mesmo era o pão doce de creme quentinho e único em sua justeza quase divina.

Terrível é ter que confessar o quanto me doía, vez por outra, ter que, por boas maneiras, dar um talho quase generoso numa das extremidades do pão, porque uma companhia inesperada também se

encantara com a magnitude da guloseima! Deus Meu, quanta avareza! Mas não era a mesma coisa comer o pão maculado pelo alheio olho guloso...

Um dia, a decepção. A fornada passaria a sair às treze horas. Sandice! Disse eu. Quem celebraria o pão doce de creme quentinho com o estômago invadido de almoço? Algo ali se perderia no tempo. E o relógio nunca mais deu quinze horas com a mesma energia. E o longo caminho ficara brevíssimo, já que se desfizera o pretexto cremoso para a saída das quinze horas.

Algo, porém, daquela rotina cercada de rituais, cheiros e gostos, permaneceria na memória de tardes singelíssimas e felizes. Eu ficara repousada ali, num tempo sem tempo, em que um pão doce de creme quentinho da padaria da esquina podia ser um pretexto perfeito para que eu alcançasse a sensação de felicidade. Da hora que se anunciava no relógio ao retorno a casa, acompanhada pelo embrulho quente, tudo estava cercado de magia, tudo tinha um significado absolutamente ingênuo, mas absurdamente completo, se penso nos padrões exigentes com que hoje a sensação de felicidade se apresenta para mim.

Por isso, passo o tempo tentando resgatar meu pão doce de creme quentinho da padaria da esquina. Vislumbro-o, em outras formas: no abraço carinhoso e apertado que minha filha mais nova me pede todos os dias; no cheiro no pescoço com que todas as manhãs acordo minha mais velha; no olhar meigo e cotidiano de minha gatinha a me esperar acabar de rodar a chave na fechadura; na palavra amiga e coruja de minha mãe ao telefone perguntando pelas novidades do dia; na expressão de alegria com que tantas vezes sou recebida nos corredores da universidade; nos pés protetores que roçam os meus na hora do sono; e em outros pequenos gestos e coisas que me cercam dia-a-dia, sem que, muitas vezes, sejam de fato percebidos como merecem.

Talvez resida aí a maior tristeza que a lembrança do pão doce de creme quentinho da padaria da esquina me traga. Algo dentro de mim se perdeu no emaranhado do tempo, algo me fez mais insensível àquilo que persiste, vivo e inteiro, no pão nosso de cada dia que nos é dado em fatias de gestos e sorrisos e palavras e imagens e gostos e pessoas e tudo mais. Em busca de sabores refinados, ignoro e até desdenho a dose singela de rotina em minha vida. E sonho alto, critico tudo e talvez fosse até capaz de ver, numa imagem de pão doce de creme quentinho que alguém me mostrasse, recalques sexuais, complexos freudianos, imaturidade psicológica e mil outras relações que minha mente cansada de ser feliz à moda dos simples constrói cotidianamente para me dar a ilusão de que cresci.

Não. Nada disso importa. Meu coração diz que o pão doce continua lá, imaculado e simples como sempre foi. Preciso apenas reaprender a cuidar da rotina de caminhar ao seu encontro, extraindo de cada passo a alegria que vestiu meus dias de persistência, ausência de cansaço e doçura.

Eis, assim, a lição do meu pão doce de creme quentinho da padaria da esquina: resgatar, sempre e persistentemente, os sabores do cotidiano, venham eles de padarias, escolas, universidades, lares, ruas, escritórios. Venham eles de qualquer lugar do mundo onde haja gente exercitando a tarefa de viver.

O sal da terra

Primeiro, um céu estonteante. O sol nascendo preguiçoso em meio a nuvens inchadas de cinza. A asa do avião, invadindo a cena, emitia sua luz pequeníssima e discreta, enquanto o astro-rei perdia a preguiça e a timidez e logo começava a ferir minhas retinas. O mar, volta e meia, surgia lá embaixo. E o movimento da espuma indicava ventos fortes. Ansiava pela visão de qualquer pedaço de terra que pudesse me dizer: eis Cabo Verde. Mas, quando o avião começou a baixar, as mesmas nuvens inchadas se fizeram um paredão intransponível. Cabo Verde brincava de esconde-esconde.

Não vi a ilha de cima. Santiago só se revelou quando o avião já se colocava em altura para aterrissar. Vi um relevo ondulado, de discreto verde, casinhas singelas agrupadas aqui e acolá, e o mar rebentando em pedras escuras. Mas o avião não aterrissou. Senti bem claro o momento em que o piloto, projetando o bico da máquina, subiu novamente. Não havia condições para o pouso, esclareceu ele pelo alto-falante. Muita chuva, muito vento. Vamos para a Ilha do Sal. Mais uns trinta minutos de voo.

Então, eu primeiro teria que conhecer o "sal da terra". Era assim? Os passageiros mal se incomodaram, creio que acostumados a mudanças de planos. Eu, na minha expectativa infantil de encontrar a terra, mas já conhecendo um pouco de sua realidade, achei um bom presságio chegar com chuva. Não era eu que estava chovendo sobre as ilhas, mas minha emoção chovia a cântaros. E a natureza parecia compreender. Cabo Verde mostrou que me ditaria suas próprias normas. Não era essa a ordem que queria: Santiago, São Vicente. E me impôs Sal como primeiro solo a ser pisado.

Antes de chegar à Ilha do Sal sobrevoamos outra ilha. O céu mais limpo me permitiu ver uma paisagem completamente diferente de tudo o que já havia visto na vida. Um solo absolutamente seco, rachado, de cor marrom, com pedras e nenhuma vegetação,

desenhava um contorno redondo para as águas do mar. De repente, no meio do nada, uma montanha igualmente marrom, com formato cônico, tornou-se o centro da paisagem. Ao longe até se viam algumas pequeníssimas casas. Mas o tempo passou rápido demais, e o avião, seguindo sua rota, não me deixou ver mais do que aquilo. Perguntei à aeromoça: "É Boa Vista?". Era.

Informação nova do piloto: também a Ilha do Sal apresentava condições impróprias para o pouso. Ele tentaria entrar pelo norte da ilha. Mais dez minutos de espera.

Baixamos a escada do avião sem saber bem quanto tempo permaneceríamos na ilha. Ficamos dentro do aeroporto esperando por notícias. Ali já percebi algo do caráter dos cabo-verdianos. "*Morabeza*" é o termo com que se define o trato gentil que os cabo-verdianos dão às pessoas que chegam ao país. E foi assim. Uma mocinha do aeroporto me comprou um cartãozinho telefônico, para os devidos avisos. Outro moço me permitiu usar seu computador para enviar duas mensagens. Pelo telefone, o primeiro contato com o poeta Corsino Fortes, que me esperava no aeroporto da Praia. Uma voz apagada pelos ruídos de interferência me dizia já saber do atraso e me adiantava os compromissos que já havia agendado para mim. Quando eu chegasse, ligaria para avisá-lo. Ficamos assim. Uma senhora olhou minha mala enquanto eu tentava providenciar essas coisas. Ninguém sobressaltado ou estressado. Todos sentados pelas cadeiras e pelo chão, esperando. Um grupo de risonhas paraenses fazia graça sobre a possibilidade de perderem o voo de Lisboa para Guiné, que parecia ser o destino de suas férias. Não demorou muito e, debaixo de forte temporal, retornamos ao avião. Estranhamente, agora sim poderíamos partir.

Minha permanência na Ilha do Sal foi curtíssima. Só uma passagem pitoresca pelo significativo "Aeroporto Amílcar Cabral" para começar a viagem. O Cabo Verde das terras secas chovia. E me oferecia o "sal da sua terra" úmido e a me dar as boas-vindas.

Praia, 13/09/10

Oração ao menininho Jesus

Você,
menininho pobre,
que sabe pouco de sabores
e muito de fome,
faça sua oração
ao Deus menino como você.

Você,
menininha pobre,
que conhece pratos vazios,
mas sabe sonhar com os cheios,
faça sua oração
ao Deus pequenino como você.

Peçam a Jesus,
rezando baixinho,
com seus corações de criança
e a esperança nos céus,
que Ele conceda
a seus novos irmãozinhos
e às novas menininhas
que certamente virão
que nasçam sem as papilas,
com línguas despidas de gostos,
para que seja menos triste
conviver na terra seca
de gente sem emoção.

Peçam que poupe a eles
sonharem com mangas docinhas,
com o azedo do iogurte,
com o salgado do amendoim...
Peça que os deixe assim,
sem paladar e sem desejo,
pra não mais incomodar
quem vive pelo manejo
do alimento dinheiro
e esquece que primeiro
vem o direito de sonhar
e que é por esse direito
que todos nós devemos lutar.

Rezem com confiança,
que Jesus é bem bonzinho
e há de ter pena de pequenos
condenados a cobaias
de projetos tão sem Cristo
que é difícil de acreditar
(ainda que algumas batinas
que do Filho pouco têm
concluam que um vintém
basta para saciar
a fome de quem é ninguém
na terra de "gente do bem").

Expliquem, com suas vozes,
que papilas gustativas
não terão mais importância
num mundo em que a ganância
separa em castas as gentes
deixando às gentes sem casta
a farinha feita de nada
combinada com o quase lixo
que defendem com bravata.

Doce, azedo,
salgado, amargo,
sorvete escorrendo na língua
laranja ou tangerina
banana, bala, um bife,
tudo isso agora é blefe.
Nenhum pobre precisa disso.
Fome se vence com pó,
do qual, afinal, somos feitos.

Só não se esqueçam,
pequeninos,
pobres meninas e meninos,
de pedir também um céu
onde façam um escarcéu
com deliciosas balas
com bolos e chocolates
cachorro-quente, sanduíche,
sopas, massas, cremes,
suflê, pirão, empadão,

saladas de cores várias,
tudo que neste país
é tão fácil conseguir,
mas parece que aqui
só há vez para a miséria
(aquela, pior que a fome,
que habita o que não tem nome
e que se tem
não deveria ter).

Jesus há de lhes ouvir
e proteger seus irmãozinhos
que, por enquanto,
são anjinhos,
esperando para nascer.
Talvez Ele até decida
em lugar de lhes tirar as papilas
guardá-los de vez lá em cima
já que aqui o que se ensina
é que pobre merece farinha
e rico, comida gourmet.

Eu só digo a você,
meu menino pobrinho,
minha menina pobrezinha,
que hoje que me sinto sozinha
para lutar contra esses gigantes.
Quem sabe talvez adiante
eu rezar também com vocês.

Oráculo

Que preciso conhecer Santo Antão é fato. Quando isso acontecerá? Talvez em novembro do próximo ano. Talvez... Mas, antes que meu olhar se esbarre, vivo nas montanhas que já pude admirar de longe, com os pés assentados em São Vicente. Penso ser bom desenhar com palavras o que é Santo Antão antes de ser.

Um poeta me disse que em Santo Antão é possível admirar as nuvens de cima para baixo, tal é a força vertical das trilhas montanhosas que a ilha possui. A montanha vence as nuvens e inverte a forçosa perspectiva de as termos sempre sobre nossas cabeças. O vigor com que o poeta me ofereceu essa imagem anda determinando minhas expectativas sobre o lugar. Afinal, ver as nuvens de cima, sem estar voando, é quase como ser um pássaro deliberadamente pousado e sem a necessidade do metal. Eu, que gosto dessa coisa de ser pássaro, antecipo emoções...

Outra imagem também me foi oferecida pelo poeta: a ilha onde as tempestades são impressionantes. Quase posso ouvir o som contundente e grave dos trovões esbarrando-se nos blocos de pedra gigantescos. Um duelo de titãs, imagino ser. Mar, pedra e chuva a compor um quadro surreal, violento e belo. Que medida terá a experiência de ser pedra nesse panorama? Há que ser forte como a pedra para estar ali. E me pergunto: de que matéria é feita minha carne? Resistiria ela a tanta tormenta?

Todavia, foi uma cronista de Santo Antão que mais influenciou a decoração desta sala de espera quando, enigmaticamente, sentenciou: "Você deveria ir a Santo Antão, mas não aconselho que vá agora...". Ficou claro que eu não estaria preparada para os mistérios da ilha. Ou, pelo menos, para os mistérios que nesta especial fase do ano se ofereceriam à minha contemplação. Haveria que ir pouco a pouco. Conhecer primeiro a face mansa,

menos verde, mas altiva. Submeter-me às costuras das estradas de cima e de baixo, familiarizar-me com a geografia de escarpas personalíssimas. Até poder encontrar as eventuais tempestades e a explosão do verde.

Foi com tal ênfase que me falou a cronista de Santo Antão que eu senti medo. E quando pude observar, desde São Vicente, os contornos agudos e maciços da ilha, foi entre medo e reverência que a saudei de longe. Ficou-me uma ilustração de romance de aventuras, ao sabor de *A ilha do tesouro* ou de *Aventuras de Hans Staden*. Certo é que a visita futura já possui aura mítica, e que esta navegadora, desejosa de novas paisagens e de novos voos, certamente sairá de Santo Antão renovada, sem medo ou com mais, a depender dos desígnios celestiais.

E você, cronista de Santo Antão, mestra dos retratos do cotidiano, fruto da terra, que conhece os sons guturais que por vezes brotam das montanhas natais, saiba que seu conselho se fez oráculo, e eu, que não sou boba nem nada, nem tenho perfil para enfrentar tamanhos desafios, vou deixar a visita para tempos mais serenos. Até que minhas asas saibam se converter em pedra, e eu possa me misturar às montanhas e sobreviver majestosa às carícias violentas das tempestades em sua ilha. E, quem sabe, como meu amigo poeta, eu possa, inclusive, chegar a amar as tormentas após conhecê-las, em sua mais absoluta verdade, no regaço de Santo Antão, essa misteriosa ilha de Cabo Verde.

Praia, 06/10/10

Os miseráveis? Somos nós!

Se a desigualdade social só nos perturba quando nosso celular é roubado, os miseráveis somos nós.

Se a desigualdade só nos atinge quando a "bala perdida" sai dos limites das comunidades carentes e nos atinge, os miseráveis somos nós.

Se a desigualdade só nos fere quando cruzamos com a miséria pelos caminhos da vida e a visão que temos polui nossas retinas, os miseráveis somos nós.

Se a desigualdade só nos importa quando faz vítimas entre conhecidos nossos, os miseráveis somos nós.

Se a desigualdade só nos comove quando a violência atinge um famoso ou uma famosa que circula nas mídias, os miseráveis somos nós.

Se a desigualdade só dói em nós quando temos nosso cotidiano perturbado pelo aumento da violência urbana, os miseráveis somos nós.

Se a desigualdade só nos chega através de textos e imagens, porque fugimos dela em nossas ilhas de conforto, os miseráveis somos nós.

Se a desigualdade só é tema de nossa reflexão quando nos vestimos com as máscaras da pesquisa acadêmica, os miseráveis somos nós.

Se a desigualdade só nos irrita quando tira de nós privilégios que tínhamos, os miseráveis somos nós.

Miseráveis somos todos nós que acreditamos em meritocracia, competitividade, enriquecimento, lucro, status, poder, bens, ascensão social, medalhas, fama, padrões estéticos de beleza.

Ou nos damos conta de que precisamos perder privilégios e combater a desigualdade ou nossa miséria será nossa prisão perpétua.

Para colocar os pingos nos meus "is"

Essa notícia despertou em mim o desejo de escrever um texto em que eu deixasse bem claras as motivações que me levam a manter uma postura combativa em relação a tudo o que está acontecendo neste país desde que teve início o segundo mandato da presidenta Dilma. Não posto nada na página de ninguém e não marco em minhas postagens pessoas que pensam diferente de mim. Quem lê o que escrevo ou vê o que compartilho é porque visita minha página e, por algum motivo, se interessa pelo que eu digo. É assim, aliás, que funcionam as trocas neste mundo virtual. Mas, pessoalmente, opto por não interferir na página de ninguém. Não me nego a um bom debate. Afinal, ser democrático não é estar aberta ao pensamento diferente? Acontece que chegamos a um ponto de cegueira, que debates se tornam impossíveis, porque começam a beirar a troca de ofensas ou, pelo menos, de comentários como "você me decepcionou", "não esperava isso de você", etc. E a que leva isso? A nada! Não, a nada não... Leva ao esfriamento de relações que antes eram mais fraternas e sensíveis. Sorte minha a de ter duas filhas que pensam como eu. Mas não é isso que anda acontecendo nos lares brasileiros. Há pais e filhos se envergonhando, ainda que disfarçadamente, do que pensam dentro de sua própria casa. Essa notícia, entretanto, me pareceu o pretexto ideal para eu expor, de uma vez por todas, o que penso, sinto e sou. Talvez para a desilusão de algumas pessoas queridas. Fazer o quê?

O trecho da matéria: "Para ilustrar o montante de recursos, um executivo conta o caso de uma pessoa que estima pagar R$ 250 milhões, entre multa e I. R., o que indica a posse de quase R$ 1 bilhão não declarados" ilustra exemplarmente o absurdo a que a humanidade chegou, embalada por esse sistema liberal desenfreado, sustentado pela ideologia do dinheiro, da competividade, do mercado, do poder e da meritocracia. Escória humana enriquece em

ritmo sideral e, ainda assim, rouba seu próprio país, sonegando impostos e buscando todas as formas ilícitas de ganhar mais e mais. Um bilhão não declarado? Qual é o sentido de se desejarem milhões e bilhões? Que merda de vida é esta em que ter sucesso é ter dinheiro e poder? É contra tudo isso que eu me posiciono. O mundo que eu quero não é esse. E o que está acontecendo no Brasil é o retrato de nossa derrocada depois de pequeninos passos em direção a rumos mais humanos.

Lula e o PT só conseguiram chegar ao Executivo quando abriram mão de sua ideologia e criaram um programa de base ideológica liberal. Somente assim, de fato, conseguiriam chegar ao poder, porque o texto original, de base socialista, era combatido incansável e muitas vezes desonestamente pela grande mídia e pela direita. A única forma era mudar o discurso e tentar a conciliação. Por isso, fizeram conchavos e pactos que, anos depois, lhes levaria ao que já sabemos. Além disso, muitos se corromperam e entraram no jogo ilícito do endinheiramento e da fraude. Entretanto, esse mesmo governo conseguiu abrir brechas no liberalismo e dar início a pequenas ações de cunho social que tiraram da miséria milhões de pessoas e lhes permitiram ascender a níveis de estudo e informação jamais alcançados. Ou seja, foi através de mínimas brechas que, pouco a pouco, os verdadeiros destinatários do que deveria ser um governo justo e cuidadoso com seu povo começaram a ver alguma luz no fim do túnel de sua vida de opressão e miséria. Não sou eu quem diz isso. Há números incontestáveis reconhecidos mundialmente. E há a realidade que eu observo no meu trabalho, no interior de Sergipe, no agreste e no sertão de um dos estados mais pobres do Brasil.

A fragilidade dos pactos com os verdadeiros liberais, (a malta infame que sempre esteve à frente de ações corruptas e egocêntricas) e a rendição de muitos a essas mesmas práticas mafiosas se revelaram perversas quando Dilma, que é muito melhor que Lula, passou a governar o país. Dilma não teve e nunca terá a maleabilidade de Lula, porque seus princípios e o modo como levou a vida lhe impediram

de ceder à pressão feita por aqueles e aquelas que, diante do alargamento das apurações de crimes de corrupção, viram-se na iminência de perderem seus privilégios. A "oposição mafiosa" jamais aceitou o resultado das últimas eleições. E não mediu esforços para tramar todo tipo de justificativa sórdida para tirar Dilma do poder e dar início ao mais terrível retrocesso ideológico que este país sofreu. E agora cobra dos revoltados (como eu) uma postura colaborativa, que leve o Brasil a sair da lama! Que inversão louca de valores! Se compromisso com o país foi a última coisa que esses bandidos tiveram desde que Dilma assumiu.

A crise mundial chegaria ao Brasil mais dia menos dia. Disso toda pessoa minimamente informada sabia. O liberalismo torto do governo Lula conseguiu equilibrar os interesses empresariais e as políticas públicas até certo ponto. Muita gente, inclusive liberais, estiveram felizes durante o governo Lula. Mas a virada necessária, que de fato consolidaria uma ideologia mais voltada para o social jamais aconteceria. Qualquer ação que se voltasse para a reforma política, para uma melhor distribuição de renda, para reformas fiscais e para o término do privilégio das grandes empresas e das fortunas do país seria brecada pelo Legislativo que, como sabemos, por causa de nossa insapiência na hora de votar, é composto, em sua maioria, por oligarquias infames, famílias de corruptos que, de geração em geração, assassinam o futuro de nosso país. O assistencialismo inicial teria que ser substituído por novas práticas de incentivo ao conhecimento, à educação. Mas, no primeiro momento, era, sim, inegável a necessidade de se dar a mão à parcela marginalizada do país. A mudança, entretanto, teria que passar por uma reforma na distribuição de renda. Isso é tabu neste país em que a classe média, ignorante de seus vínculos com a pobreza, sonha em ter mais e mais e se espelha em empresários/as, artistas e modelos como padrões de sucesso.

Com a vitória de Dilma, o aparente direcionamento do governo rumo a essas reformas necessárias e o perigo trazido pelo crescimento geométrico da operação Lava Jato e das incontáveis outras que surgiram, a corja se rebelou, se organizou, e com Judas Temer, marionete execrável dessa história, o satânico Cunha e um arsenal de deputados e senadores investigados pelos mais diversos crimes, chegou ao sucesso do golpe parlamentar.

Cabe lembrar ainda que muitos dos crimes investigados durante o governo do PT resultaram em prisões de gente graúda, como José Genoíno e José Dirceu (de cujas prisões agora até suspeito, visto que há muitos outros e outras piores que sequer chegaram a ser investigados/as como deveriam). O fato de não terem interferido no Poder Judiciário e visto seus líderes serem punidos é, sim, um ponto a favor desse governo que hoje tantos execram.

Nas últimas eleições, eu declarei meu voto: Luciana Genro. Para mim, era a única possibilidade de começarmos a minar esse sistema político liberal nefasto e desumano. Mas, tal como o antigo Lula, Genro jamais chegaria ao poder com o discurso socialista que tinha. As pessoas têm medo de perder seus "bens". É algo tão ridículo que chega a ser risível. É tragicômico. Sem outra opção, dei à Dilma nova oportunidade, na esperança de que ela finalmente tivesse forças para encarar a realidade e voltar a minar o sistema, abrindo mais e mais brechas para os desvalidos. Os senões, de minha parte, eram muitíssimos. Mas eu vi, vivi e vivo a realidade transformada no interior do nordeste. E, na balança, o crédito ainda era maior que o débito.

O sequestro de nosso voto é algo que não aceito nem aceitarei jamais. E minha formação, minhas leituras, minha prática docente me impedem de ler e ver comentários e postagens totalmente cegos, que defendem o golpe como se golpe não fosse. Pior, o nível das discussões é xenófobo, preconceituoso, sexista, racista, homofóbico, violento. Não tenho estômago para tanta sandice.

O que quero dizer é que o mundo não terá saída se continuarmos com essa ideologia liberal. A crise na Europa e nos Estados Unidos não surgiu do nada. Surgiu da podridão que vai, pouco a pouco, minando as relações no próprio mercado. Um pouco de informação ajudaria ver isso com clareza. Leiam Fritjof Capra, Noam Chomsky, Boaventura de Souza Santos, Giorgio Agamben, Stuart Hall, Homi K. Bhabha, Zygmunt Bauman. Entendam o que é visão holística. Compreendam que se não encararmos o planeta como uma grande rede interligada, da qual cada ser humano é parte imprescindível, chegaremos a um grau máximo de violência, intolerância, miséria e desamor. Leiam e respeitem nosso Darcy Ribeiro, nosso Paulo Freire. Aliás, o desrespeito a Paulo Freire foi uma das maiores injustiças culturais a que já assisti (vocês sabem mesmo o que Paulo Freire fez pela educação no Brasil?). Ouçam o Papa Francisco. Leiam Leonardo Boff, Marilena Chauí, Jessé Souza. Respeitem a figura de um Chico Buarque de Hollanda, que tanto fez por nós em tempos cruéis de ditadura, que também deu voz aos excluídos e às excluídas. Vejam quais são as pessoas que estão revoltadas com esse "impeachment" desonesto e fraudulento. A aprovação da nova lei legitimando as "pedaladas" é uma prova contundente do descalabro cometido. De outro lado, vejam quem defende a legitimidade do impeachment. É mais claro que água. Mas, com vendas, nem a água se vê, quanto mais sua transparência.

Citar Cuba, Venezuela, Bolívia, entre outros, é estar cego pela ideologia liberal. Eu não sou socialista nem comunista, porque creio que esses termos não dão conta de uma ideologia realmente humanitária que possa, a partir de uma visão holística, rever as relações humanas e as trocas simbólicas no mundo. A conciliação de classes é uma utopia, mas acredito, sim, que possamos, ao menos, equilibrar um pouco mais as coisas.

Quem gosta de mim mas não pensa como eu e anda se incomodando com minhas postagens, por favor, pare com o discurso da "decepção" e reflita sobre o porquê do incômodo. Sabe por que esse incômodo existe? Porque quem me conhece e gosta de mim sabe que sou trabalhadora, humana, honesta, sensível, incansável, empenhada em ajudar quem precisa a ter oportunidades na vida. Não faço nada além de minha obrigação. Contudo, quem é honesto aqui neste país acaba recebendo elogios que nem deveriam existir. Se sou isso mesmo, será que o que penso não pode fazer algum sentido? Será que não têm valor algum todos esses anos dedicados ao estudo e, principalmente, à observação da natureza humana representada na poesia épica, gênero que, mais que nenhum outro, revela o quanto o ser humano busca poder a qualquer preço? Eu li, nesses poemas, histórias de domínio perverso, de destruição de culturas, tudo em nome de um "heroísmo" baseado em guerras, violência, subjugação dos mais fracos. Assim se formou nossa América Latina! Não vejam nesse autorretrato arrogância. Sei de meus defeitos e luto para ser um pouco melhor dia a dia. Mas tenho tanta certeza do que digo que não posso ficar calada. Não seria uma professora se me calasse. E, como já disse, não obrigo ninguém a ler o que escrevo.

Sou, isso sim, contra o acúmulo de riquezas e de bens; contra a competitividade baseada em meritocracia; contra a máfia dos esportes de elite (há muito o futebol deixou de ser um esporte do povo; agora é uma máfia de sanguessugas ambiciosos no mais alto grau); contra as grandes empresas que se instalam nos países pobres para explorar sua miséria e depois posam de primeiro mundo em seus países de origem (merdas!); contra a estética branca e raquítica da moda, que submete homens, mulheres e crianças a padrões de beleza fúteis; contra o desrespeito às diferenças; a violência de gênero;

o poder da grande e mafiosa mídia, que leva multidões à ignorância; contra o trabalho escravo; contra tudo o que foi feito no continente africano e contra as comunidades indígenas do mundo; contra as estatísticas que definem os "primeiros lugares" em tudo, menos no amor!

Enfim, isso é o que penso, o que sinto, o que sou.

Pele d'água

Cidade da Praia. Ilha de Santiago. Cabo Verde. O sol d'África umedece meu corpo, e uma nova pele me reveste: pele d'água. Vestida por ela, não me reconheço. Meus olhos veem paisagens inéditas. Os ouvidos escutam mornas, coladeiras, funanás, zuquis[4]... As narinas recebem olores distintos. Minhas pernas me levam por onde não sei. Inauguro beijos e abraços, gentes que chegam e que se vão, sem que eu saiba o limite de reencontros possíveis. À minha volta, um espetáculo de cores, movimentos e lições a serem compreendidas.

Pelas ruas caminham meninas e mulheres com vasilhas e baldes na cabeça. Contudo, não há resquício de incômodo ou sacrifício. Ao contrário, suas figuras deslizam elegantes, altivas, como se a água ou as frutas que carregam fossem coroas que as dignificassem. Moças bonitas ziguezagueiam pelas calçadas com pernas quilométricas balançando os quadris e deixando entrever a dança que nelas habita. São belas em seus olhares pontiagudos. Crianças de mil caras correm, brincam, buscam as mãos das mães, sentam-se, com elas, no chão para vender roupas, sapatos, frutas, bebidas e apetrechos dos mais variados. Homens e rapazes se confundem na pele jovem que engana a idade. Em meio às mulheres e às crianças, eles parecem compor um mundo à parte, mas um mundo sujeito à estética do feminino. Idosos e idosas passam camuflados pela necessidade de perpetuarem a busca pela sobrevivência. As mesas dos bares estão sempre cheias. De sede, de conversa, de gestos. Igualmente cheias, porque apinhadas de

[4] Ritmos e danças típicas do país.

produtos de toda natureza, estão as lojas estreitas e escuras. Cada uma é um universo completo de acessórios para viver. E o sol, absoluto, parece estar sempre ao meio-dia, até que decide entardecer.

Surpreendentemente, o suor que me custa viver tudo isso não escorre lento pela geografia dos braços, pescoço e rosto, mas se entranha nas próprias águas que gera. É um suor diferente que, por se amalgamar à pele, provoca a forte sensação de, mais do que Sol, haver água por todos os lados. Eu, como as ilhas, sou um pequeno pedaço de terra totalmente cercado de águas.

Cidade da Praia. Santiago. Cabo Verde. A pele d'água me transformou geograficamente. Deixei de ser a mulher-continente para ser a mulher-ilha. E que diferença há nessa nova geografia! Aqui o mar nos olha visceralmente. Somos parte dele, parte de sua generosidade, já que nada lhe custaria roubar-nos terra e vida. Antes, minha memória era de infinitas costas que pareciam desenhar uma linha de forças hercúleas igualmente poderosas: terra e mar. Aqui não. Aqui a fragilidade da terra é tão visível e marcante que a única forma de fugir dessa onipotência marítima é ser mar também. E talvez seja este o mistério da pele d'água. Talvez seja por isso que o suor, embebido de maresia, não escorra alheio à sucção dos poros, mas se ofereça a eles desejando ser carne, carne d'água, carne d'ilha, carne badio-cabo-verdiana.

Praia, 06/10/10

Poesia brasileira em Madrid

Como leitora curiosa que sou, é claro que não poderia deixar de começar a verificar o que as prateleiras das livrarias de Madri têm a oferecer... Um mundo! Mas, em meio a esse mundo, eis que encontro o livro bilíngue *Antología de Poesía Brasileña*, publicada por Jaime B. Rosa, em 2006, com o selo da Huerga & Fierro Editores (preço: 16 euros)! Ao ler o índice, observei que a antologia fugia à tradição de apresentar apenas os poetas consagrados...

Na abertura do livro, fiquei sabendo que a seleção dos poemas foi feita por Floriano Martins (Ceará) e José Geraldo Neres (São Paulo), ambos poetas. Floriano conta que conheceu Jaime Rosa em Caracas, em 2005, e que, da conversa entre os dois, sobre poesia brasileira, surgiu a ideia do trabalho, uma vez que Jaime demonstrou não saber muito sobre a poesia brasileira contemporânea. Além de Floriano e José Geraldo, estão na antologia: Lucila Nogueira (Pernambuco), Glauco Matoso (São Paulo), Adriano Espínola (Ceará), Beth Brait Alvim (São Paulo), Contador Borges (São Paulo), Donizete Galvão (Minas Gerais), Nicolas Behr (Brasília), Jorge Lucio de Campos (Rio de Janeiro), Vera Lúcia de Oliveira (São Paulo), Rubens Zárate (São Paulo), Ademir Demarchi (Paraná), Ademir Assunção (Paraná), Leontino Filho (Ceará), Marcos Lucchesi (Rio de Janeiro), Wedson Barros Leal (Pernambuco), Antonio Moura (Pará), Maria Esther Maciel (Minas Gerais), Rodrigo Garcia Lopes (Paraná), Viviane de Santana Paulo (São Paulo), Alberto Pucheu (Rio de Janeiro), Fabrício Carpinejar (Rio Grande do Sul), Salgado Maranhão (Maranhão), Sérgio Cohn (São Paulo), Rodrigo Petronio (São Paulo), Konrad Zeller (São Paulo), Pedro Cesarino (São Paulo) e Mariana Ianelli (São Paulo).

Segundo Floriano Martins, a ideia foi reunir nomes de poetas brasileiros nascidos a partir dos anos 50, e, com isso, trazer ao público espanhol um pouco do que aconteceu (e acontece) na poesia brasileira depois de João Cabral de Melo Neto.

Criticar, negativamente, a seleção feita é fácil, já que, ainda que se perceba certa intenção de apresentar um "panorama nacional" (ou uma de suas faces, segundo o prólogo), há ausência de poetas catarinenses, goianos, baianos, paraibanos, norte-rio-grandenses, entre outros de outros estados brasileiros. Pode-se notar que é uma antologia mais centrada no eixo sul-sudeste, com grande privilégio aos paulistas, embora Pernambuco, Ceará e Maranhão estejam representados. Todavia, esse tipo de crítica sempre acontecerá, porque toda antologia deixará vazios. Não há, realmente, uma que fuja à incompletude. Por isso, é uma crítica fácil. Qualquer um faz esse tipo de "reprimenda"...

Outro fator que gera críticas negativas é a auto-inclusão de um organizador numa antologia. Mas também isso é quase uma regra, ou seja, quando um poeta encabeça a organização de uma seleção de poemas, quase que invariavelmente se inclui...

A proposta dos dois, também segundo texto de abertura de Floriano, é apresentar uma seleção variada de tendências, numa espécie de "contestação" ao que Floriano chama de estilo vicioso de uma geração que insiste em nomear-se como "vanguarda verdadeira", formada por herdeiros e herdeiras de João Cabral de Melo Neto e do Concretismo. Assim, fica clara uma tomada de posição dos dois poetas que, provavelmente por isso, deixaram de lado muitos nomes da poesia brasileira publicada nos anos 70, 80, 90 e 2000. Uma vez que a visão crítica está explícita, não há o que descobrir. Está ali. Além do mais, cada um tem o direito de demarcar o lugar de fala que quiser. Se isso é positivo ou negativo para a divulgação da Literatura Brasileira no exterior, já é outra conversa.

Em meu ponto de vista, é negativo, visto que os leitores espanhóis estão longe dessas questões...

Assim, o que me incomodou mesmo foi pensar que, difícil como é divulgar poesia brasileira na Europa, seja mesmo necessário a uma antologia de poesia brasileira ter um tom tão ideológico (ainda que se pretenda contra-ideológico). Afinal, se há mesmo uma geração "viciosa", que, ao menos, os espanhóis também possam conhecê-la... Nunca fui partidária desse vício (esse sim, um vício) que artistas e críticos brasileiros têm (estou generalizando, já sei...) de contestar uns aos outros, numa disputa constante por "razão" e, às vezes, por status. Enfim, gostei da surpresa de encontrar um livro com nomes menos badalados, aplaudo a coragem dos dois poetas de encabeçar um trabalho assim (dizendo o que pensam, através das palavras de Floriano), mas fico com a pulga atrás da orelha: o que é, afinal, mais importante: texto ou contexto?

Ah, sim, em tempo: não abordo a questão dos poemas selecionados, porque isso exigiria mais tempo e leitura bem tranquila da obra. Isso, eu farei mais adiante..., sem, todavia, qualquer pretensão de dizer se a poesia "é boa" ou não, porque não acredito nisso. Em tempos híbridos como o nosso, a poesia é ou não é (de acordo com os sentimentos e a percepção de quem a lê, seja o leitor um crítico literário ou não). E basta. A crítica, às vezes, é enfadonha e massacra a própria literatura que, coitada, briga por um espaço discretíssimo (o livro estava numa pequena estante dedicada à poesia bilíngue) no mar de livros que compõe uma livraria. Como encontrei outros livros e estou mergulhada em leituras simultâneas (como romances de Antonio Gala, por exemplo), deixo de lado essas picuinhas... Recomendo o livro, mas torço pela presença de outras antologias de poesia brasileira nas estantes madrilenhas.

(Majadahonda/Madrid, 18 de outubro de 2008)

Poetar..., por quê?

A meu amigo Filipe Couto,
que me pediu este texto

Um corpo poroso. Um mata-borrão. Um sentimento de urgência atado ao dia-a-dia. Movimento de resistência às forças que estagnam. Mola-mestra para as tentativas de tradução dos enigmas do mundo. Desejo vivo de ir além da morte. Filtro colocado na boca do esgoto. Rosa-dos-ventos. Biruta, indicando os ventos; biruta, amalucando o planeta. Galo cantando manhãs. Cigarra cantando tardes. Coruja piando noites. Panfleto vermelho jogado no chão. Munição, arma, desejo de guerra. Mansidão, flor, desejo de paz. Teia de aranha nas prateleiras. Folha no chão dizendo "É outono!". Suor no rosto dizendo "É verão!". Cachecol no pescoço dizendo "É inverno!". E todas as primaveras no corpo ao mesmo tempo. Ampulheta acionada pela voz da urgência. Onda batendo forte, onda serpenteando mansa. Farol no meio do mar. Oásis no deserto. Pronto Socorro. 0800. Palavras gritando contra o silêncio que aflige. Palavra revestida de outra palavra. Palavra reinventada na boca de espera. Palavra ensimesmada querendo amigo. Palavra em estado de graça plantada na realidade sem graça. Palavra ainda sem nome nascendo dos acontecimentos. Palavra surda e muda com linguagem de sinais própria. Palavra com medo. Palavra sem medo. Palavra sem dinheiro. Palavra que não se cala. Palavra que canta. Eis o poeta.

Por que poetar? Porque, além das livrarias e das bibliotecas, além dos comércios e dos críticos, além muito além do improvável sucesso, há, no poeta, uma angústia incessante de dizer, no sentido transitivo de expor, enunciar, exprimir por palavras; proferir; discursar; recitar, declamar; mandar, ordenar; rezar; mostrar, indicar; referir, narrar; dar a conhecer, apregoar; apontar, censurar; supor, imaginar; afirmar, asseverar; estar inclinado a crer, ter opinião, parecer; chamar, denominar; aconselhar, persuadir; aquilo que lhe

vem como verbo intransitivo. Poetar, porque, acima das antologias e das histórias literárias, acima das feiras e das bienais, acima muito acima das listas dos mais lidos, há, no poeta, um livro infinito a ser escrito em forma de livros finitos. Há, no poeta, um menino sempre vivo que fala o que sente porque é menino, e um velho, muito velho e sabido, que converte em símbolos as palavras do menino para que este não apanhe e deixe, por isso, de ser menino.

E porque o poetar não exige tempo nem espaço para existir como pulsão; e porque o tempo e o espaço se inscrevem no poetar como matéria-prima de uma fábrica pré-existente; o poeta (e o contista e o cronista e o romancista e o dramaturgo e todas essas palavras no feminino), escravo do fabricar, vive, ele próprio, além das fronteiras. Ontem, hoje ou amanhã, não importa. A poesia é o mundo sendo. A poesia é o gerúndio. E o poeta, o galo, a cigarra e a coruja sustentando bravamente o gerúndio da poesia.

Profissão, sacerdócio ou martírio?

Aurélio Buarque de Hollanda define *profissão* como "atividade ou ocupação especializada, e que supõe determinado preparo", *sacerdócio* como "missão ou profissão honrosa" e *mártir*, como alguém que "se sacrifica, sofre ou perde a vida por um trabalho, experiência, etc.". Por que essas palavras me vieram à mente? Vieram porque sou professora e, no trajeto da vida profissional escolhida, uma realidade dolorosa me atinge razão e emoção: quando, como e por que o magistério perdeu a importância e a significação que teve outrora até se tornar a experiência que é hoje?

A menina que dava aulas para suas bonecas aprendeu, já no curso normal, que ser professora era ter pouco dinheiro e grande realização. Essa realização traduzia-se nos rostinhos dos alunos e alunas, que cresciam e amadureciam sob a batuta confiante de maestros e maestrinas que regiam a vida na sala de aula. (Realmente, eu recordava, tia Marli e tia Maria do Carmo vibraram com as conquistas de minha turma na escola pública onde cursei a primeira e a segunda séries primárias.).

O envolvimento afetivo era tamanho, que logo a palavra *profissão* ganhou ares de *sacerdócio*. E o pouco dinheiro, ainda que deflagrasse greves e protestos, era quase que insignificante diante da experiência humana que estar entre crianças e adolescentes representava para professoras e professores.

No entanto, ainda no normal, durante os estágios, assisti a cenas que já pareciam indicar o novo rumo que as práticas escolares tomariam. O cotidiano escolar não tinha a magia que professoras mais antigas me diziam (e de que eu me lembrava ao revisitar minhas memórias de aluna). Com raras exceções, as aulas a que assisti eram apáticas, monocórdicas, sem criatividade. Os alunos e as alunas,

desinteressados. A vida, na sala de aula, soava abatida, desgastada, mesmo medíocre. Escrevi os relatórios, mas não desisti da "missão". Acreditava no *sacerdócio*. Era bonito acreditar.

Anos depois, eu me vi numa sala de aula. E, pela primeira vez, agi como Pedro. Neguei meu *sacerdócio*. Não consegui entender por que crianças de apenas nove anos não demonstravam interesse pela leitura, pelos números, pela vida. O vocabulário era chulo, o comportamento, repleto de pequenas violências, os olhares perdidos. Ouvi ameaças. "Essa aliança é de ouro? Se for, vou roubar!". Descobri, desgostosa, que a desestruturação do mundo estava fazendo vítimas indefesas. No entanto, definitivamente, meu lugar não era ali. Embora tivesse a "garantia" de um emprego público, não poderia passar vinte e cinco anos de minha vida convivendo com tanta injustiça sem reparação. O que fazer por tantas crianças pobres, mal educadas e agressivas? O preparo teórico com filosofia profissionalizante estava aquém da realidade e eu, sem meios para lutar. Eu já era a terceira professora da turma. Outras duas, anteriores a mim, haviam sido "expulsas" pela turma...

Muitos anos mais tarde, nova oportunidade. Desta vez, com alunos do terceiro ano do nível médio. As primeiras aulas foram ótimas. Mas bastou entrar no conteúdo gramatical da Língua para que a empatia fosse substituída pela agressividade. Via olhos e bocas que me diziam: "não gosto disso!". E como me pareceu triste que tantos adolescentes desprezassem a parte formal de seu próprio idioma. E fui Pedro pela segunda vez.

Hoje, todavia, a experiência de ser Pedro (pela terceira vez) foi mais dura. Entre me sentir incapaz e ver o mundo da escola em ruínas, oscilo. Não. Não oscilo. Sou incapaz. E a escola está em ruínas.

O sacerdócio transformou-se em martírio. E os professores e as professoras estão sofrendo suas dores. O respeito de outrora se foi com a "evolução" dos tempos. O sorriso carinhoso foi substituído pelo olhar irônico. A sensação gratificante de ver alunos e alunas

crescendo foi sufocada pela consciência de que o mundo será bem pior daqui a algum tempo, se tomarmos como parâmetro as crianças, adolescentes e jovens que encontramos nas escolas. O respeito da sociedade pelo "mestre" foi substituído pela cobrança intensa de pais que "pagam", de crianças que "pagam" (Elas também pagam! Pelo menos dizem assim.), de escolas que "precisam" do dinheiro dos pais. Em meio a tudo isso, ser professor passou a representar muito pouco. Serviçais, babás de crianças mimadas, vítimas em potencial de crianças e de pais violentos que vivem na marginalidade, seres em constante estado de estresse e angústia, nós, professores e professoras, estamos sofrendo. E o mundo parece ignorar isso.

Daí, a ideia do martírio. Diante disso, como não ser Pedro pela terceira vez?

A sociedade precisa resgatar o amor próprio de professores e professoras. Precisa cuidar desses e dessas profissionais que andam penando, sem rumo, nas salas de aula, com lágrimas nos olhos, com o coração pequeno, com úlceras de estômago, com gritos bordados na garganta, com estafa e esgotamento psicológico.

Estamos vivendo um momento crucial da presença humana no planeta. A violência mundial atinge níveis preocupantes, a humanidade parece voltar à barbárie (desta vez, uma barbárie tecnológica). E, nesse meio tempo, a educação tornou-se matéria de estudos de uma Pedagogia teórica, que tem fortemente privilegiado a criança e, com isso, contribuído para que a situação dos professores e professoras continue a passar despercebida fora das salas de aula e dos corredores.

Muitos, com certeza, dirão: "Você está exagerando. Também não é assim!". Pois pergunto: é ou não verdade que a hora do recreio é hoje, para professores e professoras, momento tão desejado como sempre o fora para as crianças? É ou não verdade que grande parte desses e dessas profissionais estão insatisfeitos com o rumo das coisas, mas se sentindo de mãos atadas para promover mudanças? É ou não

verdade que professores e professoras são hoje os bodes expiatórios das incompetências educativas familiares?

Cristo perdoou Pedro. Isso me conforta, pois não quero ser mártir. Quero, sim, ser porta-voz. Esse é o dom que tenho, a competência que possuo. Por isso, digo novamente: há professores e professoras sofrendo nas escolas. A sensação do martírio levará a escola ao vazio.

Quero um mundo melhor. Quero carinho sincero, sorrisos inocentes de volta, companheirismo e cumplicidade entre docentes e discentes (e não ameaças de morte, sequestro, falta de pagamento, carros arranhados, brincadeirinhas irônicas), vida sem medo, sem gritos, sem deboches, sem agressões. Todos os professores e todas as professoras têm o direito de extrair, de sua profissão, o prazer que os e as levou a estudar o que estudaram. Sem sacerdócio. Sem martírio. Apenas profissão. Digna, honesta, reta, clara, afetiva. Não é mais possível aceitar que aulas de quarenta e cinco minutos sejam, na verdade, aulas de vinte minutos, tamanho é o tempo que professoras e professores têm levado para que alunos e alunas percebam sua existência e presença no espaço da sala de aula, que, em nossos tempos, é espaço para tudo e para todos, menos para o professor. Menos para a professora.

Já que minhas limitações não me permitem ser Cristo, serei Pedro. E, devidamente perdoada, lançarei palavras ao vento, acreditando, que contra todas as expectativas, a sociedade possa ouvi-las. Cuidem dos professores. Cuidem das professoras. Cuidem de nós, porque estamos fragilizados. E podemos partir, como cristos, crucificados por uma injusta condição social.

Protetor solar

Quando alguém se assume cronista, parece que os deuses resolvem atuar diretamente no cotidiano desse alguém lhe trazendo pequenos alumbramentos, matéria, afinal, de que são feitas as crônicas.

Pois bem. Sou cronista. Assumo. E lá estava eu, na praia de Atalaia, caminhando no sentido arcos/farol da Coroa do Meio, conversando com Apolo e combinando nosso encontro amanhã ou no mais tardar quinta pela manhã em Natal, pensando óbvia e redundantemente em certo Moreno que o próprio Apolo me trouxe, quando ouvi uma voz de mulher me chamando. Era o início do pequeníssimo alumbramento.

Olhei para o lado e vi a imagem distorcida de uma mulher morena, vindo a meu encontro. Como estava andando sem lentes de contato, mal distingui qualquer coisa. Mas certamente não era uma conhecida. Vale recordar que a crônica repousa ao rés do chão, como afirmou Antonio Candido. Logo, o fato de eu estar sem lentes e ver o mundo quatro graus e meio defasado não me impede de contemplar o rés do chão!

Parei de caminhar e esperei que ela chegasse até mim. Trazia um protetor solar na mão e um sorriso aberto no rosto. Desculpa! Você me ajuda? Preciso passar protetor nas costas, mas não alcanço... E não posso pedir a algum homem, pois vai pensar que estou dando ideia... PelamordeDeus!, faça isso não. Eu passo sim.

Coloquei um pouco de protetor na mão direita e passei na parte de cima das costas dela, que era uma senhora como eu (Oxe! E não é que sou?), e depois repeti o gesto, a pedido dela, na parte de baixo. Enquanto isso, ela me dizia que era baiana e que vem de vez

em quando a Aracaju fazer companhia para a mãe que anda com a saúde frágil. Quando pode, corre para desfrutar da Atalaia.

Encerrada minha função brevíssima, nos despedimos e eu passei a caminhar com o protetor dela fazendo minha mão direita brilhar à luz de Apolo.

Que massa isso! (E que massa a palavra massa, tão redonda, aberta e feliz!) Que generosa oferta de alumbramento me ofereceu aquela baiana arretada e sem dificuldade para resolver seu problema! Bobagem, sem importância mesmo... O que tem de mais um gesto fraterno como passar protetor nas costas de alguém? Nada! Então por que falo nisso? Porque essa baiana me fez ver a simplicidade da vida, quando somos apenas humanos em gestos solidários.

Está claro que nós, brasileiros/as, beijoativos/as e abraçoativos/as como somos, não temos dificuldades tão grandes para gestos como esse que protagonizei hoje na praia. Mas, segundo a ótica ética dos/as "mais educados/as", corpo alheio é território blindado. Vejam como se dá essa relação no chamado Primeiro Mundo... Imaginem se alguém pediria algo assim em locais onde tocar o outro é intimidade imediata de terceiro grau passível até de processo, delegacia e manchete! E, no entanto, que triste pensar nas infinidades de costas destinadas à ausência de proteção, porque não há mãos alheias à disposição do gesto fraterno.

Continuei e terminei minha caminhada agradecida àquela baiana e àquele protetor solar que me fizeram lembrar de que ainda sou gente!

Quadro de retalhos

Muita coisa do que temos feito para decorar o local onde acontecerá nosso casório foi fruto de pesquisas na Internet e de adaptações de sugestões alheias. O quadro de retalhos, não. Esse eu mesma idealizei, imaginando um painel para dar cor (mais cor!) à festa com personalidade nordestina.

Juntei retalhos (na maioria vindos dos guardados de minha mãe), fui com meu pai e o Moreno comprar uma folha barata de compensado e voltei para casa doida para executar a ideia: um "quadro de retalhos".

Cortei os tecidos e passei um a um para que estivessem prontos para a colagem. Montei tudo antes de colar para ver se eu tinha retalhos suficientes. Após a verificação da harmonia das formas e estampas, começaria a aplicar os retalhos definitivamente.

Não vou dizer que não foi cansativo... Foi sim! Meus rins me repreenderam pela travessura! Mas a alegria que senti ao ver o quadro montado valeu o esforço! Restava, porém, o acabamento. E comecei a colar a rendinha ao redor de cada retalho, para deixar o resultado bem caprichado. Muita gente teria dispensado a rendinha. Exagero - diriam. Mas eu sou daquelas que pensam que é a tal da rendinha que mostra o quanto estamos empenhados em fazer o melhor. Por isso, nada de preguiça!

Quase cometeria uma injustiça dizendo que o Moreno não me ajudou! Ele iria fazer a colagem, mas, cansado após um dia de intensas atividades na rua, adormeceu. E vê-lo dormindo encheu-me de energia, porque sua presença ali, morenamente relaxada e amada, atestava que o que eu fazia valia demais a pena. Ele é definitivamente o único alguém por quem eu faria mil quadros de retalhos. Ou mais.

A ajuda dele, contudo, foi maior. Ao acordar e ver que eu havia terminado a tarefa, prontificou-se a auxiliar no derradeiro detalhe: colar lacinhos espalhados pelo quadro. Bastou despertar para se colocar mais uma vez a meu lado.

Quadro pronto, aguardando a festa. Eu toda prosa com o resultado, que depois adornará nossa casa. E ele ali, metaforizado nos pequenos e grandes pedaços de tecido. Ele, que misturou sua vida com a minha, colorindo, nordestinamente, tudo.

Requiem aeternam

Amor, não acredito que você vai para a OAB com esse tênis!! Por quê? Claro que vou! (Nunca, jamais, diga a um ariano o que ele deve fazer! Ele tem personalidade própria, sabe o que quer e ponto final!). Jesus, amor! Que troço feio!! Feio? Amooooo meu tênis! É de estimação! Está comigo há muito tempo!!! Mas precisa ir para a OAB com ele? Cruz Credo, amor! Oxe, claro que eu vou! E foi... Que ele é irreverente estou mais que ciente, mas olhava para o danado do tênis e ficava pensando nos próximos vinte anos de convivência com o tal amigo de estimação. Ah, esse Ítalo! Ô criatura!!

Já estava conformada. Tanto que, quando, arrumando-se para sair comigo, ele abria o armário para pegar um calçado, eu já ria pensando: "Lá vem o sujismundinho engolir os meus (dele) pés! E olhem que o tal par de tênis nem sujo estava. Era mesmo a cor do encardido dos anos todos, entranhado no couro AllStar. Nem soda cáustica resolveria. Mas o Moreno firme com eles, todo prosa com seu "estilo não me contrarie que eu mordo"! Quem diria? Logo ele tão ensimesmado com um signo neoliberal dos grandes...

Bem, como estava conformada, passei até a guardá-los dentro do armário quando ele, por acaso, esquecia os danados no quarto. Bora, seus feiosos, pra dentro! O pior (melhor) desse marido que eu tenho é que ele acaba me dando um nó e eu, que pensava de um jeito, vou me amansando e faço tudo o que ele quer. Pronto! Conseguiu! Não falei mais nada, a não ser quando fomos a Currais Novos e pude contar com a solidariedade de minha sogrinha linda, que, como eu imaginava, não achou nada adequado ele usar o tênis para advogar. Foi bom demais ter o apoio dela para implicar com ele! E ele? Nem tchum!

Até que um réquiem inesperado tocou em plena sexta-feira na Acrópole. Sem me preparar, ele dá a notícia: vou jogar o tênis fora. Não tem mais jeito: furou! Entrou água outro dia, quando fui à faculdade. Mentira!!! Jura??? Vai jogar fora seu tênis de estimação??? Não acredito!!! (Imediatamente me dei conta da economia dos vinte anos que eu já havia contabilizado). Vou sim!! Não disse que ariano decide e faz? Beleza, amor! Mas, tudo bem? Oxe, claro! Não está triste não, né? Eu? Que nada! Mas vou escrever uma crônica para ele.

Como ele vai escrever a crônica, eu faço esse *requiem aeternam* e me despeço do traste feioso que - agora confesso! - me fez adorar ainda mais a personalidade desse Moreno carinhoso, prestativo e companheiro, mas que, no entanto, não está neste mundo para ser mandado por ninguém! Amoooooooo isso! Carneiro indomável de Guarabira!

(Para evitar a possibilidade de um súbito arrependimento, corri, peguei o saco de lixo e, com a autorização dele, disse adeus aos bichinhos. Não sem antes fotografá-los, para que a memória de nossas aventuras fique devidamente registrada! Já sei que presente vou comprar para ele assim que puder!)

RIP.

Aracaju, 10 de setembro de 2017.

Em síntese: as grandes fortunas do país se beneficiam de um sistema de taxação de impostos que não considera os lucros que a pessoa física de um empresário obtém ("Não existe Imposto de Renda na fonte sobre lucros e dividendos"). O trecho abaixo explica direitinho. Que 0,36% (700 mil pessoas) da população, situada no Sul e no Sudeste do Brasil, represente 45% do PIB é um retrato escandaloso da injustiça social que ocorre aqui.

Quando nós lemos as cifras absurdas da corrupção orquestrada pela Odebrecht, nem entendemos direito de onde vem tanto dinheiro e como a empresa pode ter lucro pagando as propinas milionárias que paga. É que nós, que somos descontados "na fonte" e perseguidos pela malha fina sem dó nem piedade, não podemos mesmo ter a dimensão dessas cifras. É algo enorme demais para os horizontes financeiros que conseguimos ver. Cegos, tornamo-nos mais manipuláveis (principalmente por mídias trilionárias, como a Globo e suas derivações) e passamos longe das verdades que estão na estrutura perversa, injusta e corrupta que governa este país (e o mundo) sem isentar nenhum dos "Três Podres Poderes".

Nós, brasileiros e brasileiras que trabalhamos para comer, morar e morrer, somos o "cocô do cavalo do bandido". Não temos importância alguma. Somos marionetes sem a menor noção do "Império do Mal" que aqui e no mundo todo explora as massas de todas as formas (um exemplo prático que a classe média entende bem: 13% ou mais de juros mensais no cartão de crédito, por exemplo, é, no Brasil, uma violenta forma de punir a classe média por sonhar os sonhos que o próprio sistema nos faz sonhar, no momento em que acreditamos, como querem que acreditemos, que "Ter é Ser").

Aí, quando acontece uma "crise" (crises econômicas acontecem quando o enriquecimento dos que já são ricos diminui), governos e mídias nos enganam com dados manipulados para nos dizerem que precisam tirar da Educação, da Saúde e da Previdência, o dinheiro que nós mesmos pagamos ao governo através do IR e dos impostos que estão por trás de tudo o que compramos.

Ou seja, nosso próprio país nos rouba diariamente dinheiro, educação, saúde e vida. Nossa culpa nisso tudo? Fácil!:

1) aceitarmos como verdade tudo o que a TV e as outras mídias nos dizem sem procurarmos refletir sobre o que pode estar por trás das notícias;

2) rendermos homenagens a quem nos oprime, valorizando fama, riqueza e consumismo como parâmetros para medir o valor das pessoas (concursos de beleza, competições esportivas, rankings de todos os tipos, "Oscares", "Grammies", prêmios literários internacionais, tudo isso, na verdade, é LIXO!!! Acreditamos que somos melhores quando ganhamos qualquer "medalhinha". O ego humano é nossa maior desgraça!);

3) deixarmos que oligarquias políticas, ou seja, famílias de políticos que estão na Política há décadas e décadas continuem ali, porque votamos impressionados pelas propagandas políticas e pela sensação de "votarmos bem" quando o sobrenome do político parece "familiar". (Aécio Neves é um dos ícones atuais mais evidentes do que a perpetuação do poder oligárquico faz... Gente que "caga dinheiro", leva uma vida de luxos impensáveis e rouba como puder para Ter ainda mais);

4) deixarmos que discursos políticos populistas nos impressionem, levando-nos a apoiar cegamente projetos sociais, por trás dos quais também existe uma máfia bandida que quer enriquecer e passar a ser elite também (é triste demais perdermos a crença em quem nos parece possuir valores humanitários. Exemplos como líderes socialistas corruptos, ONGs corruptas e padres pedófilos - só para citar alguns - são socos no estômago de nossa esperança);

5) permitirmos que religião e política se confundam, acreditando nos discursos igualmente perversos de líderes religiosos que se meteram em política apenas para enriquecerem ainda mais suas igrejas e seus bolsos. (Edir Macedo é um exemplo cruel dessa realidade horrível!);

6) sermos passivos e submissos, e nos restringirmos a manifestações em grande parte forjadas pelas próprias mídias quando interesses dos poderosos estão em conflito (porque Eles, além de tudo, brigam entre si para terem mais);

7) aceitarmos condições injustas de trabalho e colocarmos nosso próprio tempo e nosso próprio dinheiro para "apoiar" instituições públicas e privadas (como nós, professores das universidades federais, por exemplo, que pagamos para fazermos currículos – viajando e publicando com nosso próprio dinheiro, para cumprirmos "as metas de produtividade intelectual" que nos cobram e nos endividando todos com isso, a ponto de sermos, em grande escala, profissionais dos mais endividados e estressados, enquanto a mídia "vende" a ideia de que somos privilegiados com "pouco trabalho";

8) aceitarmos que "vestir a camisa da empresa" é algo bacana e sermos uns macaquinhos de auditório, aplaudindo empresários de alto escalão que também "cagam" em nossas cabeças;

9) acreditarmos em estatísticas que medem "o melhor" e "o pior" e sonharmos o sonho de um "melhor" que não nasce espontaneamente de nós;

10) sermos preconceituosos ao extremo, o que nos faz ainda mais manipuláveis, porque vemos no miserável, no pobre, no negro, no homossexual, no transexual, nos deficientes (ainda que esta palavra seja horrível), no índio, nos "comunistas" (isso é de rir!), nos árabes, os ícones do que a humanidade "não quer", e, com isso, permitirmos que práticas genocidas, violentas, extremistas e perversas dizimem gente indefesa, numa operação de "limpeza" que serve aos

propósitos de um poder que ainda é masculino, branco e do hemisfério norte do planeta.

E há mais números para explicar nossa "culpa"... Temos culpas sim!!!! Precisamos corrigir nossa conduta e boicotar esse poder que nos aliena, manipula e oprime.

Até quando vamos aceitar fazer esse papel ridículo?

(janeiro de 2017)

Revelações-bomba de Páscoa!

I

No cafofo dos Ramalho (Ítalo De Melo Ramalho, Isadora Pelosi e Christina), uma situação crítica foi revelada!! Há uma explosão iminente de roupas para passar que se amotinaram no escritório! Logo essa família, tão militante, revela sua ostentação de forma tão chocante! A pergunta que não quer calar é: quanto de roupa terão esses três filhos da elite para poderem chegar a esse ponto de superlotação no cárcere das roupas?

A rebelião só será contida se houver uma força-tarefa em plena Páscoa, para solucionar o conflito! Mas dizem por aqui que o meliante Moreno prepara uma fuga sorrateira, tamanho é o medo que sente de ter, finalmente, que aprender a passar roupa! A meliante menor já está de malas prontas para fugir para o Rio de Janeiro! A situação beira uma epidemia de abstinência total de ferro!

Diante desse caos, agora escancaradamente revelado, a mafiosa Christina se vê acuada entre a rebelião das roupas e um desejo incontrolável de passar (isto sim!) os quatro dias lendo!! Tensão na casa! Até os três gatos e o cachorro preparam seus brinquedinhos para a fuga!

Qualquer nova notícia entrará no ar a qualquer momento! (Pede-se que, se um Moreno ou uma linda moça de olhos verdes forem apanhados em fuga, a Central da Roupa para Passar seja imediatamente acionada!)

II

Diante do impasse sobre como conter a rebelião das roupas e da vigilância da Galega para que Moreno não fugisse, os mafiosos resolveram apostar no jogo de buraco. Após vexaminosa derrota, Moreno apela para a difamação, acusando Galega de roubar no jogo.

Enquanto isso, no escritório, as roupas se empilham, tentando cair no chão, para se vingarem se sujando até terem que ir para a máquina de novo. Estão tentando aliciar o cachorro Bombom para invadir o recinto, pular sobre elas e completar o projeto roupal de vingança.

Tensão crescente na Acrópole. A outra mafiosa simula dormir.

São João e Pollyanna

Quantas vezes eu já li o "Trigal"? Bem, é preciso esclarecer... Falo do livro "Trigal com corvos", de Waldemar Solha. Editada em 2004, a obra contém 3.128 versos, divididos em partes intituladas "Como o solo do sol sobre o solo", "Trigal com corvos", "Mais corvos" e "Sobre 'Trigal". A capa traz um recorte do quadro de mesmo título pintado por Van Gogh. Sobreposta à imagem da tela, outra imagem: a do artista Solha travestido no personagem "o velho", por ele interpretado no curta-metragem "A canga". Cabe ainda dizer: o curta baseou-se em romance do próprio Solha... Ou seja, o homem é uma fera, uma explosão de arte para todos os lados... Voltando à pergunta, uma resposta vaga: não sei. Li, reli, escrevi texto crítico, li, reli, comentei em aulas, e por aí vai... Os versos desfilam na memória sem as teias da contabilidade... Mas, de repente, num dia de entrega de correio, os versos surgiram, diante meus olhos, revestidos de palavras novas, prestes a serem inauguradas. O longo poema, que eu entendi como uma instigante e criativa épica pós-moderna, envolve o leitor numa rede de reflexões intimistas que, por sua contundência, ganham dimensões filosóficas e universais. Ali está um homem em agonia e êxtase. Ali ficamos nós, leitores, em igual estado de ânimo. De que vale, afinal, nesta vida, a criação artística? Pergunta sem resposta. Há resposta? E por aí vamos... Porém, deixarei de lado as digressões e recordarei a chegada da caixa pelo correio até contemplar a tal leitura "re-inaugural"...

A caixa, contendo trinta livros para serem distribuídos na universidade, trouxe-me a saudade do texto. Abri-a rapidamente e de lá tirei o exemplar virgem. Deitei-me no sofá e, seguramente, comecei a cruzar a fronteira invisível que nos faz transpor os limites do real e vislumbrar as luzes do imaginário. Seguramente, eu disse? Nada é seguro no mundo da imaginação. Voltei ao livro, porque a chegada de novos exemplares parecia me dizer que o fizesse.

Crente de que o texto seria de meu total domínio, entornei os olhos nos versos conhecidos e, de repente, eles embaralharam o desenho reto e bem traçado de minhas intenções e resgataram, lá de um tempo distante, no subúrbio do Rio de Janeiro, uma menina ingênua e bem delicada. Eu.

A verdade é que o texto, naquele dia, me serviu de espelho, ou melhor, de anti-espelho, porque eu me vi Pollyanna diante de um São João. O contraste me feriu como uma lâmina aguda. Que desconforto senti!

O São João de que falo, traduzido na voz do poema, é o romancista, poeta, ensaísta, dramaturgo, cineasta, pintor e ator Waldemar Solha. Será também um profeta? Não sei, mas algo de apocalíptico emerge de seus textos. Uma força tremenda, fruto de grande consciência crítica, conhecimento, visão de mundo e energia, gera sua capacidade de associar elementos das mais variadas espécies para reger um coro híbrido, repleto de imagens, terrível, de certo modo, porque possui esse "tom" apocalíptico. Incompreensivelmente, para mim, o que ele escreve e cria me chega sempre e diretamente ao canal mais sensível onde guardo palavras à espera do "convite literário". O que tornou essa "chegada" incompreensível, a partir daquele dia, foi o fato de, diante de sua obra, eu me sentir o revés, a antítese, a Pollyanna...

Eleanor Porter, em 1913, com sua personagem-título, eternizou o "jogo do contente". Recordo: a menina Pollyana, apesar de todos os pesares, e contrariando a lógica da relação sofrimento em excesso = depressão, praticava um jogo que consistia em sempre ver as situações negativas por um lado positivo, uma vez que tudo sempre pode ser pior... Pode? O tal jogo, muitas vezes beirando o ridículo, foi sua forma de sobreviver às marés e seguir adiante. Sua ingenuidade é visível, sua ternura, muito exagerada, sua filosofia, sem qualquer fundamento na bagagem filosófica, literária, artística e etc. que o século XX, recém-inaugurado, já oferecia aos borbotões. Parece que aqui "acabo" criticamente com Pollyanna, não é mesmo? Contudo, ai, ai, eu reli o Trigal e me vi vestida de Pollyanna, igualzinha igualzinha, fazendo meu jogo do contente, sem me dar conta de mais nada.

Como é possível, ao mesmo tempo, ser capaz de sofrer o impacto daquilo que diz o Trigal sobre o caos do mundo (o desespero de todas as artes, técnicas e criações humanas ao refletir sobre o mesmo), escrever e falar sobre isso, e, depois, continuar a ver o mundo como uma paisagem colorida habitada por seres extraordinários e fonte de felicidade? Como é possível sofrer o texto, como sempre sofro, e seguir ilesa? Ou não terei seguido ilesa, já que estou escrevendo essa crônica? Não. Sigo ilesa, sim, pois sei que esta crônica, como todas, passará, e eu acabarei sorrindo no final do dia, ainda que simule quatrocentos mil suicídios e me mate metaforicamente quatrocentas mil vezes.

Só um exemplo, para não ser chata demais: versos fortes como *Talvez a Paixão de Cristo/que se revive todo ano/ no fundo não seja mais do que o não admitido prazer de ver o hipotético/ monstro em pele de cordeiro pagando – pelo menos uma vez a cada doze/ meses – por tudo que fez e faz neste maldito mundo sem paz./*

Ecce homo!/ Sim./ E eu sou este homo ludens/ homo habilis/ homo faber/ que/ depois dos enormes erros que culminaram com o fim da grande experiência/comunista/ em 1991/ deixou/ finalmente/ de ser credulus.../ O que me resta/ agora? removem montanhas dentro de mim, onde habita o Jesus Cristinho de Alberto Caeiro, em "O guardador de rebanhos", o Jesus menino isento dos dogmas, textos, contextos..., o Jesus Cristinho (e eu me chamo Christina, vejam bem), que me ampara, brinca comigo e me conforta sempre. Removem montanhas, me comovem verdadeiramente, não me causam repugnância (diante da situação que descrevo poderiam, não?), mas uma sensação de "compreender" o outro, compadecer-me por ele, constatar como é grande e angustiada a arte que faz, e, todavia, os mesmos versos não removem essa crença pollyannescamente otimista que me dá identidade. O que ocorre comigo? Sou uma espécie de aberração? Fruir literatura e arte não é se transformar? Por que não me transformo? Por que compreendo, fruo, critico, me deleito, me angustio, me identifico, discuto, desejo intensamente o merecido reconhecimento da obra, e, no entanto, deixo ilesa minha Pollyanna? Há perdão para isso? São João poderia ser amigo de Pollyanna?

Talvez eu, de fato, esteja apenas contemplando o já gasto enfrentamento entre o pessimismo e o otimismo. Tenho plena consciência, por tudo que já li, vi, estudei e conheci, de que os grandes artistas são pessimistas por excelência, já que possuem lentes raras e claras em seus olhos. Tenho, igualmente, plena consciência de que não sou uma grande artista, ainda que escreva, pinte e fotografe, desejando fazer algo "bacana". E essa segunda consciência não me dói, como dói à voz do poema Trigal a insatisfação de ter o ímpeto criador e se ver diante de um universo de criação assustadoramente opressor (porque maravilhoso), uma vez que, como Pollyanna que sou, me deixo estar contente apenas por poder escrever algumas coisas, pincelar outras, captar, num clique, outras. Sem angústia diante da mesmice, fica fácil ser feliz.

Senti um desconforto horrível por me saber tão Pollyanna. Parecia desonesto ser crítica literária, professora e Pollyanna ao mesmo tempo. Parecia ou parece? Não, não parece mais, pois me estou revelando nesta crônica. Mas logo um azul no céu, um telefonema de uma amiga, uma gracinha de meu gato ou sei lá o que me desligou do desconforto e já estava eu de novo "contente".

Conclusão: não tem jeito! Continuarei lendo meu apocalíptico "amigo" (ser ou não ser?) São João, orgulhosa de sua arte, envergonhada pelo simplório de meu ser, mas sempre disposta a cantar aos quatro ventos (ou aos dois ventos, já que quatro é coisa para crítico com voz olímpica) a arte estupenda que transborda desse artista. Ele não se preocupará em me perdoar, porque nem tem tempo para isso, nem sentirá necessidade de perdoar uma coisa dessa natureza. O mundo é uma máquina gigantesca e monstruosa cujo funcionamento, ainda bem, é supervisionado por pessoas raras e dolorosamente claras. Minha questão é só um pozinho depositado numa engrenagem qualquer. Mas, como a crônica nasce do pó do chão, registro meu pequeno conflito. E, "como o conflito poderia ser pior", me despeço contente.

Saudade com prazo de validade

Quando a saudade tem prazo para acabar, e a estrada é um relógio com ponteiros feitos de bálsamo, pode-se sentir nitidamente a paixão da festa inaugurando seus fogos feitos de abraços e beijos.

Saudade com prazo de validade. Talvez a única forma de falta cuja dor seja menos dor e mais gratidão pelo privilégio de saber que se vai assistir, com o coração aos pulos, à transformação da ausência física na mais doce encarnadura do amor: a que mora no abraço alquímico composto de pele, carne, músculos, veias, artérias, linfa... e Amor. Ainda que nossos dois corpos ocupem um só espaço: o de existir no outro, é inegável a delícia de poder tocar essa mistura de nós dois. Aliás, em qualquer nível de sentimento amoroso, poder abraçar o outro é dádiva que muitas vezes só percebemos como tal quando a saudade se impõe (às vezes, porém, a saudade que se impõe não tem prazo de validade, e o abraço nunca acontecerá de novo. Nesse caso, a dor é um abraço às avessas...).

A estrada da ida agora é a da volta. No porto da chegada, eu e este nosso presente feito de tantos futuros. Tudo em mim é molécula amorosa preparando seu aconchego. E a BR, que você "dezesseishorasmente" enfrenta com tanto bom humor e tranquilidade, confunde-se com meu próprio corpo à espera do seu.

A uma saudade assim pode-se dizer "obrigada", porque nela também habita o delicioso fruto do reencontro. Néctar puro. Boa viagem, Moreno meu!

Sempre "Ela" a nos guiar

Maria das Graças. A Nossa Senhora dos dias e das noites, das infinitas bênçãos e de todos os consolos. "Ela", em sua generosidade de Mãe Maior, anda a cuidar de nós, fazendo-se sempre presente, como um sinal afetuoso a nos dizer que continuemos a caminhar da maneira que estamos fazendo.

Estava na gruta da chácara que alugamos para o casório. Veio da igreja da Medalha Milagrosa de Paris para pousar nos fuxicos que acompanharam nosso cordel. Recebeu-nos logo na entrada do hotel em Olivença (ao lado de Santa Terezinha, cuja igreja, magicamente, era vizinha da chácara onde casamos!). Abençoou nossa viagem na BR 101 (Guimarães, BA). Está na Ave Maria que sempre rezamos de mãos dadas antes de dormir ou quando sentimos que uma oração se faz necessária. Está nas medalhas que meu pai Amauri Lopes Ramalho e Ítalo carregam no peito.

Quem ganhou o fuxiquinho, por favor, guarde com carinho. Foi feito a quatro mãos, com gratidão a Ela. E, acreditem, quando a Ela pedimos proteção, nada nos atinge com impacto que não possamos suportar, porque um escudo de Amor fortíssimo filtra tudo o que ainda não temos força para enfrentar.

Mãe Maria, obrigada por sua presença em nossas vidas! Que possamos sempre estar à altura dessa proteção maravilhosa.

Será o "S" de Sergipe nossa maldição?

Ontem, já bem tarde li a notícia sobre a vinda do prefeito de São Paulo a Aracaju amanhã, para, entre outras coisas, receber o título de cidadão aracajuano. Espero ARDENTEMENTE que seja uma notícia falsa.

Pronto. Batata. Uma notícia desse calibre só poderia me levar ao pesadelo. E eis que sonhei com a figura tenebrosa deste show-man "Aprendiz de cabrunco" (já em fase de pós-graduação) reunida com sua multishow midiática equipe de "gente inovadora" tendo uma BRILHANTE ideia: "Amigos, tive uma iluminação estratégica! De repente me chegou uma intuição mercadológica sensacional! O que São Paulo e Sergipe têm em comum? Não façam esforços! Na verdade, nada. Com uma ressalva: o 's'! Vejam só, meus amigos... Entendam meu raciocínio de megahipersuper bem-sucedido empresário. Sendo Sergipe o menor estado do Brasil e também um dos mais pobrezinhos, poderíamos fazer do 's', uma 'ponte para o nosso futuro' no campo da implementação da 'Ração Dória', que, afinal, foi também uma sacada sensacional!! Vamos a Aracaju, onde certamente uma horda de bajuladores saídos das oligarquias políticas de lá e de sua elite empresarial arcaica me receberá com honra e distinção. Continuem acompanhando... Tiro então do bolso uma proposta que poderá levar o pobrinho do Sergipe ao centro midiático: ser o estado-cobaia para a implantação da nossa ração entre os pobres e os estudantes das escolas públicas de lá (que, cá entre nós, devem ser um horror)!!!!!! Já pensaram que efeito isso terá para nossa grandissíma, riquíssima, culturalíssima e moderníssima São Paulo? Certamente em Sergipe não haverá tantos estudiosos preocupados com a composição química de nossa ração. Se é que haverá alguém com estudo nessa área para dizer alguma coisa...

Depois, as crianças de lá, nordestinazinhas e pobrezinhas, engordarão facilmente, como os escravos que aqui chegaram na época colonial, para citar algo histórico e mostrar que sou inteligente! Estou antevendo nosso sucesso. Tudo com 's'!! São Paulo alimenta Sergipe com Sucesso!"

Assustadíssima, claro, eu acordei suando com todos os "esses"!! Meu Deus! Chego a imaginar o tal "Aprendiz" distribuindo raçãozinha para os vereadores que aceitaram recebê-lo como cidadão aracajuano. Chego a ver os velhos senhores da política e do coronelismo empresarial do estado babando com a gosma da ração escorrendo pelos cantos da boca. Tudo filmado pela TV local.

Levantei da cama e fui tomar um banho para tentar me livrar do nojo que o tal sonho me deu. Será o "S" de Sergipe nossa maldição? E mais uma pergunta: será que o povo da cidade de São Paulo que, DEMOCRATICAMENTE (cabe dizer), escolheu Dória como seu parâmetro de gestor (fora os/as que o têm como "modelo de pessoa bem-sucedida" - Cruzes!) desconhece o ditado "Quem pariu Mateus que o embale"? Pois está na hora de conhecerem! Tratem de ficar com o "rebento" por aí, caramba!!! Exijam que seu PREFEITO PERFEITO fique na casa que o pariu. Além de todas as notícias absurdas que nos vêm da (indi)gestão dele, ainda temos que ser plateia para as sandices que ele fala?

Se a notícia for verdadeira, que meu pesadelo não seja, porque ter em nossa rotina nomes como André Moura, Maria do Carmo, Valadares e Amorins, já me parece "castigo" suficiente... Porém, se for verdadeira, que, ao menos a parte do pesadelo em que os vereadores, políticos e empresários sergipanos que acolheram o Aprendiz do Cabrunco comem sua ração aconteça. Porque eu estarei, desde já, pronta para vomitar. Gente baba-ovo merece ovada!

Síntese

Já em 2017, ao som de Zeca Baleiro cantando Zé Ramalho (mas poderia ser também um CD do Sérgio Sampaio, do Xangai, do Meta Metá, do Antonio Nóbrega...)...

Ele escreveu/publicou nos últimos momentos de 2016: "Minh'Amor, 2016 foi realmente um ano mágico. Obviamente que sabes muito bem em que sentido falo/escrevo. E por falar em sentido... que é que aconteceu conosco? Kkkkkkkkkkkkkkkk... Bom! O que é que tenha acontecido ressoa e ressoará constantemente nas caixas da minha vida. O toque dessa cerimônia harmoniza em compassos com o som que surge do mais singelo rufar dos seus dedos. Com o terno barulho das suas janelas oceânicas. Com a explosão vinda das suas vísceras vulcânicas... Putz! Talvez alguém indague: que coisa exagerada! E eu respondo: é exagerada sim! Exageradamente bela a ponto de nenhuma palavra alcançá-la e tampouco traduzi-la literalmente! Te Amo, Christina Bielinski Ramalho!"

Eu respondi, inaugurando o ano:

"Minha poesia
agora tem carne.
É feita de vida,
veias,
vento,
veredas
e arte.

É você,
no todo
e nas partes,
rimando
presente e futuro,
lançando a semente
do sem fim.

Eu em você.
Você em mim.

(Todos os meus exageros são seus!)"

Ele devolveu:

"Minh'Amor

A minha poesia tem sonho
e concreto.
Tem ferro,
Pedra,
areia e cimento.
Quilogramas e toneladas.

A minha massa
é composta
de ar e som.

Andaime que flutua
e sustenta
a pluma bailarina
do meu segredo
público.

TAM, linhas aéreas!"

Talvez, nesse pequeno diálogo, a síntese do Amor que vivemos: sentimento e ação fundidos pela arte de amar a carne, a alma e a palavra com um duplo e mesmo coração. E na harmonia perfeita que não dispensa nossas imperfeições (incluindo as rusgas e os senões), abraçamos o novo ano já na sintonia de construirmos um inventário futuro que nos deixe felizes de termos trabalhado pela Felicidade!

Sobre a amizade

Se eu tivesse braços longos como o Nilo, envolveria todos os meus amigos em um abraço único, por meio do qual lhes pudesse deixar sentir a gratidão pelos incontáveis abraços que deles tenho recebido.

Com e por meus amigos, minha vida é extremamente feliz. Sei que entendem meus momentos de risos gordos e os de lágrimas que desenham trilhas sinuosas em meu rosto. Sei que compreendem minhas carências (e por isso me dão mais abraços) e não julgam minhas imperfeições. Aliás, meus amigos costumam me ver muito (mas muito) melhor do que sou. E isso me faz querer mesmo ser melhor do que sou.

Querer ter "um milhão de amigos" é algo que combina bem comigo, porque eu gosto tanto do sentido que a amizade traz para minha vida, que não deixo de acolher os novos afetos que vão aparecendo e fazendo meu coração se multiplicar em progressão geométrica.

Dizem por aí que amigos de verdade há poucos. Mas, como para toda regra há uma exceção, nem ligo para esse dizer. Tenho muitos e muitos amigos, todos únicos e importantes, presentes que Deus me deu e me dá. Sofro com as dores deles e vibro com suas conquistas e sou capaz de sentir tudo isso ao mesmo tempo, porque meu coração, metonimicamente, bate por cada um de forma igualmente única.

Quem é meu amigo sabe que é. Não é preciso etiqueta, porque não há prazo de validade. Há alguns que me conhecem profundamente. Outros nem tanto. Mas eu não penso que amizade se meça por valores como "conhecer o outro profundamente", "ser capaz de tudo pelo amigo", "estar presente nos momentos difíceis",

etc. Amizade, para mim, não se mede. Sente-se. E é um sentimento tão pleno de perdão que fita métrica não tem utilidade alguma.

Minhas amigas mulheres são todas lindas. E eu, que sou tão calminha, tenho ganas de virar uma serial killer quando sei das indelicadezas que lhes afetaram.

Meus amigos homens são os mais bonitos do mundo e eu não consigo entender quando sua beleza não é valorizada. E não falo de beleza de músculos, olhos, boca, mãos. Falo do que, na ausência de músculos, olhos, boca e mãos, é permanência de tudo isso na memória da emoção.

Se Deus permitir que a maior parte de meus amigos seja feliz no amor, tenha realização no trabalho e muita saúde, pouco me importa que eu mesma não tenha qualquer uma dessas coisas. Porque meus amigos, afinal, são extensão de mim... daí ser tão fácil ser feliz com e por eles.

Sobre a arte de ser paciente

A viagem deveria durar cinco horas e meia. O trânsito em Ilhéus e nos arredores de Salvador fez com que durasse nove. Ele dirigiu todo o tempo contente e bem-humorado. Nem um senãozinho ou qualquer reclamação.

Ao chegarmos a Imbassaí, com meu celular descarregado e o céu escurecendo com a chegada da noite, ficou impossível encontrar a pousada, que fica em rua de terra batida um tanto escondida. No celular dele, acessamos o GPS, que nos levou para uma estrada de barro deserta e indicou mais sete quilômetros pela frente. Voltamos. Tudo ficando escuro e o celular dele com 4% de bateria. Nenhuma palavra de reclamação ou nervosismo da parte dele. O celular dele descarregou. Informações colhidas por ele aqui e acolá não nos levavam a lugar algum.

"Espera aí, Galega". Desceu do carro, tirou o carregador do porta-malas e entrou num bar. Voltou todo contente. Descobri! O sr. Murici me ajudou. Tirou o fio do microondas da tomada, carregou um pouco meu celular e ligou para a pousada. O casal de italianos que abriu a pousada recentemente explicou a ele. Ele viu que era difícil e encontrou um jeito de me explicar. Perguntei quanto era. Ele disse "O que é isso, rapaz? Estamos aqui para ajudar!".

Mais algumas voltas e finalmente chegamos. Pousada acolhedora, limpa, que homenageia Airton Senna.

Eu fiquei calada. Só olhando para ele, enquanto ele agia paciente, decidido, doce. Por que está me olhando assim, Galega? Porque você é mesmo incrível, amor. Vixe, lá vem você com seus exageros... Não é exagero não, Moreno. Olhe só: você não perdeu a calma nem por um minuto; apesar do cansaço, não reclamou; não me culpou de nada, o que acontece com grande parte das pessoas quando uma situação tensa se apresenta; num instante cativou as

pessoas que tentaram nos ajudar; me fez sentir calma e segura todo o tempo. Mas, Galega, o que tem isso de mais? Nessas horas a gente precisa ter calma. Tudo se resolve.

Tão fácil para ele. Tão difícil para grande parte das pessoas.

Que todos os casais, na hora de sufocos assim, possam ter a generosidade da calma, da iniciativa, do amor.

Sobre a morte e a fênix

Foi com um grande poeta que eu aprendi a pensar nos sentidos possíveis e nos impossíveis que a morte pode ter: Ivan Junqueira. Instigada por Helena Parente Cunha a estudar a poesia dele (2004-2005), eu me vi diante da maior experiência que tive de me defrontar com o avesso de mim mesma ao me debruçar sobre uma poesia lindamente mórbida, produzida por um ateu (segundo ele próprio me disse), e ao mesmo tempo tão carregada de "poesia" que se fazia, paradoxalmente, vida em si mesma. Daí eu ter associado seus poemas à harpia e sua poética à fênix, duas figuras mitológicas maravilhosas para se refletir sobre a temática da morte e o modo como nos relacionamos com ela.

O estudo me fez crescer enormemente, sem perder nada da centelha solar que me faz tão cheia de vida. Mas, a partir de Ivan, a morte se incorporou naturalmente a meu olhar para o mundo. Ivan foi um poeta raro. Suas rimas toantes, sua erudição bem aproveitada, sua milimétrica preocupação com a forma e a visão aguda e crítica que tinha do mundo me impactaram tanto que o texto sobre os livros dele veio como uma tormenta na cabeceira de um rio e explodiu absoluto, numa escritura que fiz mais solitária que nunca, talvez como espelho do encontro solitário que todos teremos com a morte. Fizemo-nos amigos. E ele, que, ao me conhecer e ao saber de minha intenção de estudar sua obra, me disse "há estudos críticos que melhor seria que não houvesse", para, no dia seguinte, me convidar a ir à ABL para buscar seus livros, recebeu o resultado final com uma satisfação que fez valer cada segundo em que eu me perdi no enfrentamento com matéria tão difícil para mim.

Em Ivan eu vi, apesar da aparência mais palpável das harpias em seus poemas, a verdadeira personificação da fênix. E já que hoje é "Dia dos mortos", falarei um pouquinho sobre essa figura mitológica deslumbrante.

Quatro vertentes da impregnação simbólica da fênix no imaginário coletivo e individual parecem-me bem interessantes para explicar os sentidos que brotam de sua imagem.

A primeira refere-se a duas imagens egípcias da fênix relacionadas ao caráter "patróforo" do mito, uma vez que essa ave, além de autógena – é pai/mãe e filho/filha de si mesma –, cumpre o ritual da migração das cinzas remanescentes, ou seja, à fênix renascida cabe a missão de transportar os resíduos de sua existência anterior até o altar do Sol, onde ocorrerá a definitiva sublimação física do passado. Essas imagens retratam dois momentos diferentes, ou seja, aquele em que a fênix vivencia a experiência da fênix/filho/filha, ao carregar o ninho de mirra contendo as cinzas da fênix/pai/mãe, a serem depositadas no altar do Sol; e o outro, em que a fênix/pai/mãe, ao pressentir a morte próxima, parte da Arábia em direção a Heliópolis, onde se submeterá ao ritual da cremação, que terá a duração de três dias. Nota-se, pois, que, mesmo destinada à eternidade da vida renovada, a fênix passará pelo ritual da morte de uma existência primeva que servirá de energia recriadora para a nova vida. Os vínculos entre a fênix/pai/mãe e a fênix/filho/filha são estabelecidos pela missão da segunda de sagrar as cinzas ou restos da primeira. Curiosamente, portanto, a fênix, apesar de representar um mito da longevidade, também insere em sua simbologia a experiência da morte.

A segunda versa sobre a relação da fênix com as forças elementais da água e do fogo. Como o sol, a imagem da fênix, na aurora, vincula-se a seu reflexo nas águas do Nilo. No poente, contudo, a fênix projeta-se no fogo solar até confundir-se com as trevas da noite, preparando-se para ressurgir das cinzas na aurora do

novo dia que virá. Assim, a fênix caminha da água para o fogo, usando o ar como caminho e a terra como depositária da transição vida/morte/vida.

A terceira vertente vem da alquimia e está imediatamente relacionada à segunda, pois diz respeito à natureza da transformação da fênix, que pode ocorrer pela via úmida (a decomposição do corpo) ou pela via seca (a cremação do corpo). Água e fogo, mais uma vez, presentificam-se na autogênese da figura libertadora. E isso é muito interessante se pensamos no enterro ou na cremação como formas de lidarmos com a "cinza" ou o pó em que nosso corpo material se converterá.

A última diz respeito à visão de Apollinaire, que relacionou o mito da fênix à perenidade concedida ao poeta que faz da poesia sua força renovadora e ressuscitadora. Nessa linha de raciocínio, por exemplo, Marie Miguet aponta na poesia de Apollinaire a migração de um estado de fogo trágico para o do fogo apoteótico. O poeta seria, assim, um eterno filho do Sol, uma fênix.

Por meio da poesia de Junqueira, a fênix (que eu vi nele, fazendo-se eterno por meio da eternidade de sua poesia) passou a ser, para mim, a representação máxima do que a morte significa. Renascimento.

E se a morte é renascimento, é também vida. E eu hei de encontrar o Ivan algum dia, talvez conversando com T. S. Elliot, e espero que ele me dê um de seus raros sorrisos (embora sua generosidade sempre sorrisse por dentro), assumindo a única morte que eu espero que ele tenha vivido: a do "ateu". Porque há muitas vidas nesse momento epifânico de morrer.

Se a "poesia-harpia" de Ivan disse versos assim:

É sobre ossos e remorsos
que trabalho. É sobre
pó calcário espinho cardo
que afio o escalpo. É
sobre tudo o que não presta
que vegeto, réptil,
em busca de uma vértebra,
um reflexo, uma aresta
que me devolvam a fala,
a face, a insânia, o pasmo.
É desse nada que me basto
e faço agora o meu repasto
("Áspera cantata)
o "poeta-fênix" também falou:
E foi lá, entre esfíngico e campestre,
que me ensinaste a ver como o homem pode
tornar-se eterno sendo o que é, terrestre.
("terzinas para Dante Milano - outro grande poeta!!)
e:
Espelho de meus espectros,
urna de engodo e miséria,
alma sôfrega e sem tréguas,
osso escasso no deserto,
onde jejua um profeta,
solidão, infâmia e tédio
— eu sou apenas um poeta
a quem Deus deu voz e verso.

No "Dia dos mortos", minha saudação (e minha saudade) a um poeta que venceu os ponteiros. Cabe a nós vencermos os nossos, vislumbrando a fênix radiosa que nos habita e enfrentando seu momento de transição com serenidade e até alegria, já que a vida é eterna.

Medalhinha de Nossa Senhora das Graças; sobra de tecido (neste caso de um tecido senegalês comprado na feira Sucupira, em Cabo Verde); lacinhos azuis e fitas coloridas (compradas no centro de Aracaju); linhas, agulha e tesoura: eis o ponto de partida para esta crônica sobre fé, fuxicos, festa e felicidade... Agora conto...

Decidimos fazer um enfeite para a lembrancinha que ofereceremos a nossos convidados no dia de nosso casório. Um pequeno adorno para a embalagem do folheto de cordel. Um fuxico com uma medalhinha de Nossa Senhora das Graças (devidamente acompanhada por um lacinho azul), complementado por três fitinhas coloridas. Precisamente cem enfeites. Feitos manualmente. Porém, mais que uma artesania corriqueira, cuidar desse enfeite cercava-se de simbologias...

Minha primeira tarefa foi prender o lacinho na medalhinha. Nossa Senhora das Graças, ali iconicamente representada, era tocada com delicadeza por meus dedos. Ela que teve a delicadeza de aceitar ser nossa protetora... O lacinho azul, escolhido por nós, era, afinal, nós mesmos, enlaçados neste sentimento azul.

Depois, cortar pequenos círculos de tecido para fazer os fuxicos. Entre algumas opções, o tecido africano traduziria melhor nossa visão de mundo, nosso interesse pela história, pelo presente e pelo futuro da África. Sua cor, misturando azul, branco e negro, complementaria o azul do lacinho. Cada fuxico feito parecia provocar uma lembrança distinta...

Fuxico é, ao mesmo tempo, artesania nordestina e fofoca. Ele, paraibano; eu uma aracajuana de coração, temos tudo a ver com as formas que desenham a cultura nordestina. De outro lado, foi no "feicebuque" que nos reencontramos... E isso nos atrela, em termos de história da vida privada que se faz pública, a essa "rede social" que

se fez uma espécie de "padrinho virtual"... Nosso "fuxico", contudo, é do bem. Só queremos espalhar amor.

Unir a medalhinha com o lacinho ao fuxico. Muito simbólico isso... Mãe Maria no nosso Nordeste e na nossa rede, zelando pela harmonia da fusão de tantas coisas...

Vez das fitinhas coloridas. A vida tem muitas cores. Escolhemos três primárias (azul, amarelo e vermelho) e três secundárias (verde, roxo e laranja). Foi nosso jeito de simbolizarmos prioridades e complementaridades. Três fitinhas, em combinações variadas como os dias, para dizer da consciência que temos de não sermos só nós dois. A fé, a família, a fraternidade... O mundo nos importa. Agudamente. E na triangulação dos tempos, queremos ser vértices de força para um mundo melhor.

O resultado é colorido. E singelo. Traduz essa alegria que sentimos. Mas a ultrapassa, porque nossa alegria não nos basta. Queremos a justiça da alegria acessível a todos.

O enfeite adornará a festa. Festa que é ritual passageiro. Circunstância apenas, feita de agradecimento e abraços. Outra festa, contudo, se esconde no mesmo enfeite. Nele, todo um desejo de união sem quaisquer requisitos ou exigências.

Talvez a felicidade seja simples como alinhavar, com fé, mínimos elementos, em busca de conquistar uma pequena harmonia cotidiana. Nesse processo todo, o mais difícil foi desatar os nós que a linha dupla causou. Mas foram desatados. E outros serão. Vida afora.

Com fé, fuxicos do (nosso) bem e os corações fazendo festa um no outro, haveremos de alimentar a felicidade.

Sobre o ser da poesia cantando para/em nós

Já tive o privilégio de prefaciar/posfaciar dezesseis livros. Muitos deles são livros de poesia, expressão literária à qual venho me dedicando há vinte anos, seja na forma lírica (poema e canção), seja na épica, incluindo estudos sobre o ensino de poesia na escola e na universidade. O último livro de poemas que prefaciei foi "Persistência da memória", de Luiz Otávio Oliani, que está às voltas com o lançamento. Obra instigante desse poeta que optou verdadeiramente por pensar e refinar continuamente sua criação lírica. Os passeios que dei, nessa navegação pela lírica criação alheia, foram todos prazerosos, porque eu realmente amo esse exercício de buscar compreender os caminhos pelos quais um/a poeta decidiu seguir, tanto em termos estéticos como em termos de expressão de sua visão de mundo. Assim, "viajei" pelo Anima animalis – voz de bichos brasileiros, de Olga Savary; por Caminhos de quando e além, de Helena Parente Cunha; pelos "Breves cantares de nós dois", de Filipe Couto, por "Amor para quem odeia", de Eli Macuxi; por "aos pés da montanha todas elas e alguns deles", de Marcia Leite.

Hoje tenho em mãos, ainda inédito para mim, os originais do livro novo de Helena Parente Cunha , cuja obra lírica estudei com maior profundidade em "Desejo de tulipas. O eu em expansão na obra lírica de Helena Parente Cunha", publicado no livro "Dois ensaios sobre poesia" (2007), em que divide espaço com outro estudo, o "Fênix e harpia (Faces míticas da poesia e da poética de Ivan Junqueira)". Receber, via correio, o que, em breve, será um novo livro de Helena, foi um presente. Primeiro, pelo reconhecimento que ela me faz ao me incumbir dessa responsabilidade. Depois, porque, conhecendo com intimidade sua trajetória pela poesia, sei que algo novo deve estar ali, naquela encadernação, à minha espera.

O "ser da poesia dela", porque a poesia de Helena transborda em "ser", está à minha espera. E essa constatação é, particularmente, uma delícia para mim. Não há, em meu modo de sentir a vida, nada mais instigante que o texto lírico. O épico mexe com nosso espírito histórico-crítico e com nossa sede de imagens míticas. O narrativo, seja na forma ficcional de contos e romances, seja na da crônica, com sua mágica de revelar o cotidiano, desmantela o fio das coisas e reescreve, em outros parágrafos, as tramas e as amarras da vida. O dramático simula a tensão do teatro vivo que mora na realidade e nos reporta à consciência das máscaras que nos cercam e nos identificam. Mas o poema... Ah, o poema... Esse, como eu disse em um artigo, reúne em si "Palavras gritando contra o silêncio que aflige. Palavra revestida de outra palavra. Palavra reinventada na boca de espera. Palavra ensimesmada querendo amigo. Palavra em estado de graça plantada na realidade sem graça. Palavra ainda sem nome nascendo dos acontecimentos. Palavra surda e muda com linguagem de sinais própria. Palavra com medo. Palavra sem medo. Palavra sem dinheiro. Palavra que não se cala. Palavra que canta". A poesia canta! Daí ser "lírico" o adjetivo que se atribui ao gênero literário que a identifica.

As tarefas profissionais são inúmeras. Um "mundo" de atividades também está à minha espera. E delas extraio prazer, porque adoro o que faço. Mas, particularmente, aqueles originais encadernados têm tamanho ímpar neste meu universo de tantas letras. Por isso, neste momento, vivo o êxtase de saber que o "ser da poesia" vai cantar em meu próprio ser. Sim, a vida vale a pena.

E como você, Helena, me chegou, nessas páginas ainda brancas para mim, relembro um poema de "Cantos e cantares" (2005), que você dedicou a outra grande poeta, Astrid Cabral:

Canto de chegada
E chego
pelas frestas de minhas palavras
claras raras
Pelo gomos do meu silêncio
sumo fundo
Pelo fio do meu gesto
liso e reto
Chego
num pequeno arco de vidro
e flor
lilás mas violeta
Chego
por uma nesga de perdão

Que o "canto" do prefácio, fruto do ser de sua poesia cantando em mim, chegue a você, logo adiante, e seja acolhido pelo perdão antecipado à minha rota de navegação incipiente por opção, porque me sentir sempre no início de tudo aplaca qualquer utópico desejo de chegar ao fim. O fim não existe para quem vive mergulhada na eternidade das coisas.

(março de 2017)

Sobre os reacionários e seus medos

Que o Papa Francisco tivesse antagonistas já era de se esperar, afinal, seus apelos a determinadas renovações no seio dos preceitos católicos mexe com séculos e séculos de uma tradição arraigada em muitos valores que pouco, na verdade, tem a ver com o Amor que o próprio Jesus pregou. No entanto, o que faz pensar é a presença maciça em si dos reacionários, que, não só no âmbito da Igreja Católica, mas no da política mundial, andam "conquistando" retrocessos inconcebíveis pelas mentes de quem já considerava ultrapassadas algumas barreiras milenares das relações humanas.

O retorno das direitas no panorama político mundial; as conclamações à ditadura, ao poder militar, à revalorização fascista de "bons costumes"; o compromisso abominável de grande parte das mídias com as inverdades e o poder econômico; a volta de manifestações públicas descaradamente preconceituosas em relação às mulheres, aos menos privilegiados, aos gays, aos negros, entre outros; a presunção escancarada de quem se pauta na meritocracia como parâmetro para regular o mundo; tudo isso revela o grande medo da enorme parcela reacionária dos seres humanos que hoje constituem a chamada Humanidade.

Esse medo geralmente está associado a uma pretensa "confortável" situação que movimentos de renovação podem abalar. O egoísmo de quem se acha no "lugar certo", porque se pauta em ideologias religiosas que se supõem as únicas verdades do mundo e do pós-morte, ou porque se imbui de um "nacionalismo" cego que confunde injustiça com "mérito", revela tudo menos amor ao próximo no sentido defendido por Jesus Cristo, um dos maiores rebeldes da história da Humanidade.

Jesus abalou os alicerces de uma crença sustentada por pilares patriarcais, discriminadores, desumanos, materialistas e egocêntricos para promover a valorização dos "pequenos", dos injustiçados, dos oprimidos. Jesus defendeu o Amor como a única lei realmente válida. E abraçou a parcela marginalizada da sociedade. Por isso morreu na cruz, assassinado pelos reacionários, pelos medrosos, pelos poderosos. Todos culpados pela sentença injusta, na qual "lavar as mãos" não significou isenção de culpa!

Quem hoje toma em vão o nome de Jesus para defender a intolerância às diferenças faz como os jesuítas colonizadores que contribuíram diretamente para genocídios nas Américas ou como fundamentalistas violentos que espalham terror pelo mundo usando outros nomes. Faz como Hitler, que julgou haver uma superioridade ariana, com permissão para matar os diferentes. Faz como os escravocratas que, sustentados por valores (ou falta de) religiosos e "científicos" cegos, entenderam haver superioridade étnica no segmento "branco" da Humanidade e, em nome disso, fizeram as maiores perversidades em África e em outras partes do mundo onde a prática da escravidão existiu.

Um Trump depois de um Obama, um novo "muro da vergonha" já concretamente pensado, uma Europa lutando bravamente para não perder seu perverso lugar de "centro do mundo", uma execração ridícula ao Comunismo como se houvesse um "monstro" pronto a devorar os privilégios dos que "tão merecidamente" chegaram a uma vida materialmente confortável, as guerras religiosas, o terrorismo, as novas formas de escravidão presentes nas fábricas e indústrias dos maiores poderosos do mundo financeiro, tudo isso integra o signo execrável do retorno à barbárie reacionária que destruirá conquistas humanitárias que pensávamos definitivamente instauradas no mundo.

Pobre Papa Francisco, que, como Cristo, Gandhi, Martin Luther King, Joana D'Arc, entre outros e outras, está na mira do ódio de quem não suporta ver o outro tendo uma chance (mesmo pequena, mesmo mínima) de SER em um mundo todo feito para a desvalorização da existência humana frente à valorização do mercado, do dinheiro e da matéria.

O pior é constatar que, mesmo quem, na verdade, está na parcela dos marginalizados, sucumbe às inverdades reacionárias e se põe a defender monstros como Trumps, Bolsonaros, Crivellas, ditaduras, bloqueios, nacionalismos extremistas, sem perceber que, como escorpiões, injetam em si próprios o veneno do ódio.

Para quem tem tanto pavor de um "Comunismo" que, afinal, nem existe na prática, mas que se tornou "palavra de ordem" (e de manipulação burra e mal informada) dos reacionários, um pequeno lembrete... Talvez o próprio Jesus tenha sido o maior deles!

Sobre quarentenas e aquarelas
ou
Uma tarde/noite vestida de cor

Quarenta dias e um oceano no meio. Tanto de tempo e tanto de espaço a separar esse amor-ímã que demorou uma década até a explosão... E agora... Quarenta! Hão de ser fortes os corações do Catingueira e da Brucha para converter "uatizape" e "messengem" em bálsamo para a saudade doida e doída que virá? O que reserva o crepuscular trigésimo dia e a trigésima noite a essa "dupla de dois" que, de positivo em positivo, de negativo em negativo, se empenha no corte, recorte, montagem, desmontagem e remontagem dessa película afetiva? Pois bem! E foi assim que o pincel bordou:

Brucha:
Seu rosto
hoje
é tatuagem
e espelho.
Tatuagem
na carne que me veste;
espelho
no limite interno
do olhar
que aprendeu o gosto
de amar.

Catingueira:
Seu verbo salta ligeiro
Que nem maracajá.
É tatuagem no espelho
E no escuro refletirá.
Se transforma em repentista
Grande alma, grande artista,
Borda versos pra trovar.

E veio! Não restavam questionamentos! O equinócio das horas chegou em tempo real! Apesar das cinco horas de fuso horário, não houve impedimentos que interrompessem o voraz desejo do encontro sobre o mar tenebroso (Oceano Atlântico) e tudo se converteu em palavras, imagens e voz, que, no enfrentamento da contagem longamente regressiva, afirmava, gesto a gesto, a permanência do que se inaugura eterno.

Ele, generoso como sempre, aderiu ao fuso horário dela e passou a dar bom dia às duas da manhã e às quatro ouvir as novidades da sua Brucha. Ela, dengosa como sempre, enviando rumas de carinho, apaixonada pela promessa de barba que em barbudo se fez.

E da quarentena nasceu uma aquarela! Cinco horas de um repente engraçado! Cinco horas de uma peleja matizada pelo sonoro ponteio afiado e afinado no diapasão coronário. Ela postando montagens fotográficas de um lado, ele, de outro, respondendo com poemas. Amor convertido em improviso. Gestos côncavos e convexos inserindo mais uma experiência única nessa história lúdica e lúcida.

E a aquarela foi ganhando cores e quando à Brucha parecia que para Catingueira difícil seria fazer saltarem mais palavras, ela perguntava: "Posso mandar outra?" E a resposta: "Arrocha!". E nessa fábula de traços verídicos que se desenhava, o espantoso foi encontrar cores para alimentar o fulgor criativo da Brucha e do Catingueira. Era

improvável que naquele momento de incisão, cirurgiões como Picasso, Monet, Matisse... viessem estancar o minadouro que confluía esse rio ao célebre Rio São Francisco. Inimaginável!

Quatorze variações. Cores tingindo esse amor cheio de amores. E o tempo da quarentena perdeu-se no infinito que só as horas bonitas têm! Entre publicáveis e não publicáveis, dada a criatura desse ser Moreno de muitas sedes, os poemas do Catingueira pintaram para a Brucha um quadro de palavras mágicas enfeitado por versos como:

Cor da ferrugem e do ouro
Do jerimum e do sol.
Mistura de mito e de touro
Toque de Midas no arrebol.
Sumo de laranja-lima
Vou casar com essa menina
Uma mulher vestida de Sol.

Por outro lado, a Brucha caprichava nos fotopoemas nos quais a imagem congelava a magia plantada em vias de semeadura. Ao mesmo instante, a danada imprimia movimentos para um novo semear. Para muitos a colheita pode tardar ou até mesmo não ser possível! Não adianta preparar o solo, ter boa semente, abundância líquida-mineral, matriz animal... não adianta! Senão tiver o toque da retina, a planta não fala com a gente.

E assim se deu a peleja. Entre imagens e versos, entre ponteiros e saudade, essa quarentena logo será história. Mas a memória que deixa faz a saudade ter valido a pena.

Seguem as aquarelas:

Azul
Vestuta feiticeira!
Brucha da alquimia!
Gata não berra, mia,
À luz da bulandeira.
Seu jeito tem encanto
Meu regaço, meu recanto,
A trincheirar dia a dia.

Vermelho
Azul é a cor da alegria!
O vermelho é da guerra!
Sangue vencido na terra
De céu se revestia.
Se os ponteiros alados
Adiantam o atrasado
Tempo que a coruja pia.

Branco
Gato berra, bode mia,
Boi ladra, cachorro pia.
Porco relincha, pombo fala,
Macaco desenha e burro cala.
No alfabeto dos bichos,
Não vejo nenhum fuxico,
Que não me faça te amar!

Preto e branco
Se uma cor é singular,
Duas em diante é plural.
Três cores são uma festa,
Quatro cromos mineral.
Cinco tamanhos de universo,
Seis rimas em prosa e verso,
Sete luzes no pragal.

Verde
Um risco solto no ar,
Duas linhas paralelas;
Três verdes de te beijar,
Quatro sedes de beber;
Cinco desejos tomados,
Seis cálices sagrados
Da Mulher que vou sorver.

Preto
Ausência demais é preto.
Brilho demais encandeia.
Preto demais enoitece.
Brilho demais enfeia.
Galega no ponto certinho.
Moreno bem coradinho,
Amor de vazante e de cheia.

Cinza
Os nós que atam laços,
Também atam as cores.
Cinza do chumbo e do aço,
Lembranças de dissabores.
Saudade do tempo futuro,
Erguida casa sem muro,
Chão dos nossos amores.

Laranja
Cor da ferrugem e do ouro
Do jerimum e do sol.
Mistura de mito e de touro
Toque de Midas no arrebol.
Sumo de laranja-lima
Vou casar com essa menina
Uma mulher vestida de Sol.

Roxo/lilás
Cor da estola cristã,
Vestida na cúria romana.
Talvez sem carne, pagã!
Olho do pus que emana.
Fora dessa ratoeira
Construímos brincadeiras
De manhã para manhã.

Amarelo
Se juntarmos uma a outra
Cada argola faz um elo.
Prata fundida na pira
Desenho, forma de anelo.
Fogo desmancha saudade.
Saudade ganha liberdade
Que sentimento singelo!

Pele
Menina ouro-azul
Do couro rijo e rosado.
Viço de flor juvenil
Doce de fruta flambado.
Quando penso em tua pele
Minha Vida estremece
Fico sem chão e corado.

Listras
Cromático tempo da Vida
Que Cronos não alcançou.
Contraste de cor esquecida,
Que futigado salvou.
Hora sem tempo final
Desenha romance real
Vida por sobre Vida!

Listras daqui e d'acolá.
Listras em tons escuros
Num castelo sem muro
Listra para contrastar.
Listra de malabarista
Equilibra a conquista
Dos malabares a fiar.

Rubro-negro
Duas camisas distintas:
Eu sou ABC, Ela é Confiança.
Encontramos semelhança
Quando rubro-negro pinta.
A tinta escorre na cidade,
Pinta também a saudade
A tempo de ser extinta.

Paleta
Paleta pode ser cama,
Cama pode ser vida,
Vida pode ser amor,
Carne, mas sem ferida.
Saudade sem esperança
Não quero, sem confiança!
Morte na vida da Vida!
— com Ítalo De Melo Ramalho.

Sobre um gato ser levado

Você acorda cedo e com uma enxaqueca danada. "Eles", lá da cozinha, já sentem que você despertou e começam a miar e chorar (o cachorro), pedindo que você "compareça" com água fresca e comida. Você avisa que já está indo e tem que escovar os dentes com o "fundo musical" cada vez mais alto. Aí abre a porta da cozinha e pronto!

O gato mais levado do mundo salta de cima do armário da cozinha e derruba o pote decorativo que cruzou o oceano para vir da Espanha para cá. Os estilhaços invadem a cozinha toda, a sala, o corredor e, claro, sua enxaqueca, completamente. Milhares de milhões de caquinhos, além das conchinhas que estavam lá dentro! Aí você, desolada, pega a vassoura, e ainda tem que ficar enxotando o sacaninha, porque ultimamente ele não resiste a ver você varrendo algo e persegue a vassoura desesperadamente e, pior, desorganiza o montinho de lixo assim que você acaba de varrer.

Quando está varrendo os cacos da sala, dá uma olhadinha na varanda e descobre que o grandessíssimo sacana espalhou terra do vaso pelo chão. Sempre é "ELE"! Ei, sai do pufe, seu !! Bom dia, Pudim! Eu me esqueci de dizer... E assim começa mais um sábado na residência de Dona Paciência B. Ramalho. Enxaqueca? Ah, isso é frescura...

Não tem paciência para esse tipo de coisa? Não tenha gatos! Nem cachorro... Nem outros animais... Nem filhos... Nem amigos estabanados... Aliás, seria bom ficar totalmente só. Se possível sem nem você mesmo! Pra que tanto enfeite numa casa? Pergunta meu coração. Porém meus olhos não perguntam nada...

Tempestade em Natal

Berros sacodem as janelas do meu quarto, antecipando o despertador. Tempestade em Natal. Entreabro as cortinas. Meu azul fez-se branco e bravo, e chora violento, espargindo angústias sobre telhados e vidros. Buscar Apolo é uma impossibilidade tão grande, que imediatamente recolho olhos e desejo e volto a buscar as cobertas para esconder minha solidão.

Talvez a cidade brinde essas águas. A sede do sertão será aliviada. O calor deixará de ter a força aguda que franze as testas. As flores das avenidas certamente estarão viçosas amanhã ou depois, quando a chuva se for. E o curso da vida seguirá nos espelhos d'água que ainda ficarão nas avenidas.

Mas eu contarei no relógio o tempo que me separará de Apolo. Ele é o único que sabe derramar luz em mim.

(Natal, 13 de março de 2008)

Tempos de farofa

Vocês comem farofa pronta? Comam não, oxe! Pode-se fazer uma farofa deliciosa em casa e ir consumindo pouco a pouco... É? Dá pra guardar? É claro, visse! E eu sei fazer. Vou fazer para nós. Bora comprar os ingredientes...

Manteiga de garrafa, alho, cebola roxa bem fininha (Depois você tira, amor, já que não gosta de comer cebola), calabresa bem cortadinha... Vou usar essa panela grande, tudo bem? Oxe, amor, esta cozinha é sua, é nossa.

Hummm, está cheirosa! Prova o sal aqui. Provei. Hummmm! Delícia. Quase pronta. Deixa ir dourando até ficar bem coradinha. Vou colocar mais um pouquinho de sal. E vai, com sua morenice, finalizando "os trabalhos".

Pronto. Colocar numa vasilha com tampa e ir usando! Ai, amor, precisava ser assim tão danado? Fico só olhando... Mais boba do mundo! Tenho direito a um cigarrinho? Um? Dois, amor!!!!!

Em tempos de farofa, as misturas têm uma harmonia simultaneamente singela e rica. Singela, porque cantam a canção do cotidiano em sua face mais simples e amorosa. Rica, porque contêm, nos mínimos ingredientes, o máximo da sabedoria do amor.

Amar é cuidar. Ele sabe fazer isso lindamente. Meu Pombo Sujo farofeiro (no sentido mais carioca possível) é também mestre na invenção dos tempos de farofa. E eu sei que a vida pode ser deliciosa! Com ele!

Tia Guelo

Lá se foi ela... Estrela amada que brilhará aonde chegue. Deixa, no coração da gente (seus muitos sobrinhos e suas muitas sobrinhas), a gratidão imensa por termos tido a tia-mãe, sempre zelosa e presente, sempre preocupada com nossa felicidade.

Mestra, professora universitária, poeta, artista. Uma mulher corajosa, que enfrentou preconceitos e ousou viver como quis. Nossa tia Guelo, nossa Guelinho, informada, combativa, rica em buscas e descobertas.

No meu caso, a tia em que me vejo espelhada, não só pela profissão em comum, mas pelo gosto por viagens, leituras, arte. Tia amada que, generosamente, me deu, no dia 26/12/95, o anel de formatura em Letras que ganhara de sua mãe, minha avó Bernarda, e de meu avô João exatamente 40 anos antes, dia 26/12/1955! Essa linda coincidência me deixou deslumbrada! E o presente é dessas raridades que valem a vida, porque são vida.

Nossa Senhora a acompanhe, Guelinho. Até morrer honrarei esse anel em que a senhora, minha avó e meu avô estão inscritos.

Obrigada por ser, na minha e em nossa história, uma pessoa única, inesquecível, linda!

(Aracaju, 9 de janeiro de 2017)

Uma crônica sobre o amor

Uma crônica sobre o amor deve ser escrita com as palavras que nos dizem os olhos das pessoas contentes que passam pelas ruas. Deve ser escrita com as cores que nós podemos ver quando o sol está perto da montanha e os brincam um com o outro. Deve ser escrita com o som dos pássaros cantando em nossa janela ou com o som de nossas crianças brincando na praça. Deve ser escrita com o gosto do vinho que bebemos para celebrar a felicidade e com o aroma que nós podemos sentir quando nossa mãe está fazendo um bolo de chocolate para nós.

Uma crônica sobre o amor deve ser como uma obra de arte que podemos ver no museu, mas, ao mesmo tempo, deve ser como uma paisagem sem tintas que vive eternamente em nossa memória. Deve ser como um sopro de vida em nosso cotidiano; como um pequeno presente que nos é dado quando acreditamos que todas as coisas estão perdidas; como um aviso de Deus a nos dizer que sempre há uma nova maneira de construir a vida; como uma música de anjos a nos trazer a sensação de doçura e paz.

Uma crônica de amor, sobretudo, nos deve chegar com a mágica que transforma simples palavras em uma oração, uma pequena oração de amor.

Uma crônica-ode por falta de versos competentes

Ter poetas entre os amigos é algo marcante na vida de qualquer pessoa. Embora poemas alheios a seus autores sejam acessíveis a nós, bastando, para isso, que busquemos tê-los por perto, quando quem está próximo de nós é um poeta (ou uma, registre-se bem), não tem jeito: algo que muitas vezes nem pensaríamos em buscar se apresenta diante de nós, instigando-nos o tempo todo a romper com a monotonia do pensamento 3 X 4. Um amigo poeta é colírio, é susto, é aquele par "anjo/demônio" soprando gracejos em nossos ouvidos. Pensamos: "o mundo é uma merda!" E nosso amigo poeta diz a mesma coisa. Mas não diz a mesma coisa. Diz mais. Diz diferente. Diz de um jeito tão danado de bom, que, de repente, passamos a olhar para o tal "mundo merda" com olhos que não tínhamos. E, como uma contradição, ao olharmos para o mundo através dos olhos que a poesia construiu em nós, ele, o mundo, também de repente parece não ser "tão merda" assim... afinal, não é que nele habita um poeta? Falo isso e me lembro do poema "Fardo (a consciência do zero, 1981)", do livro *Rarefato* (1990), de Frederico Barbosa:

tenho que
tentáculos afiados tentando
fincar a vista futura feito
oráculo

não sou cego não sossego

Raio de poeta que nega Homero para ser um. Raio terrível de poeta que brinca de dizer quão aguda é a palavra que percebe além de nós, que guarda lince nos olhos, angústia na consciência do vaticínio que nem vaticínio é, porque não há sequer espaço para a consolidação da imagem que se previu. O mundo acelera o poema, que morre logo depois do ponto final. Isso, poeta, não use o ponto final. Não sossegue. Nunca.

Ter poetas entre os amigos é essa coisa angustiante de se ver invadido/a por esses tentáculos afiados e ter que sobreviver sem as sobras do que éramos antes do poema. Poemas cuspidos em nossa cara, em nosso cotidiano, em nossa mesquinha necessidade de pularmos contentes dentro da bolha que nos protege, sem perceber que ela é de sabão. Amigos poetas, com sua chuva de sentidos, exigem de nós reinaugurações constantes. É um "reinventar-se" que não acaba nunca. É aquela consciência de ser o solitário entre as gentes, de ser o sobrevivente cuja reinauguração jamais é suficiente, como me faz recordar outro amigo poeta, o Luiz Otávio Oliani, no poema "Fatalidade", do livro *Fora de órbita* (2007):

a vida pulsa em hiatos
e não sei pedir socorro

camaleão fora do ventre
transmudo a cor à revelia

mas a morte não é daltônica

Outra vez sem ponto final. Outra espetada na consciência tão placidamente sentada na antessala do existir, isenta de poemas, como uma vida (?) confortável deveria ser. E, no entanto, todavia, contudo, porém, vem-nos o amigo poeta, com seu poema dizer não o que precisamos ouvir, mas o que precisamos ter para dizer. E a não daltônica morte visita nossa antessala soando todos os alarmes e

dizendo: "Não há sala!! O que você está fazendo aí? Esperando o quê?" Ele não pede socorro, mas nos socorre. Sina maldita.

Ter poetas entre os amigos é, assim, estar sempre cutucando aquela feridinha antiga, numa espécie de ritual sadomasoquista, em que somos algozes e vítimas. Algozes, porque amamos nossos amigos poetas mais do amamos a nós mesmos, logo, com eles aderimos à desconstrução do mundo e viramos guerreiros absurdos com baionetas que atiram fonemas e ferem alguns poucos ouvidos atentos. Vítimas, porque, embebedados por suas palavras, saímos mesmo por aí, atirando em tudo, principalmente em nós. E, no entanto, todavia, contudo, porém, e todas as adversativas que os amigos poetas nos trazem, ressuscitamos a cada novo poema, como conseguiu fazer Lau Siqueira, com seu "Bobo da corte", do livro *Texto sentido* (2007), quando chegar aos 44 me pareceu uma convocação iminente ao inventário. Não precisei fazê-lo. Estava ali, no poema, disfarçado em outro número:

o que sinto nesses quarenta e seis vértices ungidos
que ora espetam ora aguçam os sentidos
é que cada momento vai roendo os ossos e a
dormência do impossível tomando conta de tudo
que é a b s o l u t o

o que comove nesses anos cumpridos entre
verdades amargas e doces mentiras é que apesar
de tudo ainda pude semear as sobras da minha
inquietude

poemas derramados espalhados no tabuleiro do
que tanta vez provoca o asco afirmativo da
existência

o que colhi entrementes nem sempre foi da

melhor safra mas ainda estou aqui escrevendo
versos ligeiramente aptos às consagrações do
esquecimento

o vazio dos olhares atônitos já não apavora
o medo há muito perdeu o sentido

ouço o ruído das horas passando ao largo de uma
vida que se cumpre para muito além das paisagens
guardadas na retina

e sorrio como se fossem oráculos os galhos do
cajueiro que vejo pela porta entreaberta
sob o
mantra estridente dos sagüis que resistem
nos esgares da mata

habito meu silêncio
e ouço atentamente a imensidão e a quietude
de tudo que grita e se move

o que está posto é muito mais do que posso
por isso sigo em frente
derrubando os muros que possam afastar
as matilhas da ternura

as águas que passaram nesse rio jamais ficaram
turvas por isso não me curvo e

vou indo vou

rindo de tudo

embriagado com minha própria sede

como um homem que transita pela consciência
dos caminhos jamais percorridos

vou passando

passeando pelo mundo

Raio de amigo poeta que sempre sabe antes de nós, que parece rir das neuroses que, sob suas rédeas, se fizeram metáforas, esvaziando as reverberações super apelativas de nossas emoções indomadas. Ele doma. Molda. Apropria-se. Indo e rindo de si, de tudo, de nós, passeia mesmo. O que, em nós, é inventário, nele é verso malemolente, rio sinuoso de palavra trânsito. Que passa. Mas sem ponto final. Outra vez. E o "mundo merda" é tão mais que isso, só porque ele está ali. O inventário dói. E batemos palmas para a dor, porque nem mais dor sabíamos sentir.

Ter poetas entre os amigos é, enfim, ver-se, como eu, ridiculamente compelida ao texto ode, ao puxa-saquismo deslavado, àquela vontade de dar um abraço bem grandão nesses sujeitos tão descaradamente sábios e néscios, malabaristas 24 horas por dia caminhando nos fios do desejo que a palavra tece e arrebenta bem no meio da caminhada. Cai o poeta e nos leva (amigo...) com ele. Do tombo, surge outro poema. Nele. E outro hematoma. Em nós. Merda de mundo legal esse em que "merda" pode ser bom agouro. Sorte. Isso é ter poetas entre os amigos.

Uma Mãe, uma irmã, uma amiga, uma irmã-amiga

Já postei algumas experiências lindas com Nossa Senhora das Graças. Hoje foi novamente mágico. Foi mais que isso... Foi mais...

Em Saint-Etienne conheci uma professora de francês/português e mestranda da Sorbonne 3 chamada Liana Garcia. Uma cearense delicada e simpática que de pronto me ofereceu ajuda em Paris caso eu precisasse. Como o evento estava no finzinho e precisávamos sair, ela ficou de me contatar pelo face. Um registro curioso foi ela me dizer que se tornar torcedora do Saint-Etienne foi uma forma de abraçar a vida na França. Como o Confiança, o time é dos pequenos. Rimos juntas da coincidência.

Fui para Clermont-Ferrand e peguei ônibus para Paris. Às 6h30 desembarquei em Paris. Mal desci do ônibus e quem encontro? Liana! Que tinha desembarcado do ônibus procedente de Saint-Etienne! Considerando o tamanho da rodoviária de Paris, foi um encontro e tanto!

Eu disse a ela que iria descobrir como chegar à Igreja da Medalha Milagrosa. Ela me disse: "Vou com você até lá! Sempre vou. Estudei em escolas da ordem vicentina e sempre fui devota de Nossa Senhora das Graças, porque Santa Catarina, que viu e recebeu as mensagens de Nossa Senhora das Graças, era irmã de caridade da Ordem de São Vicente de Paula".

Comprou, sempre generosa, bilhetes de metrô para mim e seguimos juntas conversando sobre a vida acadêmica e descobrimos inúmeros interesses em comum. Educadora consciente que já está fazendo diferença por aqui!

Antes, ainda no ônibus, minha amiga-irmã-madrinha Fanny Reich Wizenberg havia me dito que uma freira brasileira morava na irmandade aqui na igreja e que juntas tinham feito uma oração. Falei isso para Liana e também do grupo de brasileiras/os que tinha visita programada para 8h40.

Tomamos um café, esperando a igreja abrir. Apesar de ser minha terceira vez lá, a emoção parecia nova. Liana me explicou uma porção de coisas e eu me emocionei vendo o corpo intacto de Santa Catarina. Agradeci muito a Nossa Senhora das Graças por todas as bênçãos que a vida deu a mim, ao Ítalo e às nossas famílias e amigos/as e pedi que interceda junto a Deus por nosso Brasil.

Vi uma freira saindo de trás do altar quando eu estava ajoelhada diante da imagem de Nossa Senhora das Graças. Levantei-me e perguntei, em francês, se ainda havia uma freira brasileira ali. Ela me disse: "Sou eu". Comecei a chorar e lhe pedi um abraço. Ela me deu, disse que seu nome era Rita e me pediu que eu orasse pelo Brasil!!! Eu tinha acabado de fazer isso!!!

Não tenho como expressar a emoção que resultou de tudo isso...

Nossa Senhora das Graças, irmã Rita, me lembrando da santa das causas impossíveis, Liana, que é literatura e Santana... Fanny, cujo nome tem som de alegria. Sei que Deus zelará por nós. Fiz o que irmã Rita me disse: escrevi uma oração em português e coloquei na cesta das orações. Assinei e datei.

"Mãe Maria, Nossa Senhora das Graças, que tanto protege as filhas e os filhos de Deus, todos os seres humanos, intercede especialmente junto a Deus pelo Brasil, pedindo que nós, brasileiras/os, tenhamos paz e para que as causas sociais não sejam destruídas.

Meu Amor e minha Gratidão".

Depois comprei as medalhinhas, para distribuirmos no nosso casamento, amor Ítalo De Melo Ramalho. Liana me comprou um presente. Trocamos um abraço emocionado e tivemos a certeza do nascimento de uma nova amizade abençoada por Mãe Maria. Transmiti seu agradecimento a ela, amor. Ah, o grupo do Brasil chegou, com uma bandeira grande nas mãos do guia! Obrigada, Liana! Obrigada, Fannyzinha!

« Ces rayons sont le symbole des grâces que je répands sur les personnes qui me les demandent ».

Foi muito muito lindo viver isso!

Uma menina chamada Patrícia

Há certas pessoas no mundo que trazem nos olhos e nos gestos uma magia especial: envolver quem com elas se relacione em um mundo de ternura, no qual só cabem sentimentos doces e aquela pureza peculiar que pertence somente a quem consegue dialogar com as fadas. Em Lisboa, conheci uma pessoa assim. Uma menina chamada Patrícia.

Cheguei à casa de sua mãe, nova e carinhosa amiga que me ensinou lindos recantos de Lisboa e cidades vizinhas, e a vi, pela primeira vez. Ela, com a beleza que os treze anos possui, imediatamente revelou sua simpatia e educação, me cumprimentando sem qualquer resquício de desconfiança, como é comum acontecer quando uma pessoa estranha invade o espaço dos adolescentes. Ao contrário, viva e generosa, abriu, como mãe, as portas de sua casa, fazendo-me sentir parte de uma família que me lembrou a minha, já que ali também vivem uma mãe com suas duas filhas.

A intimidade entre nós surgiu quando ela, espontânea, mostrou-se encantada com minhas unhas, que, na ocasião, longas e feitas, portavam a força do esmalte escuro, que nunca passa despercebido. Quisera ela também ter unhas assim: longas e bem pintadas! E mais: unhas de verdade! Não postiças. Achei engraçado o seu encantamento e, manicure que gosto de ser, logo me ofereci: faço as suas se você quiser. E ali fez-se um pacto entre nós.

Voltei a vê-la em um jantar, também em sua casa. Altíssima, com belos cabelos longos e um olhar cheio de pestanas e luz, ela era um pouco a alma da casa. Trazia também os hábitos adolescentes do computador ao colo, da capacidade de, simultaneamente, conversar com os presentes e com os virtuais, do nome de cantores pop na ponta da língua, dos deveres da escola por perto, sinalizando o cotidiano. Eu me despedi dela, pensando que não voltaria a

encontrá-la nessa viagem, e lhe deixei de pronto o convite para vir ao Brasil quando quisesse, abrindo as portas de minha casa a ela também. Contudo, voltaria, sim, a vê-la.

Acontece que sua mãe, em outro gesto generoso, permitiu que eu me hospedasse por uma noite em seu apartamento, antes de embarcar para o Brasil, pois eu voltaria de Paris na véspera do voo e ainda não tinha uma reserva de hotel. Fique em minha casa, disse ela. E não precisa procurar hotel... Ninguém, entretanto, estaria no apartamento, pois minha amiga viajaria, a filha mais velha estava em outra cidade, e Patrícia ficaria na casa do pai.

Em Paris, comprei um presentinho simples para Patrícia: um chaveiro parisiense típico, cheio de penduricalhos que lembram o charme feminino da cidade. Deixaria para ela, como um registro de que havia conquistado minha amizade.

Um e-mail de sua mãe chegou de repente, me dizendo que Patrícia havia pedido para estar comigo naquela noite, porque gostaria de se despedir de mim. Caberia a mim apenas preparar uma pizza para nós duas e deixar-lhe algo para que comesse no dia seguinte antes de ir para a escola. Imediatamente me senti feliz! Seria uma alegria estar com Patrícia e cuidar dela um pouquinho. A manicure, claro, estava convocada!

Eu já estava no apartamento quando ela chegou. Incrível como essas pessoas mágicas conseguem chegar acendendo luzes, sem que nenhuma luz precise estar acesa. Trocamos um abraço e já fomos para a cozinha, espaço doméstico onde começaríamos a conversar sobre uma porção de coisas, que aqui não descrevo pela inutilidade de ratificar o quanto podemos nos sentir bem quando conhecemos uma pessoa bacana.

Assistimos a um filme. Bem, eu assisti ao filme, e ela assistiu ao filme e interagiu com as amigas pelo computador. E adorei a sensação de me lembrar de "momentos família" que vivi muitas vezes com minhas filhas. Comida no colo (nos meus momentos família a

"comida" era quase sempre um miojo... Eis a cozinheira que ficou na lembrança de minhas meninas!), filme romântico na tela, sofá confortável, companhia estupenda. Doce forma de me despedir da linda Lisboa!

Fiz-lhe, obviamente, as unhas. Esmalte clarinho, para respeitar o acordo com a mãe. Mas, ciente de seu desejo de outros esmaltes, de outras unhas, me ofereci a colocar uma pequena florzinha vermelha nas unhas dos polegares. Ela, animada, aceitou na hora, parecendo incrédula quanto à oportunidade de ter algo diferente nas mãos. Fiz as florezinhas, e ela ficou deslumbrada: disse-me seria sucesso na escola no dia seguinte! A ternura que senti naquele momento foi grande. Apenas uma florzinha tão pequenina podia lhe fazer abrir aquele sorriso feliz? Como a felicidade pode ser simples... Aliás, o chaveiro foi recebido com igual entusiasmo. Logo tratou de buscar as chaves para inaugurar o presente. Por sinal, precisei retocar uma unha tal foi o empenho dela em colocar logo as chaves no chaveiro. E meu presentinho simples ganhou status de joia.

Preparei-lhe, constrangida, o almoço para o dia seguinte. Claro que tive que lhe revelar que eu, ao contrário de sua mãe, era péssima cozinheira. Mas ela, tal como fizera antes, valorizou com todo o carinho o arroz branco, os ovos cozidos e a cenoura que lhe preparei. Fiz também um doce de maçã. Deixei tudo arrumadinho na cozinha, para que, no dia seguinte, ela pudesse facilmente almoçar e seguir para a escola.

Mostrou-me seu quarto, ofereceu-me seus muitos shampoos quando decidi tomar um banho, ajudou-me a preparar o doce, organizou comigo a cozinha. 100% companheira!

Mas um detalhe tornou a noite ainda mais especial. Ela, enquanto víamos o filme, me pediu para ler a postagem que uma amiga havia posto no facebook e que ela havia adorado. Era um texto muito lindinho sobre o fato de meninas legais não precisarem ser bonitas. Ela parecia encontrar naquele texto um espelho confortador para seus sentimentos. Mesmo sendo um texto cheio de razão:

meninas legais não precisam mesmo ser bonitas. Ninguém, na verdade, "precisa" ser bonito por fora se traz a beleza por dentro, pois a beleza de dentro tem o poder de se espalhar por fora tornando bonito o que a sociedade, presunçosa e ditadora, trata de classificar como esteticamente feio ou medianamente bonito. Todavia, sua identificação com o texto me fez perceber que ela própria não se percebia bonita. E eu sorri por dentro, na minha jurássica pele de cinquentona, porque sabia que aquela menina, chamada Patrícia, logo saberia conscientemente quão bela é, por dentro e por fora.

Espero que Patrícia venha trazer suas luzes coloridas ao Brasil, passando uma temporada comigo. Tratarei de providenciar que minhas filhas a conheçam e me ajudem a mostrar a ela as paisagens e as rotinas deste nordeste que amo. Sei que ela, viva, curiosa e gentil como é, interagirá com as brasilidades, as nordestinidades, e compreenderá nossas lindezas e mazelas. Porque meninas legais não precisam de visto. Aonde quer que cheguem terão portas e corações abertos para recebê-las.

Obrigada, Patrícia, por ser a menina legal (e linda!!) que é!

Você sabe o significado da palavra "fome"?

Este será um texto duro. Com palavras duras, secas como a fome. Ríspidas como a vida é para parte assustadoramente grande da população mundial.

Certamente haverá certo estranhamento por parte de quem conhece meu jeito de escrever. Mas a leitura de *A fome*, do argentino Martín Caparrós (somada à total falta de vergonha que tomou conta dos três "poderes" brasileiros; à leitura de comentários de leitores/as alienados/as, preconceituosos/as e fascistas que tenho acompanhado todos os dias ao buscar entender o que não se pode entender; às notícias asquerosas sobre Trump e o crescimento das direitas na Europa; aos acontecimentos cada vez mais violentos envolvendo misoginia, homofobia, xenofobia, racismo, intolerância religiosa, entre outras calamidades) tornou imprescindível o teor e a forma desta crônica, cujo objetivo é deixar 100% claro que ABOMINO discursos que trazem aquela ignorância própria de quem teve muitos privilégios na vida e mede o mundo a partir de seu próprio nariz, tratando a miséria como fato distante que merece, no máximo, umas fotos exóticas ou a participação em alguma campanha filantrópica que, obviamente, não envolva contato direto com a "feiúra da miséria". Simplesmente não suporto mais ouvir pessoas por quem tenho até amizade falarem atrocidades, defendendo mérito, competitividade, preocupando-se com a situação dos empresários, compartilhando ideias-bostas vindas dos Bolsonaros, Crivellas, Dórias e etc., cujo discurso revela total ignorância acerca do sentido de "ser" humano.

Minha pergunta inicial é: você realmente sabe o que é MERITOCRACIA? Vou torcer para que não saiba. Sua ignorância doerá menos que a certeza de que você, de fato, sabe o que significa e, ainda assim, não consegue acessar o "outro" como um "ser

humano", tão digno de viver em paz como você, independente da "medida" dos méritos de cada um.

Em artigo postado na internet, com título "Meritocracia", Camila Betoni (fácil de acessar via google) explica: "A meritocracia é um modelo de distribuição de recursos, prêmios ou vantagens, cujo critério único a ser considerado é o desempenho e as aptidões individuais de cada pessoa. Como uma das ideias que fundamenta moralmente o liberalismo, a meritocracia é um princípio essencial de justiça nas sociedades ocidentais modernas. A partir dessa ideia é que se justifica e se legitima a forma como os recursos estão distribuídos na sociedade. Segundo essa tese, a mobilidade social deve ser um resultado exclusivo dos esforços individuais através da qualificação e do trabalho". E ela ainda completa, se referindo a colocações do filósofo americano John Rawls (leia!): "Para Rawls, uma meritocracia justa passaria pelo investimento público em educação de qualidade para todos e programas assistenciais para os setores mais pobres – isso é, tudo o que for necessário para que o ponto de partida da corrida fosse o mesmo, independentemente da classe ou situação familiar dos corredores".

Caraca!! Apenas dois parágrafos explicam absolutamente TUDO! Mas, ainda assim, há quem permaneça no seu "altar de ignorância" e acredite que "um pobre pode sim ascender socialmente, porque o filho da minha empregada se formou na universidade. Eu ajudei a família" ou "Vê, não viu a menina da favela que conseguiu ótimo resultado no ENEM? 'Eles' conseguem sim! É SÓ se esforçarem!" ou "Tem que ensinar a pescar!" (PQP, esse discurso, então, é de matar qualquer pessoa! Eita chavão mais ridículo!) ou "Esse negócio de Bolsa Família" só faz as pessoas serem mais acomodadas e vagabundas... Eu conheço um caso..." ou "Está com AIDS? Pois é! Esse negócio de homossexualismo leva a isso. Promiscuidade pura!" ou "Sou contra políticas assistencialistas! Essas 'pessoas' têm é que aprender a trabalhar duro!" ou qualquer outro

tipo de afirmação por trás da qual se percebe claramente que o/a emissor/a nunca chupou um fiofó de boi (e aqui faço alusão a imagens veiculadas na Internet que mostram crianças fazendo exatamente isso!!! E ainda aparece "gente" dizendo: "Ah, isso é cultural!");

Ajudar quem trabalha, domesticamente, para nós é muito bonito. Eu já ajudei. Hoje ninguém mais trabalha em minha casa, porque eu cheguei à conclusão de que não tenho dinheiro para pagar como deveria à pessoa que limparia a privada onde eu e minha família cagamos! Porque, para mim, esse trabalho, de limpar nossa privada, nosso chão, nossa casa, nossos animais, fazer nossa comida, etc. e tal, deveria ser pago com MUITO dinheiro! Como não temos, fazemos o que é certo: fazemos nós o trabalho doméstico! Mas, se eu hoje tivesse a necessidade que já tive antes (por ser sozinha, com 60 horas/aula de trabalho por semana e duas filhas para criar), provavelmente eu teria alguém, pagando pouco por isso, e tentaria compensar ajudando no que pudesse. Beleza! Mas isso não pode ser parâmetro para eu acreditar que "Eles podem! Basta que se esforcem!". A não ser que meus olhos e meu coração estejam fechados para a realidade lá fora do meu reino de fartura e privilégios!

A fome no mundo é um TREMENDO HORROR!!!! A injustiça social aniquila a vida de milhões de crianças! Enquanto isso, empresas querem mais mais lucros, bancos praticam juros que aniquilam famílias, políticos corrompem os votos que receberam, e você se satisfaz com os "frutos" que colhe "por mérito próprio"! Pessoa de valor você! Você julga que o 'filho de sua empregada" tem méritos e que, por isso, entrou numa universidade. O que ele teve, em primeiro lugar, deve ter sido sorte! Sorte de quê? De ter tido amor, porra!!!!! Inclusive (talvez), o seu! Ou, ao menos, sua piedade vaidosa! Você já pensou no que significa nascer no meio da violência? Ter uma família envolvida no crime? Ser, desde pequenino/a responsável pelos irmãos e irmãs menores, porque a mãe tem que sair e precisa deixar todos trancados na casa precária até que volte no fim

do dia? Já pensou no que é viver numa casa em que ratazanas circulam pelos colchões e pelos armários? Já pensou no impacto de ter nascido num local geograficamente marcado pela miséria, como as regiões de grandes secas, grande frio, grandes inundações, grandes terremotos? Já pensou no significado de levar toda uma vida enfrentando olhares que o condenam previamente porque você se "veste mal", "cheira mal", não é branco, não é heterossexual? Já pensou que, depois de ser preso uma vez que seja, um sujeito que cometeu um crime (mesmo o mais pequenino deles) provavelmente pouca oportunidade terá de se reinserir no convívio social, porque no presídio foi sodomizado, explorado, humilhado, obrigado a conviver diariamente com criminosos muito mais perversos? Já pensou no que deve ser a vida de uma criança que foi violentada pelo próprio pai ou por parente próximo? Já pensou em como vive uma mulher que é espancada pelo marido todos os dias? Já pensou no que é não ter direito à "depressão", porque mal psicológico está vetado a quem nasceu sem dinheiro para cuidar dessas enfermidades? Pensou? Pensou mesmo? Acho que não. Porque, se tivesse pensando, calaria de vez a boca em vez de defender o "mérito" que as pessoas têm para chegar ao "sucesso"! Sucesso? O que é sucesso, Meu Deus? A porra do dinheiro? A porra do seu carro? Da sua viagem? Das suas propriedades? Do seu nome em revistas ou jornais? Do seu título? De suas cirurgias plásticas? Das suas joias? Da sua juventude eterna e mais falsa que cópia de "produtos de grife"? De suas "Roupas de marca"? É isso que é sucesso? Esqueceu que vai acabar em pó exatamente como o fedorento do pedinte que enche seu saco na saída do metrô?

Você fala em mérito, né? Então por que quer deixar herança para seus filhos e suas filhas? Não crê que eles e elas possam ter, sozinhos/as, o "mérito" de alcançar esse sucesso medíocre no qual você acredita? Ou você precisa deixar herança para que eles e elas acreditem que o pai e a mãe foram "pessoas de sucesso"?

Você teve amor quando criança? Você teve uma família atenciosa? Você teve acesso a boas escolas? Você teve uma cama limpa para dormir? Teve hábitos ao menos satisfatórios de alimentação e higiene? Teve médicos quando precisou? Conseguiu realizar alguns sonhos? Fez alguns passeios ou viagens prazerosos? Gozou de férias? Teve influências culturalmente sólidas para formar seu gosto musical, literário, cinematográfico? Teve tudo isso ou pelo menos um pouco de tudo isso? Ótimo! Maravilhoso! Seja grato/a!!! Mas não se esqueça de quem não teve. Não julgue o "mérito" do que não conhece. Deixe esse egoísmo, esse materialismo e essa futilidade de lado e olhe para quem anda chupando fiofó de boi de tanto desespero!! Não use como pretexto para justificar seu "mérito" as poucas dores que teve, porque, desculpe-me por informar, suas dores não foram nada, por exemplo, perto das dores dos meninos e das meninas do Níger que Caparrós conheceu. E cito o Níger como exemplo apenas. Poderia citar muitos lugares aqui mesmo no Brasil, claro! Leia!! Informe-se!! Saia do seu confortável casulo de soberba e ignorância. Entenda que enquanto nós não cuidarmos dessa gente que sofre as piores calamidades (seja por que motivo for! Pare de explicar o inexplicável jogando a culpa na história!) não haverá saída para o mundo. Seus prêmios, suas medalhas, seus títulos, seus bens, sua beleza, tudo isso é mais merda que a que sai do fiofó do boi, porque esta, ao menos, é natural. A sua é fruto do artifício de uma sociedade feita para destruir o sentido do humano. Uma sociedade que se encaminha para uma grande explosão.

A violência aumenta a cada dia na mesma proporção em que aumenta a desigualdade. E você contribui com seu discurso elitista. Você xinga quem ganha ajuda de "vagabundo/a". Você quer que os criminosos morram, mas sequer pensa na possibilidade de um real sistema de recuperação social dessas pessoas. Em lugar disso, adote uma criança, tente encontrar uma maneira de dar dignidade ao pedinte lá do metrô, pare de consumir as idiotices que você consome, leia, se informe PROFUNDAMENTE sobre o que é a vida além do

seu mundo maravilhoso. Garanto que doerá muito. Dói demais. Dói, porque o que você verá será um espelho revelador que lhe mostrará a face horrenda de seus valores neoliberais, sustentados e arraigados na merda do dinheiro.

Como cita Caparrós: "... a frase mais clássica do liberalismo triunfante em seu melhor meio de comunicação, 'The Economist': 'Apesar de dois séculos de crescimento econômico, mais de um bilhão de pessoas continuam na extrema pobreza'. Todo o peso está no apesar: para insistir que a economia desses dois séculos não é a causa dessa extrema pobreza" (*A fome*, Bertrand Brasil, 2016, p.499). Pois a verdade (ela existe!) é que SIM, A CULPA É DESTE SISTEMA ECONÔMICO! A culpa é sua quando você ambiciona ter e ter e ter e ter mais e sempre, e, quando olha para o lado, sequer nota que o outro NUNCA poderá ter o "mérito" que você tem, porque esse outro é um miserável sem chance alguma parecida com as que você teve. Para comer, esse "outro" que jamais coube "em você", cata no lixo, mendiga nas ruas, vende a infância para o tráfico de drogas, desiste da honestidade para entrar no mercado do "ter", rouba seu Iphone, mete-se com máfias, aceita ser laranja, veste, talvez de forma irreversível, a pele da pior das violências: a perda da sensibilidade humana. E quando não sofre com a pobreza material, tem a vida ceifada porque tem a cor dos que foram escravizados pelo expansionismo europeu, pelos dominadores orientais, e por toda essa "gente" que se acha parâmetro de qualidade, mas não se importa que suas "grandes empresas" explorem miseráveis mundo afora (leia a matéria "6 MULTINACIONAIS ENVOLVIDAS COM TRABALHO ESCRAVO E EXPLORAÇÃO INFANTIL". Fácil de acessar via google. Veja como Zara, Coca-Cola, Philip Morris, Hershey's, Forever 21 e a Kye, fornecedora de empresas como Microsoft, HP e XBox, estão metidas até "os ossos" em denúncias de trabalho escravo!). É fácil ser "primeiro mundo" às custas dos miseráveis!

Que você desfrute ao máximo de sua "meritocracia"! Eu me retiro, doída demais com as imagens de crianças famintas, que eu queria salvar, mas não posso. Retiro-me para dentro do mais fundo de minha alma em busca do que farei este ano para ser melhor do que fui antes, para tentar simplesmente ajudar quem precisa, sem buscar o "reconhecimento de mérito", sem fazer propaganda, nem me achar melhor do que realmente sou. A única coisa que eu desejo é me sentir digna de ser chamada de "humana".

Zizu

Isa, Isinha, Isaura, Zoca, Zoquinha, Zizu, Zu, Ziza: minha, nossa Isadora Pelosi, vinte e cinco anos do verde mais lindo do mundo! Seu aniversário faz a gente voltar no tempo e recordar cada graça sua e cada manifestação dessa personalidade única que você tem! Que "colírio" (como diz sua avó) foi você para nossos olhos! Que anjinho de paz para nossos corações!

"Deixa quieto!" E nós deixamos, porque você distribui paz com esses olhos de colírio verde, olhos de gata que ama os animais, de historiadora sempre antenada com as histórias do mundo. Você é nossa enciclopédia, nossa caixinha de surpresas, nossa caçula amada! Você, que já teve cabelo pink, roxo, azul, laranja; que fez tatuagem quando completou dezoito e nem contou nada ("Vê, mãe, você não disse que, depois dos dezoito, eu poderia fazer? Fiz!"); que é a melhor passadeira de roupas da família; que sabe fazer coisas gostosas na cozinha; que parece coruja de tanto que gosta da madrugada; que sabe todas as séries que existem; que assiste a cinema coreano; que saúda a comida em japonês todos os dias; você, que fez mala e cuia e voltou corajosamente da Espanha com seus dezesseis anos de pura força; que é vértice lindo de nosso "triângulo de meninas"; que também é vértice lindo de nossa nova família; você é nosso amor!

Que Deus, Nossa Senhora e Ísis (afinal foi ela quem me inspirou seu nome) se unam no propósito de lhe trazer muitas surpresas boas neste ano, em que, terminada uma fase de sua vida, novos sonhos surgirão.

Sempre medimos nosso amor mútuo por "gigantes", né? Pois Mainha te ama do tamanho de 25 milhões de gigantes gigantescos gigantíssimos!

Parabéns, coisa linda da nossa vida!!!!!!!!!!!!

ZZZZZZ

Não. Não falarei de sono. Muito menos de canções de abelhas. Bem, talvez fale, sim, de abelhas. De uma, pelo menos...

Na verdade, o "ZZZZZZ" teve como intenção primeira fazer desta a última crônica. Última, porque vou falar da primeira, da abelhinha primogênita. Da menina que, quando nasceu, me fez contar a seguinte história: "Era uma vez um pezinho com quatro dedinhos, vírgula...". Da menina que ganhou da avó Bernardete uma bolsa feita com carinho, na qual abelhinhas voavam, adiantando a própria natureza da netinha que chegaria.

O "ZZZZZZ" foi proposital. Para que ela (você, minha "Bi", que aqui ficará "Bee") só encontrasse sua crônica na antepenúltima página do livro e visse o uso invertido que fiz do velho ditado "Os últimos serão os primeiros" para poder dizer que, na verdade, de nada importa a ordem quando "não se altera o valor do produto"! O produto amor, resultado de meu encontro com essa abelhinha Gabi, que fez nascer um novo coração em mim. Um inteirinho só para ela!

O "ZZZZZZ" sou eu (e sua avó, claro! Tenho que dividir com ela este momento! Ela merece! Foi sua mãe tantas vezes...) xeretando você, minha filhotinha mais trabalhadeira do mundo, e que, agora, aparece para mim vestida de cachinhos e de gracinhas precoces para logo se tornar esse mulherão que é hoje, com o corte moderno nos cabelos e as gracinhas precoces transformadas em gracejos inteligentíssimos!

O "ZZZZZZ" é a onomatopeia de algo que jamais foi nem será sono, porque você acordou em mim o AMOR que tem todas as letras maiúsculas: o de mãe. É, portanto, a onomatopeia da vida, vibrando, chiando, em som permanente e infinito, do tamanho do sentimento que tenho por você.

O "ZZZZZZ" é também uma alusão às tantas vezes em que tivemos, juntas, que zerar a vida e recomeçar, sem que isso assustasse mais do que o necessário. Você sabe perfeitamente a lição do recomeçar. E isso me enche de confiança em você e em seu preparo para a vida.

E para que estes "zes" zoando os "zovido" da gente não traga o sono que eu disse estar longe daqui, termino a última crônica fazendo alusão ao cronista Fernando Sabino em sua famosa "A última crônica", que, entre as muitas palavras de emoção que permeiam um dos mais belos textos de nossa literatura, diz assim: "Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso". O sorriso a que Sabino se referiu foi o do pai da menininha pobre que teve seu aniversário discretamente comemorado com a mãe e o pai em um botequim. O pai sorriu para o cronista, após alguns momentos iniciais de inibição por sua pequena e humilde família ter sido flagrada em momento tão íntimo e, ao mesmo tempo, tão sem direito à intimidade... Vou construir outro sentido para a oração de Sabino...

Seu sorriso, minha Bi/Bee, minha abelhinha linda, sabida, trabalhadeira e que dedica a mim, incondicionalmente, o mel de seu amor e de seu companheirismo. "Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso". O sorriso da minha primogênita, dona desta última crônica.

Amo você, Bee!

Christina Bielinski Ramalho

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1964, e sempre foi uma mistura bem equilibrada do pai, Amauri, e da mãe, Bernardete, que lhe ensinaram os primeiros sentidos dos verbos amar, ler e criar.

Possui Graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Veiga de Almeida (1995); Mestrado em Letras (Ciência da Literatura/Semiologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998); Doutorado em Letras (Ciência da Literatura/Semiologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (CNPq, 2004); Pós-doutorado em Estudos Cabo-Verdianos pela USP (bolsa FAPESP - 2010-2012); Pós-doutorado em Estudos Épicos, pela Université Clérmont-Auvergne (2016-2017).

Atuou como Professora Adjunta de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro/RJ de março de 98 a junho de 2006; como Professora Adjunta de Teoria Literária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, de julho de 2006 a julho de 2008, quando se exonerou para viver em Madrid (2008-2010). Seu doutorado foi reconhecido pela Universidade Complutense de Madrid em 2009. Em 01/03/2012, passou a atuar como Professora Adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa e Estágio na Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana, onde desenvolve pesquisas vinculadas ao PIBIC/UFS e à linha de pesquisa Literatura e Recepção da Área de Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL. Atuou, em setembro de 2016, como professora convidada no curso de mestrado da Université Clérmont-Auvergne, Clermont-Ferrand II.

Membro de 1996 a 2016 do GT Mulher e Literatura da ANPOLL. Membro do Grupo de estudos em Literatura e Cultura/GELIC da UFS e do grupo de pesquisa Estudos Portugueses e Africanos, do(a) Universidade Federal do Sul e

Sudeste do Pará. Membro, desde 2016, do REARE (Réseau Euro-africain de recherches sur les Epopées). Criadora e coordenadora do CIMEEP, Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos, criado na UFS em março de 2013. No CIMEEP, divide com a Prof.a. Dr.a. Margaret Anne Clarke, da University of Portsmouth, a coordenação de um de seus GTs, o 5 - "Historiografia Épica". Membro Colaborador, desde março de 2018, da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa (vinculada ao Instituto Camões), da Universidade de Cabo Verde. A partir de março de 2017, assumiu a função de coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS).

Dirige, desde 2015, em parceria com a Profa. Dra. Márcia Mariano (UFS), junto à editora Artner, a coleção Série Acadêmica - Estudos Linguísticos e Literários. É autora e organizadora de 32 livros, que envolvem teoria e crítica literária, com ênfase na poesia épica e na poesia lírica, além de criação literária (poesia, crônicas e contos).

Membro honorário da Academia Gloriense de Letras/AGL (2016) e da Academia Cabo-Verdiana de Letras/ACL (2018). Cidadã Aracajuana (título conferido pela Câmara Municipal de Aracaju em 2016) e Cidadã Sergipana (título conferido pela Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe em 2018). Participou como jurada de concursos literários de grande porte, como a Bolsa FUNARTE de Estímulo à Criação Literária (2007), o Prêmio Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional (2007) e o Prêmio Jabuti, categoria contos e crônicas (2015).

Além das letras, aventura-se pela pintura, pelo desenho, pela fotografia e pela música (em parceria com seu Moreno).

CIMEEP: www.cimeep.com
miXturas – www.ramalhochris.com
Acrópole Sergipana - https://www.youtube.com/channel/UCrb6-arzs1EgP4wSetZOE1w

ISBN 978-85-60621-95-8